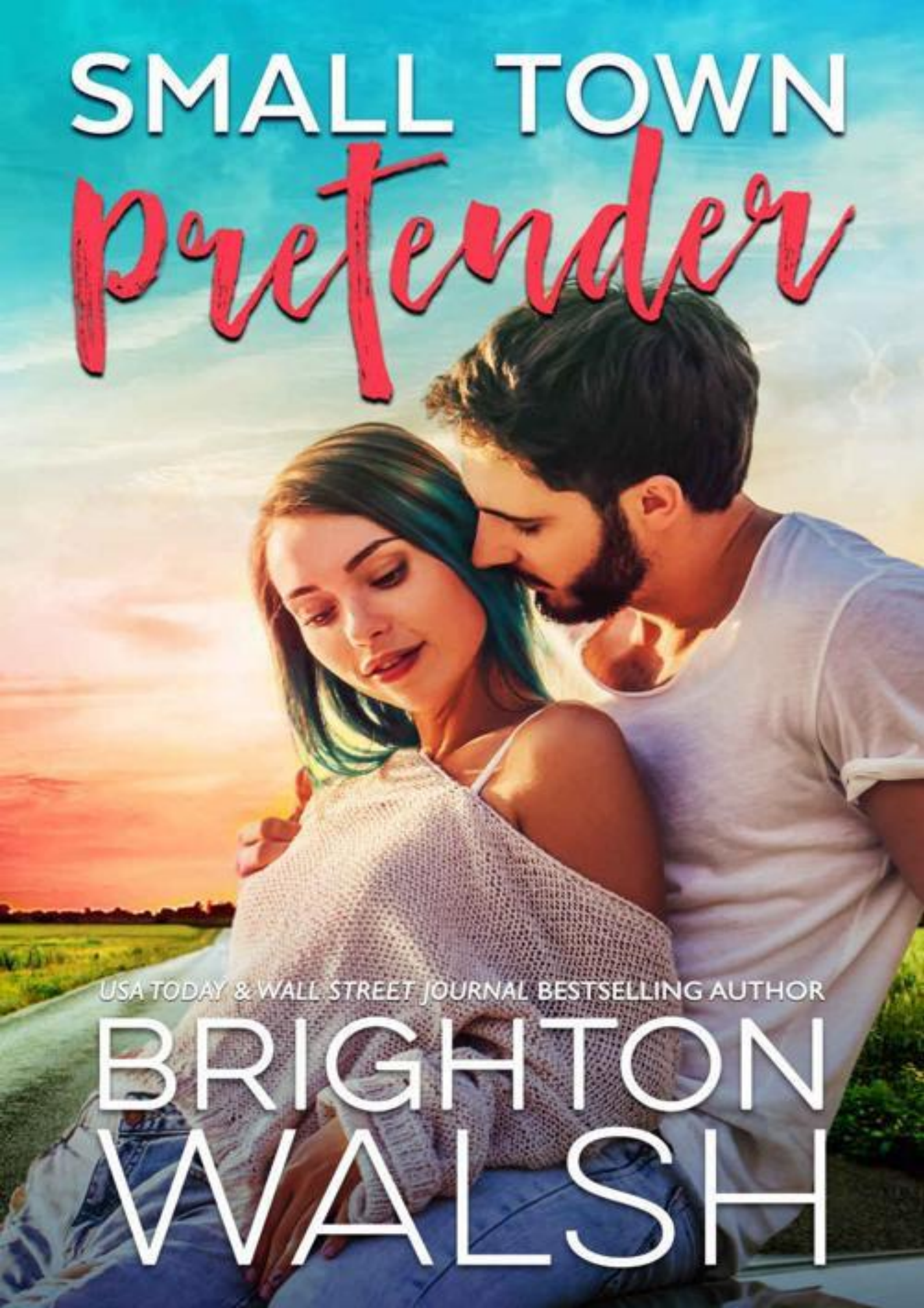
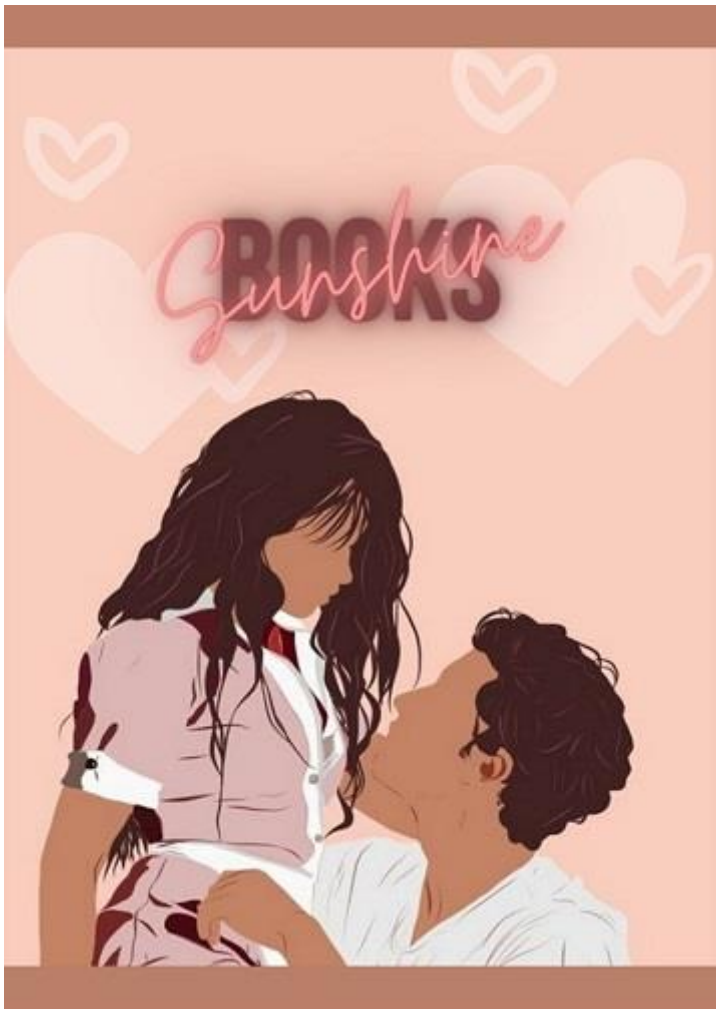

SMALL TOWN
pretender
USA TODAY & WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR
BRIGHTON
WALSH


Sunshine
BOOKS

AVISO SUNS!

A tradução foi efetuada pelo grupo *Sunshine Books*, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar aos leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo *Sunshine* poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo *Sunshine* de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SMALL TOWN pretender

Asher McCoy pode conquistar uma multidão com uma voz rouca e um dedilhar de sua guitarra, mas provar a um juiz que ele é responsável o suficiente para obter a custódia de sua sobrinha e sobrinho? Não tão fácil. Sua grande ideia — um casamento falso.

E quem melhor para interpretar sua noiva apaixonada do que sua melhor amiga de longa data? Ele só precisa levá-la para casa primeiro...

Natalie Haven não conseguiu fugir de sua sufocante cidade natal com rapidez suficiente. Durante anos, ela voou pelo mundo como fotógrafa freelance. E se esse trabalho não convencional irrita o pai dela? Bem, tanto melhor. Mas quando seu melhor amigo envia um SOS, ela volta para o único lugar que jurou que nunca retornaria.

Exceto que um casamento falso significa um arranjo de vida não tão falso, incluindo apenas uma cama. Nat testemunhou muitas mulheres se apaixonarem pelos encantos de Asher, mas ela se recusa a ser uma delas. Porque permanência não está no sangue dela. Nem mesmo por ele.

chapter one



Se havia uma coisa que Natalie Haven amava em sua vida, era que ela não estava sob o controle de ninguém. Ela estava livre para fazer o que ela quisesse, quando ela decidisse fazer. Esse simples fato não poderia ser enfatizado demais... não quando ela cresceu na casa Haven e sob o olhar atento de seu pai.

Mas ela fez com que Richard Haven não tivesse mais voz em sua vida. Mesmo que tivesse levado metade do mundo para fazê-lo.

Fazia quase uma década desde que ela se mudou, suas malas já prontas antes que o sobrenome de sua turma de formatura do ensino médio fosse chamado. Ela voou para longe de Havenbrook e não olhou para trás. Nem uma vez.

Ou, pelo menos, ela *não tinha*. Mas ela tinha voltado mais vezes nos últimos dois anos do que nos seis anteriores combinados. Primeiro, para a festa de 80 anos de sua avó. E então porque seu pai teimoso teve um ataque cardíaco – provavelmente só para estragar sua agenda de filmagens, conhecendo-o.

E agora, desde aquele susto, ela se sentiu obrigada a aparecer cada vez mais. Ela apareceu um punhado de vezes ao longo dos

últimos meses - durante as férias, para um aniversário, porque ela tinha uma folga de dois dias em sua agenda. Isso não significava que ela tinha gostado.

Não foi culpa de Havenbrook, no entanto. Era apenas Nat. Foi assim que ela foi construída. Ela odiava gaiolas desde que podia andar... mesmo antes. Ela começou a sair do berço antes de completar um ano, e ela nunca parou. E se um lugar no mundo parecia uma gaiola para ela, era sua cidade natal.

Seu telefone tocou enquanto ela arrumava seu equipamento para sua próxima sessão de fotos no Vale Iruya durante a hora de ouro. Ela olhou para o nome piscando na tela, um sorriso irônico nos lábios. Não fazia muito tempo que um telefonema de sua irmã Rory teria sido ignorado sem pensar duas vezes. Mas, além de toda crença e lógica, as duas haviam desenvolvido uma espécie de trégua que ela certamente não esperava, mas Nat estava inclinada a deixá-la continuar, e não apenas porque isso fez um de seus melhores amigos e o novo namorado de Rory feliz.

— Nunca deixa de me fazer rir quando sou notificado que a senhorita Stick Up Her Ass[1] está ligando, — Nat disse sem se incomodar com um *olá*.

— Bem, acho que foi bom eu não ter entregado o telefone para Ava como ela queria, — Rory disse secamente, referindo-se a sua filha mais velha.

Nat bufou uma risada, não sentindo um pingo de remorso que sua irmã mais velha sem dúvida esperava que sentisse. —Vamos,

[1] Pau na sua bunda, na tradução literal

Rory. Não há ilusões aqui. Suas garotas já ouviram tudo de mim que você preferiria que não ouvissem.

Um adulto ideal e responsável, Nat não era. Não. Ela era a tia divertida. Aquela a quem suas sobrinhas podiam ir quando tinham problemas com o menino ou a mãe. Ela lamentaria e distribuiria todos os detalhes sórdidos que pudesse. E, em alguns anos, quando chegasse a hora, ela iria dar-lhes camisinhas e contar-lhes todos os detalhes minuciosos que suas namoradas – ou a internet – não se dariam ao trabalho de.

— Por isso estou ligando primeiro. — Rory limpou a garganta. —De qualquer forma, tenho certeza que você está ocupada fazendo o que quer que seja.

— Fotografia, Rory. Eu *faço* fotografia. Eu sou uma fotógrafa, então, sim, é isso que eu faço.

— Bem, sua sobrinha é oficialmente uma babá. Ela estava esperando por algumas dicas de você.

Nat não conseguiu segurar sua gargalhada. —Você não gosta dessas pessoas para quem ela está cuidando? É por isso que você está me chamando para pedir conselhos? Porque eu posso prometer a você, qualquer uma das minhas dicas não será favorecida por figuras parentais.

— Acredite em mim, esta ligação vai contra o meu melhor julgamento.

— Amo que eu sempre saiba onde estou com você, irmã querida.

— Como eu estava dizendo… — Rory disse afetadamente. Seu namorado era um dos melhores amigos de Nat, Nash King, pode ter trabalhado duro para remover aquele pau de sua bunda, mas algumas coisas estavam alojadas profundamente. Parecia que ele ainda tinha um pouco de trabalho cortado para ele. —São circunstâncias atenuantes. As pessoas para quem ela está cuidando são os Haywards, e Ava realmente quer causar uma boa primeira impressão. Achei que você poderia ter algumas dicas ou truques. Talvez detalhes sobre algumas das coisas favoritas de June e Owen que você não se importaria de passar para sua sobrinha?

Ah... tudo fazia sentido agora. Só porque Nat não era uma figura materna não significava que ela não abria exceções para algumas pessoas selecionadas em miniatura. Quatro, para ser exato.

Ava, onze anos. Sobrinha. Filha de Rory. Amante da dança e de todas as coisas cor-de-rosa e brilhantes. Libra, sim.

Ella tem oito anos. Sobrinha. Também é filha de Rory. Insetos adorados, explorando e forjando seu próprio caminho. Sagitário, por completo.

June, quatro anos. Sobrinha de seu outro melhor amigo, Asher. Este mês, ela estava atualmente apaixonada pelo circo, brincando de escola e cozinhando. Cem por cento um Aquário independente.

E, finalmente, Owen, o menor de todos com oito meses. Sobrinho de Asher e completamente hipnotizado por bolhas. Ele era leonino, e ela mal podia esperar para ver aquele líder real sair com força total.

Estar do outro lado do mundo metade do tempo significava que as conversas aconteciam sempre que eram mais convenientes. Às vezes isso vinha no meio de recados ou brincadeiras ou partidos. E desde que Nat tinha uma armadilha de aço de uma memória - sua única graça salvadora na escola - isso significava que até mesmo o menor detalhe mencionado sobre essas pessoas minúsculas ficou trancado em seu cérebro para referência futura.

— Eu posso saber algumas coisas,— Nat disse. —Quando ela deve chegar lá?

— Não até amanhã à noite. Então, temos muito tempo para correr até a loja e pegar algumas coisas, se precisarmos.

— Bem, June está super interessada – espere. Deixe-me falar com Ava, e então você não precisa repetir tudo o que eu disse e, sem dúvida, errar.

— Sua fé em mim é realmente surpreendente. Amo você também,— Rory disse categoricamente antes de passar o telefone para Ava.

Nat sorriu, seu sorriso só cresceu quando ela ouviu a voz animada de sua sobrinha.

— Oi, tia Nat!

— Ei você. Ouvi dizer que você está entrando no mundo do trabalho. Tem certeza que já quer fazer isso?

— Sim! Estou *tão* animada. Obrigada por me ajudar. Will e Mac me deram algumas ideias, mas eu realmente quero saber o que

você pensa. Eu quero que tudo seja *perfeito* e não quero estragar tudo.

— Você vai se sair muito bem. Não se estresse. Não há nada para ficar nervosa. Aubrey e Nathan são incríveis, e seus filhos são ótimos também.

Depois de contar a sua sobrinha sobre o que ela achava que certamente ganharia sua Babá do Ano, Nat fez Ava prometer ligar para ela depois da grande noite e contar tudo sobre isso.

Embora fosse verdade que Nat tinha saído de Havenbrook há muito tempo, havia momentos como esse, quando todo o seu ecossistema estava acontecendo sem ela, que ela começou a sentir um pouco de saudade do lugar que ela não pensava mais em casa.

Em pouco tempo, esse tom de melancolia foi substituído por uma onda de excitação quando as ideias para sua próxima sessão dispararam em rápida sucessão em sua mente. Provando, mais uma vez, que deixar Havenbrook no espelho retrovisor foi a melhor decisão que ela poderia ter feito.

***

Nat acordou no meio da noite com o toque de Asher. Como sempre, ela levou um minuto para lembrar onde estava – Iruya, Argentina – e se ajustar ao ambiente. Cegamente, ela procurou seu telefone na mesa de cabeceira e abriu um olho para olhar a hora. Eram 4h26 onde ela estava, o que significava quase 2h30 em Nashville.

Ligações no meio da noite não eram novidade para ela e Asher. Com seus estilos de vida, eles eram praticamente um pré-requisito, já que muitas vezes ele não chegava em casa antes das três da manhã ou mais tarde quando tinha um show, e ela quase certamente estava em outro fuso horário, se não do outro lado do mundo. Isso significava que encontrar tempo para se conectar era um desafio, então exceções tiveram que ser feitas.

— Não me diga que você está nervoso sobre aquela reunião com a gravadora amanhã, — Nat murmurou, sua voz áspera pelo desuso.

— Nat...

Ao mero som da voz de Asher, ela sacudiu na cama, seus sentidos em alerta máximo. Ela conhecia esse homem há mais de vinte anos e, como tal, conhecia cada tom dele. Sabia como ele soava quando estava excitado, quando estava exausto... quando estava nervoso, indiferente ou estressado. Conhecia sua voz louca, sua voz apreensiva, sua voz cínica.

Ela nunca o tinha ouvido soar assim.

— O que está errado?— Seu coração acelerou, e ela mal conseguia engolir suas próximas palavras. —É Nash? Ele está bem?

Nash era seu melhor amigo desde o primeiro dia na pré-escola. Os dois eram inseparáveis desde então, e quando Asher se mudou para a cidade na primeira série, os dois em seu rebanho - na verdade, mais precisamente, Nat informou a Asher que ele não tinha escolha a não ser ser seu amigo porque seus nomes eram todos muito semelhantes. E daquele momento em diante, foram os três contra o mundo.

— Não, é...— Ele parou antes de limpar a garganta, sua voz ainda áspera e baixa. Fraco. —É minha irmã.

— Aubrey?— Nat não sabia se era a hora, ou se ela tinha sido acordada de um sono profundo, ou se ela estava correndo com nada mais do que adrenalina e café por dias enquanto estava aqui, mas nada disso estava fazendo algum sentido. Uma breve lembrança de Ava ligando para perguntar sobre June e Owen cintilou em sua mente. Isso mesmo, Ava tinha sido escalada para ser babá. Isso foi ontem à noite? Os dias ficaram confusos e tendiam a se encontrar sempre que ela estava viajando.

— Houve um acidente, — disse Asher, seu tom todo errado. — O xerife Halsey ligou porque sou o contato de emergência de Aubrey. Ela deve ter me listado depois que papai e mamãe morreram. Mesmo que eu não viva mais em Havenbrook, sou o mais próximo…

— Espere, apenas desacelere. Não entendo. O mais próximo para quê?

— Eu preciso chegar lá. June e Owen... sua irmã vai ficar com eles por enquanto, mas eles vão ficar com tanto medo quando acordarem e seus pais… — A voz de Asher falhou na última palavra, e Nat sentiu o desejo de ir até ele tão claramente quanto possível. se houvesse uma corda forte como aço amarrada a ambos, puxando-a para trás. —Estou fazendo uma mala, e então eu tenho que ir. Eu sinto muito. Eu sei que é tarde. Eu só precisava ligar para você. — Sua voz estava aguada, e não havia como negar suas lágrimas agora.

A cada palavra que ele falava, o estômago de Nat afundava mais e mais, a situação se cristalizando de uma forma que ela desejava desesperadamente que fosse um sonho. Um telefonema do xerife. Um acidente. June e Owen com medo…

A percepção se acomodou profundamente em seu intestino ao mesmo tempo em que Asher pronunciou um quebrado: — Ela se foi, Nattie. Aubrey se foi.

Afastando as cobertas, Nat saltou da cama, o telefone na mão enquanto ouvia os gritos quase silenciosos de Asher do outro lado. Ela não disse nada. O que ela poderia? Suas palavras não seriam nada além de chavões vazios que não ajudariam a preencher o vazio que ele estava enfrentando de repente. Então, em vez disso, ela permitiu que ele liberasse sua dor sem interrupção e levou sua dor para si mesma, desejando que ela pudesse suportar isso por ele.

Com os gritos de Asher enchendo o ar vazio enquanto ela segurava o telefone entre a orelha e o ombro, ela era um tornado chicoteando através de seu quarto, reunindo itens aleatórios espalhados aqui e ali. Depois de jogar todas as roupas que conseguiu encontrar em sua mala, ela pegou seus artigos de toalete da pequena pia do banheiro e depois os despejou também.

Em todos os anos que ela estava viajando, ela nunca se ressentiu de estar tão longe, nem mesmo quando ela recebeu a ligação sobre o ataque cardíaco de seu pai. Em algum lugar, no fundo, ela sabia que o homem era muito teimoso para morrer e ela chegaria em casa com bastante tempo para gritar com o idiota por ser tão descuidado com sua saúde. Mas isso... agora? Ouvindo a outra

metade do coração de sua alma se quebrar em mil pedacinhos, ela nunca esteve mais frustrada do que estava agora.

Ela calculou mentalmente quanto tempo levaria para chegar ao Mississippi da cidade remota em que estava atualmente, que não era fácil de chegar, mesmo com um planejamento extensivo. Primeiro, ela teria que dirigir seis horas até o aeroporto mais próximo, grande o suficiente, depois esperar que pudesse pegar um voo imediatamente. Na melhor das hipóteses, ela estava olhando para umas sólidas vinte e quatro horas antes que ela estivesse em Havenbrook. Pior acaso? Pode ser três ou mais dias.

Independentemente disso, não importava. Se ela tivesse que estourar todos os seus cartões de crédito... inferno, mesmo que ela tivesse que ligar para seu pai e implorar por dinheiro - algo que ela nunca fez em todo o tempo que ela estava sozinha - ela faria ou em um piscar de olhos se isso a levasse a Asher mais rápido.

— Estou indo, Ash,— ela disse, sua voz firme graças apenas a sua determinação. —Apenas espere um pouco. Estou voltando para casa.

chapter two



Asher McCoy podia dizer sem dúvida que não era assim que ele esperava que sua vida fosse. Há três dias, ele era um músico de 27 anos que ganhava a vida com sua música e estava à beira de sua grande chance. Ele tinha uma reunião marcada com uma gravadora para discutir a assinatura com eles depois que um vídeo recente dele no The Bluebird Cafe se tornou viral. Sua vida consistia em shows noturnos, alguns fãs excessivamente zelosos e espontaneidade.

Em um piscar de olhos, isso havia mudado.

Agora, de repente, ele era um jovem de 27 anos encarregado de duas crianças com menos de quatro anos. Suas novas sessões noturnas agora eram menos do tipo country-rock acústico, enquanto garotas bonitas disputavam sua atenção, e mais do tipo de canção de ninar, que incluía lamentos de frustração em vez de gritos de prazer. Fãs excessivamente zelosos foram trocados por duas pequenas pessoas apaixonadas, e os horários das sonecas substituíram sua espontaneidade.

Ele havia trocado mais fraldas nos últimos três dias do que nos últimos três anos juntos. No lado positivo, ele estava ficando muito bom nisso - ele não tinha feito xixi em vinte e quatro horas.

De alguma forma, ele conseguiu conciliar tudo desde que chegou a Havenbrook junto com o sol nascente, sabendo, pela primeira vez, que sua irmã não estaria lá para cumprimentá-lo com um abraço e um sorriso. Felizmente, ele teve ajuda dos Havens, sua segunda família. Rory tinha sido uma dádiva de Deus, entrando e tomando carga em seu jeito Rory, exatamente como ele precisava desesperadamente, considerando que ele não tinha ideia do que estava fazendo.

Era fim de tarde, e Owen se recusou a tirar uma soneca. O que significava que a única coisa que seu sobrinho estava interessado em fazer era chorar. June, por outro lado, estava quicando nas paredes, embora isso provavelmente fosse culpa dele. Ele ainda estava aprendendo as regras tácitas de supervisão infantil. Ou seja, ser o tio legal que deu sorvete para sua sobrinha no almoço teve benefícios de vida extremamente curta.

— Vamos brincar de circo, tio Asher! — June chorou, pulando de uma almofada para outra antes de dar um salto voador e se pendurar em suas costas como um macaco-aranha. O movimento o empurrou, e assim empurrou Owen em seus braços, o que só aumentou os gritos do bebê.

Ele segurou Owen com mais força, balançando o garotinho em um esforço para ser reconfortante. Bastante proeza com uma criança acrobática de quatro anos fazendo tudo ao seu alcance para transformar esta casa em um verdadeiro circo. —Acredite em mim,

Junebug[2], não há nada que eu prefira fazer do que brincar com você, mas seu irmão não vai gostar muito disso.

Ela torceu o nariz quando se inclinou sobre o ombro de Asher e olhou para seu irmão mais novo. —Parece que ele não vai gostar de *nada*.

Asher sufocou uma risada. —Você não está errada.

— Leve-me para um passeio, então, como papai faz!

Assim como tinha feito a cada menção de sua irmã ou cunhado, seu coração apertou, uma dor vazia irradiando por todo o peito. E assim como a cada menção, ele fez exatamente o que June pediu. O que mais ele poderia fazer?

— Ok, aguente firme.

Ela gritou em resposta ao seu comando, apertando seu aperto até que ele estava quase asfixiado. Ninguém poderia acusá-la de meia-boca de nada.

Enquanto se levantava, ele manteve o salto constante de Owen, mesmo com June pendurada em suas costas, as pernas enganchadas em volta da cintura dele enquanto ela gritava de alegria vertiginosa. Ela pode realmente ser a única a estourar os tímpanos – e isso significava alguma coisa, considerando o número de shows que ele havia feito.

[2] June joaninha. Apelido carinhoso.

Ele embalou Owen com um braço enquanto girava para a sinfonia de excitação de June, seu antebraço apoiado abaixo de seu traseiro para se certificar de que ela não escorregasse.

— Mais, tio Asher! Mais! — Ela exigiu.

Mas se Asher fizesse mais isso, ele iria vomitar. E, considerando o almoço de June, ele provavelmente não seria o único.

Assim que ele diminuiu seus giros, a campainha tocou e ele deu um suspiro de alívio. Pelo menos agora ele tinha uma desculpa real para parar. Ele parou por alguns segundos, apenas o suficiente para recuperar o equilíbrio. Pareceu que foi o suficiente, também, para os gritos de Owen recomeçarem, seus gemidos ricocheteando nas paredes.

June não se incomodou com isso, no entanto, e apenas falou mais alto para ser ouvida em meio à comoção. —Faça de novo, tio Asher!

— Em um minuto. Temos que ver quem está na porta.

Toda vez que a campainha tocava – o que, em uma cidade como Havenbrook, após a morte prematura de dois de seus moradores mais jovens e queridos, significava que era bastante frequente. O freezer, pelo menos, estava abastecido com caçarolas suficientes para durar um mês – ele pensou que poderia finalmente ser Nat. Visto que ela deveria chegar ontem, mas foi retida em Buenos Aires, ele perdeu a esperança disso depois de sua quinta mensagem para atualizá-lo sobre mais um atraso.

Nash estava de plantão para buscá-la no aeroporto de Memphis sempre que ela chegasse, tirando uma coisa do prato extremamente cheio de Asher. Ele assumiu que eles iriam mantê-lo atualizado sobre o paradeiro dela.

Mas quando ele abriu a porta, lá estava ela, seus olhos azuis avaliadores vagando sobre ele, seus lábios carnudos inclinados de um jeito que a fazia parecer que ela estava perpetuamente divertida. Seu cabelo era o mais próximo de seu tom natural que ele tinha visto em mais de cinco anos – castanho escuro no topo, com as pontas de um verde-azulado brilhante e vibrante.

Ele não podia explicar, mas vê-la fez tudo dentro dele mudar. Assentando. Como se ele soubesse que ela estar lá significava que tudo ficaria bem. Depois de três dias de incerteza e turbulência, foi como um bálsamo para sua alma.

A buzina de Nash o tirou de seus pensamentos. Seu amigo acenou de seu caminhão antes de sair da garagem, e Asher só conseguiu levantar o queixo em resposta, já que suas mãos estavam cheias de trinta quilos de crianças irritadas e/ou hiperativas.

— Ele já está atrasado para uma reunião, graças aos meus atrasos, mas ele disse que passará mais tarde. — Nat olhou para Owen, que ainda estava gritando, seu rosto manchado de vermelho, e então para June enquanto ela se agarrava ao pescoço de Asher. — Parece que talvez você precise de alguma ajuda.

— Nat! — June gritou, soltando seu aperto em Asher para abrir os braços.

Os músculos de Asher se contraíram enquanto ele compensava a falta de força de June, segurando-a com o antebraço. —Tenho que aguentar, Junebug, ou você vai ser esmagada no chão como um verdadeiro inseto de June.

Ela riu e jogou os braços para trás em volta do pescoço de Asher, embora ela calculou mal e acidentalmente bateu na cabeça de Owen. Seus gritos só se intensificaram.

— Desculpe, Bubbie, — June disse por cima do ombro de Asher enquanto ela olhava para Owen chorando e esfregava a mão sobre o cabelo macio do bebê. —Eu não queria, prometo!

Sem perder o ritmo, Nat entrou na casa, deixou suas malas ao lado da porta da frente e pegou uma contrita June das costas de Asher. Para ele, ela disse: —Você tem o gritador.

— Isso significa que você tem o que está cheio de açúcar.

Nat apenas deu de ombros. —Perfeito, então combinamos. Não comi nada além de batatas fritas e M&M's de amendoim por três dias.

Com isso, ela jogou June por cima do ombro antes de girar a garotinha em helicópteros. Depois de alguns momentos, ela deixou cair June rindo no sofá e olhou para ela, os punhos apoiados em seus quadris. —Eu tenho um acordo para você. O que você acha disso?

Sua sobrinha, sempre cética, estreitou os olhos. —Que tipo de acordo?

— Quem pegar mais antes que seu irmão pare de chorar ganha um cupcake do The Sweet Spot. De acordo?

Asher tinha certeza que a última coisa que sua sobrinha precisava hoje — ou esta semana, aliás — era mais açúcar. Mas não havia como negar que as táticas de Nat funcionaram porque June concordou imediatamente, voando para fora do sofá e correndo pela sala desastrosa para começar. A casa estava repleta de brinquedos suficientes para encher uma loja inteira, sem mencionar os pratos sujos que ele não conseguiu pegar ou o punhado de roupas descartadas que June insistia em rasgar todos os dias. Então havia todas as camisas manchadas de xixi dele, assim como as de Owen – o garoto não tinha acordado seco uma vez desde que Asher havia chegado.

Nat pode não ter sido do tipo maternal, mas ela *era* do tipo ver alguma coisa, fazer alguma coisa, razão pela qual seu imediatismo não o surpreendeu. Não importa quanto tempo eles passassem separados, nunca era estranho quando eles se vissem novamente. Seja depois de cinco semanas ou cinco meses, eles voltavam ao mesmo ritmo fácil que sempre tinham entre eles.

Ela usava jeans e um moletom grande demais — seu uniforme padrão de avião — e ele sabia por experiência que ela estava morrendo de vontade de tomar banho. Enquanto ela adorava viajar e ver o mundo, ela não adorava aviões ou ser recheada como sardinha com um monte de pessoas aleatórias que ela não conhecia, respirando ar reciclado.

— Pare de olhar para mim, idiota, — Nat disse enquanto se inclinava para pegar um copo com canudinho descartado, nem mesmo se incomodando em olhar por cima do ombro.

Ele soltou uma risada no exato momento em que um lamento particularmente agudo soou de Owen. Asher ajustou Owen em um posição diferente, levantando-o e apoiando o bumbum do bebê no antebraço de Asher. Owen olhou para ele, como se Asher fosse o responsável por tudo isso, seu lábio inferior tremendo enquanto ele esfregava um punho raivoso em seus olhos.

— Eu sei, amigo. — Asher esfregou as costas de Owen enquanto ele os conduzia para o quarto do menino e para longe das gargalhadas de June e Nat. —Agora que Nat está aqui para cuidar de sua irmã, talvez eu possa finalmente fazer você dormir.

***

De alguma forma, além de toda esperança, Owen realmente *adormeceu* – em cima de Asher enquanto o balançava na cadeira em seu quarto, o que significava que Asher adormeceu também. Ele acordou com as mãos de Owen batendo alegremente em suas bochechas e o rosto de seu sobrinho pressionado tão perto que estava embaçado.

Owen balbuciou em torno de um sorriso cheio de baba, seu humor o completo oposto de quando eles pisaram em seu quarto sabia há quanto tempo.

Asher pegou seu telefone e olhou para a hora. Merda, ele esteve aqui por duas horas enquanto Nat estava no serviço de Sugar Satan[3]. Que bem-vinda. *Ei, obrigado por vir, mas eu vou dormir. Então, você se importa em lidar, bem, com tudo?*

[3] Demônio do açúcar.

— Para cima vamos nós, — disse Asher. —Nós provavelmente deveríamos pegar você… —Antes que ele pudesse completar a frase, uma sensação molhada foi registrada em seu torso, e ele segurou Owen com o braço estendido. O garoto estava encharcado, o que significava que Asher também.

Ele exalou um suspiro. —Não entendo como uma coisinha pode produzir tanto xixi.

As tagarelices felizes de Owen continuaram, mesmo enquanto Asher o limpava e colocava uma fralda e roupas limpas. Ele ainda não tinha descoberto como tomar banho enquanto as duas crianças estavam acordadas, então isso significava que ele lidou com explosões de xixi anteriores simplesmente trocando de camisa e continuando a cheirar a urina até que ele pudesse tomar banho depois de dormir. Agora que Nat estava aqui, espero que ela pudesse observá-los por cinco minutos para que ele pudesse se limpar.

Ele caminhou para a sala de estar com Owen, tomando cuidado para segurá-lo para que ele não descansasse na mancha molhada da camisa de Asher. Nat e June estavam sentados no chão, uma explosão de livros de colorir e giz de cera espalhados na frente delas.

— Tio Asher, estamos fazendo um concurso! Você escolhe o vencedor.

— Parece divertido. Mas antes de fazer isso, eu estava esperando que eu pudesse pular no chuveiro. — Ele colocou Owen no chão, e o bebê engatinhou para sua grande caixa de brinquedos no canto.

Nat olhou para ele, sobrancelha levantada na mancha molhada em sua camisa. —Problemas?

— Criança faz xixi como um cavalo de corrida. — Ele abriu os braços para ela. —Você quer um abraço?

Nat franziu o nariz. —Talvez depois do banho. Eu te amo, mas não exatamente o amor de me molhar com a urina de outra pessoa. Eu provavelmente posso lidar com os dois ou cinco minutos. Mais do que isso, e você está tentando o destino.

— Você é uma dádiva de Deus. Eu vou me apressar. — Ele caminhou em direção ao quarto de hóspedes - ele não foi capaz de abrir a porta de sua irmã e cunhado, muito menos entrar - e puxou a gola de sua camisa, puxando o tecido úmido por cima de sua cabeça. Ele a jogou no cesto transbordante de roupa suja que precisava lavar e foi direto para o banheiro.

Após o banho mais rápido de sua vida, ele voltou para a sala vestindo roupas limpas para encontrar sua sobrinha e sobrinho montados na frente da TV. June estava sentada à mesa de café enquanto Owen estava empoleirado em sua cadeira alta, lanches espalhados para eles enquanto os *Backyardigans* passavam na tela.

— Você é mágica, — ele disse enquanto se sentava em uma cadeira na mesa da sala de jantar, assegurando que ele ainda estava de olho nas crianças.

— A magia *de Rory* – eu liguei para ela para pegar algumas dicas. E então dei-lhes um pouco de bourbon para acalmá-los. Não é grande. — Nat deu de ombros, seus lábios se curvaram nos cantos.

Mas então o sorriso caiu de seu rosto, e ela caminhou direto para ele, puxando-o para cima e para fora de seu assento para envolvê-lo nós braços ao redor de sua cintura. Era uma reminiscência de quando ele correu de volta cerca de seis meses atrás, enquanto o pai dela estava em uma cirurgia de coração aberto - ambas as vezes, eles não tiveram a privacidade que os momentos exigiam, mas eles se viraram.

Ele a envolveu em seus braços, baixando a cabeça para que pudesse enterrar o nariz na curva de seu pescoço. Ele inalou profundamente, tomando seu perfume nele e relaxando pela primeira vez em dias. Ela cheirava a ar viciado do avião e protetor solar e apenas uma pitada de cravo. Casa. Ela cheirava a casa.

— Sinto muito, Ash. Eu sinto *muito*. — Ela exalou suas palavras suaves diretamente em seu peito, mas ele as ouviu mesmo assim.

Sua garganta se apertou, seus olhos ficaram úmidos, seu nariz formigando com o início das lágrimas. Ele não chorou desde que chegou. Seu foco estava em June e Owen. Sobre os arranjos. Mas Nat não ia aceitar isso. Enquanto ele estava lá para todos os outros, ela estava lá para *ele*.

— Obrigado por vir, — disse ele, afastando-se para olhar para ela.

— Não seja idiota. Claro que eu vim.

— Bem, *é* Havenbrook, então eu me perguntei se você faria.

Nat se afastou com um aperto final e caiu na cadeira perpendicular a ele, apoiando o queixo no punho enquanto descansava o cotovelo na mesa. —Eu não vim para Havenbrook. Eu vim para *você*. Além disso, já estou aqui há uma hora e ainda não estou rastejando para fora da minha pele. Acho que isso pode ser um progresso.

— Definitivamente. Eu nem vejo uma erupção cutânea ou algo assim, — Asher disse, abaixando-se na cadeira.

— Então, agora que temos os dois demônios disputados - temporariamente, obviamente, — disse Nat, lançando os olhos para onde June e Owen ainda estavam hipnotizados pelo programa na TV. —O que mais precisa ser feito? Em que posso ajudar?

Asher esfregou uma mão em sua mandíbula, grossa com o início de uma barba desde que ele nem sequer pensou em se barbear desde que esteve aqui. —O funeral é amanhã. E então eu tenho um encontro com Cole Donovan, advogado de Aubrey, na quinta-feira para revisar seu testamento. — Ele engoliu o nó de emoção que subiu em sua garganta, a dor agora familiar em seu peito se expandindo. — Eu sei que este não é o seu lugar favorito, mas você acha que pode ficar por alguns dias?

— Eu provavelmente poderia ser subornada, — disse ela ironicamente com um revirar de olhos. —Estou aqui. Quanto tempo você precisar.

Agora ela estava apenas mentindo - ela deu um bom show, mas Nat em Havenbrook era como um gato no banho. Ele fez uma nota mental para pegar vários sacos tamanho família de M&M's de

amendoim - o favorito dela - na próxima vez que estivesse na loja para pagar o suborno. — Obrigado, — disse ele, toda a provocação desapareceu de seu tom. —Eu não tenho certeza do que diabos vai acontecer, mas…

Nat acenou com a mão, dispensando o resto de suas palavras. —Asher. Está bem. Estou aqui enquanto você precisar de mim. Eu ficarei aqui com vocês, e dessa forma, você não será superado em número pelos minúsculos mutantes.

Asher abriu um sorriso e olhou para sua sobrinha e sobrinho. June havia se levantado de seu poleiro anterior no chão e agora estava pulando no ritmo da música tema, os braços balançando para os lados enquanto Owen imitava seus movimentos, os dois rindo. O tempo de conversação dele e de Nat logo chegaria ao fim. Na verdade, ele apostava que eles tinham menos de cinco minutos antes que alguém exigisse sua atenção. Ele pode estar aqui há apenas alguns dias, mas ele já aprendeu que o tempo privado era uma mercadoria escassa.

— Em algum momento em um futuro muito próximo, você provavelmente vai desejar não ter dito isso.

— Provavelmente, — ela concordou com um aceno de cabeça.

— Há um pequeno problema, — disse ele, levantando a voz para ser ouvido sobre os gritos de Owen enquanto June cantava a letra da música tema.

— Eu vou precisar de tampões de ouvido?

— Existe isso. Mas... Bem, não me sinto bem em usar o quarto de Aubrey e Nathan.

— Ok…

— O que significa que estamos dividindo um quarto, e obviamente há apenas uma cama. Acha que pode manter suas mãos longe de mim?

Nat ergueu uma sobrancelha, seus lábios se curvaram. — Quem disse que vou compartilhar?

chapter three



Ele não tinha ideia de como as pessoas faziam isso sem nenhum apoio. Ele foi absolutamente apagado, uma espécie de cansaço que vinha tanto da exaustão quanto da dor. E o verdadeiro retrocesso era que ele se sentia assim apesar de ter ajuda.

Felizmente, Nat ainda estava ao seu lado, sendo a rocha firme que ele precisava desesperadamente agora. E Rory e Nash tinham parado algumas vezes para checar como as coisas estavam indo. Durante cada encontro, ele, Nat e Nash ficaram sentados, observando Rory habilmente entreter duas crianças, enquanto ao mesmo tempo arrumava a casa, lavava várias roupas *e* fazia o jantar. A mulher era uma maravilha.

— Apenas uma mãe bem experiente, — ela corrigiu quando Asher vocalizou sua admiração.

Agora, ele estava sentado no escritório de Cole Donovan em frente à mesa de conferência dos sogros de Aubrey. *Ex* -sogros. Deus, ainda era difícil pensar que ela tinha ido embora. Na maioria das vezes, parecia que ela estava fazendo alguma piada doentia com ele,

como ela adorava fazer – ver até onde ela poderia empurrá-lo para o seu ponto de ruptura antes de pular de um armário e gritar: — *Peguei*!

Mas não. Ela realmente se foi. Ele estava realmente no comando de sua sobrinha e sobrinho. E os pais realmente horríveis de seu cunhado estavam realmente sentados à sua frente, esperando a leitura dos testamentos de Aubrey e Nathan.

Aubrey nunca tivera muito a dizer sobre os Haywards e, mesmo estando em sua presença apenas por pouco tempo, Asher pôde ver o porquê. Eles eram pretensiosos, esnobes e arrogantes. Estava claro que eles não pensavam muito em Havenbrook — ou nas pessoas que moravam lá.

Lembrou-se de Aubrey reclamando do desdém que mostraram a Nathan quando ele disse que se mudaria para lá em vez de voltar para casa em Connecticut quando se formasse na faculdade. Asher só os encontrou algumas vezes em todos os anos em que Aubrey e Nathan estiveram juntos, e ele realmente não teve uma dose completa de suas excentricidades durante essas breves visitas. Mas foda-se, ele estava pegando eles agora.

— Quanto tempo mais? — Sra. Hayward perguntou, sua boca apertada e nariz apontado para o ar enquanto ela segurava sua bolsa de grife no colo. Seus braços estavam dobrados ao lado do corpo, as mãos apertando as alças da bolsa no que parecia ser um esforço para se tornar o menor possível, como se estivesse com medo de tocar em qualquer coisa no escritório imaculado.

— Sim, nós realmente precisamos seguir em frente, — disse Hayward, seu tom falando de alguém que não ouvia não com muita frequência. Ou nunca. —Temos várias entrevistas marcadas para uma babá, e vamos precisar fazer as malas com as crianças, então eu agradeceria se pudéssemos terminar isso. Então vamos passar para pegar June e Owen.

O estômago de Asher apertou junto com sua mandíbula. Embora ele não fingisse ter todas as respostas ou sabia o que era certo quando se tratava de crianças – e não apreciava particularmente a ideia de sua vida virar de cabeça para baixo – ele não suportava pensar em June e Owen sendo varrido para Connecticut, raramente, ou nunca, para ser visto ou ouvido novamente. Não podia suportar o pensamento de que sua última família restante se foi.

Ele só não sabia qual era a alternativa.

Ele era um músico de vinte e poucos anos que se dava bem, mas certamente não tinha um pé-de-meia enorme construído. Ele estava à beira de sua grande chance - ele tinha uma reunião com uma gravadora marcada no dia seguinte à sua chegada em Havenbrook - mas quem sabia o que diabos estava acontecendo com isso desde que ele teve que cancelar. Seu empresário havia enviado suas condolências, junto com flores, e disse-lhe para levar algum tempo. Ele não tinha certeza se o tempo lhe daria as respostas que ele precisava.

Enquanto os Haywards eram os maiores idiotas deste lado do Mississippi, ele não podia negar que eles eram a escolha mais inteligente. A que fez mais sentido. Eles tinham cinquenta e poucos

anos e eram pessoas abastadas, ricas, do tipo country club. O tipo que teria uma babá chamada Muffy e um chef pessoal à sua disposição. O tipo que poderia erguer um parque de diversões em seu quintal apenas para uma festa de quinto aniversário. O tipo que…

Cole limpou a garganta, juntando alguns papéis e empilhando-os sobre a mesa com duas batidas afiadas. —Sim, tenho certeza que você está muito ocupado, — disse Cole, e Asher não podia ter certeza se ele realmente ouviu uma nota de secura ou se era apenas uma ilusão. —Mas tenho boas notícias para vocês, Sr. e Sra. Hayward. Vocês não precisam se preocupar em correr para fazer tudo e podem cancelar suas entrevistas de babá.

— Desculpe? — O tom da Sra. Hayward cortou o ar como uma faca.

— Você não precisa se preocupar com isso,— Cole reiterou, — já que Asher foi nomeado guardião nos testamentos.

A Sra. Hayward engasgou enquanto seu marido batia a mão na mesa antes de mergulhar imediatamente em um monólogo raivoso, seu discurso chocado se misturando a um caos maciço que acabou sendo apenas ruídos distorcidos ao lado do *whoosh whoosh* nos ouvidos de Asher.

Ele estava alucinando. Ou tudo isso foi um sonho. Ou... Nat tinha misturado seu café esta manhã?

— Sinto muito, — Asher conseguiu com um aceno de cabeça. — Eu pensei que você disse que eu fui nomeado guardião...

Cole assentiu uma vez. —Eu disse.

Guardião. De duas criancinhas. Duas criancinhas pelas quais ele aparentemente agora era responsável.

Cole pigarreou ruidosamente, e os Haywards finalmente se acalmaram. Asher não conseguia entender o que isso significava, mas estava claro que eles tinham e que não estavam nada felizes com isso. Mas o par não conseguiu mais do que uma visita anual desde que seus netos nasceram. Por que o desejo repentino de arrancá-los de tudo o que conheciam? Especialmente agora, quando eles já tiveram as duas pessoas mais importantes de suas vidas arrancadas deles.

— Enquanto Asher foi nomeado em ambos os testamentos, nós também temos isso… — Cole apertou alguns botões em seu laptop antes de virar a tela para Asher e os Haywards.

No laptop, um vídeo trêmulo e vertical, obviamente gravado em um telefone, foi reproduzido. A qualidade da imagem era escura e confusa, mas não havia dúvida de que era Asher na tela. Ele se reclinou em uma cama, os móveis de cortador de biscoitos e as tapeçarias sem graça obviamente eram a marca de um quarto de hotel.

— Ok, mais um. — A voz de Aubrey soou na pequena sala de conferências, e Asher não estava pronto. Ele ainda não estava preparado para ouvir a voz dela. Não sabia como tinha passado de algo que uma vez o acalmou para algo que rasgou suas entranhas tão afiado quanto uma lâmina, mas ele estava piscando para conter as lágrimas do mesmo jeito.

Passado Asher gemeu na tela, rolando a cabeça para encarar a câmera. —Sério, Aubrey? Sem mais perguntas. Por que você simplesmente não vai dormir? Isso é para se vingar de quando eu tinha oito anos e não deixava você em paz?

Ela riu. —Eu não sou tão má.

— Agora, eu discordo. Temos cinco apresentações marcadas amanhã, e a primeira está chegando em apenas algumas horas.

Asher vagamente se lembrava disso agora. Foi quando ele se mudou para Nashville cinco anos atrás, quando Aubrey estava grávida de cerca de quatro meses. Ela insistiu em acompanhá-lo para ajudá-lo a procurar o apartamento, e ela gravou este vídeo na primeira noite deles lá. Depois de suas apresentações anteriores no dia, eles saíram e pulavam de uma noite de microfone aberto para outra enquanto ela o arrastava por toda a cidade, forçando-o a cantar de novo e de novo. Eles voltaram para seu quarto de hotel bem depois da meia-noite, e sua primeira apresentação no dia seguinte estava marcada para às oito da manhã bem cedo.

— Vamos, o último. Eu prometo.

— Tudo bem, — disse Asher passado. —Mas é isso. E eu quero dizer.

— Então é melhor eu fazer uma boa.

— Mal posso esperar para ouvir isso… — ele disse através de um bocejo.

— Você fica com o bebê?

Houve um momento de silêncio atordoado antes que o Asher do passado latiu um chocado: — *O quê* ?— Sua voz puro, puro terror. — O que está errado? O que você não está me dizendo?

Ele agora se lembrava exatamente de quão assustado ele estava naquela época – cerca de seis meses depois que seu pai faleceu de um derrame, um ano e meio desde que sua mãe perdeu sua batalha contra o câncer. Pensar que ia perdê-la também o enchera de um pavor que nunca conhecera.

Ela riu, e o som, mesmo diluído na gravação, caiu sobre ele como um cobertor, acalmando-o de uma forma que ele não percebeu que precisava. —Relaxa. Estou só dizendo. Se alguma coisa acontecer... tipo, sempre, a qualquer momento – não que vá acontecer, mas se acontecer – você vai levar o bebê? É só você e eu agora, Asher. E os pais de Nathan... bem...

Asher olhou além da lente, para onde Aubrey estaria sentada. —Puta merda, você está realmente falando sério. *Foi* por isso que você me manteve acordado? Seus loucos cenários hipotéticos?

Ela riu e jogou um travesseiro nele, que ele atirou sem perder o ritmo. —Se você já respondeu, eu vou calar a boca.

Passado Asher gemeu e esfregou as mãos sobre o rosto. — Bem. Sim eu concordo. Agora vá dormir, sua esquisita.

— Também te amo, — disse ela entre risadas antes que a tela ficasse preta.

Cole fechou o laptop e limpou a garganta, cruzando as mãos em cima da mesa da sala de conferências. —Haverá uma audiência, é claro, mas enquanto isso, eles ficarão com Asher. Desde que ele esteja bem com isso.

Três pares de olhos se voltaram para ele, e ele engoliu sua apreensão. O que diabos ele sabia sobre cuidar de duas crianças? Nada. Ok, então talvez um por cento acima de nada, mas isso foi duramente conquistado nos últimos cinco dias, e foi principalmente graças à ajuda que ele recebeu de outras pessoas. Os Havens, Nash, Nat... Mas quem sabia quanto tempo ela ficaria. E enquanto os Portos eram parte desta cidade tanto quanto as ruas que passavam por ela, ele não podia esperar que eles largassem tudo só para ajudar a mostrar-lhe o caminho.

Mas não importava.

Não importava que sua vida estivesse prestes a virar de cabeça para baixo, irrevogavelmente mudada. Não importava que ele não tinha ideia do que estava fazendo. Não importava que, eventualmente, ele tivesse que descobrir isso sozinho.

Tudo o que importava era cumprir sua promessa à irmã – uma que ele nem se lembrava de ter feito, sem dúvida graças a uma névoa de exaustão e excitação – e cuidar de June e Owen desde que ela não era mais capaz. Aquelas duas crianças eram a única família que lhe restava, e ele faria tudo ao seu alcance para garantir que fossem o mais felizes possível após a devastação.

chapter four



Ela não podia acreditar que Asher estava fazendo isso sozinho por *dias* antes de ela chegar. Ela estava exausta, ainda cambaleando pelo jet lag. Ele estava fora há apenas duas horas, e ela já se sentia como se tivesse sido pisoteada por uma manada de elefantes, depois jogada em uma lixeira, apenas para ser esvaziada em um caminhão de lixo e depois descartada em uma pilha de escombros.

Então, sim, ela e toda essa coisa de ser responsável por dois humanos estavam se dando muito bem.

— Nat, por que você não vem aqui e nos ajuda? — Sua mãe chamou da cozinha onde ela, June e vovó estavam assando uma fornada de biscoitos de manteiga de amendoim.

Como as visitas de Nat a Havenbrook eram poucas e esparsas, sua mãe e sua avó sempre tentavam passar o máximo de tempo possível com ela, nunca sabendo quando ela pousaria novamente. Apesar de dizer a eles que ela estava aqui por um tempo até que Asher resolvesse as coisas, eles ainda apareceram logo após Asher sair.

E considerando que ela não estava tão confiante em suas habilidades para lidar com duas crianças sozinha, ela as recebeu de braços abertos.

Nat pode não saber muito, mas ela *sabia* que não era sábio deixar um bebê de oito meses que estava determinado a entrar em tudo que ele não deveria sozinho. Então, ela se levantou e varreu um Owen babando e sorrindo, trazendo-o perto e mastigando em seu pescoço para suas risadas profundas. —Devemos ver o que todo mundo está fazendo?

Ela virou a esquina para a cozinha, seus olhos percorrendo o espaço enquanto observava sua mãe e June em seus aventais combinando, vovó sentada no balcão onde a dupla estava trabalhando.

A cozinha estava impecável, apesar de soar como se uma batalha tivesse acontecido lá. Ela não sabia por que estava surpresa, no entanto. Ela tinha visto isso muitas vezes em sua casa de infância quando suas sobrinhas estavam ajudando sua mãe. De alguma forma, essa mulher milagrosa conseguiu manter as coisas limpas mesmo quando enfrentou um furacão humano. Enquanto isso, a cozinha de Nat de alguma forma ficou bagunçada, mesmo que tudo o que ela fizesse fosse ferver água.

— Estou com as mãos cheias com este, — Nat disse, fazendo cócegas na barriga redonda de Owen. —Mas ficarei feliz em testar o sabor. Na verdade, por que você não enfia uma colher bem na minha boca, Junie B? —Nat abriu a boca e se inclinou para June.

Em vez de responder, a garotinha caiu em uma poça de risos no balcão. —Temos que cozinhá-los primeiro, boba!

Provavelmente não era o melhor momento para dizer a essa criança impressionável que, em um ato de total rebeldia, Nat comeu um tubo inteiro de massa de biscoito durante um único episódio de *Supernatural*, e ela só se sentiu um pouco doente por o momento em que os créditos estavam rolando. Mas ela tinha certeza que tinha mais a ver com o questionável moo goo gai pan[4] que ela tinha antes de começar sua aventura gulosa do que tinha a ver com a massa de biscoito.

— Bem, o que você está esperando, então? Eu quero alguns biscoitos, e seu tio *definitivamente*...

A porta lateral se abriu e Asher entrou na casa, seus olhos saltando ao redor do espaço antes de travar com os dela por um milissegundo e depois deslizar para longe. Mas aquele milissegundo era tudo o que ela precisava.

Ela era amiga dele há muito tempo, tinha visto ele crescer de um recém-chegado quase tímido para um esguio e desengonçado adolescente para um misterioso adolescente destruidor de corações, todas as garotas da escola estavam enlouquecendo com um homem seguro de si que provavelmente teve que bater em groupies com um bastão. Também significava que naquelas dezenas de milhares de olhares que eles compartilharam, ela podia ler a menor inflexão, mesmo quando ele provavelmente não pretendia que estivesse lá.

[4] Comida chinesa.

Tudo isso para dizer que algo estava errado. A única coisa que ela não conseguia descobrir era se isso era bom ou ruim.

— São biscoitos? — Ele perguntou, olhando para a panela cheia de bolas de massa de biscoito na frente de sua mãe e June, tudo isso evitando totalmente o olhar questionador de Nat.

— Viu, eu disse que ele iria querer. — Nat saltou Owen em seu quadril, o rosto do garotinho imediatamente se abrindo em um largo sorriso enquanto ele estendia os braços para Asher.

— Olá, querido, — sua mãe disse, atirando para Asher um sorriso. —Estamos prestes a colocá-los no forno. Não deve demorar mais do que um pouco antes de estarem prontos.

— Mal posso esperar. Vovó e Nat já comeram metade da massa?

— Como você se atreve, — Nat disse ao mesmo tempo que vovó respondeu, —O que eu faço no meu tempo livre não é da sua conta, jovem.

Com um sorriso, Asher jogou as chaves no balcão e caminhou direto para Nat, seus olhos se conectando com os dela novamente por um momento. Oh sim, definitivamente havia algo que ele não estava dizendo a ela.

— Oi, cara. — Ele pegou Owen e o jogou no ar uma vez antes de segurá-lo contra o peito, apoiado em um antebraço sólido e musculoso. —O que eu perdi?

— Senhorita Caroline e vovó me levaram para tomar sorvete!

Asher atirou a Nat um olhar com o canto do olho, um que dizia, *Foda-se fantástico, eu pensei que tinha deixado você no comando. Agora temos que lidar com Sugar Satan novamente esta noite.*

Nat olhou de volta com uma sobrancelha levantada, sua expressão esperançosa dizendo algo como: *Você é novo aqui? Da próxima vez que você quiser alguém para dizer a minha mãe ou vovó não, vai ter que ser você.* Ele deve ter entendido a mensagem, porque seus ombros caíram um pouco, e ele voltou seu olhar para sua sobrinha.

— É assim mesmo? — Ele disse.

— Hum. — Sua mãe assentiu. —Owen estava cochilando e Nat estava no chuveiro.

— Você não se importa, não é, doçura? — Vovó perguntou.

Nat olhou para ele com uma sobrancelha levantada, desafiando-o a falar agora. Ver o quão bem ele se saía dizendo a sua mãe e avó que ele realmente desejava que eles não tivessem.

— Não, claro que não.

— Já podemos colocá-los, Srta. Caroline? — June perguntou.

— Bem, acho que essa é a melhor ideia que ouvi o dia todo. Você sabe como ajustar o cronômetro?

June assentiu com entusiasmo antes de pular de seu poleiro em uma cadeira. Ela o arrastou pelo chão da cozinha e subiu de volta enquanto esperava a mãe de Nat colocar a bandeja de biscoitos no

forno. Feito isso, June se inclinou e apertou o botão do cronômetro. —Quanto tempo?

— Ah, acho que uns onze minutos vão dar certo. Agora, então, é melhor limparmos.

Nat quase riu disso porque não havia nada *para* limpar, mas ainda assim, sua mãe levou June até a pia para lavar as mãos.

— Tudo vai bem na sua reunião, docinho?— Vovó perguntou, seus olhos estudando Asher como os de Nat.

— Está tudo bem, vovó, — ele disse, mas sua voz estava toda errada. E, quando ele deslizou outro olhar para Nat, seu palpite foi confirmado. Ela não tinha dúvidas de que havia mais nisso do que ele estava dizendo. —Nada para se preocupar.

***

Mais tarde naquela noite, depois que as duas crianças finalmente dormiram, ela arrastou Asher para a sala de estar para obter a verdadeira história sobre o que aconteceu na reunião de hoje com Cole.

Com o empurrão afiado de Nat, Asher desabou no sofá, e Nat se enrolou na almofada ao lado dele, dobrando as pernas dela debaixo dela enquanto ela o encarava. —Ok, derrame.

— O que faz você pensar que há uma história?

Ela revirou os olhos. —Oh, por favor. Você não pode esconder nada de mim.

— Isso não é verdade. Eu guardo muito de você.

— É assim mesmo? — Ela levantou uma sobrancelha. — Preciso lembrá-lo sobre quando você me disse que Nash foi quem arruinou meu jeans favorito no ensino médio?

— Isso não conta. Você me enganou para lhe dizer isso. Como se eu o denunciasse voluntariamente.

Nat deu de ombros, impenitente. —Ainda não foi capaz de esconder isso de mim. Que tal se dedurar sobre comer meu cupcake de aniversário na quarta série? Ou me contando sobre seu primeiro encontro sexual fracassado? Provavelmente teria sido melhor manter isso para você. Ou que tal...

Asher gemeu, cortando-a. —Tudo bem, eu entendo. — Ele soltou um suspiro profundo, pressionando as palmas das mãos contra os olhos. —Parece que Aubrey escondeu algumas coisas de mim.

As sobrancelhas de Nat voaram para sua testa. —Tipo, que as crianças são seus filhos de amor secretos do carteiro?

— O carteiro é Edna, então essa lógica não se sustenta exatamente.

— E sua irmã tendo um filho, ponto final, tem? Ela era uma santa e totalmente apaixonada por Nathan.

Asher grunhiu uma aproximação de acordo. —Então, qual foi o segredo que ela escondeu de você?

— Acho que não era tanto um segredo, já que me esqueci completamente de qualquer menção a isso.

— Se você não chegar ao ponto logo, eu vou gritar, e se eu gritar, vamos ter duas crianças rabugentas e chorando em nossas mãos. Então, é melhor você…

— Ela me nomeou seu guardião.

Nat fechou a boca, seus dentes estalando audivelmente enquanto ela olhava para Asher, que olhava de volta. Não adiantava tentar esconder seu choque – ela não conseguia evitar que seus olhos quase saltassem. E mesmo que ela pudesse, não importava porque ele seria capaz de lê-la de qualquer maneira. Além disso, a última coisa que ele precisava era dela andando sobre o vidro ao seu redor. Esse nunca foi o jeito deles, e ele não gostaria de ser tratado com luvas de pelica, apesar do fato de que seu mundo tinha sido abalado não uma, mas duas vezes em menos de uma semana.

— Eu pensei que sua irmã conhecesse pelo menos *uma* pessoa mais responsável do que você.

Asher soltou uma risada, embora ela soubesse que não havia muito humor nela. —Sim, eu também. Mas você sabe que somos só nós. O que significa que era eu ou os sogros.

Nat torceu o nariz, tendo ouvido histórias suficientes de Aubrey para saber que os Haywards eram exatamente o tipo de pessoa que Nat desprezava. O tipo exato em que seu pai tentou moldá-la – esnobes elitistas que avançavam usando seu poder. —Então você foi *definitivamente* a melhor escolha.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Vamos, Ash, você é ótimo com eles, e eles te amam.

— Eles me amam porque eu dou sorvete para eles no almoço. Claramente não sei o que estou fazendo. De forma alguma.

— Você vai descobrir. — Nat disse as palavras, embora não houvesse muita convicção por trás delas.

Na verdade, ela não tinha ideia de como ele iria fazer isso. Não apenas o como - como ele encontraria uma maneira de criar dois filhos com absolutamente zero experiência. Mas *como*... como ele iria deixar sua vida em Nashville para trás? Como ele iria deixar para trás a promessa de uma mega carreira e, em vez disso, fazer uma vida na cidade natal de onde ambos fugiram? A cena musical em Havenbrook não estava exatamente crescendo, o que significava que ele não poderia perseguir seus sonhos aqui. A gravadora interessada em contratá-lo iria querer que ele produzisse música em um estúdio e saísse em turnê - o primeiro, algo que Havenbrook certamente não tinha, e o último tornou quase impossível com as crianças.

Aceitar o papel de guardião de June e Owen como sua irmã queria significava que todas as suas aspirações chegariam a um beco sem saída.

— Eu vou ter que, — disse ele. —A outra opção são os Haywards, e se isso acontecer, eles vão levar June e Owen para Connecticut, e eu não sei se eu os veria. Eu não acho que os pais de Nathan iriam incomodar me cortar completamente da vida das crianças.

Nat podia ouvir a dor em sua voz, apenas com o pensamento de não poder ver sua sobrinha e sobrinho quando quisesse. Sim, ele residiu em Nashville a vida inteira de June e Owen, mas ele viajava

de volta para Havenbrook com a frequência que sua agenda permitia, e Aubrey, Nathan e as crianças fizeram algumas viagens ao Tennessee para visitá-lo também. Não ser mais capaz de vê-los por capricho o mataria.

— Bem, você não precisa se preocupar com isso, certo?— disse Nat. —Porque Aubrey queria você, e isso é tudo que importa.

— Espero que sim.

— O que você vai fazer sobre todo o resto... a reunião com a gravadora? Você já ouviu falar da sua empresária?

— Sim, Carla ligou. Enviou algumas flores. A reunião está em espera por enquanto, e ela me disse para tomar meu tempo. —Ele soltou uma risada. —De alguma forma, eu não acho que ela quis dizer dezoito anos para criar filhos, no entanto.

O pensamento de ser amarrado assim fez a pele de Nat coçar. Ela adorava aquelas crianças, mas sair com elas de vez em quando e ser responsável por criá-las eram duas coisas diferentes.

— Então o que acontece agora?

— Ainda haverá uma audiência, mas… — Asher soltou um longo suspiro e balançou a cabeça, voltando seu olhar para ela. — Quanto tempo você está planejando ficar?

Sem ele dizer uma palavra, ela sentiu sua súplica não solicitada tão alto como se ele tivesse gritado em seu ouvido. Ele ainda a queria aqui, ao seu lado. Ela poderia ficar por um tempo. A maioria de suas próximas filmagens poderia ser remarcada – exceto

a do final do mês na Irlanda. Essa foi uma oportunidade não tão facilmente reorganizada.

Antes que ela pudesse responder, o telefone de Asher se acendeu na mesa de café, vibrando na madeira enquanto o nome de Cole Donovan piscava na tela.

— Merda, uma ligação dele tão tarde não pode ser boa, — Asher murmurou antes de atender o telefone. —Ei, Cole. E aí?

Ele escutou por alguns momentos antes de seus olhos se erguerem para encontrar os dela. Ela estava quase pensando em estender a mão, pegar o telefone dele e colocá-lo no viva-voz, só para poder ouvir toda a conversa. Mas em vez disso, ela se comportou, o tempo todo se esforçando para ouvir o lado de Cole.

— Eles não perdem tempo, não é? — Perguntou Asher.

Nat se inclinou ainda mais perto dele, descansando a cabeça em seu ombro em um esforço para decifrar o que Cole estava dizendo. Infelizmente, tudo o que ela podia entender era o zumbido de sua voz, não qualquer uma das palavras que ele estava falando.

— Eles podem ganhar? — Asher perguntou, seu tom fazendo a cabeça de Nat se erguer.

Sua testa estava franzida, seus olhos sombreados com preocupação. Ela gesticulou para o telefone dele, fazendo mímica para que ele o colocasse no viva-voz. Felizmente, eles vinham aperfeiçoando sua linguagem telepática há anos, então Asher soube imediatamente o que ela estava dizendo sem dizer nada. Ele

estendeu o telefone entre eles e apertou o botão do viva-voz, pegando Cole no meio da frase.

— …juiz é ultraconservador, mas sua irmã foi específica em seus desejos. Ela e seu marido nomearam você em seus testamentos, e também temos o vídeo. Espero que isso seja suficiente para dar uma gorjeta a seu favor.

Asher e Cole continuaram sua conversa, o telefone erguido entre ela e Asher, e com cada palavra, os nós em seu estômago apertaram. Ela não conseguia imaginar como ele se sentia ao ouvir que alguém não estava apenas tentando ir contra os desejos finais de sua irmã, mas que, se tivessem sucesso, os bastardos seriam capazes de arrancar June e Owen dele. O último de sua família de sangue.



Ele poderia dizer pelo olhar que Cole lhe lançou no tribunal que ele cometeu um erro.

Em seguida, houve o severo, sem tolices, —Meu escritório. Agora, — isso realmente levou ao ponto.

O que, é verdade, ele provavelmente não tinha pensado nas coisas o suficiente antes de deixar escapar algo que poderia mudar o curso de toda a sua vida. Mas ele estava enfrentando o cano de uma arma, a possibilidade muito real de June e Owen serem levados para longe de Havenbrook pesando sobre ele como se uma manada de rinocerontes tivesse se instalado diretamente em seu peito. Eles eram a única família que lhe restava, e ele seria amaldiçoado se deixasse isso escapar por entre os dedos sem fazer tudo ao seu alcance para detê-lo.

Não ajudou que o juiz que supervisionava o caso não olhasse exatamente com bons olhos para Asher. Na verdade, o juiz Seville foi o único a sentenciar ele e Nash a duzentas horas de serviço comunitário em vez de deixá-los ir com um aviso como ele fez com

Nat, e o juiz certamente nunca perdoou Asher pela... transgressão. Mas, merda, na época, ele era um idiota de dezessete anos que vivia para problemas. Ele mudou muito nos anos em que esteve fora. Tinha crescido... amadurecido. Não havia como ele ser pego correndo nu pelo quintal do homem novamente. Provavelmente.

E depois havia os Haywards... Eles apareceram com o advogado mais caro que o dinheiro podia comprar, mas isso não o surpreendeu. O *que o* surpreendeu foi o quão difícil eles estavam lutando pela custódia. Cole não o preparou o suficiente para essa batalha - não para enfrentar duas pessoas tão ricas quanto eles, para não mencionar seu advogado, que agia como se ele comesse pessoas menos abastadas como Asher no café da manhã.

— Você não achou que deveria mencionar para mim que você está noivo? — Cole disse assim que eles estavam atrás das portas fechadas de seu escritório.

Bem, para ser justo, ele... não estava.

Asher soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo. —E você não pensou em mencionar para mim que eu tinha que competir com alguma coisa de dez pontos ou outra?

Cole jogou suas chaves em sua mesa e soltou um suspiro antes de se acomodar em sua cadeira. —Análise de dez pontos.

— Não importa como é chamado. A única coisa que importa é que eu tenho, tipo, um ponto, Cole. Isso deixa nove em disputa.

Mesmo com os testamentos de Aubrey e Nathan, além do vídeo dela pedindo a Asher para tomar a custódia de June, as

probabilidades estavam contra ele. Ele era um homem solteiro sem um salário fixo. Ele não poderia fornecer escolas particulares, babás e chefs pessoais para June e Owen, mas poderia mantê-los na única casa que eles conheciam e não extirpá-los mais do que precisavam estar agora. E sinceramente, nem Aubrey nem Nathan queriam para seus filhos a vida que os Haywards apresentavam. Se tivessem, estariam morando em Connecticut em vez de em Havenbrook, a dois quarteirões de sua casa de infância.

Então, quando o juiz Seville perguntou como Asher poderia competir com tudo o que os Haywards ofereciam, ele deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à mente. Não importava que ele não estivesse seriamente – ou mesmo não tão sério – namorando alguém. E não importa que alguém provavelmente pudesse se safar fazendo algo assim em Nashville, mas aqui, em uma cidade do tamanho de um amendoim – para não mencionar todo mundo no negócio de todo mundo – ele não tinha esperança de enganar ninguém, deixar o juiz sozinho encarregado de conceder a custódia final.

Ele estava completamente e totalmente fodido.

Mas mesmo sabendo disso, ele não podia dizer que se arrependia. Não quando o juiz concordou em conceder custódia temporária a Asher por um período até que uma decisão final pudesse ser tomada. Foi o melhor erro que ele poderia ter cometido.

— Então, você pensou que iria até o campo um pouco dizendo que está noivo? — Perguntou Cole.

Asher se encolheu internamente, sabendo que era sobre ele. — Sim, sobre isso…

Cole levantou a mão. —Na minha linha de trabalho, eu sei tudo o que acontece em Havenbrook. Eu faço disso meu negócio.

Asher assentiu. —Imagino que sim.

— Como tal, meus clientes tendem a não esconder as coisas de mim.

Isso, e é do interesse dele não fazê-lo.

— Eu posso ver isso também.

Cole se sentou para frente e cruzou as mãos em cima da mesa. —Olha, Asher, eu quero te ajudar. Gostava da sua irmã e vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que os desejos dela sejam atendidos e essas crianças fiquem com você.

Asher estava ficando tonto de como suas emoções continuavam girando. Alívio que eles estavam ficando com ele... então se preocupar com o que isso significa para seu futuro.

— Obrigado.

— Esse é o meu trabalho. Mas, para realizá-lo da melhor maneira possível, preciso estar ciente de absolutamente tudo. Isso inclui alguém, digamos, fingindo um noivado. Hipoteticamente falando, é claro.

Fantástico. Ele não tinha conseguido enganar este homem por trinta minutos, e ele precisava montar uma farsa por muito mais tempo do que isso.

Asher limpou a garganta. —Bem – hipoteticamente falando, é claro – pode não ser falso tanto quanto esses alguém simplesmente não estão exatamente noivos. Ainda.

Cole ficou em silêncio por um momento que se estendeu o suficiente para fazer Asher se mexer em seu assento. —Como exatamente não estamos falando?

Asher tentou controlar sua expressão, mas uma careta ainda escapou.

— Eu vejo. Hipoteticamente falando, essa noiva em potencial seria pelo menos uma residente de Havenbrook?

Esse era o problema, não era? Porque Asher não estava realmente noivo, e porque ele não tinha pensado nisso, ele nem tinha uma noiva em mente. Embora não houvesse como negar que apenas uma mulher apareceu em sua cabeça quando ele disse as palavras. Apenas uma que ele poderia esperar que concordasse com essa farsa. Apenas uma que o protegeria, sem dúvida. E espero que sem hesitação.

— Não exatamente… — Asher admitiu. —Ela é uma ex-residente.

Cole assentiu uma vez, como se soubesse exatamente de quem Asher estava falando. —Mas ela está aqui agora?

— Atualmente. — Asher simplesmente não tinha ideia de quanto tempo. Tudo o que ele sabia era que ela estava chegando em uma semana em Havenbrook – que era o triplo do tempo que ela

normalmente passava aqui – e ela devia estar louca para ir embora. Desesperadamente.

— Mas atualmente não é a noiva de ninguém?

— Não.

Cole o encarou por longos momentos antes de finalmente perguntar: —Você planeja fazer algo sobre isso?

Bem, essa certamente não era a reprimenda que Asher estava esperando. Na verdade, era tanta permissão quanto ele imaginava que receberia do homem.

Asher tirou o telefone do bolso, folheou as mensagens e encontrou o nome que estava procurando. Então ele digitou uma única palavra antes de pressionar enviar. —Estou trabalhando nisso.

***

— Quanto tempo vai demorar a audiência? — Rory perguntou enquanto ela e Nat se sentaram no deck dos fundos, assistindo June, Ella e Ava brincarem no quintal.

Nat mastigou sua unha do polegar, os dedos dos pés descalços batendo contra o deck de madeira. —Nenhuma ideia…

Bem, isso não era exatamente verdade. Ela passou seu quinhão de tempo no mesmo tribunal em que Asher estava atualmente - afinal, ficar lá para apoiá-los quando seu pai já fez suas acusações irem embora era o mínimo que ela poderia fazer - então ela sabia uma coisa ou duas sobre a quantidade de tempo a esperar. Ela

também sabia uma coisa ou duas sobre o juiz que presidiria o caso de Asher, e não era uma boa notícia.

— Espero que a memória do juiz Seville seja curta, — Rory disse enquanto tomava um copo de chá doce. —Quem teria pensado que a tolice adolescente de vocês voltaria para morder sua bunda?

— Eu não aprecio seu sarcasmo, Rory, mas estou muito preocupada para morder de volta.

Rory ergueu a mão. —Você tem razão. Eu sinto muito.

Desculpe, mas não estava errado. Quando Asher disse a Nat de quem teria que defender seu caso, ela quase caiu da cadeira. Ela tinha certeza de que aquele homem já estaria morto – ou pelo menos aposentado – já que ele era mais velho do que sujeira quando eles eram adolescentes.

Dizer que o juiz não via com bons olhos o trio seria um eufemismo de proporções épicas. No entanto, considerando que um de seus últimos atos de rebelião em Havenbrook foi invadir o pátio fechado do juiz e nadar pelado em sua piscina enquanto ele e a patroa saíram para jantar, isso não era tão difícil de entender.

Então sim. Asher definitivamente tinha as probabilidades contra ele. Ela só podia esperar que a quantidade de tempo que estava levando significasse coisas boas. Ou seja, que Asher seria colocado como guardião temporário até que a tutela permanente pudesse ser declarada, e que o juiz não nomeou os Hayward como guardiões simplesmente para irritar Asher e o fato de que ele deu à Sra. Seville um olhar de bunda.

— Ele enviou uma mensagem ou algo assim?— Perguntou Rory.

Por uma questão de fato, ele tinha. Mas nada que fizesse algum sentido – e nada que ela dissesse a Rory. Seus sinais de SOS estavam entre os três e mais ninguém, embora Nash sem dúvida a tivesse informado a Nat, que ele não guardava segredos de sua namorada. Enquanto Nash e Asher estavam recebendo muitos de seus - na verdade, ela perdeu a conta de quantos ela enviou ao longo dos anos - ela recebeu apenas um. Bem, agora dois.

Anos atrás, quando eles eram jovens e estúpidos – ou mais jovens e estúpidos, de qualquer maneira – eles ficaram presos ao longo de Havenbrook Creek durante uma tempestade de verão. O riacho geralmente era seguro na maioria das áreas, a menos que houvesse um dilúvio de chuva, caso em que tornava algumas partes perigosas. O trio estava andando por ela quando os céus se abriram. Ela escorregou e caiu, sendo pega na corrente surpreendentemente forte. Ela ainda se lembrava de estar presa no riacho, sentindo como se os próprios céus tivessem se partido bem no meio e derramado cada grama de água coletada por milênios no bolso do Mississippi.

Felizmente, aqueles dois estavam lá com ela.

Eles a puxaram para a segurança enquanto ela ofegava por ar. Então e ali, como eles estavam encharcados até os ossos, tremendo de chuva ou medo ou adrenalina – talvez todos os três – eles fizeram uma promessa de estar lá um para o outro. Não importa o que. Sem perguntas. Tudo o que qualquer um deles tinha que fazer era dizer uma única palavra.

Chuva.

— Não, — ela respondeu a Rory enquanto olhava para a tela onde as duas sílabas olhavam para ela.

Ela não tinha ideia de por que ele a enviou, especialmente agora de todos os tempos. Ele não a usou para levá-la a Havenbrook, ela fez isso sozinha. E ele também não tinha usado quando pediu para ela ficar. Ela duvidava que de alguma forma ele tivesse descoberto que precisava de um rim entre o momento em que partiu e agora.

— Bem, espero que ele…

A porta deslizante atrás deles se abriu, e Asher saiu, seus olhos pousando nos dela imediatamente, como se ímãs os unissem.

— Aí está você! — Rory disse com um sorriso. —Nós estávamos apenas imaginando quando você poderia voltar.

Com um olhar perspicaz, Nat o avaliou — ainda o homem lindo que tinha saído mais cedo, vestido em seu terno preto justo, sua barba outrora crescida agora aparada até sua mandíbula esculpida. Ela o provocou dizendo que ele deixaria um rastro de destruição através de Havenbrook, todo mundo que o visse desmaiando se ele não diminuísse a sensualidade. Especialmente porque a idade média dos moradores de Havenbrook se inclinava para a multidão de mais de cinquenta anos. Ou tinha, de qualquer maneira, antes de sua irmã Will ter arrumado o Square, e o noivo de Will, Finn, ter aberto o primeiro bar de Havenbrook. Isso, provavelmente, conseguiu atrair ou manter pelo menos alguns da geração mais jovem.

Asher apenas riu e disse a ela para calar a boca antes de sair de casa. Agora, porém, ele não parecia muito para rir.

— Ei. — Ele guardou as chaves no bolso e passou a mão pelo cabelo que ele havia batido em submissão antes da audiência, bagunçando um pouco no processo. Deus sabia o que o honrado juiz teria feito se Asher tivesse aparecido com o cabelo solto que seus fãs enlouqueceram por pendurar em seu rosto.

— Ei, — ela ecoou de volta, hesitação pesada em seu tom. Ela estreitou os olhos para ele, mas pela primeira vez, ela não conseguia lê-lo. Não estava familiarizado com esse tom, e definitivamente não tinha certeza se significava boas ou más notícias.

Rory dividiu um olhar entre os dois e então limpou a garganta. —Bem, se você me der licença, eu preciso correr para usar o banheiro.

Nat esperou até que sua irmã estivesse dentro, a porta fechada atrás dela, antes de segurar o telefone enquanto ele se sentava na cadeira que Rory havia desocupado. —Não me diga que você usou isso para que eu fizesse o jantar esta noite. Eu já estava planejando isso, eu imaginei que nós não queríamos assustar as crianças mais do que o necessário, submetendo-as à sua culinária.

Ele soltou uma risada e balançou a cabeça. —Na verdade, é algo um pouco maior do que o jantar.

— Sim? O que é?

Asher soltou uma respiração longa e lenta, esfregando as mãos nas coxas enquanto se recostava na cadeira, as pernas esticadas na

frente dele. — Conseguir a custódia não é tão simples quanto eu pensei que seria.

A testa de Nat franziu, e ela descansou o cotovelo no braço, inclinando-se para mais perto dele. —O que você quer dizer? Aubrey e Nathan nomearam você em seus testamentos, além disso você tem o vídeo, certo?

— Achei que era tudo o que precisávamos, mas aparentemente há algo que o juiz usa para ver o quadro inteiro – mais do que apenas os desejos dos pais.

— Ok, então o que isso significa?

— Sevilha tem que pesar tudo antes de tomar uma decisão final. Os desejos de Aubrey e Nathan serão muito importantes para isso, mas não é a única coisa que ele vai considerar. E, em muitas dessas áreas, os Haywards me venceram por uma milha.

O lábio de Nat se curvou com a mera menção daqueles idiotas. —Sim, bem, eles também te derrotam por serem idiotas pretensiosos. Sevilha não leva *isso* em consideração? — Nat revirou os olhos e bufou um som irritado, respondendo sua própria pergunta antes que Asher pudesse tentar. —Claro que não. Ele provavelmente ainda está chateado por sua esposa ter visto vocês dois idiotas nus correndo por aí, mostrando a ela e ao mundo tudo o que você tem a oferecer, quando o pau dele provavelmente é menor que meu dedo mindinho.

Asher soltou uma risada incrédula e olhou para cima, seus olhos correndo ao redor como se para ter certeza de que não havia ouvidos jovens nas proximidades.

Nat acenou para ele. —Relaxa. As meninas não podem nos ouvir, e Owen está tirando uma soneca.

Ele assentiu e se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos dobrados. Virando a cabeça para ela, ele disse: —Bem, você pode estar certa sobre o preconceito dele sobre mim, mas isso não muda os fatos.

— Que são?

— Sou um solteiro de 27 anos que canta e toca violão para viver.

Nat zombou. —Você faz muito mais do que isso. Você escreveu três hits no top 10, com outro em andamento, ou você esqueceu tudo isso? Espere, deixe-me puxar um para lembrá-lo.

Ele arrancou o telefone de suas mãos e o enfiou no bolso. —Eu os ouvi. Mas você sabe tão bem quanto eu que isso não significa nada para alguém como Sevilha. Além disso, não tenho casa. Eu não tenho uma grande poupança – algumas, sim, mas não o suficiente para durar muito tempo sem qualquer renda. Inferno, agora, eu nem tenho um emprego fixo. — Ele soltou um suspiro frustrado. —Que é onde você entra.

— Você precisa de mim para lhe dar um emprego? — Nat perguntou, suas sobrancelhas levantadas.

Ele limpou a garganta e encontrou seu olhar de frente. —Na verdade, em vez de ser minha chefe, eu meio que esperava que você fosse minha esposa.

Nat o encarou por cinco segundos sólidos, seu rosto completamente relaxado, seu cérebro incapaz de processar as palavras que saíram de sua boca. Seu... o quê?

Ela engoliu em seco, com a boca seca, e engasgou: —Isso está levando a coisa toda de fazer o jantar ao extremo, você não acha?

Antes que ele pudesse responder, Ava e June correram em direção a eles ao mesmo tempo em que Rory abriu a porta deslizante, Owen em seu quadril.

— Olha quem eu encontrei, tagarelando em seu berço. — Rory saiu, seu olhar saltando entre Nat e Asher, sem dúvida esperando que ela fosse capaz de ler o suficiente para saber o que estava acontecendo.

O que, obviamente, teria sido impossível, já que a própria Nat não fazia ideia.

— Conversamos mais tarde, está bem? — Asher disse, batendo o joelho no dela antes de se levantar e reunir Owen em seu peito.

Excelente. Então, eles conversariam mais tarde... quando ela respondesse à proposta de casamento de seu melhor amigo. Ela não podia esperar.



Depois de Rory ter ido embora, levando as meninas e o entretenimento com ela, portanto fazendo *Nat* o entretenimento, de jeito nenhum ela estava preparando o jantar esta noite. Em vez disso, eles tomaram a decisão executiva de pedir pizza.

Felizmente, passar o dia brincando de circo, depois na escola, depois construindo um forte de cobertores enquanto um excitável menino de oito meses o demolia continuamente significava que ela não tinha muito tempo para pensar em mais nada.

Ou seja, o fato de que seu melhor amigo havia acabado de pedir que ela se *casasse com* ele.

Enquanto ele a olhava durante toda a tarde, o que eles precisavam desesperadamente era conversar, principalmente para que ela pudesse perguntar o que diabos ele estava pensando. Ela mal conseguiu entrar no banheiro para fazer xixi, então ela obviamente não teve a chance de lhe dar uma resposta sobre a coisa toda de *ser minha noiva*. E ela sabia que ele precisava de um, tipo, ontem. Mas o que diabos ela ia dizer?

O ponto principal da *chuva* era que eles se apoiavam, sem vacilar e sem questionar. Mas isso estava muito além do que qualquer um deles jamais imaginou quando fizeram essa promessa dez anos atrás.

Ela estava deitada na cama de June depois da hora do banho e três andares extras, esperando que a garotinha adormecesse, sua mente girando sobre o que significaria se ela dissesse sim.

Sem querer ser dramática nem nada, mas o que isso significaria era que sua vida como ela conhecia estava acabada. Não só isso, mas ela ficaria presa nesta cidade que parecia mais uma prisão do que um lar. Chega de voar pelo globo. Não mais tiros em lugares exóticos. Chega de conhecer novas pessoas e experimentar coisas novas toda semana. Chega de encher sua criatividade com a única paixão que ela amava acima de tudo – fotografia.

Quando a respiração de June se acalmou, Nat se desvencilhou de debaixo do braço da garotinha e saiu do quarto na ponta dos pés. Prendendo a respiração como se isso fosse impedir June de acordar, ela fechou a porta, soltando um suspiro de alívio quando nenhum protesto irrompeu do outro lado.

De pé no final do corredor, ela espiou a sala de estar onde Asher estava sentado, esparramado no sofá, a cabeça apoiada nas almofadas, os olhos fechados. Ele usava uma camiseta velha do Johnny Cash que era muito menor nele agora do que quando ele a comprou no ensino médio. Ele sempre foi alto e esguio, mas ele foi ficando mais velho. Ele usava calça de moletom cinza que não fazia absolutamente nada para esconder as outras áreas que ele preenchia.

Enquanto ela obviamente não estava alheia ao fato de que seus dois amigos mais próximos eram caras gostosos, ela também nunca os tinha visto como seres sexuais – não para ela, de qualquer maneira.

Ou, ela não tinha.

Ela não sabia se era porque ela passou as últimas seis noites dividindo a cama com Asher – e acordando em volta dele como se ele fosse seu bicho de pelúcia pessoal – ou se era toda aquela coisa de talvez casamento que despertou aquela parte de seu cérebro, mas agora ela não podia *deixar* de vê-lo.

Ela poderia dizer honestamente agora que ela definitivamente entendia toda a misteriosa e sombria vibe de músico que as garotas ficavam loucas.

— Quanto tempo você vai ficar aí me encarando como uma perseguidora? — Ele murmurou sem abrir os olhos.

— Oh, *eu sou* a perseguidora, mas de alguma forma você sabia que eu estava aqui, mesmo com os olhos fechados.

— Você pode ser pequena o suficiente para que eu possa dobrá-la e colocá-la no meu bolso, mas você anda como se tivesse blocos de cimento amarrados nos tornozelos.

Com uma risada, ela caminhou em direção a ele e caiu na almofada ao seu lado, empurrando o cotovelo em seu estômago e deliciando-se com seu grunhido de surpresa. —Você mereceu isso. Eu ando como faço todo o resto.

— Sim, como se você não desse a mínima para o que os outros pensam.

— *Delicadamente*, Ash. Eu faço todas as coisas delicadamente. Mas, por favor, conte-me mais sobre esse favor que você precisa de mim…

Ele riu e passou um braço ao redor dela, puxando-a para seu lado. Ela se aconchegou, encaixando-se perfeitamente sob o braço dele, como se aquele mesmo espaço tivesse um recorte em forma de Nat feito apenas para ela.

— Meus elogios não estão ganhando nenhum favor? — Ele disse. —É isso que você está dizendo?

— O que estou dizendo é que, se você quer alguma coisa, é melhor pegar um pouco de chocolate e talvez um pouco de vinho, em vez de sua boca esperta.

Ele riu. —Você ama minha boca esperta.

— Hoje não, eu não.

— Amor incondicional - não foi isso que você me prometeu?

— Eu não prometi a você merda nenhuma. Eu não sou sua esp… — Nat quase engasgou com a palavra, lembrando tarde demais exatamente o tamanho e a forma do elefante na sala. Aquele que eles evitaram o dia todo. —Falando nisso, provavelmente deveríamos falar sobre isso.

—Sim... Olha, Nattie, eu sei que estou pedindo muito. Isso seria… — Ele soltou um suspiro, o movimento despenteando seu

cabelo. —Você sabe que eu não teria perguntado se tivesse outras opções.

— Então, eu sou seu último recurso, então? Bom saber.

— Você é meu resort de cada vez, — ele disse sem hesitação, seriedade em seu tom.

Ela não tinha ideia do porquê, mas seu estômago revirou com as palavras dele, como quando um pequeno avião atingiu uma bolsa de ar e a coisa toda caiu. Foi um milissegundo, na verdade, mas foi o suficiente para chamar sua atenção.

Ela estava fora de controle, só isso. Entre estar em Havenbrook por mais tempo do que ela esteve desde os dezoito anos, e ser jogada como uma figura pseudo parental quando o máximo que ela fez foi passar uma ou duas horas com suas sobrinhas de vez em quando, ela estava um pouco fora o jogo dela.

— E tudo o mais que o juiz quer? — Nat perguntou. —Um trabalho? Uma casa?

Ele suspirou, descansando a cabeça na almofada e se agachando ainda mais no sofá. —Eu estive pensando sobre isso, também. Poderei pagar a casa com o dinheiro do seguro de vida que Cole mencionou, além de ter uma boa parte para os fundos da faculdade das crianças, se quiserem seguir esse caminho. Mas então eu tenho que começar a pensar em um emprego. Por mais difícil que seja manter essas crianças na linha, acho que ninguém vai me pagar para fazer isso. E Carla vai precisar de alguma direção em breve.

— Que tal vender mais algumas músicas? Você gosta de tocar, mas *gosta* de escrever – essa é a razão pela qual você começou. Eu sei que não foi o que você planejou…

— Nada disso é o que eu planejei.

Ela colocou a mão em seu estômago, oferecendo-lhe conforto da única maneira que podia. —Eu sei. Você também poderia pensar em oferecer aulas? Aposto que você pode conseguir que as pessoas queiram viajar de Memphis para ter uma chance de você ensinar seus filhos — ou até a si mesmas.

— Eu não sei sobre isso…

Ela zombou e levantou a cabeça de volta para olhar para ele. — Você está brincando comigo? Você é *Asher McCoy*. — Ela fingiu desmaiar, então retrucou com um sorriso. —Poderia jurar que era você em turnê com Luke Bryan no ano passado… Não só as pessoas viajavam tão longe para ter aulas, mas aposto que você poderia cobrar uma quantia ímpia por isso também.

— Eu me sentiria um idiota se fizesse isso.

— Sim, bem, aquele idiota poderia comer e fornecer um ambiente doméstico estável para duas crianças, então…

Ele ficou quieto por longos momentos antes de soltar um suspiro. —Pode ser. Mas isso ainda não conserta a mentira que contei ao juiz. Que é onde você…

— Tio Asher, — June disse do corredor. —Não consigo dormir. — Nat e Asher viraram suas cabeças naquela direção.

Nat estava tão absorta em suas idas e vindas com Asher que ela nem ouviu a porta de June se abrir ou seus passos aparentemente sem peso de blocos de cimento.

Asher puxou o braço ao redor de Nat e se levantou antes de caminhar para June. Ele a pegou e a aconchegou perto, esfregando uma mão ao longo de suas costas. —Qual é o problema? Você teve um sonho ruim?

Ela assentiu e esfregou os olhos antes de descansar a cabeça em seu ombro. Sem hesitar, Nat automaticamente pegou sua câmera para capturar o momento. Mesmo domesticada, ela não conseguia parar aquela coceira.

Asher estava em silhueta pela luz do corredor derramando sobre seus ombros largos enquanto ele dobrava o rosto para June e balançava com ela. Era tão suave, tão amoroso, ela precisava preservá-lo.

Ela clicou no obturador, sentindo-se... especial naquele momento. Que ela foi capaz de testemunhar a este homem que cultivou uma imagem tão distante da que ele mostrava agora – a *real*.

Aos olhos do público, ele era Asher McCoy, estrela do rock country em ascensão, com a voz de um homem de coração partido e dedos destinados a mais do que apenas dedilhar uma guitarra. Mas aqui, na privacidade dessas quatro paredes, ele era apenas Asher. Melhor amigo desde a infância, irmão e tio amorosos e homem dedicado.

O que tornou sua decisão ainda mais desgastante.

A voz de Owen estalou no monitor do bebê, seus gritos por *ma-ma-ma-ma* quase rasgando o coração de Nat em dois. Pelo olhar devastado que Asher atirou nela, ele sentiu sua dor dez vezes mais.

— Eu tenho ele, — ela disse, passando a mão pela parte inferior das costas dele enquanto passava por ele a caminho do quarto de Owen.

Ela abriu a porta, uma faixa de luz iluminando o menino enquanto ele estava em seu berço, puxando a perna para cima como se tentasse subir nos trilhos e sair direto.

— Uau, amigo. — Nat o pegou e o segurou perto. —Vamos guardar o rapel até você ficar um pouco mais velho, sim? Eu prometo que vou levá-lo quando estiver pronto.

Essa era a parte do trabalho que ela ainda não havia aperfeiçoado. Brincar, brigar e explorar... causar problemas, basicamente, estava tudo bem em seu beco. Mas quando era necessário um aconchego silencioso, ela tropeçou. Ela nunca foi de ficar quieta, seu corpo constantemente zumbindo com a necessidade de se *mover*. Mas, no entanto, ela se sentou e balançou. Passou a mão pelas costas de Owen enquanto ele esfregava o rosto para frente e para trás ao longo de seu ombro, como se ele também não pudesse ficar confortável.

Quem sabe quanto tempo depois, ela finalmente desistiu, e os dois foram para o quarto que ela dividia com Asher desde que ela chegou. Ele ainda não tinha conseguido entrar no quarto de Aubrey e Nathan, e Nat não teve coragem de empurrá-lo. Ela não tinha visto a necessidade. Não era exatamente uma dificuldade ter um

companheiro de abraço embutido e um aquecedor de dedos – seus pés, não importa o calor, estavam perpetuamente frios.

E se ela tivesse que engolir o conhecimento de que agora ela sabia o comprimento e a circunferência aproximados do pau matinal de seu melhor amigo graças a alguns despertares antes do amanhecer, bem... ela poderia levar isso para o túmulo.

Ela entrou em seu quarto compartilhado e encontrou Asher esparramado ao seu lado, June dobrada nele. Ele atirou-lhe um sorriso sonolento e levantou o ombro que não estava enterrado sob sua sobrinha. Nat respondeu na mesma moeda com um aceno de cabeça em direção a Owen, que se aconchegou em seu peito, seus olhos pesados e caídos. Embora ela soubesse que se tentasse colocá-lo no berço, ele começaria a chorar novamente. Eles tinham passado por esse caminho sete vezes antes.

Com cuidado para não empurrar Owen, ela subiu na cama e se enfiou debaixo das cobertas, seu braço segurando o bebê agora pressionado contra Asher. —Não exatamente a noite que planejamos, hein?— Nat disse, sua voz uma mera respiração na sala silenciosa.

— Tudo bem. Temos amanhã. — Asher enganchou os dedos com os dela e apertou. —Obrigado por estar aqui, Nattie. Eu não poderia fazer isso sem você.

Ela não tinha certeza se era o manto da escuridão ou a proximidade deles ou que eles, deitados ali juntos, se sentiam mais íntimos do que praticamente qualquer coisa que ela sentiu em toda a sua vida, mas ela quase abriu a boca e derramou o fato de que ela

não podia fazer *nada* sem ele. Ele era sua rocha, não importa onde ela estivesse no mundo. Mesmo que Nash fosse o terceiro em seu trio, *Asher* era a única constante com a qual ela sempre podia contar.

Em vez de desnudar essa parte de sua alma e dizer isso a ele, ela apertou os dedos dele nos dele. —Claramente.

chapter seven



Se Nat esperava que dormir com ele lhe desse mais perspectiva, ela estava muito enganada. Ela acordou com a mão de June pendurada em seu rosto e o pé de Owen em suas costelas, mas o engraçado era que ela nem se importou.

Nat não era uma dorminhoca delicada. Ela não se encolhia em um canto e nunca se movia daquele espaço. Ela era uma *espalhafatosa*. Se ela tinha uma cama king size só para ela, era muito pequena. Mas aqui, ela tinha sido espremida em uma rainha com duas crianças que aparentemente estavam fazendo testes para o circo em seus sonhos, membros se debatendo a cada trinta minutos. Sem mencionar o homem de 1,80m e 80kg que ocupava metade do colchão. E de alguma forma isso não a fez correr para a porta.

Ok, então ela *realmente* correu para a porta, mas ela estava orgulhosa de dizer que não tinha escapado. Ela disse a Asher que Will precisava da opinião dela e de suas irmãs sobre algo para o casamento, então ela teve que sair um pouco. Exceto pelo olhar que ele atirou nela – um que dizia que ele sabia exatamente o que ela

estava fazendo e exatamente por que ela estava fazendo isso – ela sabia que não tinha conseguido nada.

Realmente, não importava como ela escapuliu para a casa de Rory, só que ela estava lá e poderia finalmente descarregar o pensamento que a atormentava a noite toda. A que tinha se infiltrado em seus sonhos onde ela andou por um corredor cheio de areia movediça, seus tornozelos algemados o caminho todo.

Asher não a derrubou para algo tão simples como o jantar, ou para ela estender sua estadia por talvez mais uma semana.

Não. Asher a derrubou para *se casar com* ela.

Ela.

Aquela que vivia de malas e só podia se comprometer com um mês de aluguel. A que jurou que seria feliz uma solteirona de oitenta anos porque não queria ficar presa a nada nem a ninguém.

Nat parou na frente da casa de Rory, a última a chegar, mesmo tendo sido ela quem exigiu a reunião. Ela talvez devesse ter perguntado a Asher se ele estava bem em ter suas irmãs sabendo seu possível segredo, mas verdade seja dita, ela tinha que contar a alguém. E enquanto suas irmãs eram muitas coisas, elas não iriam vendê-la ou Asher, especialmente com o que estava em jogo.

Sem bater, Nat entrou pela porta da frente. Quando Rory comprou esta casa após o divórcio, ela era uma merda completa, com pisos em ruínas e degraus apodrecidos e mais papel de parede do que em uma loja. Mas no ano desde que ela se mudou, ela e Nash arrumaram o lugar para ser aconchegante e quente. Algo que

exalava muito mais realismo do que o museu imaculado que ela uma vez compartilhou com seu ex-marido.

— Já era hora de você chegar aqui, — Rory disse da pequena sala de jantar ao lado da cozinha onde suas irmãs estavam todas reunidas. —Honestamente, Nat, é típico de você ligar para esta reunião e depois chegar vinte minutos atrasada. Você acha que temos o dia todo para sentar e esperar por qualquer bobagem que você tenha em mente? Eu…

— Asher quer se casar comigo, — Nat desabafou e viu como cada uma de suas três irmãs ficaram de boca aberta, uma logo após a outra.

Alguém limpou a garganta atrás dela, e Nat olhou por cima do ombro para encontrar Nash parado ali, as sobrancelhas levantadas. —Bem... parece que meus serviços podem ser melhor usados em outro lugar. Acho que vou correr até lá e ver se meu bom e velho amigo Asher tem alguma coisa que ele queira falar.

Ele se aproximou, descansando as mãos nas costas da cadeira de Rory e se curvando para dar um beijo na lateral do pescoço dela. Ele murmurou algo, e o rosto de Rory se suavizou, sua surpresa substituída por amor. Felicidade. Duas emoções que, antes de Nash, Nat não via em sua irmã há muito tempo.

— Leve as meninas, sim? — disse Rory. —Elas vão se divertir com June e Owen, e isso pode dar a vocês um pouco de liberdade para conversar.

— Já à sua frente, princesa. — Nash jogou as chaves no ar e chamou: —Meninas, vocês estão interessadas em passar no Sweet Spot esta manhã?

Mesmo a melancolia pré-adolescente de Ava não teve chance quando confrontada com a perspectiva de alguns dos deleites deliciosos de Lilah na padaria da cidade. Ambas as meninas vieram correndo pelo corredor de seus quartos, gritando um tchau generalizado e acenando sobre os ombros enquanto se dirigiam para a porta da frente.

— Ei. Vá dar um beijo de tchau na sua mãe e diga às suas tias que vocês as verá mais tarde.

Nat sorriu assistindo seu amigo mais antigo deslizar sem esforço para este papel que ela nunca tinha visto. Nunca imaginei que ele estaria. Depois de tudo que ele passou com sua família – sua mãe partindo quando ele meu pai completamente verificando - ela honestamente pensou que eles seriam amigos solteiros a vida toda. Mas ela não podia negar o quão perfeitamente esse relacionamento se encaixava nele. Ela também não podia negar o quão feliz isso claramente o deixou.

Depois que Ava e Ella fizeram o que Nash havia ordenado, pressionando beijos na bochecha de Rory e apertando-a por trás antes de oferecer um refrão de *Vejo vocês mais tarde* para Nat, Will e Mac, o trio saiu pela porta, e então era apenas ela e suas irmãs.

O silêncio cobriu a sala enquanto Nat estava na cabeceira da mesa, as mãos apoiadas nas costas da cadeira, o olhar correndo entre todas elas enquanto elas olhavam de volta.

Finalmente, Mac disse: —Você quer dizer isso mais uma vez?

Nat soltou um suspiro pesado e afundou na cadeira, batendo os cotovelos na mesa e deixando cair a cabeça nas mãos. —Você me ouviu direito da primeira vez.

— Isso é... novo? Aconteceu alguma coisa entre vocês? — Will perguntou, sua voz hesitante como se ela precisasse de todos os fatos antes que ela pudesse oferecer qualquer conselho.

— Nada além do normal. A única coisa que mudou foi June e Owen. — Nat expôs tudo para eles então, detalhando exatamente o que o juiz Seville disse a Asher. E então sobre o que seu melhor amigo estúpido havia mentido.

Mac cantarolou e balançou a cabeça. —Como prefeita, eu provavelmente não deveria estar a par do fato de que você pretende mentir sobre questões legais.

— Oh pare com isso. — Rory deu um tapa no braço de Mac. — Você não está aqui como prefeita. Você está aqui como uma *irmã*. E como suas irmãs, é nosso dever dizer a ela… — Rory virou seu olhar para Nat, — que ideia absurda é essa.

— Rory! — Will advertiu.

— Bem, é, não é? Isso não é como entrar em um avião e ir para Budapeste ou para onde quer que você voe. O casamento é um compromisso sério e não é algo que você deva assumir levianamente. Aprenda com meus erros. Tudo o que estou dizendo é que não tenho certeza se isso é algo que você quer apressar.

Mac lançou a Rory uma expressão incrédula. —Você está seriamente comparando seu ex-marido babaca com Asher, o melhor amigo de Nat? Ele nunca faria com ela o que Sean fez com você.

Ou seja, ela entrando em cima dele fodendo sua assistente.

— Mas, na verdade, isso traz um bom ponto, — disse Will. — Isso significa que nenhum de vocês vai namorar alguém? *Nunca*? Isso é mais do que desistir de viajar pelo mundo, Nat. Isso é desistir de qualquer esperança de um futuro com qualquer outra pessoa.

Eles não tinham discutido isso ainda, mas esse pensamento nem sequer passou por sua mente. Talvez porque quando ela pensava em um futuro, era sempre ela sozinha. Nunca foi em relação a outra pessoa. Claro, Nat gostava de sexo tanto quanto as outras garotas, mas ela nunca se viu entrando em um compromisso de relacionamento, muito menos um casamento. E o pensamento de estar presa apenas a Asher dessa forma nem sequer foi registrado como uma preocupação.

— Ela tem razão, — Mac disse. —Eu acho que se você concorda com isso, precisa haver algum tipo de estipulação sobre como vocês devem proceder. Talvez você nunca queira se casar...

— Mas você pode, — Rory interrompeu. —Você é tão jovem – você nunca sabe quando as coisas vão mudar.

— Como eu estava dizendo… — Mac revirou os olhos. —Mas eu não posso imaginar que você esteja pronta para desistir do sexo pelo resto de... não importa quanto tempo isso dure. Você está?

Deus não. Como mencionado anteriormente, Nat amava sexo tanto quanto qualquer outra garota, mas qual seria a opção neste caso? Ela cantarolava enquanto seus pensamentos giravam em todos os cenários possíveis, sua mente automaticamente afastando qualquer pensamento, não importa quão breve fosse, de ela ou Asher com qualquer outra pessoa. Provavelmente porque colocaria a tutela em risco. Em uma cidade tão pequena quanto Havenbrook, eles não podiam se dar ao luxo de ter rumores de que seu casamento era uma farsa.

Quando Nat voltou a se concentrar, suas irmãs estavam olhando para ela, cada uma com uma expressão diferente no rosto. A de Rory estava cética. Mac parecia contemplativa. E Will... bem, Will parecia totalmente tonta.

— O que há com o seu rosto?— Nat perguntou, os olhos estreitados.

O sorriso de Will só cresceu, e ela deu de ombros. —Nada.

— Não me dê isso. Você está com a cara de schmoopy nojento. O que exatamente está passando pela sua cabeça agora?

— Nada, apenas… — Ela cruzou as mãos sobre a mesa e se inclinou para frente, não tentando mais conter o sorriso. —Não seria ótimo se vocês realmente ficassem juntos? Então você poderia ficar aqui, e nós a veríamos muito mais.

Nat zombou e revirou os olhos. —Eu nunca ficaria em Havenbrook.

A sala ficou em silêncio, como se todos estivessem esperando o outro sapato cair.

Finalmente, Mac limpou a garganta e disse: —Mas isso é exatamente o que isso significaria...

Esse pensamento foi um peso em torno do tornozelo de Nat, arrastando-a para o fundo do oceano. Ela estava presa. Sufocada. Mas não seria para sempre. Certo? Não teria *que* ser para sempre. Se eles se casassem e o juiz visse que Asher poderia fornecer um lar estável o suficiente para obter a custódia das crianças, então a farsa poderia terminar e Nat poderia voltar para a vida que amava. Em sua mente, a algema desmoronaria e ela flutuaria até o topo, rompendo a superfície com um suspiro.

— O olhar em seu rosto me diz que você já se decidiu, — Rory disse.

Deus, como as coisas tinham mudado no ano passado. Que Rory de alguma forma a conhecia bem o suficiente para ser capaz de discernir suas expressões. E não só isso, mas ela podia lê-los corretamente.

Quando Nat não respondeu ou repreendeu Rory, o sorriso de Will dividiu seu rosto. — *Uau*. Eu não posso acreditar que você vai ser a primeira de nós a se casar.

— Hum, eu imploro seu perdão,— Rory disse, parecendo ofendida. —Eu me casei há quase quinze anos, lembra?

Will acenou para ela. —Por favor, não estamos contando isso. No que me diz respeito, minhas sobrinhas chegaram por concepção imaculada.

Mac limpou a garganta. —Bem, na verdade… — ela disse e então apenas deixou isso pairar no ar enquanto o resto delas olhava para ela, sobrancelhas levantadas, esperando que ela continuasse.

Quando ela não disse mais nada, Nat bateu a mão na mesa. — O que diabos isso quer dizer? Cuspa já. Eu meio que tenho alguém esperando por uma resposta, e eu preciso correr.

Mac estendeu a mão e puxou algo da gola de sua camisa e colocou em cima do material. Ali, pendurado em uma delicada corrente de prata, havia um anel. Todas as três irmãs engasgaram em uníssono, mas foi Rory quem puxou Mac em direção a ela, perto o suficiente para dar uma olhada melhor na peça de joalheria em seu pescoço.

— O que diabos é isso? — Perguntou Rory.

— Oh minha *nossa*! — Will disse. —Você está *casada*?

Will e Nat se levantaram, os cotovelos apoiados na mesa enquanto se inclinavam para mais perto de Mac, vislumbrando a aliança simples e fina com uma fileira de diamantes envoltos em prata.

— Vocês terminaram de me atacar? — Perguntou Mac.

— Você terminou de manter esse grande segredo de suas irmãs? — Nat atirou de volta.

Mac enfiou o colar de volta sob sua camisa e deu de ombros, como se não fosse grande coisa ter se casado e não ter contado a ninguém. —Foi uma decisão repentina, mas eu não queria contar a ninguém e tirar proveito do grande dia de Will chegando.

— Mac… — Will disse, sua voz suave. —Eu não tenho sido uma grande noiva, tenho? Você não precisava esconder isso de todo mundo.

— Sério, não é grande coisa para mim. Ou Hud. Não queríamos o casamento. Nós só queríamos o casamento.

Rory e Will se assustaram enquanto Nat revirava os olhos.

— Por favor. Você só queria a noite de núpcias, — ela disse, aliviando a tensão enquanto todos compartilhavam uma risada.

— Se você acha que tivemos que esperar pela noite de núpcias, você não prestou atenção, — disse Mac ironicamente.

— Conte-nos tudo! — Will se inclinou para Mac. —Quando tudo isso aconteceu? Há quanto tempo vocês estão… *casados*? — Ela disse a palavra como se ainda não pudesse acreditar que tinha acontecido.

— Na semana passada, logo depois que Hud chegou em casa. Não só não queríamos fazer um grande barulho e tirar o seu dia, Will, mas com os funerais, e Nat ajudando Asher, simplesmente não era um bom momento. Mas mesmo que não fosse um bom momento, não poderíamos esperar mais um dia. — Ela respirou fundo e deu de ombros. —Então, nós dirigimos para Parkersville

para que ninguém por aqui falasse e se casasse em seu tribunal enquanto nós dois estávamos vestindo jeans e camisetas.

Rory balançou a cabeça. —Espero que você esteja gostando da vida de casada até agora.

— Sim, por que isso?

— Bem, eu só quero dizer, já que mamãe vai matar você e tudo mais.

— Falando em mamãe matando pessoas… — Nat disse. — Espero que vocês estejam prontas para estar nessa lista, porque vocês não podem contar a ela nada disso. Quanto menos pessoas souberem disso, melhor.

— Você vai mentir descaradamente para mamãe e papai? — Perguntou Rory. Acho que o bonzinho-dois-sapatos ainda estava enterrado nela.

— E vovó? — Will disse, batendo o prego mais perto da cabeça.

Nat odiava a ideia de esconder isso da vovó, mas ela não via como contornar isso. Se todos na cidade soubessem que era uma farsa, o juiz Sevilha também saberia. E ela não podia arriscar a colocação das crianças com Asher só porque queria compartilhar alguns segredos com sua avó.

— Sim, — disse Nat. —A todos eles. Precisamos mantê-lo apenas para nós quatro.

— E Nash, — Rory disse. —Ele já ouviu sua boca grande derramar quando você entrou.

— E Nash, — Nat concordou. Não era como se Asher não tivesse contado a ele de qualquer maneira.

— E Finn, — Will interveio, sua expressão em conflito. —Eu não posso esconder as coisas dele. Ele tem um jeito de tirá-los de mim.

— Aposto que sim, — Nat disse revirando os olhos.

— Bem, se vocês puderem contar aos seus namorados, eu com certeza vou contar ao meu marido. — Mac cruzou os braços e se recostou na cadeira, levantando uma sobrancelha como se desafiasse qualquer uma delas a discutir.

Ótimo, então as únicas pessoas que sabiam seriam suas três irmãs - uma das quais era a prefeita da cidade e outra que fofocava quase tão mal quanto a carteiro de Havenbrook, Edna, bem como cada um de seus outros significativos.

Uma coisa era certa - se eles conseguissem chegar à audiência sem que o juiz ficasse sabendo disso, seria um milagre.

chapter eight



— Eu não posso acreditar que você vai se *casar*, — Nash disse, balançando a cabeça enquanto olhava para Asher. —Com *Nat*.

Asher revirou os olhos e jogou um guardanapo amassado em seu amigo. —Então você disse.

Rindo sem restrições, Nash afastou o guardanapo. —Eu sinto muito. Isso é muito para absorver.

— Você acha que é muito para *você* absorver? — Asher gesticulou atrás dele para onde June, Ava e Ella corriam pelo quintal, Owen pulando alegremente em seu suéter no meio de tudo. —Eu meio que fui jogado no meio de uma tempestade de merda, caso você não tenha notado.

Algo no tom de Asher deve ter alertado Nash, porque ele ficou sério imediatamente e se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa. —Você tem razão. Este é um grande negócio. Um negócio ainda maior do que quando fui morar com Rory. —Nash riu. — Lembra quando eu não queria contar a Nat esse detalhe?

— Eu me lembro quando você nem queria dizer a ela que estava apenas namorando a irmã dela.

— Eu tinha certeza que ela nunca mais falaria comigo – depois de arrancar minhas bolas, é claro. Sempre fomos nós três contra o mundo, incluindo suas irmãs. — Nash sorriu, balançando a cabeça. —Agora, além de todas as probabilidades, estou com uma dessas irmãs, e parece que serão vocês dois contra o mundo.

— Eu não sei sobre isso... Ela não disse sim.

Foi quando Nash deveria tranquilizá-lo. Dizer a ele que ele não tinha nada com que se preocupar e que a melhor amiga em comum deles levaria um para o time, sem dúvida. Que sua amiga perpetuamente solteira, cheia de desejo de viajar e odiando Havenbrook, se ligaria a Asher e a esta cidade simplesmente porque ele usou um sinal que eles combinaram dez anos atrás.

Ele era um idiota. Essa coisa toda foi um sonho. De jeito nenhum Nat ia concordar com isso. De jeito nenhum ela desistiria voluntariamente de sua vida, simplesmente porque ele pediu. Sim, eles eram melhores amigos. E sim, qualquer um deles faria qualquer coisa pelo outro.

Mas isso não era qualquer coisa. Isso era *tudo*.

A porta lateral se abriu e Nat entrou, congelando na porta enquanto seus olhos corriam entre Asher e Nash.

Natalie Haven sempre foi mais do que apenas uma amiga para ele. Ela tinha sido uma caixa de ressonância, uma parceira no crime. Sua primeira paixão – e seu primeiro desgosto, se você

realmente quisesse quebrar isso. Claro, ela não sabia nada disso. Mas isso não era algo que ele precisasse falar, já que tinha começado e parado mais rápido do que ele podia piscar – quando ela e Nash colocaram em suas cabeças para ver se havia uma faísca entre os dois. Novidades — não houve.

Seu único beijo quase destruiu sua amizade naquele momento e, portanto, a amizade entre os três. Não importava se Asher estivesse completamente apaixonado por ela – para constar, ele não estava. Bem, ele tinha certeza de que não estava, de qualquer maneira. Mas ele decidiu que a possibilidade de um relacionamento não valia a pena comprometer a promessa das melhores amizades de sua vida.

Agora, ele só esperava não ter cometido um erro colossal pedindo a ela para fazer isso em primeiro lugar. Ele continuou dizendo a si mesmo que isso não era real. Não era algo que eles ficariam amarrados. Não era algo que poderia causar desgosto. Foi, por falta de um termo melhor, uma decisão de negócios. E ele só podia rezar para que ela tivesse visto como tal e lhe desse misericórdia e concordasse com sua proposta ridícula. Porque sem ela, ele estaria de volta à estaca zero, lutando para manter June e Owen com pouca esperança de fazê-lo.

— Ei, — disse Nat, jogando as chaves do carro de sua irmã no balcão enquanto ela caminhava em direção a eles.

— Bem, eu acho que essa é a minha deixa, — Nash disse, empurrando para ficar de pé.

Nat estreitou os olhos para ele. —São duas vezes em duas horas que você fugiu assim que eu entrei em uma sala. Se você não tomar cuidado, Nash King, vou começar a levar isso para o lado pessoal.

— Ah, Nattie, — Nash disse, enganchando um braço em volta do pescoço dela e puxando-a para ele, dando um beijo em sua testa. — Você sabe que te amo.

Era o mesmo movimento, as mesmas palavras, qualquer um dos três tinha feito mil vezes em seu relacionamento. Eles sempre foram casualmente carinhosos um com o outro, nunca se afastando de toques fáceis ou abraços generosos. Eles disseram eu te amo um ao outro mais vezes do que ele poderia contar. E, no entanto, agora, quando ele assistiu a essa troca entre ela e Nash, um fogo se acendeu em seu estômago, as brasas incandescentes do ciúme pegando-o desprevenido.

Ele enfrentou essa emoção particular uma vez ou duas em seu passado. Nada evidente, mas apenas o sussurro do sentimento de vez em quando durante os relacionamentos anteriores. Mas ele nunca sentiu isso com Nat. Até agora, aparentemente.

— Nem pense em tentar falar doce comigo. A menos que você me trouxe um daqueles cupcakes, ou eu nunca quero falar com você novamente, — Nat disse, sua resposta sem o calor que as palavras conjuraram.

— Parece que é meu dia de sorte, então. — Nash estendeu a mão e abriu a caixa de cupcake rosa brilhante que ele trouxe.

Ela sorriu para ele, ficando na ponta dos pés para dar um beijo em sua bochecha. —Você está perdoado, mesmo que não tenha me trazido o meu favorito.

— Você está brincando? Trouxe-as de chocolate-chocolate. Desde quando esse não é o seu favorito?

Desde que ela comeu torta banoffee no Reino Unido no ano passado, discutiu isso com Lilah em algum momento e conseguiu que o padeiro adicionasse uma versão de cupcake ao seu cardápio.

— Desde que eu não sei. Meu novo favorito é banoffee.

— Que porra é uma banoffee?

Nat riu. —Apenas a melhor sobremesa do mundo. Mas chocolate-chocolate é perfeito.

— Como a maioria dos cupcakes grátis são, — Nash disse secamente.

Com uma risada, Nat arrancou o cupcake da caixa antes de tirar a embalagem e mergulhar, sem se importar com o fato de que o movimento deixou um monte de glacê em seu nariz.

Nash revirou os olhos para ela antes de caminhar até o slider que levava ao quintal e se apoiar contra a moldura. —Meninas, é hora de ir agora que deixamos June bem e adoçada!

Depois que Nash levou as garotas de Rory para fora da porta da frente, atirando sobrancelhas levantadas para Asher em seu caminho, ele estava sozinho com Nat pela primeira vez desde que ele soltou a bomba. As risadas de June e os gritos de Owen vieram do

lado de fora enquanto sua sobrinha dançava em círculos ao redor de seu sobrinho.

— Nat, sobre o que eu perguntei…

— Vamos fazer isso, — disse ela. Tão alegremente, como se ela não tivesse mudado completamente a trajetória de suas vidas com essas três palavras.

Não só isso, mas ele não exagerou na noite passada quando disse a ela que sacrifício seria. Até agora, ela não tinha passado mais de setenta e duas horas em Havenbrook desde que ela desistiu dele oito anos atrás, e agora ela estava disposta a ficar quem sabe quanto tempo por ele.

— Não fique tão chocado, — disse Nat, e Asher fechou a boca. — Você usou *chuva* pela primeira vez desde que a promulgamos. Você achou que eu não faria o que diabos você pediu? Esse é o objetivo de um SOS.

Asher soltou um longo suspiro e balançou a cabeça, passando a mão pelo cabelo. Ele se levantou e caminhou em direção a ela. — Bem, eu *esperava* que você fizesse isso, mas esta única *chuva* supera todos os anteriores combinados.

Ela levantou uma sobrancelha. —Mesmo quando eu liguei para você para me pagar a fiança e você não só teve que dirigir duas horas para me pegar, mas também teve que colocar o dinheiro - que eu tenho certeza que nunca te paguei de volta?

Asher deu um aceno definitivo. Ele passou aquela viagem de carro vacilando entre a raiva e a preocupação, apenas a última

dirigida a ela. A primeira, nem tanto, considerando que ela foi presa por agressão – como se algum idiota tivesse pegado a mão nela em um bar em Bumfuck, Geórgia, e ela o socou bem no nariz. Quebrou também. —Mesmo assim. E, sim, você ainda me deve por isso.

— Não depois disso, eu não. — Nat lançou-lhe um sorriso. — Que tal quando eu fiquei sem gasolina no meio do nada às três da manhã e liguei continuamente até você finalmente atender?

— Então, também.

— E quando…

Ele descansou as mãos em seus ombros, seus polegares roçando ao longo de sua clavícula enquanto ele dobrava os joelhos para olhar diretamente em seus olhos. —Mais do que todos eles, Nat.

Ela encontrou seu olhar por longos momentos, algo passando entre eles até que ela limpou a garganta. —Devemos estabelecer algumas regras básicas.

— Como o quê?

— Tipo... por quanto tempo estamos fazendo isso?

Ele soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo. —Não sei quanto tempo isso vai durar. Quanto tempo você pode ficar?

— Eu abri minha agenda, mas tenho uma sessão no final do mês.

— Ok. Isso não deve ser um problema, mesmo que não tenhamos tido a audiência final, isso não significa que você não pode ir. O que sobre não ter nenhum ensaio no calendário por enquanto?

— Eu vou ficar bem. Eu tenho algum dinheiro guardado.

— Ok, isso é bom. Quaisquer outras regras básicas que precisamos estabelecer?

— Sim? O que fazemos com as outras pessoas?

— Bem, eles definitivamente terão que saber. Meio que derrota o propósito se não o fizerem.

Nat revirou os olhos. —Quero dizer, outras pessoas que gostaríamos de namorar. Não faz muito sentido ter todo esse problema se vamos acabar sendo pegos com as calças abaixadas.

Aquela brasa de ciúme cintilou novamente em seu estômago, e ele a afastou. —Eu acho que provavelmente é melhor se formos só você e eu até que tudo isso esteja feito.

Ela mordeu o lábio e assentiu. —Estamos realmente fazendo isso?

—Parece…

Ela estendeu a mão e descansou as mãos em seus quadris, as pontas dos dedos deslizando sob a bainha de sua camiseta e enviando ondas de choque contra sua pele. Eles estavam a apenas alguns centímetros de distância, baforadas do doce hálito de chocolate de Nat sussurrando em sua mandíbula. E embora eles certamente tivessem sido mais próximos do que isso em outros momentos durante sua amizade, ele poderia dizer, sem dúvida, que nunca sentiu essa força invisível entre eles. Aproximando-os. Fazendo seus olhos caírem para os lábios dela antes de agarrá-los para se conectar com seu olhar. Fazendo-o inclinar-se mais perto dela, como se suas

bocas estivessem amarradas juntas, uma corda apertando com cada respiração.

Nat, por sua vez, não o empurrou. Não riu ou deu um soco no estômago dele, ou qualquer uma das centenas de outras respostas que ele assumiu que aconteceriam. Em vez disso, ela ficou ali, com o rosto inclinado para o dele, os lábios entreabertos como se ela sentisse isso também.

— Tio Asher. — A voz de June soou do lado de fora, e ele virou a cabeça em direção ao barulho patético, assim que ela abriu a porta de tela, entrou e começou a vomitar tudo sobre si mesma e no chão. Uma vez que ela terminou, ela olhou para eles, com as mãos na barriga. —Não me sinto bem.

Asher e Nat ficaram congelados por provavelmente mais tempo do que uma mãe ou pai teriam, mas para ser justo, ele nunca encontrou vômito de projétil de uma criança - e ele poderia dizer com absoluta certeza que Nat também não.

Humildemente, Nat disse: — Eu poderia ter concordado em me casar, mas *não* concordei em limpar o vômito. Isso é tudo você. — Ela apertou os quadris de Asher antes de evitá-lo e caminhar direto em direção a June, tomando cuidado para evitar a bagunça no chão.

— Uau, isso é muito marrom, garotinha. Esta é uma importante lição de vida que já recebi muitas vezes – só porque você *pode* comer tantos cupcakes não significa que você deva.

— Ok… — June disse, sua voz pouco mais do que um coaxar vacilante.

Com o nariz enrugado, Nat tirou a camisa suja de June e a jogou atrás dela na direção de Asher, que a pegou por reflexo. — Vamos, garota gananciosa. Vamos limpar você enquanto o tio Asher lida com tudo isso.

Asher riu um gemido antes de entrar em ação. Primeira ordem do dia – ter certeza de que Owen estava indo bem lá fora sozinho. O bebê estava pulando, balbuciando enquanto chupava os dedos e olhava ao redor para a maravilha que estava do lado de fora. Graças a Deus por pequenos milagres, porque a última coisa que ele precisava era Owen – que era mais astuto que uma raposa e sem dúvida pintaria as paredes e a si mesmo neste vômito se Asher não tomasse cuidado – perto enquanto ele cuidava da limpeza.

Ele não sabia o que faria se Nat não estivesse aqui para ajudar. Se ele tivesse que fazer isso sozinho. Como ele poderia conseguir limpar June, enquanto ao mesmo tempo observava Owen, enquanto ao mesmo tempo lavava roupa e esfregava o chão.

Felizmente, ele não precisava se preocupar com isso, porque Nat estava lá e ela concordou em ficar. Por enquanto, de qualquer maneira.

***

Depois de uma tarde discreta e da noite, graças ao festival de vômito improvisado de June – ambas as crianças estavam dormindo cedo e já cochilando, então Nat se acomodou ao lado de Asher no sofá, colocando os pés no colo dele sem hesitação. Ou, pelo menos inicialmente, sem hesitação. Era algo que ela tinha feito centenas de

vezes antes, mas parecia diferente agora. Por um lado, ela, aparentemente, seria sua esposa.

Sua *esposa*. Uma designação que ela honestamente pensou que nunca se daria em relação a ninguém.

Por outro lado, houve aquele momento na cozinha quando eles estavam tão próximos um do outro. Ele olhou para ela como ele nunca tinha olhado para ela antes, sua respiração um sussurro em seus lábios e uma fome em seus olhos que ela tinha recebido muitas vezes de outros homens, mas nunca de Asher. Ela tinha certeza que se June não tivesse entrado naquele exato momento e vomitado suas tripas, Asher a teria beijado.

Pior, Nat o teria deixado.

Asher descansou uma de suas mãos no tornozelo de Nat, seu polegar roçando um caminho sem sentido ao longo do arco de seu pé, enquanto ele procurava na Netflix por algo para assistir. —Obrigado por se juntar a mim hoje. — Ele olhou para ela antes de voltar sua atenção para a tela e a lista de programas de tendências.

Nat deu de ombros. —Tipo do que eu concordei, certo? Mas você não pode voltar atrás em sua promessa, eu não tenho que lidar com vômito, nunca.

— Tecnicamente, eu nunca concordei com isso. Você acabou de me mandar como costuma fazer e assumiu que eu não faria objeções.

— Bem, eu vou te dizer uma coisa - se você se *opuser*, eu não me importo com o quão falso esse casamento é, a pedra que eu uso é melhor ser cem por cento real.

Asher riu, um som baixo e gutural que disparou direto para a barriga de Nat... e depois mais baixo ainda. O que *diabos* estava acontecendo?

— Para começar, você não gostaria nem mesmo de uma pedra enorme, — disse ele. —Tenho certeza de que você usaria um elástico amarrado no dedo do que usaria um diamante de dois quilates em um anel de platina.

— Ah, cale a boca. Você não conhece minha vida.

Desta vez, a risada de Asher foi mais alta, e ela o chutou levemente enquanto o calava. —Se você acordá-los com suas gargalhadas desagradáveis, você está sozinho com o dever de criança, independentemente de ambos estarem acordados. Enquanto isso, vou ficar aqui fora assistindo *Supernatural* e babando pelos lindos e misteriosos irmãos Winchester enquanto você se afoga em choros.

— Você faria isso comigo?

— Em um piscar de olhos, — disse Nat, sem hesitação.

Ele enfiou o polegar no arco de seu pé, sem dúvida uma tentativa de retaliação, mas o movimento só a fez gemer de prazer-dor quando ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. —Se você está tentando me punir, você está fazendo tudo errado, — ela murmurou, deslizando o outro pé para chamar atenção também.

Eventualmente, depois de longos momentos de silêncio, Nat levantou a cabeça, apenas para encontrar seu olhar já preso nela, seus olhos um tom mais escuro do que o normal, agora mais como uísque envelhecido.

Ela mordeu o lábio. —Qual foi a outra coisa?

— O que? — Asher perguntou, sua voz rouca e baixa, um som que disparou direto entre suas coxas.

Bom *Deus*, realmente fazia tanto tempo desde que ela fez sexo? Aparentemente.

— Você disse uma coisa. Qual foi a outra coisa?

— Oh. — Asher limpou a garganta e balançou a cabeça, olhando rapidamente para a TV antes de retornar seu olhar para ela. —Falando no anel, precisamos comprar amanhã, já que não temos muito tempo.

— Ótimo, vamos fazer isso, — disse Nat. —Mas eu odeio dizer a você, comprar anéis, mesmo com duas crianças pequenas, é a menor das nossas preocupações.

— Eu meio que percebi que nossas preocupações giravam mais em torno de mim mentindo para um juiz e nos casando de mentira.

— Sim, sobre isso... espero que você esteja preparado para obter o terceiro grau dos meus pais e vovó. Jurei para minhas irmãs manterem segredo, além de todos os outros significativos... —Nat engasgou e voou para cima, com os olhos arregalados. —Oh meu Deus, eu esqueci de te dizer! Aparentemente, um desses outros significativos agora é *marido*.

— O que? Will e Finn decidiram fugir? O casamento deles não é em apenas algumas semanas?

— É, mas não, não é quem. Adivinhe de novo.

— Se aquele filho da puta do Nash se casou e não me disse quando ele estava aqui, eu vou matá-lo.

— Errado de novo. É Mac e Hudson! Você acredita nisso? Eles fugiram para Parkersville e se casaram no tribunal na semana passada. Ela estava preocupada em pisar nos calos de Will e tudo mais que... — Nat engoliu suas palavras, mas ela podia dizer que elas atingiram Asher mesmo assim.

Seus olhos se fecharam em tristeza, e ela teve o desejo mais forte de descansar a mão sobre seu coração, como se pudesse curá-lo de alguma forma. Como se ela pudesse tirar sua dor. Era algo que ela teria feito sem hesitação antes. Antes que essa estranha tensão se desenvolvesse entre eles. Antes de quase se beijarem. Antes que ela começasse a ficar excitada com a *voz* dele.

Bem, ela poderia ignorar as coisas com o melhor deles, então ela tirou os pés do colo dele e se aconchegou ao seu lado. Ela descansou a cabeça em seu peito e roubou o controle remoto dele. — Você me deixou no clima de *Supernatural*.

Ele riu baixo e descansou o braço ao longo do lado dela, sua grande mão segurando a curva de seu quadril. —Como eu fiz isso? Com meu lindo mistério?

— Nah, porque eu estava pensando de novo sobre como pelo menos uma pessoa da minha família vai querer te matar em um ponto, e ninguém mata melhor do que os garotos Winchester.

— Ah, vamos. Não vai ser tão ruim. Sua mãe e sua avó me amam. Tenho certeza que seu pai não ama ninguém, no entanto. Não tenho certeza de como isso vai acontecer.

— Vai ser um desafio, assim como tudo é com Dick. — Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para ele, a luz azul da TV aguçando suas feições, fazendo-o parecer ainda mais bonito do que qualquer homem tinha direito. —Antes de deixar o gato sair do saco, você tem certeza que sou eu que você quer? Você deve ter os números de algumas groupies em seu telefone…

— Não há mais ninguém que eu prefira irritar pelo resto da minha vida do que você.

— Você quer dizer até que a custódia seja final ...

Foi o único mantra que ela repetiu para si mesma enquanto tomava essa decisão. Isso não seria para sempre. Seria apenas até June e Owen serem oficialmente colocados com Asher, e então tudo voltaria ao normal.

Exceto que enquanto ela estava deitada lá, dobrada ao lado de Asher, seu coração batendo sob sua orelha e sua mão segurando seu quadril quase possessivamente, ela não tinha tanta certeza que *isso* não era exatamente o tipo de normal que ela poderia amar.

chapter nine



— Você não pode evitá-lo para sempre, você sabe, — Asher disse enquanto eles paravam na frente da loja de antiguidades em Parkersville, lançando um olhar de soslaio para Nat.

Ela soltou o cinto de segurança e se virou para ele, desligando a versão quase constante de June da música do bebê tubarão - a mesma versão que ela cantou *durante todo* o passeio de carro. Nat estava pronta para cortar suas orelhas.

— Garanto-lhe que posso evitar qualquer coisa por qualquer período de tempo, mas não tenho certeza do que exatamente você está se referindo agora.

Ele desligou o motor e descansou o braço no console central, inclinando-se para mais perto dela. O movimento fez o cheiro dele inundá-la, e ela teve que conter a vontade de inalar profundamente. Antigamente, ela evitava fazer isso para não ser abordada pelo fedor de adolescente dele e de Nash. Agora, porém, tinha mais a ver com a forma como ela reagiria ao cheiro dele com certeza não-adolescente –

aquele que parecia grudar nela, mesmo horas depois de ela ter saído da cama que compartilhavam. Platonicamente, é claro.

— Quero dizer Havenbrook, — disse ele. —Você não saiu uma vez. Você até pulou os almoços semanais com suas irmãs, mamãe e vovó. Você não está ficando um pouco claustrofóbica agora? Havenbrook é pequeno o suficiente, mas não é tão pequeno quanto a casa de Aubrey.

— Eu tenho saído bastante.

— As casas de seus pais ou de qualquer uma de suas irmãs não contam.

— Estou dizendo a eles que você disse isso, — disse ela, saindo do carro antes que ele pudesse responder. Ela fechou a porta em sua risada, e seus lábios se contraíram com o som, embora ela conteve sua reação. Na verdade, ela estava reprimindo um monte de suas reações ultimamente quando se tratava de Asher.

Ela abriu a porta de June e ajudou a menina a se soltar da cadeirinha e descer. —Vamos, Junie B. Tio Asher está com seu irmão.

— Porque você me chama assim? — June perguntou, a cabeça inclinada para o lado.

— O que? Junie B?

— Sim. É para Junebug, como o tio Asher me chama?

Nat bagunçou o cabelo de June. —Você é inteligente, não é? Pegar esse bug começa com B. Mas não. Era minha série de livros favorita quando eu era pequena. Junie B. Jones. Você ouviu falar?

Os olhos de June se iluminaram enquanto ela olhava para Nat. —Oh sim! Mamãe me deu um desses. Podemos ler?

Nat olhou para Asher, cujo rosto estava tenso de tristeza, e ela engoliu seco. Ela não tinha absolutamente nenhuma experiência com crianças, o que significava que ela tinha ainda menos experiência com crianças lidando com o luto. Mas mesmo com sua completa falta disso, ela sabia o suficiente que ainda estava esperando o outro sapato cair.

June havia aceitado surpreendentemente bem a morte de seus pais. Embora Nat presumisse que era porque a garotinha não entendia muito bem a permanência de tudo isso. Owen certamente não. Mas todos os dias, a cada menção de Aubrey ou Nathan, Nat esperava que finalmente chegasse a June. Na verdade, ela não tinha ideia de como eles conseguiriam isso quando chegasse a hora.

Nat limpou a garganta e assentiu, apertando a mão de June. —Claro que podemos. Começaremos esta noite. Contanto que você não planeje vomitar todo o seu peso em cupcakes novamente.

June sorriu amplamente e saltou ao lado de Nat, puxando seu braço enquanto fazia isso. —Podemos pegar um pouco? *Podemos*?

Asher, carregando um sonolento Owen, caminhou até as duas, balançando a cabeça enquanto alcançava a porta e a mantinha aberta para que elas entrassem na frente. —Junebug, você é o único humano que eu conheço que fica doente com uma comida e ainda a quer. — Ele se inclinou para frente quando Nat passou, sua respiração um sussurro contra seu ouvido. —E você dormirá na casinha de cachorro por sequer mencioná-los.

Ela travou seus músculos em um esforço para manter seu tremor em segredo, porque ela não fazia coisas como tremer, graças a seu melhor amigo sussurrando alguma bobagem em seu ouvido. Na verdade, era raro ela ter arrepios, mesmo quando estava nua e seu parceiro de cama para a noite estava trabalhando diligentemente para provocá-los. Mas ela não ia pensar em coisas assim agora. Não enquanto eles fingiam ser um casal feliz e apaixonado. Não enquanto eles estavam comprando alianças para seu próximo casamento. E não enquanto…

Nat parou bruscamente, Asher golpeando suas costas e colocando uma mão em seu quadril para se firmar.

— Uau, desculpe, — ele murmurou, então olhou para ela, uma sobrancelha levantada. —Sobre o que é tudo isso?

— Acho que não pensamos nisso. — Nat apontou para a loja incrivelmente lotada e definitivamente não à prova de crianças.

O espaço era pequeno e apertado, cada centímetro quadrado coberto com… *coisas,* exceto por uma pequena passarela. E mesmo assim, os objetos às vezes se derramavam nele. Até onde Nat podia dizer, não havia uma rima ou razão de como foi montado. Não estava separado por item ou mesmo era apenas uma expansão aleatória que seria, sem dúvida, o sonho caótico de uma criança de quatro anos.

— Merda, — disse Asher baixinho, claramente chegando à mesma conclusão que ela. Ou seja, havia um monte de coisas para invadir aqui. —Eu não sei por que você queria vir aqui para um anel de qualquer maneira. Há uma joalheria de verdade na rua. Você quer ir lá em vez disso?

Não, Nat absolutamente não queria ir a uma joalheria tradicional. Ela não tinha planos de ser uma noiva tradicional. Mesmo se este casamento fosse real, ela ainda não seria uma. Então, ela apertou sua determinação, junto com seu aperto na mão de June, e os levou para a caixa de joias no centro do espaço lotado.

— Sem toques, Junie B, — Nat disse, olhando para a garotinha. —Estou falando sério. Se você quebrar alguma coisa, provavelmente terei que vender seu tio Asher para pagar por isso.

Os olhos de June se arregalaram e Asher riu, estendendo a mão e espalmando a cabeça de sua sobrinha. —Ela está apenas brincando, Junebug. Nós a venderíamos *se* algo assim acontecesse.

Sem olhar, Nat alcançou atrás de si e o golpeou, sua mão conectando com a solidez quente de seu estômago.

Ele grunhiu de surpresa, então se aproximou dela, deslizou o braço que não estava segurando Owen ao redor de sua cintura e baixou os lábios até sua orelha. —Eu não sei por que você está me batendo quando você é quem começou, — disse ele, uma cadência provocante em sua voz.

— Bem, vocês não são apenas a família mais adorável que eu já vi?— Uma mulher de quase 50 anos, com tufos de cílios postiços como as unhas – que pareciam matar um homem – estava atrás de um caixa ao lado da caixa de joias. Ela abriu um sorriso excessivamente branco para eles, seu cabelo loiro enrolado em ondas perfeitas.

— Oh, nós não estamos… — As palavras de Nat ficaram presas em sua garganta quando Asher apertou seu quadril, e ela fechou a

boca, porque... sim. Eles deveriam ser essa família. Eles *seriam* esta família, mesmo que apenas por um tempo até que tudo se resolvesse. Tinha sido fácil quando eles estavam trancados nas quatro paredes de casa, mas agora que eles estavam no mundo, ela quase esqueceu que tinha que fingir ser uma mulher feliz e algemada.

Sufocamento subiu por sua garganta, mas ela o reprimiu, batendo-o de volta à submissão com o mantra que ela repetia a si mesma repetidamente. Isso não era real. Asher não seria seu marido de verdade. O casamento deles era apenas uma farsa. Eles estavam apenas brincando de casinha.

Quase como se ele pudesse ler sua mente, pudesse ver o surto acontecendo sob sua superfície, ele apertou seu quadril duas vezes e então falou por eles. —Obrigada, senhora.

— Hmm... Você parece tão familiar, — disse ela, estreitando os olhos e batendo um dedo contra o queixo como se isso ajudasse a liberar algum reconhecimento em seu cérebro. —Sou Claudette Aikens. Já nos encontramos antes?

Asher balançou a cabeça. — Temo que não.

Nat quase revirou os olhos. Ela tinha saído com ele o suficiente para estar acostumada com isso – na parte sudeste dos EUA, de qualquer maneira. E especialmente tão perto de Havenbrook - todos dentro de um raio de 160 quilômetros sentiam que tinham direito a Asher... como ser da mesma área que ele de alguma forma fazia a fama passar para eles. Ele pode não ter atingido grande sucesso ainda, mas ele era um nome bem conhecido neste canto do país, tendo

estado em turnê como guitarrista de Luke Bryan e depois seu vídeo viral de The Bluebird.

Agora, porém, ele não parecia o misterioso Asher McCoy, o mais novo rebelde da música country, determinado a quebrar todas as regras e se divertir enquanto fazia isso. Em vez disso, ele ficou com ela dobrada ao seu lado enquanto Owen dormia, a cabeça apoiada no ombro de Asher, enquanto June fazia círculos apertados em torno de suas pernas. Certamente estava muito longe de shows noturnos e de grandes estádios.

Enquanto ela olhava para Asher, com seu sobrinho seguro e protegido em seus braços – para não mencionar ela segura e protegida aninhada ao seu lado – parecia que alguém tinha colocado uma garrafa de champanhe em seu estômago, seu interior todo borbulhante e quente.

E ela não tinha ideia do que fazer com esse sentimento... especialmente em relação ao seu melhor amigo.

Felizmente, Nat era um mestre em evitar e podia encontrar qualquer tática de evasão em um raio de oito quilômetros. E agora, isso significava jogar Asher debaixo do ônibus apenas para dar a sua mente outra coisa para se concentrar.

— Esse é Asher McCoy, — disse Nat, inclinando a cabeça em direção a ele. —Talvez você já tenha ouvido falar dele - ele é um grande negócio.

— Nat, — ele assobiou baixinho.

Ela o ignorou. —Ele excursionou com Luke Bryan no verão passado, e então seu vídeo de 'Take Me Home' meio que explodiu.

A mulher mais velha bateu palmas. —Sim é isso! Meu Deus, como é excitante tê-lo aqui! Meu, meu, eu preciso… — Ela agitou as mãos na frente dela enquanto olhava ao redor antes de pegar uma caneta com tampa de flor do pote cheio de pedras, então apertou um botão na caixa registradora para que cuspisse o papel do recibo. — Você se importaria de assinar isso para mim? Minha filha vai *morrer* quando souber que te conheci.

As bochechas de Asher coraram, e Nat reprimiu um sorriso – um que só cresceu quando ele beliscou seu lado em retaliação. —Sim, claro. — Ele mudou a forma adormecida de Owen para o outro braço e pegou a caneta, rabiscando seu autógrafo no papel.

— Muito obrigada. Que mimo! — Claudette segurou o papel assinado na frente dela como se fosse um tesouro enterrado. —Bem agora. Em que posso ajudar vocês?

— Nós só queremos dar uma olhada em suas joias. — Nat gesticulou para o caso que eles estavam indo.

— É claro. — Claudette assentiu e deu a volta no balcão, pegando um molho de chaves enquanto andava. —Alguma coisa em particular que vocês estão procurando? Eu poderia ser capaz de apontar-lhe na direção certa. Estou aqui quase todos os dias, então conheço o inventário.

Nat olhou para Asher, e seus olhares se encontraram, um reconhecimento tácito se transferindo entre eles – esta era a primeira

vez que eles estariam dizendo essas palavras em voz alta para um estranho.

— Um anel de noivado, — disse Asher, seus olhos ainda presos em Nat. —Nós vamos nos casar.

E por nenhuma razão maldita, seu estômago revirou.

— Oh meu! Que *maravilhoso*! — Claudette sorriu e se inclinou para June. —Você vai ser a florista no casamento da sua mãe e do seu pai?

June balançou a cabeça, mal lançando um olhar para a mulher. —Eles não são minha mãe e meu pai.

Claudette olhou para cima, com as sobrancelhas franzidas. — Eles são…

— Eu sou o tio dela, — Asher corrigiu com um sorriso tenso.

Sem pensar, Nat pegou sua mão e entrelaçou seus dedos, dando-lhe um aperto suave. Só para deixá-lo saber que ela estava aqui. Que ele não estava passando por isso sozinho.

— Claro, — disse Claudette, seu sorriso de volta com força total. —Bem, não tenho certeza se teríamos algo chamativo o suficiente para o que vocês provavelmente estão procurando...

— Oh, não estamos procurando por nada assim. — Nat estendeu a mão para June na próxima viagem da garotinha ao redor deles e a puxou para parar ao seu lado.

— Não? Você tem algo específico em mente?

— Na verdade. Apenas imagino que saberei quando o ver. — Nat agachou-se para ficar ao nível dos olhos de June. —Quer me ajudar a procurar um anel em todas as joias bonitas?

— Posso pegar alguma coisa também? — June perguntou, seus olhos brilhando de excitação.

Nat sorriu para ela antes de olhar para Asher. Para June, ela disse: —Você vai ter que falar docemente com seu tio, mas provavelmente não está fora do reino das possibilidades.

Asher apenas revirou os olhos e puxou a mão dela ainda presa na dele, puxando-a para cima. —Vamos ver se Nat consegue encontrar algo primeiro.

— Temos muitas bijuterias aqui. — Claudette foi para trás do balcão de joias, as chaves tilintando enquanto ela destrancava a caixa. —Eu não acho que você estaria interessado neles. Oh! Nós tivemos… — Ela examinou o caso, ofegante quando seus olhos pousaram em algo. —Ah, sim, aqui está. Acabou de chegar na semana passada de uma propriedade.

Ela puxou o anel do invólucro de veludo e o segurou na direção de Nat. Não era um anel de noivado típico - nenhum diamante podia ser encontrado em qualquer lugar. Era simples, mas não delicado. Elegante, mas não chamativo.

— Acho que é uma água-marinha, — disse Claudette.

A pedra do nascimento de Nat. A pedra azul-clara cortada esmeralda estava no topo de uma faixa de prata com redemoinhos de filigrana emoldurando a peça central e descendo de cada lado. Ela

não tinha pensado muito sobre como seria encontrar o anel perfeito. Não tinha pensado nisso, nunca, na verdade. Ela não sabia que sua respiração iria parar ou que arrepios iriam explodir sobre sua pele. Ela não sabia que teria essa certeza profunda de que era o único, mas não podia negar que todas essas coisas eram verdadeiras.

Antes que ela pudesse abrir a boca para responder, pedir para experimentar ou ver o que Asher achava, para verificar o preço e ter certeza de que não era ultrajante, Asher limpou a garganta. Ela tirou os olhos do anel para ele, seus olhos se conectando imediatamente.

Sem quebrar o olhar dela, ele disse: — Nós vamos levá-lo.



Ele não conseguia superar a aparência de Nat quando Claudette puxou o anel que agora estava na mão de Nat mão esquerda, tendo sido um ajuste perfeito. Aquele que ela continuou olhando para baixo enquanto ele espreitava para ela com o canto do olho. Aquele que fez seus olhos brilharem como uma árvore – algo que Nat não fazia com frequência, a menos que ela estivesse falando sobre alguma aventura cheia de adrenalina. Como pular de um avião ou descer uma montanha de rapel ou ameaçar sua vida. Não para algo tão simples como uma peça de joalheria.

Por causa disso, não havia uma única pergunta se era ou não aquele. E, por causa disso, ele a comprou sem hesitação.

— Provavelmente não vai desaparecer, — disse Asher, estendendo a mão e apertando a coxa de Nat.

Ela virou a cabeça para ele, como se tivesse sido pega com a mão no pote de biscoitos. —Eu nunca…

Antes que ela pudesse terminar sua frase, June engasgou do banco de trás. —Nossas joias são *mágicas*?

Asher olhou para sua sobrinha no espelho retrovisor. Ela ergueu o colar verdadeiramente hediondo que havia escolhido, trouxe-o tão perto de seus olhos quanto fisicamente possível, e inspecionou cada bugiganga espalhafatosa nele.

— Não tenho certeza, — disse Nat. —Nós provavelmente deveríamos fazer alguns testes quando chegarmos em casa.

— Que tipo de testes? — June perguntou, admiração pesada em seu tom.

Nat olhou para ela e deu de ombros. —Não sei. Você tem alguma ideia?

June assentiu com entusiasmo. —Poderíamos usá-los e pular da cama para ver se podemos voar!

— Isso é melhor do que tentar pular de um telhado, — Nat disse baixinho. —Lembra quando nós idiotas fizemos isso em um trampolim no ensino médio?

Sim, e eles tiveram muita sorte de que apenas um deles acabou com um tornozelo quebrado e nem todos os três ficaram paralisados ou mortos. —Se você contar essa história para June, eu te mato.

— Que história? — June gritou enquanto Owen concordava, balbuciando.

— Aquela sobre ficar invisível com a ferramenta certa, — Nat disse. —Talvez seu colar seja a ferramenta certa.

Os olhos de June se arregalaram enquanto ela olhava para ele antes de colocá-lo sobre sua cabeça. Ela fechou os olhos e cerrou os punhos. —Você consegue me ver?

Owen respondeu por eles, rindo e apontando para ela enquanto balbuciava uma série de incoerências.

— Talvez nós só precisamos polir um pouco, — Nat disse. —É bem antigo.

— Ok, eu vou dar um banho de espuma. — June assentiu definitivamente, certa do jeito que apenas crianças de quatro anos poderiam ter.

Asher desceu a rua em direção à casa de sua irmã, ainda esperando ver sua irmã e cunhado sentados nos degraus da varanda para cumprimentá-lo como sempre faziam. Em vez disso, ele encontrou um carro que não reconheceu estacionado ao longo do meio-fio e uma mulher parada na porta, com a mão levantada para bater.

— Quem é aquela? — Nat murmurou.

— Nenhuma ideia. — Asher estacionou o carro na garagem e desligou o motor. —Você tem June? — Ele perguntou, seus olhos ainda na estranha.

Em sua linha de trabalho, mesmo que ele não fosse um nome familiar, ele ainda tinha visto o suficiente para aprender a ser apreensivo e cético porque você nunca sabia as intenções de alguém. E agora que não era apenas consigo mesmo que ele tinha que se preocupar, essa desconfiança foi amplificada por mil.

— Sim. — Nat abriu a porta, seu olhar tão perscrutador quanto o dele. Ela sempre foi protetora com aqueles que ela amava, ele e Nash, especialmente, assim como sua família, mas parecia que tinha sido estendido a sua sobrinha e sobrinho também.

Ao som das portas do carro se fechando, a mulher na porta da frente se virou antes de descer os degraus da varanda em direção a eles. —Tarde, — ela chamou, com a mão apoiada acima da testa para proteger os olhos do sol de maio.

— Oi. Posso ajudar? — Asher perguntou, segurando um Owen se contorcendo em seus braços.

Ela caminhou em direção a ele, um sorriso no rosto, embora seu comportamento dissesse tudo sobre negócios. Ele a colocaria em seus quarenta e poucos anos se tivesse que adivinhar, com seus cabelos castanhos lisos, óculos finos de armação de arame e guarda-roupa monótono, embora funcional. Ela estendeu a mão para ele apertar. — Sim, sou Sheila Cummings, assistente social do Departamento de Serviços Sociais.

Os olhos de Asher se arregalaram, e ele olhou para Nat, medo e pânico o dominando.

— Não, não. Nada para se preocupar. Esta é uma prática padrão em um caso como o seu. Liguei e deixei algumas mensagens sobre esse compromisso.

— Ah, sim, desculpe por isso. Eu… — Ele balançou a cabeça. — Eu realmente não tive a chance de olhar as mensagens.

Cole já havia preparado Asher para essa reunião, mas isso não significava que ele gostou. Enquanto eles não tinham nada para se preocupar, o pensamento de deixar alguém entrar na casa que tinha o poder de tirar as crianças dele revirou seu estômago.

Sheila assentiu. — É muito compreensível, considerando as circunstâncias.

— Nat, — June disse, puxando o braço de Nat. —Eu quero fazer os testes de mágica! Vamos.

— Em um minuto, Junie B. — Nat colocou a mão na cabeça de June, o tempo todo mantendo os olhos semicerrados para a assistente social. Ela gostava de dizer que não tinha um osso materno em seu corpo, mas ele tinha visto alguns instintos de mamãe ursa aparecerem mais de uma vez desde que ela estivera lá, agora incluídos.

Sheila sorriu para June e agarrou as alças de uma bolsa de lona na frente dela. —Um teste mágico? Isso soa emocionante!

— Sim! — June sorriu e ergueu o colar que pendia excessivamente longo em seu torso curto. —Nat diz que isso pode ser mágico porque eles são tão velhos.

— Com certeza é bonito. Onde você achou isso?

— Na velha loja que cheirava engraçado. — June deu de ombros, olhando para seu colar.

Asher soltou uma risada ao mesmo tempo que Nat esclareceu: — Uma loja de antiguidades em Parkersville.

— Nossa, vocês são corajosos em levar os pequeninos para um lugar tão cheio quanto esse!

— Sim, nós não pensamos exatamente nisso, — disse Asher, mas assim que as palavras saíram de sua boca, ele desejou poder levá-las de volta. Que idiota, admitir para a pessoa com peso suficiente para tirar as crianças dele que ele não tinha pensado em algo quando se tratava delas.

Mas em vez de estreitar os olhos e puxar um bloco de notas para rabiscar furiosamente sobre todos os erros dele e de Nat, Sheila apenas riu e acenou com a cabeça. —Um daqueles momentos de viver e aprender, suponho. Vocês se importariam se entrássemos para que pudéssemos começar?

Na verdade, sim, ele se importava, mas não podia recusar. E ele não tinha motivos para estar nervoso. Cole havia dito a ele que o trabalho do assistente social era estritamente garantir que June e Owen estivessem em um ambiente seguro e amoroso e que eles estivessem florescendo. Essa não era a parte com a qual ele estava preocupado. Eles também tiveram que lidar com a farsa que ele inventou e ter certeza de que ele e Nat realizaram o ato de casal apaixonado e felizmente noivos.

Felizmente, eles eram amigos há tempo suficiente e desenvolveram uma espécie de estilo de comunicação telepática, então eles estavam na mesma página durante a visita mais longa do que ele gostaria. Enquanto Nat discutia com June e alimentava Owen, ele preencheu a papelada, conversou com Sheila e fez um tour com ela.

Ainda bem que ele não se sentiu confortável passando pelo quarto de Aubrey e Nathan, o que significava que o quarto extra estava cheio de coisas dele e de Nat, um de seus sutiãs pendurados sobre seu jeans na cadeira em que ele os colocou, e o cheiro dela impregnando o quarto.

Esse cheiro estava fazendo coisas com ele ultimamente, especialmente porque ele tinha sido cercado por ele todas as noites depois que ela saiu do chuveiro e entrou debaixo das cobertas, toda quente e macia. Seu pênis de alguma forma conseguiu ver aquele cheiro como um tiro declarando que era hora de ir, já que ele acordava todas as manhãs com o nariz enterrado em seu pescoço ou cabelo, respirando toda a sua bondade cheirosa enquanto sua bunda estava dobrada contra sua ereção furiosa.

Ele não podia nem dizer que acordar assim foi a primeira vez que ele ficou duro graças a Nat. Isso simplesmente não seria possível, considerando que ela esteve por perto durante os dias de ereção aleatória de seus primeiros anos de adolescência, onde uma aparência de uma leve brisa varresse sua braguilha na medida certa. Mas ele poderia dizer que era a primeira vez como um homem adulto totalmente crescido que deveria ser capaz de ter um pouco mais de controle sobre seu pau do que tinha aos quatorze anos.

— Estou sabendo que vocês vão se casar? — Sheila perguntou, com as sobrancelhas levantadas enquanto ela se sentava na cadeira enorme na sala de estar, seu iPad apoiado em seus joelhos.

— Isso mesmo, — disse ele, olhando para Nat, que estava deitada de bruços ao lado de June enquanto coloriam os livros de atividades que Sheila trouxera.

— Quando é o grande dia?

— Bem, acabamos de voltar das compras de anéis, na verdade. Pegamos nossa licença hoje e temos um compromisso na segunda-feira no tribunal.

— Essa é uma notícia maravilhosa. Parabéns a vocês dois.

— Obrigado, — ele e Nat disseram ao mesmo tempo, então compartilharam um sorriso.

— Bem… — Sheila colocou seu iPad na bolsa de lona que ela trouxe cheia de atividades para as duas crianças. Não era surpreendente que Nat tivesse conseguido encurralar June com um concurso de colorir, mas Asher não esperava que Owen se sentasse no chão e brincasse tão bem - ou por tanto tempo - com os blocos de construção. —Vou tirar o cabelo de vocês para que vocês possam passar o resto do seu dia.

Depois de arrancar os blocos agora amados do aperto de Owen e recolher a explosão de giz de cera, Asher acompanhou Sheila até a porta, aliviado por tirá-la de casa, apesar de quão agradável ela era.

— Obrigada pelo seu tempo, Sr. McCoy. Entrarei em contato para agendar outra visita em breve.

— Dirija com segurança, — disse ele com um aceno antes de fechar a porta e trancá-la para uma boa medida.

Por que isso o fez se sentir melhor, ele não tinha ideia. Não era como se ele pensasse que a mulher entraria sem ser convidada, mas era pelo menos outro escudo entre eles. Ele descansou a testa na porta de madeira e exalou um longo suspiro.

O calor pressionou a parte inferior de suas costas quando Nat colocou a mão dela lá, e seu abdômen se apertou com o toque. O cheiro dela o varreu antes mesmo que ele pudesse abrir os olhos, e seu corpo respondeu de acordo.

—Acha que conseguimos? — Ela perguntou.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela antes de olhar para trás, para onde June fazia cócegas no estômago de Owen, os dois rindo como uma tempestade. Seu estômago se apertou, preocupação e incerteza sobre o que o futuro reservava o inundando. Sobre a possibilidade de ele perder aqueles dois. —Deus, eu espero que sim.



— Você tem certeza de que está pronto para isso?— Nat perguntou, olhando para Asher, a luz fraca do sol poente brilhando nas mechas castanho-claras naturais em seu cabelo.

Enquanto os levava para a casa dos pais dela para o jantar de domingo, ele estava com um cotovelo apoiado no console central entre eles enquanto equilibrava o pulso esquerdo em cima do volante e cantava junto com o rádio. Como se ele não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Como se estivessem saindo para um passeio de domingo sem destino em mente. Como se eles não estivessem a caminho da casa de sua família muito grande e muito teimosa para soltar a bomba sobre suas próximas núpcias. Os que aconteceriam amanhã.

— Por que eu não estaria? — Ele ergueu o olhar para encontrar o dela por cima do carro enquanto eles se juntavam agarrando as crianças.

Nat deu de ombros enquanto ajudava June a sair. —Ah, você sabe, só minha família, — ela disse, como se isso explicasse tudo. E... aconteceu. Sem dúvida.

Ela os amava... na *maioria* das vezes, mas não havia como negar que eles eram um punhado. Também não havia como negar que sua mãe, papai e vovó estavam prestes a perder sua merda coletiva quando descobrissem o que estava acontecendo. Nos últimos dias, Nat estava se esquivando das ligações de sua mãe, mas ela havia deixado muitas mensagens para que Nat soubesse exatamente sobre o que ela queria falar - ou seja, quem era essa noiva de Asher que todo mundo estava falando e por que ela não tinha ouvido uma palavra sobre isso.

Obviamente, Nat sabia que era demais esperar que o que havia acontecido no tribunal tivesse permanecido no tribunal. Demasiado esperar ter um pouco de privacidade durante seu tempo em Havenbrook. Não, Nat estava certa de que os detalhes da noiva de Asher se espalharam como fogo antes que o juiz sequer batesse o martelo.

— Ava e Ella vão estar aqui? — June perguntou, puxando Nat enquanto ela saltava pela calçada da frente alinhada com flores recém-plantadas.

— Não tenho certeza, Junie B. Elas podem estar na casa do pai neste fim de semana.

June estufou o lábio inferior em um beicinho e abaixou os ombros. —Mas eu gosto de brincar com elas, — ela disse, sua voz mais próxima de um gemido que Nat já tinha ouvido.

— Bem, se elas não estiverem aqui, eu posso te prometer que minha mãe vai te entreter. Às vezes as garotas a ajudam a fazer uma torta – talvez você possa ser sua ajudante esta noite.

June sorriu para ela antes de voltar para Asher. —Eu poderia fazer uma torta, tio Asher!

Ele os alcançou e bagunçou o cabelo de June enquanto subiam os degraus da varanda da frente – também ladeados de flores recém-plantadas – o balanço vazio balançando na brisa quente. —Eu ouvi, Junebug. Só não coloque minhocas na minha.

A garotinha jogou a cabeça para trás e riu. —Minhocas não entram em tortas, bobo!

— Eles não? — Asher perguntou, fingindo confusão. —Então não coma a torta que está na geladeira em casa, ok? Eu preciso jogar fora.

Isso só fez June rir ainda mais, o som provocando um sorriso nos lábios de Nat enquanto ela observava a interação entre os dois. Embora conhecesse Asher há duas décadas, ver esse lado dele era algo totalmente novo, e ela estava completamente imersa nisso desde que chegou. Ela não podia negar o quanto ela o amava.

— Isso é tão nojento, tio Asher!

— Seu tio *é* bem nojento, não é?— Nat disse, arrancando ainda mais risadinhas de June.

Uma vez que chegaram à entrada da frente, Asher estendeu a mão sobre a cabeça de Nat e agarrou a porta de tela, segurando-a aberta para eles enquanto se inclinava em direção ao ouvido dela. — Um homem nojento com quem você concordou em se casar. Quem é o otário agora?

Como ela se acostumou nos últimos dias, duas emoções diferentes guerreavam dentro dela sempre que Asher mencionava exatamente o que ela havia concordado – medo de se prender intencionalmente e propositalmente nesta cidade, e então havia a alegria muito real sobre amarrando-se a *ele*, especificamente.

Antes que Nat pudesse responder, a porta da frente se abriu, e lá estava sua mãe. Caroline Haven pode ter tido quatro filhas crescidas e duas netas, mas ela ainda era um arraso. Ela tinha sido Miss Mississippi no passado – um título que Rory poderia reivindicar também – e ela ainda parecia a peça em sua imaculada saia rosa pálido e blusa marfim, seu cabelo escuro com mechas grisalhas puxado para trás em uma torção. Enquanto isso, Nat usava chinelos, um par de jeans rasgados e uma regata branca que sem dúvida estaria manchada de comida até o final da noite. Ela costumava deixar o cabelo secar naturalmente depois do banho, o que significava que era uma massa não muito lisa, não muito encaracolada e completamente rebelde. Ela e sua mãe eram tão diferentes quanto a noite e o dia, mas Nat a amava do mesmo jeito.

— Pensei ter ouvido um monte de comoção aqui. Por que vocês não entraram? — sua mãe perguntou, um sorriso brilhante em seu rosto, mesmo quando seu olhar pingou para cada um deles, bem como em algum lugar por cima do ombro de Nat – provavelmente procurando pela elusiva, futura Sra. McCoy.

— Asher estava nervoso, — disse Nat, entrando sem olhar para trás em direção a ele.

Ele soltou uma risada. —Eu prometo que não estava nervoso, senhorita Caroline.

— Bem, claro que não! Por que diabos você teria que ficar nervoso? — Ela estalou e deu um tapa no ombro de Nat. —Ela está apenas brincando com você, como ela adora fazer.

Nat assentiu. —É um dos meus passatempos favoritos, é verdade.

— Agora, deixe-me ver esses bebês! — Ela arrancou Owen direto dos braços de Asher sem perguntar, arrulhando para ele antes de se agachar na frente de June, um sorriso suave no rosto. —Estou tão feliz que vocês dois estão aqui! E as meninas estão especialmente emocionadas por *você estar* aqui, June. Se o seu tio disser que está tudo bem, você pode ir até o quintal e brincar.

June saltou na ponta dos pés, puxando a barra da camiseta de Asher, o movimento apenas o suficiente para dar a Nat uma pequena espiada ne estômago tonificado e um vislumbre do rastro de cabelo que desaparecia no cós de sua calça jeans. Ela o tinha visto sem camisa inúmeras vezes, então não havia uma boa razão para seus lábios se separarem apenas por ter esse vislumbre.

— Eu posso? *Posso*? — June perguntou.

Ele riu baixinho. —Sim, mas tenha cuidado. E sem cupcakes! — Ele gritou depois de sua forma recuando.

— Alguém pode, por favor, mostrar a senhorita June o quintal com as meninas? — sua mãe chamou em direção ao murmúrio de vozes vindo dos fundos da casa onde o resto da família sem dúvida estava.

Ela voltou sua atenção para Asher, seus olhos focados em laser mesmo enquanto ela entretinha um Owen contorcido em seus braços. —Agora, como você está, querido?

Asher assentiu e engoliu. —Estou bem, — ele disse, embora Nat tenha ouvido o suficiente em seu tom para saber que suas palavras não eram inteiramente verdadeiras.

Embora eles não tivessem falado especificamente sobre isso desde sua chegada, ela sabia que ele ainda estava carregando o peso de tudo – não apenas a morte de sua irmã e cunhado, mas de repente sendo empurrado para o papel de guardião... Pai, para todos os efeitos.

Então, não, ele não estava realmente bem. Mas ela estava fazendo seu melhor para ajudá-lo a chegar lá.

— Bem, estamos aqui se você precisar de *alguma coisa*. Não hesite em perguntar. E me lembrem antes de vocês irem, eu tenho algumas caçarolas que eu vou mandar vocês para casa também,— sua mãe disse, andando pelo corredor, sem dúvida supondo que eles a seguiam. Essa era Caroline Haven para você — calmamente autoritária e doce como uma torta, para que você nem percebesse que estava sendo mandada.

Divertida, Nat olhou para Asher com as sobrancelhas levantadas, e ele jogou um braço em volta do pescoço dela, puxando-a para o seu lado. Embora, como de costume, ele puxou muito forte, e ela teve que se segurar com uma mão em suas costas e a outra em seu estômago. Foi um movimento que eles fizeram uma centena de vezes antes, um que ela nunca pensou duas vezes. Mas agora, ela não

podia deixar de notar o quão quente e sólido seu abdômen estava sob sua mão ou quão perto seu outro estava de roçar a curva de sua bunda.

Dormir na mesma cama que ele, acordar para encontrar seus membros – no mínimo – entrelaçados tinha fodido completamente com sua mente.

— Pare de me maltratar, — ela murmurou, usando isso como uma desculpa para se afastar um pouco.

Ele bufou baixinho e sussurrou: — Como se alguém pudesse, a menos que você permitisse.

Inconsciente de sua conversa, sua mãe olhou para eles por cima do ombro enquanto caminhavam para a grande sala onde as vozes só ficavam mais altas. —Agora, o que é isso sobre cupcakes? Eu não assei nenhum... era para eu fazer?

Como Nat suspeitava, todos estavam lá – Will e Finn, Rory e Nash, Mac e Hudson, assim como seu pai rabugento e sua vovó mal-humorada. As portas envidraçadas que davam para o pátio dos fundos e o cenário logo atrás estavam abertas, e as risadas de suas sobrinhas e de June entraram.

— Não, de jeito nenhum, — disse Asher. —June comeu muitos cupcakes e ficou doente na outra noite.

— Oh não! Coitadinha.

— Sim. E, se você quer a verdade disso, foi tudo culpa de Nash, — Asher disse, completamente sério.

— Ei! — Nash disse de onde ele descansava no seccional na sala da família, Rory dobrado ao seu lado.

— O que, você está negando isso? — Asher puxou Nat junto com ele, tão confortável em sua casa de infância quanto ela. Ele passou quase tanto tempo lá quanto ela enquanto eles cresciam – quando eles passavam o tempo dentro de casa, de qualquer maneira. Normalmente, era sua preferência estar correndo e causando todos os tipos de problemas em vez de sob o olhar extremamente vigilante e extremamente sufocante do - uma vez - prefeito da cidade.

— Claro que sim, estou negando, — disse Nash, parecendo ofendido.

Asher deu de ombros. —Tudo o que estou dizendo é que Nat e eu tivemos que limpar o vômito depois que você foi embora, e foi tudo graças àqueles cupcakes que você trouxe do The Sweet Spot.

Com uma sobrancelha levantada, Hudson perguntou: —Você está dizendo que os cupcakes da minha irmã são tão ruins assim?

— Deus não. Eles são os favoritos. — Asher sentou em um canto do sofá e puxou Nat para perto dele. —O que estou dizendo é que Einstein aqui não precisava trazer mais de uma dúzia de cupcakes para três garotas loucas por açúcar.

— Quatro, — Nat corrigiu com um polegar apontado para si mesma.

— Só estou assumindo a culpa por trazê-los, — disse Nash. — É sua culpa que ela comeu tantos.

— Você está falando sobre mim ou June?— Nat perguntou.

— Espere – volte para a parte onde você disse que você e *Nat* limparam, — Mac disse, seus olhos arregalados e lábios entreabertos em choque.

Rory assentiu. —Sim, você tem certeza que não estava delirando e imaginou tudo?

Will – a mais gentil Haven – ainda a irritava. —Talvez você quis dizer que ela riu e apontou enquanto você limpava?

— Cala a boca, pirralhos, — disse Nat em uma risada. —Eu tirei a camisa cheia de vômito de June antes de limpá-la no banho.

— E o que você fez com a camisa? — Finn perguntou de onde ele estava sentado em uma cadeira, seu braço em volta dos quadris de Will enquanto ela se sentava no braço.

Nat deu de ombros, impenitente. —Eu joguei em Asher.

Uma grande dose de risos irrompeu pela sala, junto com um coro de respostas.

A mãe dela disse: —Agora, por que você faria uma coisa dessas? — ao mesmo tempo vovó disse: —Essa é a minha Nat, — com um brilho nos olhos.

— Parece certo, — papai disse. Então, baixinho, ele continuou: —A garota nunca fez um dia de trabalho honesto em sua vida. Ela certamente não começaria com vômito.

Em todos os seus vinte e seis anos, Nat nunca foi capaz de segurar a língua quando se tratava de seu pai, e era por isso que as

palavras estavam saindo antes que ela pudesse pensar duas vezes. — Você está certo, eu provavelmente deveria começar com paciência. Talvez puxe um cheque da cidade enquanto estou nisso. Você pode me dar algumas dicas sobre isso, papai?

Mac apertou os lábios, embora seus ombros tremessem com uma risada silenciosa. Will mordeu o lábio inferior no que parecia ser um esforço para parar o sorriso dela, embora Finn não tivesse escrúpulos e abriu um sorriso cheio de dentes. Até mesmo Rory parecia estar lutando para se controlar, considerando que ela estava voltada para Nash, que encontrou os olhos de Nat, cheios de risadas. Vovó sorriu por trás de seu coquetel habitual antes do jantar enquanto o rosto do papai ficava mais vermelho a cada segundo que passava.

— Agora, só um minuto, mocinha. Eu fiz muito mais do que isso no meu tempo servindo como prefeito.

— Claro, — Nat disse com um aceno definitivo. —Havia também o golfe, que tomava muitas tardes. — Mas acho que não sou muito para esse passatempo em particular. Agora que você não é mais o prefeito, você imprimiu cartões de visita por ser um pé no saco profissional?

Ela sabia que não deveria incitá-lo, especialmente considerando seu ataque cardíaco e subsequente cirurgia de coração aberto vários meses atrás, mas a verdade era que ela perdia cada pedaço de seu cérebro quando estava perto de seu pai. Ela evitou Havenbrook tanto por causa dele quanto da cidade.

— Bem, — sua mãe disse, entregando Owen para Nat. —Acho que essa é a deixa para o jantar. Vocês vão se lavar e chamar as meninas. Rory, Will, Mac – vocês vão arrumar a mesa, por favor?

Mac bufou e revirou os olhos. —O que, Nat sai impune? Figura.

— Eu acredito que sua irmã está muito ocupada com um bebê, não é?— Sua mãe atirou de volta, uma sobrancelha levantada.

— Sim, senhora, — Mac murmurou, lançando um olhar indiferente na direção de Nat, ao qual Nat apenas respondeu com um sorriso presunçoso.

— Finn, Nash e Hudson, vocês se importam de levar as travessas, por favor?

Um coro de —Sim, senhoras— subiu, e Nat sorriu ao ver como todos os 1,75m de sua mãe podiam comandar homens adultos 30 centímetros ou mais altos do que ela sem pestanejar.

— Asher, há uma cadeira alta na lavanderia, se você quiser pegar isso para Owen.

— Sim, senhora. — Ele se levantou, e não havia nenhuma boa razão que Nat tinha para imediatamente sentir falta do calor de seu corpo onde estava pressionado contra o dela.

— Serei capaz de comer esta refeição ou você me preparou uma salada, Caroline? — Seu pai empurrou para se levantar de sua poltrona, e Nat não pôde deixar de notar que ele levou mais tempo do que o normal para fazê-lo.

Ela sentiu uma pontada de culpa por irritá-lo como costumava fazer, em vez de ir com calma. É verdade que ela esteve em casa mais nos últimos meses pós-cirurgia do que nos anos anteriores combinados, mas ela ainda não estava aqui dia após dia para monitorar seu progresso ou seu declínio.

— Você vai comer o que eu te alimentar sem reclamar, Richard, — sua mãe falou da cozinha, nem mesmo se preocupando em dar um olhar para o pai.

— Não contaria com isso, querida, — Vovó disse, apenas alto o suficiente para Nat ouvir.

As duas compartilharam um sorriso. Enquanto Nat sentia falta de suas irmãs e mamãe desde que ela se foi – e, tudo bem, às vezes seu pai – ela ansiava por estar perto de vovó acima de tudo. Sua avó sempre foi a única a encorajá-la... todas as garotas de Haven, na verdade. Fosse fotografia ou viagem ou simplesmente subir em árvores, vovó a encorajou a fazer o que ela amava sem se importar com o que os outros pensavam disso. Na verdade, Nat devia a sua avó por cada grama da mulher teimosa, forte e independente que ela se tornou.

— Bem, não fique aí sentada, — Vovó disse. —Venha aqui e ajude uma velhinha a se levantar. Seu pai está prestes a reclamar de novo para sua mãe, e eu não quero deixar de ouvi-la colocá-lo em seu lugar.

Nat riu e colocou Owen no chão, que imediatamente saiu engatinhando. Em pânico, ela percebeu que não havia verificado se a

área era segura e rapidamente examinou a sala para garantir que não havia facas ou atiçadores quentes espalhados.

Uma vez que isso foi confirmado, ela caminhou até a vovó e ofereceu-lhe uma mão. Era uma desculpa, é claro, porque a vovó provavelmente estava em melhor forma do que Nat. Ela caminhava todos os dias com seus amigos, geralmente cruzando a Praça com seus pesos nos tornozelos e pulsos antes que o sol começasse a bater e assar tudo até ficar crocante. Agora que eles tinham acabado de entrar na ponta dos pés em maio e estavam chegando na temporada de saco de baseball de Satan, eles sem dúvida estariam encontrando outro lugar para entrar em sua sessão diária de conversa — err, exercício. Embora, conhecendo vovó, Edna e o resto do grupo de velhinhas, elas provavelmente comprariam uma academia apenas para o colírio para os olhos.

— Você não precisava de mim para isso. — Nat ajudou vovó a se levantar enquanto mantinha um olho de um cruzeiro em Owen.

— Você tem razão. Eu só queria colocar minhas mãos naquele bebê, e então você foi e o colocou no chão de qualquer maneira.

— Apenas me usando, hein? Isso é brutal, vovó.

— Eh,— ela disse, despreocupada. —Venha me visitar mais vezes se quiser que eu seja mais gentil com você. E me traga aquele bebê.

Nat riu e pegou Owen enquanto ele tentava passar. Vovó estendeu os braços para ele, e ele se inclinou para ela sem parar, balbuciando e babando.

— Bem, você não é apenas um doce?— Vovó disse, levando-os para a sala de jantar.

— Sim, ele é. Mas ele vai ser um desafio. Ele já está tentando escapar do berço e não tem nem nove meses.

— Isso mesmo? — Vovó perguntou. — Parece problema. Falando nisso, quando você vai me dar outro bisneto?

— O que? — Mamãe disse, sua voz rápida como um chicote enquanto seus olhos dispararam para Nat antes de cair em seu estômago.

Seu pai não era tão frio, e seu afiado, — *O quê*? — poderia ter matado um homem se as palavras fossem armas.

— Viu o que você fez agora, velha? — Nat disse para vovó antes de encarar a sala e revirar os olhos. —Eu não estou grávida.

— Oh, graças aos céus, — Rory disse com um suspiro pesado, afundando de volta em seu assento na mesa da sala de jantar. —Eu não acho que o mundo está pronto para outro de você ainda.

Papai esfregou o peito. —Não vá falando bobagens como essa, mamãe. Você vai me dar outro ataque cardíaco.

— Isso não é engraçado, papai! — Will e Mac dispararam simultaneamente.

— Quem disse que eu estava brincando?

— Todo mundo pode relaxar, — disse Nat. Mas já que ela *tinha* algumas novidades para dar, agora era provavelmente uma boa hora. Ela encontrou o olhar de Asher do outro lado da sala onde

ele estava caminhando para o seu lugar depois de colocar June na mesa infantil. —Na verdade, enquanto todo mundo está agitado, eu posso dar a notícia.

—Não me diga que *Will* está grávida? — Papai apontou um dedo para Finn, seus olhos nada mais do que fendas estreitas. —Se você engravidou minha filha poucas semanas antes do casamento, eu vou…

Finn ergueu as mãos. —Não se preocupe, Dick, estamos usando proteção.

— Oh minha *nossa*. — Will gemeu e deixou cair a cabeça entre as mãos, sem dúvida cobrindo o rosto vermelho de beterraba.

— Agora é provavelmente um bom momento. Distraia-os e tudo mais, — Mac disse no ouvido de Nat enquanto ela caminhava para seu lugar na mesa ao lado de Hudson.

Asher se sentou à esquerda do lugar habitual de Nat, sua atenção fixa nela. Ava, Ella e June estavam todas conversando animadamente em sua mesa lateral, e Owen balbuciava alegremente na cadeira alta que mamãe havia colocado entre ela e vovó, mas todos os outros olhavam silenciosamente para Nat, esperando por sua grande proclamação.

Ela demorou, mesmo com todos os olhos sobre ela, e sentou-se, desdobrando o guardanapo de pano antes de colocá-lo no colo. — Asher e eu vamos nos casar amanhã. Alguém poderia passar o purê de batatas, por favor?

chapter twelve



— Bem, isso poderia ter ficado melhor, — disse Asher.

Para ser justo, foi exatamente como Nat esperava. A mesa inteira olhou para ela em choque por vários segundos antes de explodir em caos. Suas irmãs certamente não seriam atrizes tão cedo, mas felizmente, seus pais e vovó estavam tão preocupados com a notícia que não prestaram a mínima atenção às habilidades de atuação abismais de suas irmãs.

Embora não fosse grande coisa – e certamente não era seu primeiro rodeio ao mentir para seu pai – ela não gostava de fazer isso com sua mãe. E ela absolutamente odiava estar mentindo para vovó. Embora pelo jeito que os olhos da vovó ficaram presos nela e em Asher durante a refeição, Nat não tinha tanta certeza de que eles tinham conseguido alguma coisa além da mulher mais velha.

— Você acha? — Nat disse antes de deslizar para a cama.

Asher bufou, tirando sua camiseta antes de jogá-la no cesto de roupa suja junto com sua calça de moletom. Era o mesmo movimento

que ele fazia todas as noites, mas não impediu que sua boca ficasse seca. Ela começou a manter uma maldita garrafa de água ao lado da cama por causa disso.

— Viu tudo acontecendo, não é? — Ele disse.

— Praticamente chamei tudo. — Nat começou a marcar os itens em seus dedos. —Mamãe chorou. O rosto do papai ficou vermelho como o tomate, como sempre. E vovó queria saber se haveria um bar aberto.

Asher puxou as cobertas e deslizou para a cama, desligando a lâmpada e mergulhando o quarto na escuridão. —Eu pensei que o casamento real seria o choque. Mas aparentemente não ter uma recepção é um crime muito maior.

Nat virou de lado para encarar Asher. Estava escuro o suficiente para que ela não pudesse vê-lo, mas de alguma forma ela sabia exatamente a que distância ele estava, o ar parecendo crepitar entre eles. —Foi muito engraçado quando Rory percebeu que, se isso realmente fosse uma surpresa, ela teria ficado tão chateada quanto mamãe e papai, então ela teve que entrar nisso também.

— Eu acho que a grande questão é, nós conseguimos isso? — Asher perguntou, sua voz apenas um sussurro na sala.

— Honestamente, não tenho certeza. Minha mãe lê romances suficientes para comprar esse gancho, linha e chumbada - melhores amigos ao longo da vida finalmente percebem o erro de seus caminhos e se apaixonam um pelo outro, apenas para serem arrebatados por um romance relâmpago e querem se casar?

— Então essa é a história que vamos seguir?

— É a mais crível, não é?

— Estou surpreso que eles me deixaram arrastar você para longe. Achei que sua mãe ia ter um enfarte por nos vermos esta noite antes do grande dia de amanhã.

— June e Owen são ótimos – e eu pensaria isso de qualquer maneira – mas eu os amo especialmente por agora me dar uma desculpa para escapar dos meus pais.

Ficou quieto por vários momentos, e Nat se perguntou se Asher tinha adormecido no meio da conversa, como ele tinha feito dezenas de vezes quando eles eram adolescentes esgueirando-se para dormir na casa da árvore. Seu pai o construiu para propósitos muito menos nefastos. Bem, seus *pais* achavam que seu uso era nefasto - ela e seus dois melhores amigos homens, dormindo, Nat querendo fazer o que todos os seus outros amigos tinham que fazer. O que suas irmãs tinham que fazer. Ou seja, ter festas do pijama com seus melhores amigos. Mas porque esses melhores amigos tinham um apêndice muito importante, foi expressamente proibido.

Bem, Nat não se dava bem com nada proibido. Então, ela daria a desculpa de que estava hospedada na casa de outra pessoa, arrumaria suas coisas e marcharia para a casa da árvore na propriedade deles. Graças a Deus a propriedade era grande o suficiente para que seus pais não soubessem.

Nash sempre foi o primeiro a adormecer, sem dúvida graças ao seu trabalho manual depois da escola, trabalhando para a empresa de construção de sua família. Isso significava que ela e Asher haviam

sussurrado noite adentro, até que de repente era apenas ela falando sozinha enquanto os roncos suaves de Asher cumprimentavam seus ouvidos.

— Você está com sono? — Ela sussurrou, suas palavras mal uma respiração.

Os lençóis farfalharam e, de repente, o braço de Asher estava ao redor dela, pressionando contra a parte inferior de suas costas e puxando-a para ele.

Ele levantou a cabeça do travesseiro e a enterrou em seu pescoço, apertando-a com força. —Obrigado, Nattie.

Automaticamente, seus braços o envolveram, e ela se forçou a prestar atenção nas palavras dele e não na forma como o comprimento do corpo dele se encaixava no dela. Como as pontas de seus seios roçaram contra o peito dele através apenas do algodão fino de sua regata. Como ela de repente, embora ela nunca tenha sido de se esquivar de mostrar seu corpo e frequentemente andava em nada mais do que calcinha e sutiã, de alguma forma sentiu que a bermuda e a blusa que ela usava não eram suficientes. Ela poderia muito bem estar nua pela forma como seu corpo respondeu.

— Você não precisa me agradecer, — ela disse, passando a mão pela extensão nua de suas costas, ignorando os minúsculos zunidos de eletricidade em seu contato pele a pele. —Isso tudo faz parte do show da melhor amiga, certo?

— Não é, e você sabe disso. Eu só... não sei o que faria sem você. Não sei o que faria sem *eles*, e você tem certeza de que não preciso.

Ela não tinha certeza de quanto tempo eles ficaram assim, ambos compartilhando seu travesseiro. Suas respirações varrendo contra ela seios, repicando seus mamilos ainda mais do que antes.

Mas isso estava bem. Nada demais. Ela sentiu atração por homens antes e não tinha agido sobre isso. Na verdade, aqueles homens não eram seus melhores amigos com quem ela estava o tempo todo. Eles também não eram seu parceiro de cama atual, então tinha sido um pouco mais fácil evitar a tentação. Mas todas essas coisas combinadas não tinham nem um quarto do peso do que estava prestes a ser verdade amanhã.

Porque, às quatro horas, ela estava prestes a ser a Sra. McCoy. E este homem que ela de repente se sentiu atraída - uma atração que ela não podia agir - estava prestes a ser seu marido.

chapter thirteen



Antes da semana passada, o casamento não havia entrado na mente de Asher nem uma vez. Não que ele fosse contra isso em si. Os pais dele tinham tido um casamento perfeito. Ou assim parecia aos seus olhos de qualquer maneira. Claro, ele tinha certeza de que eles tinham seus altos e baixos como qualquer casal teria, mas nada dramático. Nada que pudesse afugentá-lo da instituição.

Mas ele tinha apenas vinte e sete anos, e nem mesmo sentia que tinha realmente começado sua vida. É verdade que ele provavelmente experimentou mais vida em seu curto período nesta terra do que muitas pessoas com três vezes sua idade, mas isso não significava que ele tinha acabado de viver a vida de solteiro. Sem mencionar o fato de que não era exatamente fácil encontrar um parceiro que entendesse o suficiente para aturar sua vida no cenário musical de Nashville. Agora, pelo menos, quando ele ainda não era grande o suficiente para ser um nome familiar, isso significava horas tardias e não muito tempo de folga. E finais de semana? Quais eram aqueles?

Sem mencionar estar bem com ele estar extremamente perto de sua melhor amiga muito feminina e muito bonita.

Ele imaginou que teria muito tempo para descobrir isso. Casar, ter alguns filhos. Talvez algum dia. Mais de dez anos na linha.

Mas agora ali estava ele na manhã de seu casamento, prestes a se casar com a última garota do mundo que ele teria pensado. E ainda, de alguma forma, a primeira que ele sempre quis.

A luz da manhã entrou na ponta dos pés no quarto, lançando um brilho suave sobre Nat enquanto ela dormia profundamente ao lado dele, sua mão dobrado sob sua bochecha. Ela ainda estava na posição em que estava na noite passada quando ele a abraçou e adormeceu com a canção de ninar de seus batimentos cardíacos. Não era a primeira vez que eles acordavam um ao lado do outro. Antes dessa nova realidade, eles fizeram isso centenas de vezes antes.

De todas as decisões loucas, mal concebidas e espontâneas que ele tomou em sua vida, Nat esteve presente em pelo menos noventa por cento delas. Isso não era novo para eles. E, no entanto, o sussurro de nervos sobre o que este dia significava ainda estava em seu estômago. Ele não entendia o porquê, no entanto. Era apenas Nat. E, sinceramente, não havia ninguém no mundo com quem ele preferisse fazer isso do que ela.

Para ser justo, porém, talvez parte de seus nervos viesse do fato de que eles estavam prestes a estar no centro do palco, empurrados para um relacionamento que, antes de uma semana atrás, nem existia. E agora, de repente, eles deveriam estar loucamente apaixonados o suficiente para prometer suas vidas um ao outro.

Tudo isso, e eles nem se beijaram.

— Você sempre me encara enquanto eu durmo?— Nat perguntou, sua voz rouca de sono. —Quem é você, Edward Cullen?

— Eu sei que você gostaria de estar se casando com seu vampiro favorito hoje, mas infelizmente, sou só eu.

— Sim, não vou mentir, isso é uma verdadeira decepção, — Nat disse, completamente séria enquanto ela fechava os olhos novamente e enfiava os dedos dos pés entre suas panturrilhas. Jesus, não importa a temperatura externa, os dedos dos pés dessa garota eram constantemente pingentes de gelo. —Sério, porém, em uma escala de um para Edward, o quanto você costuma ser nojento quando estou dormindo?

Asher riu. —Geralmente talvez, tipo, dois? Hoje, estou caminhando para um nove. — Em mais de uma maneira, mas, como ele tinha feito diligentemente todas as manhãs em que eles acordaram juntos, ele fez um esforço conjunto para manter essa informação o mais longe possível dela.

— Bem, pelo menos você é honesto. O que te empurrou para o território de perseguidor esta manhã?

— Bem, eu estava pensando...

— Não podemos fazer nada ilegal hoje, — disse Nat. —Nós deveríamos nos casar, lembra?

Ele abriu um sorriso. —Sim, isso é exatamente o que eu estava pensando enquanto eu estava rastejando em você.

— Tentando descobrir como sair da velha bola e corrente?

Ele soltou uma risada e balançou a cabeça. —Pensando em como nosso primeiro beijo não deveria ser na frente de uma multidão, na verdade.

Os olhos de Nat se abriram, e ela olhou para ele, seu olhar muito mais alerta do que estava apenas um momento antes. —Esta é a sua maneira de tentar obter o leite de graça antes de comprar a vaca?

— Acho que isso tem a ver com muito mais do que um beijo. Você está oferecendo?

Ela revirou os olhos e colocou a mão em seu peito, o calor de sua palma penetrando em sua pele. —Calma aí, Casanova. Eu vou te dar o beijo, mas vai demorar muito mais do que sua voz doce e rouca e sua cabeça de cama bagunçada para me atrair para fazer sexo com você.

Nat fez uma careta, o movimento exagerado deixando claro que ela não estava levando isso a sério. Algo que ele sabia que não deveria estar fazendo também. Mas ainda assim, esta não era apenas uma garota aleatória. Alguém por quem ele estava atraído e teve a breve noção de beijar por um tempo. Está era Nat. Alguém que esteve em sua vida quase a totalidade dela. Alguém que esperava estar nele por muito mais tempo ainda.

Por causa disso, ele estendeu a mão e gentilmente afastou o cabelo de seu rosto, arrastando as pontas dos dedos pelo lado de sua mandíbula e segurando sua cabeça enquanto deslizava os dedos em seu cabelo. Ele passou o polegar contra a pele macia de sua bochecha,

seu olhar lançando-se para estudar cada uma de suas feições. Ela estava ali, de olhos fechados, os cílios varrendo o topo de suas bochechas. Seus lábios estavam separados, sua respiração soprando mais rápido ao longo de sua pele quanto mais tempo ele levava para estudá-la.

Incapaz de esperar mais um segundo, ele fechou o espaço entre eles, suas pálpebras se fecharam até que, finalmente, seus lábios se apertaram e ele a estava respirando. E, sinceramente, ele pensou sobre isso um punhado mais esta semana, sabendo que eles teriam que fazer isso em algum momento. E embora pelo menos o primeiro tivesse, às vezes, sido exagerado, essas fantasias ainda não chegavam aos pés do real.

Enquanto seus lábios se moviam juntos, cada noção preconcebida que ele já teve sobre como isso poderia ter sido com ela foi completamente explodida. Não querendo ultrapassar nenhum limite, ele inicialmente o manteve lento e doce. Gentil. Casto. Mas no primeiro gemido ofegante que saiu dos lábios de Nat, todas as apostas foram canceladas.

Ele gemeu quando passou a língua em seus lábios, então em sua boca quando ela se abriu para ele. Apesar de quão diligentemente ele trabalhou para manter sua ereção furiosa longe dela, no final, não importava. Não quando ela enganchou a perna sobre o quadril dele, se acomodou o mais perto possível, e balançou sua boceta contra ele.

— Ash… — ela sussurrou enquanto o segurava pela parte de trás de sua cabeça, inclinando as costas para que ele pudesse trilhar beijos na frente de seu pescoço.

Jesus, por que eles nunca fizeram isso antes? Isso tinha sido o que ele estava sentindo falta toda a sua vida? O que ele fechou a porta sem sequer examiná-la muito de perto por medo do que ele poderia perder, caso desse errado?

Ele deveria saber que seria assim entre eles. Tudo com eles era sempre tão fácil. Era de se admirar que a química sexual deles também fosse?

— Porra, você se sente bem, — disse ele em seu pescoço.

Ontem à noite, ele estava desejando que ela tivesse usado mais roupas para dormir, mesmo que apenas para manter uma coleira em seu pênis. Mas agora, ele queria que cada ponto de algodão entre eles se fosse para que ele pudesse sentir cada centímetro de sua pele pressionada contra a dele. Poderia chupar seus mamilos em sua boca. Poderia banquetear-se com sua boceta até que ela gozasse. Poderia afundar tão fundo, ele não poderia dizer onde ela terminou e ele começou.

Alcançando ao redor, ele espalmou sua bunda e a puxou com força para cima e contra ele, provocando um suspiro afiado de seus lábios. Assim que ele deslizou os dedos sob o tecido de algodão, a porta do quarto se abriu, e June correu, seu vestido de fada que Rory havia emprestado a ela.

Nat se afastou, seus olhos arregalados, mas nublados, como se ela tivesse acordado de um sonho cheio de sexo.

— Estou pronta! — June gritou, subindo para pular na cama. —Vamos lá!

— Ei, ei, ei, Junebug, — disse Asher, manobrando para pegá-la antes que ela os encarasse, enquanto, ao mesmo tempo, trabalhava para esconder sua ereção dolorida.

Nat olhou para baixo e notou claramente sua situação, seu lábio inferior preso entre os dentes enquanto seus olhos praticamente brilhavam. —Ainda não está na hora, Junie B. Mas acho que você poderia usar um pouco de brilho labial. O que você acha?

— Sim! — June saiu dos braços de Asher e correu de volta para o corredor.

Nat jogou fora a roupa de cama, tomando cuidado para deixá-lo coberto, e saiu da cama. Ela vestiu uma calça de moletom, mas não antes de dar a ele uma olhada em sua bunda firme e o contorno sombreado de seus mamilos escondidos sob sua regata roxa clara.

Ela pegou um de seus moletons e o vestiu antes de ir até a porta. Ela parou na soleira, uma mão contra a guarnição enquanto ela olhava para ele por cima do ombro, seus olhos positivamente brilhando. —Eu vou mantê-la ocupada se você, hum, quiser Edward Cullen mais uma coisa hoje e cuidar da fera em suas calças sozinho.

— Ah, você é muito engraçada.

Sua risada de resposta se espalhou pela sala enquanto ela fechava a porta. Com um gemido, ele bateu a cabeça no travesseiro, as palmas das mãos pressionadas nos olhos enquanto seu pênis ainda latejava, exigindo atenção. Se ele não cuidasse disso agora, não havia como ele ficar perto de Nat o dia todo sem se distrair com cada movimento que ela fazia.

Aproveitando-se de estar sozinho, ele empurrou sua cueca boxer para baixo o suficiente para libertar seu pau e agarrou-o com força. Normalmente, suas fantasias mostravam mulheres sem rosto – apenas formas abstratas fazendo as atividades que ele queria. Agora, porém, seus olhos ainda não estavam fechados antes que fosse o rosto de Nat enchendo sua mente. Seus gemidos guturais em seu ouvido e suas mãos agarrando-o mais perto.

Ele ainda podia sentir o calor de sua boceta contra ele, e ele mordeu o lábio para abafar seu gemido. Porra, ele já estava perto. Já a segundos de gozar, e ele não tinha feito mais do que imaginá-la ajoelhada ao lado da cama, as mãos puxando para baixo a calça de moletom, os olhos fixos em seu pau dolorosamente duro.

Aparentemente, ele cometeu um erro ao imaginar mulheres sem rosto, sem forma e sem nome quando ele só precisava imaginar uma para gozar.

— Nat, — ele disse, provavelmente mais alto do que deveria, mas ele estava longe demais para se importar, sua mão um borrão sobre sua ereção grossa, seu polegar varrendo a cabeça a cada passagem.

A comoção soou no corredor, mas não o suficiente para tirá-lo de seus pensamentos. Não quando ele estava tão perto. Não quando, em sua mente, ele estava prestes a pintar os lábios dela com seu gozo antes mesmo que ela passasse a língua sobre a cabeça de seu pênis.

— Espere aí, — Nat chamou, e ouvir a voz dela tão perto enviou um choque através dele, suas bolas apertando contra seu corpo enquanto sua respiração se tornava irregular.

E então a maçaneta girou.

— Eu estarei aí, June. — Ela enfiou a cabeça para dentro. — Você chamou…

— Não, — ele tentou, embora tenha saído estrangulado.

Ele não sabia se estava falando com ela ou com ele mesmo. Não importava porque era tarde demais de qualquer maneira. Seus olhos se encontraram, e Asher gemeu enquanto olhava para ela, seu pau vibrando no ritmo da subida e descida de seu peito enquanto o calor de seu gozo se derramava em seu estômago nu.

Nat olhou por longos momentos enquanto tentava recuperar o fôlego antes de June chamá-la novamente. Com um pedido de desculpas murmurado, ela fechou a porta na cara dele, deixando-o para se limpar e se perguntar como diabos eles iriam atravessar isso.



Nat tinha certeza de que ela não era a primeira noiva a pensar em como seu futuro marido parecia quando ele gozou – bochechas coradas, lábios entreabertos, pau grosso na mão enquanto seus olhos a fixavam no lugar – mas ela não era exatamente uma noiva típica.

Desde o momento em que o encontrou, ela não conseguiu tirar a visão dele de sua cabeça. Deitado ali, os músculos do estômago ondulando, os braços apertados enquanto ele se acariciava cada vez mais rápido. E então, quando seus olhos se fixaram nos dela e ele se derramou em seu estômago, ela quase gozou sem sequer um movimento em seu clitóris.

Uma coisa era certa – ela definitivamente não precisava de nenhum rubor hoje, porque suas bochechas estavam coradas desde o momento em que ela fechou a porta com um pedido de desculpas esganiçado, e eles não mostraram sinais de desistir tão cedo.

A verdadeira questão era, o que diabos eles faziam agora? Não apenas depois que ela tropeçou nele dando prazer a si mesmo – enquanto dizia *seu* nome, aparentemente – mas também havia aquele beijo para enfrentar. Eles podem ter sido capazes de alegar

ignorância antes disso, mas agora não havia como negar a química que crepitava entre eles.

Ela não tinha certeza do que era pior, estar em um casamento com alguém que ela não estava atraída, ou estar em um com a melhor amiga que ela absolutamente *era*.

— Está na hora de ir *agora*? — June perguntou, frustração mal contida ecoando em sua voz.

— Quase, Junebug, — disse Asher. —Você colocou seu vestido bem cedo. Nós não vamos sair ainda.

— Na verdade, isso pode ter mudado, — disse Nat quando uma mensagem chegou de sua mãe.

Asher olhou para ela, a primeira vez que ele fez contato visual por mais de um segundo fugaz desde Cockgate[5], e levantou uma sobrancelha. —Contanto que não seja você me dando as costas, podemos descobrir.

Nat riu e afastou sua preocupação. Surpreendentemente, o pensamento de não seguir em frente nem uma vez passou por sua mente. Mas isso era algo que ela poderia desempacotar mais tarde. Agora, eles tinham outras coisas para lidar.

Ela virou o telefone para encará-lo e gesticulou para ele. — Minha mãe está nos culpando para irmos tirar fotos. O que, já que não nos importamos o suficiente para convidá-la para a cerimônia e tudo mais.

[5] Porta pau.

Asher bufou uma risada e esfregou a mão em sua barba aparada. —Tudo bem. Se vamos fazer isso primeiro, é melhor irmos em frente. Quanto tempo até você estar pronta? — Ele perguntou com uma sobrancelha levantada.

— Tudo o que preciso fazer é colocar meu vestido, mas ela me ordenou que não fizesse isso também, para que não ficasse amassado. Então... acho que estou pronta agora? E você? Você está pensando em se arrumar um pouco? —Ela perguntou, de alguma forma, conseguir manter uma cara séria mesmo com sua mentira descarada.

Ele parecia ridiculamente quente em seu jeans escuro, colete e uma camisa cinza clara de botão enrolada até os cotovelos, mostrando os antebraços tonificados que ela nunca tinha prestado muita atenção antes. Mas agora, depois de vê-los flexionar enquanto ele bombeava seu pênis poucas horas antes, eles definitivamente estariam estrelando suas fantasias noturnas. Ele deixou o cabelo solto como ela amava, e ela teve o desejo mais forte de passar os dedos por ele. Juntar um punhado apenas para guiar o rosto dele para perto do dela.

— Pensei em ir assim, — disse ele com um encolher de ombros. —Espero que não seja um fardo demais dizer *que sim* a alguém que parece um vagabundo.

— Vou me forçar a sofrer.

— Obrigado. Podemos sair assim que Owen acordar e passar pela casa de seus pais a caminho do tribunal.

Assim que as palavras saíram da boca de Asher, a babá eletrônica estalou com os murmúrios felizes e sonolentos de Owen.

— Vou arrumar a bolsa de fraldas, — disse ela, sem ter ideia de quem diabos ela se tornou aquele que se tornou seu primeiro instinto.

— Já está na sua frente, esposa. — Asher piscou e gesticulou para onde a bolsa de fraldas estava na porta lateral.

Nat ignorou a forma como seu estômago se afundou antes de subir graças ao apelido que na verdade não significava nada. E ela absolutamente não o viu andar pelo corredor em direção ao quarto de Owen, ou admirar a forma como seu jeans abraçava sua bunda, ou morder o lábio sobre seu passo confiante. *Não fiz.*

Tirar todos da casa ainda não era um assunto rápido, não importa quantas vezes eles tivessem feito isso, então foi quase uma hora depois que eles entraram na casa dos pais dela. Sua mãe não era exatamente o tipo de mulher que deixava seus convidados entrarem sem dizer uma palavra – sua hospitalidade sulista muito arraigada para isso – e era por isso que era tão bizarro que ninguém os cumprimentou quando eles entraram pela porta.

Nat franziu a testa, olhando para a casa vazia. —Olá?

— Nat, você está aqui! — Sua mãe disse, muito alto, um sorriso brilhante em seu rosto enquanto ela virava a esquina dos fundos da casa. Ela caminhou em direção a eles em uma saia cinza clara e uma blusa de seda azul marinho sem mangas, seus saltos estalando na madeira – a mulher não sabia o significado de roupa de dormir.

— Para que vocês estão vestidos? — Nat perguntou. —Você não está buscando um convite para o tribunal, certo? Sério, não é um grande…

— Não, não. — Sua mãe acenou para ela. —Nada como isso. Eu só, hum, tenho uma reunião mais tarde com o comitê histórico.

Nat estreitou os olhos. Embora não fosse incomum para sua mãe ter uma reunião dessa natureza, *era* incomum ela tropeçar em suas palavras. Algo estava errado aqui, Nat só não tinha certeza do quê. Antes que ela pudesse perguntar o que diabos estava acontecendo, sua mãe agarrou a mão de June e girou a garotinha, a saia esvoaçando ao redor dela.

— Estou tão feliz que o vestido velho de Ava serviu em você, — mamãe disse, sorrindo para June. —Você parece uma princesa!

— Eu pareço? — June perguntou, admiração em sua voz enquanto olhava para si mesma com os olhos arregalados.

— Você certamente parece.

June olhou para Nat e Asher, um sorriso dividindo seu rosto. — Eu sou uma princesa hoje!

— Você é definitivamente bonita o suficiente para ser uma, — Asher disse enquanto habilmente se esquivava dos braços agitados de Owen.

— Por que você não me dá este? — sua mãe disse, agarrando Owen dos braços de Asher sem esperar pelo ok. —Vou levar as crianças para fora para que você possa se trocar, Nat. Asher, você se

importaria de ficar por aqui caso ela precise de ajuda? Além disso, eu gostaria de tirar uma foto de vocês dois andando lá fora, tudo bem?

Assim como ontem, sua mãe não esperou por uma resposta antes de caminhar pelo corredor em direção ao quintal, a mão de June agarrada à dela enquanto Owen sorria para eles por cima do ombro.

— Bem, acho que temos nossas ordens, — disse Nat com um revirar de olhos. Na verdade, era uma prova de quão longe ela tinha chegado que ouvir algo assim não a fez fugir imediatamente na direção oposta.

Normalmente, Nat não pensaria duas vezes antes de arrastar Asher para cima e para dentro de seu quarto enquanto ela se trocava, fazendo-o fechar o zíper sem questionar. Mas agora, com essa atração pesada entre eles que nunca esteve presente antes, ela sabia que eles estavam em terreno instável, e fazendo-o observá-la, a mudança provavelmente não foi a ideia mais inteligente logo antes de eles se casarem de mentira.

Sabendo que eles não tinham muito tempo, ela empurrou esses pensamentos de sua mente e caminhou em direção ao banheiro do andar principal. —Vou demorar um segundo, — disse Nat, segurando a bolsa de roupas para que não se arrastasse no chão.

Ontem à noite, depois de uma ligação de emergência para a melhor amiga de Will, Avery, pedindo emprestado um vestido apropriado para um casamento no tribunal —Algo legal, mas não *muito* legal. Elegante, mas ainda meio descolado. É Nat, afinal, — sua irmã o havia deixado, e Nat nem tinha aberto o zíper da bolsa

para espiar. Não era como se ela tivesse muita escolha no assunto. Ela não trouxe exatamente roupas de casamento com ela para a Argentina, e não teve tempo de passar por Portland para invadir seu armário quando ela largou tudo para voar para casa em Havenbrook. Não importa o vestido, ela o usaria porque não tinha nenhuma intenção de aparecer para se casar com Asher, parecendo uma vagabunda enquanto ele parecia ter saído das páginas da *GQ*.

Ela pendurou o vestido no gancho na parte de trás da porta antes de abrir a bolsa de roupas e abri-la. Sua respiração ficou presa quando ela o engoliu. O vestido era longo e esvoaçante, uma mistura de rosa pálido, lavanda e azul-petróleo, todos entrelaçados para parecer algodão doce de unicórnio. A frente caía para baixo - graças a Deus seus seios eram pequenos o suficiente para que ela não precisasse de sutiã, porque não havia como ela usar um com isso - o vestido sustentado por pequenas alças cobertas com mangas drapeadas.

Nat se despiu, despindo-se até que ela vestisse apenas uma calcinha de renda rosa pálido, muito consciente de que Asher estava do outro lado da porta. Ela deslizou o vestido pela cabeça, o tecido macio deslizando sobre seu corpo como se fosse feito sob medida para ela. Ela fechou o zíper o máximo que pôde antes de aceitar que não seria capaz de terminar o trabalho sozinha.

Ela abriu a porta uma fresta, e a cabeça de Asher estalou de onde ele estava, apoiado contra a parede oposta a ela.

— Você precisa de ajuda? — Sua voz era baixa quando seu olhar baixou, embora ela soubesse que ele não podia ver nada desde que ela estava atrás da porta.

— Sim, você se importa? — Ela perguntou, sem ideia de por que ela soava tão malditamente ofegante.

Ela abriu a porta o resto do caminho e virou as costas para ele, segurando um calafrio com a mudança de temperatura quando ele se aproximou. Seus dedos roçaram um caminho por sua espinha enquanto ele colocava o vestido nela, e seus mamilos se cravaram no toque leve como uma pluma.

Segurando a respiração, ela o observou no espelho, o queixo dobrado no peito, os olhos baixos enquanto ele mantinha o foco em sua tarefa em mãos. Quando ele fechou o zíper até o fim, ele ergueu o olhar para encontrar o dela no espelho, aquela eletricidade recém-presente formando um arco entre eles.

Depois de várias batidas silenciosas, ele finalmente disse: — Você é linda.

E ela não conseguia falar. Não conseguia respirar.

Não podia fazer nada além de ficar presa em seu olhar enquanto ele olhava para ela como se ela fosse tudo. Como se ele desejasse estar tirando o vestido dela em vez de colocá-lo. Como se ele quisesse um replay desta manhã, mas sem a interrupção, só para ver até onde as coisas iriam. Como se ele quisesse beijá-la novamente como preparação para muito mais.

Ela engoliu em seco e desviou os olhos. —Aposto que você diz isso para todas as suas quase esposas logo antes de se casar de mentira.

Ele riu, um som baixo e gutural, sua respiração soprando em seus ombros nus. —Você me pegou.

— Sabia.

— Eu sei que você estava brincando, mas eu preciso que você saiba que eu não faria isso com ninguém além de você, Nat. — Seus olhos perfuraram os dela, e ela leu cada grama de sinceridade que ele pretendia no olhar.

Lambendo os lábios, ela assentiu. —Eu sei. O mesmo vale para você. — Sua boca se contraiu ao lado. —Está pronto?

Ela respirou fundo, pressionando a mão no estômago que, por algum motivo ímpio, ficou infestado de borboletas, e assentiu. — Como sempre estarei.

Ele deu um passo para trás e ofereceu-lhe a mão, sorrindo quando ela entrelaçou os dedos. Com quanto tempo eles eram amigos, ela tinha recebido seus sorrisos milhares de vezes, o que significava que não havia razão para seu estômago revirar como estava. Provavelmente eram nervos. Este era um grande dia - real ou não - ainda mais graças à insistência de sua mãe em aparecer lá primeiro.

— Eu não deveria estar surpresa que minha mãe queria que tirássemos fotos, mas eu vou me sentir como uma idiota sorrindo quando nós dois sabemos que isso não é… — Suas palavras foram sumindo quando eles saíram, seu cérebro não compreendendo muito bem o que ela estava vendo.

— Que porra é essa, — Asher respirou alto o suficiente para ela ouvir.

Bem, isso foi bom. Pelo menos agora ela sabia que não estava tendo algum tipo de surto psicótico onde ela imaginava um casamento íntimo maravilhoso no quintal já imaculado de seus pais. Um quintal que, ainda ontem, tinha sido total e completamente normal.

Agora, porém, tinha sido transformado em algo saído das páginas de uma revista. Fios de luzes brancas penduradas na pérgula acima do convés, bem como em toda a infinidade de árvores na propriedade até onde ela podia ver - centenas... talvez milhares delas.

Will e Finn, Mac e Hudson, Nash, suas sobrinhas, assim como seus pais e vovó, estavam sentados nas cadeiras dobráveis brancas espalhadas.

— Onde está Rory? — Ela perguntou a Asher, porque, sim, isso era o que realmente importava agora.

— Bem aqui, — sua irmã disse da esquerda de Nat e colocou um buquê de flores silvestres em sua mão. —Apenas vá com isso. De forma alguma que estávamos falando com mamãe sobre isso.

— De *quê*?

— Tudo isso.

— Eu… — Nat balançou a cabeça. — Como você conseguiu isso? —Ela perguntou com admiração, mas ela não tinha ideia de por que ela tinha feito a pergunta. Claro, eles se acertaram — ela estava

lidando com Mac, a prefeita, Will, coordenador de eventos de Havenbrook, e Rory, uma designer de interiores.

June estava ao lado da mãe de Nat, que segurava Owen, um sorriso dividindo o rosto da garotinha enquanto ela acenava para Nat e Asher. —Eu fiz as flores, tio Asher! Sozinha! — Ela pulou e apontou para o caminho coberto de pétalas que levava a um arco coberto de hera onde Edna, a melhor amiga de vovó e carteira de Havenbrook e encrenqueira geral, estava com um sorriso na boca.

— O que diabos Edna está fazendo ali como se ela fosse uma ministra? Estamos sonhando?— Ela sussurrou, apertando a mão de Asher, se por nada mais do que para se aterrar.

— Parece que podemos estar.

— Bem, não fiquem aqui parados, — Rory disse, dando um pequeno empurrão em Nat. —Mantenha-se em movimento.

— Espere, — disse Nat, balançando a cabeça. —Apressar-se para *o que*?

— Agora, não fique brava, querida, — sua mãe disse. —Depois de todo esse tempo com vocês como melhores amigos, simplesmente não achamos certo que vocês fossem fazer um casamento rápido no tribunal sem ninguém da sua família lá.

A culpa perfurou o estômago de Nat, e ela deslizou um olhar para Asher com o canto do olho, seu olhar espelhando o dela.

— Oh, não olhe para ele assim, — mamãe disse. —Nós só queríamos fazer algo legal para vocês.

— Mas… — Nat parou, tentando chegar a uma razão plausível para que seu casamento falso não viesse deste casamento muito real. —Temos um compromisso no tribunal.

— Eu cuidei disso, — disse Mac, acenando com a mão para Nat soltando uma risada. Claro que ela fez. Então, ela mataria sua irmã mais tarde, então. —Hum, ok, bem, nós também não temos ninguém aqui para nos casar.

— Desculpe-me, — disse Edna com uma fungada. —Fui ordenada nas interwebs no ano passado. Agora, se não se importam, crianças, gostaria de colocar esse show na estrada. Me prometeram que haveria comida e bebida como pagamento.

— Quanto menos perguntas, melhor, — Rory disse enquanto caminhava em direção ao assento vazio ao lado de Nash, que olhou para eles com as sobrancelhas levantadas e um leve encolher de ombros como se dissesse, *poderia muito bem ir com isso*.

— O que você diz? — Asher apertou sua mão e encontrou seu olhar. —Você está pronta para se casar?

chapter fifteen



Quando Asher sugeriu essa coisa toda, ele certamente não tinha previsto um casamento de verdade. Ele tinha imaginado que haveria algo distante... algo transacional em dizer que sim no tribunal onde eles responderam por sua parcela de problemas. Em vez disso, ele segurou as mãos dela e olhou em seus olhos, a única família que restava ao redor deles, enquanto a tomava como esposa.

Sua *esposa*.

Felizmente, o desempenho de Edna trouxe alguma leveza à situação, especialmente quando ela foi salpicada de palavrões – *merda, esqueci os anéis* – e ordens para manter as coisas limpas na hora do beijo – *lembre-se, vocês não estão fazendo teste para um pornô, crianças*. E então havia o barulhento quando ela pronunciou Asher e Nat marido e mulher.

A cerimônia, ao que parecia, não tinha sido o único truque nas mangas dos Havens, porque assim que isso acabou, Rory os conduziu mais para trás na propriedade onde enormes tendas haviam sido erguidas e metade de Havenbrook perambulou para o quê, aparentemente, ia ser uma festa infernal.

Nat parou de repente, sua mão agarrada com força na dele e um sorriso falso que parecia mais uma careta estampada em seu rosto. —O que diabos é isso? — Ela perguntou enquanto sua família os flanqueava em ambos os lados.

— Uma recepção, — disse Mac. —Você sabe, para o seu *casamento*?

— Para o meu casamento? — Ela disse com os dentes cerrados, seu sorriso forçado. —Certo. Certo... um casamento que queríamos que acontecesse no tribunal. Você sabe um pouco sobre isso, não é, Mac?

— Oh merda, — Finn disse baixinho, enquanto ao mesmo tempo, Will tentou puxar Nat mais para dentro da festa, sem dúvida em um esforço para evitar que a mais nova dos Haven revelasse todos os segredos.

Mac olhou para ela, e Asher, junto com todos os outros, exceto Richard, Caroline e Gran, encontraram outro lugar para procurar.

— Cala a boca, Natalie, — Mac mordeu com os dentes cerrados.

Asher se encolheu, sabendo que a irmã de Nat usando seu nome completo só iria alimentar a besta mais do que já era. Nat não gostava de ser pega de surpresa, e eles conseguiram fazer isso duas vezes em um dia. As luvas estavam definitivamente saindo.

— Sobre o que Nat está falando? — Caroline perguntou, suas sobrancelhas franzidas enquanto ela balançava com Owen em seus braços.

— Você me pegou, mamãe, — disse Mac com um encolher de ombros. —Quem sabe sobre isso.

— Oh, *Mackenna* está apenas tentando não ser um incômodo, — Nat disse com um sorriso brilhante. —Mas é realmente uma coisa boa que vocês organizaram esta recepção. O que, já que pode ser não só para mim e Asher, mas também para Mac e Hudson.

— Foda-me, — Hudson murmurou diretamente ao lado de Asher, a maldição tão baixa, ele sabia que o homem não pretendia que mais ninguém ouvisse.

— Por que diabos eles precisam comemorar em uma recepção de casamento?— Richard perguntou.

— Para o aniversário de casamento de duas semanas, é claro!

— Eu te odeio, — Mac sussurrou baixinho ao mesmo tempo que Hudson suspirou e colocou a mão em volta de seu pescoço.

Caroline estreitou os olhos entre Mac e Hudson. —O que ela quer dizer com suas duas semanas...

Mas Asher não ouviu mais nada porque Nat o arrastou para longe e direto para o bar que havia sido montado no canto da maior tenda. —Eu preciso de uma porra de uma bebida.

Exceto, o que deveria ter levado alguns minutos acabou levando quase trinta, porque todos e seus convidados queriam passar e desejar-lhes os parabéns.

Finalmente, durante uma conversa com a Sra. Wright, a professora de álgebra da nona série, na qual ela insistiu que sabia

desde então que eles iriam se casar, Nat agarrou a mão dele e cravou as unhas como apelo para tirá-los dali.

— Isso é muito doce que você pode ver o nosso amor todo o caminho naquela época, — disse Asher, colocando o charme no máximo. —Foi bom conversar com você, mas estávamos indo apenas para tomar uma bebida, e acredito que minha adorável esposa está bem seca agora.

— Ah, claro. Eu não vou te manter. Foi tão bom ver vocês dois. — A Sra. Wright sorriu e colocou a mão no antebraço de Asher. —E eu quero estender minhas mais profundas condolências sobre sua irmã e cunhado.

Entre o funeral e isso, ele ouviu o sentimento mais vezes do que podia contar, mas ainda não tinha ficado mais fácil. Honestamente, ele desejava que as pessoas simplesmente não dissessem nada. Ele sabia que Aubrey e Nathan eram membros queridos da comunidade. Ele não precisava de estranhos virtuais para lembrá-lo disso, trazendo o fato de sua passagem de volta à sua mente cada vez que o faziam. Lembrando-o de que sua família não tinha testemunhado este casamento, mesmo sendo falso como era.

— Você está bem? — Nat apertou sua mão, inclinando-se ao seu lado.

—Tanto quanto eu posso estar. Eu apenas fico cansado de ouvir isso, você sabe? Não importa o que eles digam, isso não pode trazê-los de volta. E eu nunca sei como responder.

— Uma dessas vezes, você deveria apenas perder a cabeça. Talvez então eles pensassem duas vezes sobre isso.

Ele riu baixinho. —Eles estão apenas tentando ser legais.

— Agradável é superestimado. Como a Sra. Wright lá atrás, agindo como se ela não tivesse passado cada segundo do nosso primeiro ano odiando nossas entranhas por sermos uma dor de cabeça.

Asher bufou, lembrando algumas das coisas mais... coloridas que eles fizeram enquanto estavam em sua aula. —Nenhuma dúvida sobre isso.

— Sidenote[6], eu não posso acreditar que você me chamou de sua *esposa*. Aquilo foi estranho.

Ele tropeçou apenas um pouco no caminho para o bar, mas se conteve e cantarolou em reconhecimento. Não era como se ele não tivesse percebido que era o que ela seria quando eles diziam que sim. O que realmente o pegou foi que ele nem tinha percebido que tinha dito isso em primeiro lugar.

Depois de fazer seus pedidos, Nat murmurou: —É claro que meus pais fazem um bar aberto em uma recepção no quintal para um casamento que nem é real.

— Talvez não diga isso tão alto? — Ele disse, examinando a multidão. —Temos *muitas* pessoas aqui, e uma delas é o juiz Sevilha.

Nat virou a cabeça e olhou na direção que Asher estava olhando. O juiz e sua esposa estavam em uma mesa alta de coquetel, olhando para todo o mundo como se estivessem assistindo a um velório, em vez de uma festa de casamento.

---

[6] Observação, ou uma Nota

— Merda, — Nat sussurrou.

Ele colocou uma mão em uma parte de suas costas, batendo de volta as memórias da extensão nua quando ele a fechou menos de uma hora atrás. Levou cada grama de seu autocontrole para não se inclinar para frente e roçar os lábios sobre o ombro dela, descendo por sua espinha. Tinha levado tudo nele para não cair de joelhos, girá-la ao redor e apoiar o pé na penteadeira só para que ele pudesse finalmente provar o quão doce ela era.

Ele limpou a garganta e engoliu o sempre presente semi-ereção que tinha sido a ruína de sua existência o dia todo. —Está bem. Já somos casados, lembra? Se alguma coisa, isso só prova ainda mais.

— Sim, até você me embebedar ou qualquer uma das minhas irmãs, e nós derramamos tudo!— Ela assobiou. —Não somos exatamente conhecidos por sermos bêbados quietos.

Asher sufocou uma risada, sabendo exatamente o quão falante Nat ficava quando ela tinha alguns. Segredos não existiam em seu mundo quando ela estava embriagada, algo que ele e Nash a provocavam incessantemente. —Então não fique bêbada.

— Você está brincando? — Ela perguntou, sua boca aberta enquanto ela olhava para ele. —Um, estou em um evento familiar. Dois, esse evento é um que disse que a família surgiu sobre nós sem aviso prévio. Três, acabei de me casar — quatro, com meu melhor amigo, a propósito. Cinco, um casamento que nem é real, — ela disse, baixando a voz para que só ele pudesse ouvir. —Seis, tudo isso está acontecendo em Havenbrook. E sete, com intrometidos

suficientes presentes para alimentar a fábrica de fofocas nos próximos meses.

Asher ergueu o queixo em agradecimento e pegou as bebidas que Nat havia pedido do barman. Ele passou o martíni sujo para ela antes de tomar um gole de sua cerveja favorita. —Na verdade, acho que o fato de Mac e Hudson terem escapado para se casar e não terem contado a ninguém pode realmente encurtar esse tempo um pouco. Então, bom ir lá.

Nat finalmente abriu um sorriso. —Sim, isso provavelmente foi um movimento idiota.

— Provavelmente. Mas ainda é meio divertido ver sua mãe dar a bunda de Mac, enquanto diverte um bebê de oito meses.

— Oh meu Deus, as crianças! — Nat disse enquanto examinava freneticamente a festa.

Ele deslizou um braço ao redor de sua cintura, segurando seu quadril possessivamente e puxando-a para seu lado. —Relaxe, sua mãe está com Owen, e as meninas de Rory estão brincando com June.

Nat exalou com tanta força que ela caiu sobre ele, e ele apertou seu aperto, certificando-se de que ela ficasse de pé. — *Porra*, eu não sou feita para isso.

— Eu não sei, — disse ele, tomando outro gole de sua cerveja. —Eu acho que você se saiu muito bem, considerando todas as coisas.

Ela bufou uma risada incrédula. —Na última hora, eu legitimamente não sabia onde aquelas crianças estavam. Mas além

disso, o pensamento de onde eles estavam nem me passou pela cabeça.

— Sim, bem, isso é compreensível. Nós *tivemos* um casamento saltado sobre nós. E o que pensávamos que seria uma pequena cerimônia em um tribunal com apenas eu, você e as crianças como testemunhas se transformou em uma provação bem diferente. E agora essa recepção? Não seja tão dura consigo mesma. Eu sabia onde eles estavam. É isso que nos torna uma boa equipe.

— O que? Então, apenas um de nós é capaz de perder a cabeça a qualquer momento?

Asher assentiu. —Sim, isso parece certo. — Ele levantou sua cerveja para outra bebida, e o olhar de Nat estava preso em algo, sua respiração travada. —O que é isso?

Ela piscou e balançou a cabeça, olhando para o lado antes de encontrar seu olhar. —É tão estranho ver você com uma aliança de casamento. E o que é ainda mais estranho é saber que é minha.

Engraçado, ele se sentiu da mesma forma, deslizando o anel que ele comprou em seu dedo e dizendo as palavras - se eles pretendiam que fossem reais ou não - que os uniam pela lei e sob os olhos de Deus.

Ele baixou o olhar para os lábios dela, lembrando o quão macios e flexíveis eles tinham sido naquela manhã. O som de seus gemidos guturais. Como ela se sentiu sob suas mãos questionadoras, toda a redondeza de sua bunda agarrada em suas palmas.

Sem pensar, ele se inclinou para ela, com a intenção de pressionar seus lábios nos dela, quando um som de surpresa os interrompeu.

— Eu sinto muito! — Uma mulher que Asher não reconheceu estava de lado — uma fotógrafa, ele supôs, graças à câmera pendurada em seu pescoço. —Eu não quis interromper. A Sra. Haven gostaria que eu tirasse algumas fotos antes que seja tarde demais.

— Antes que todos bebam demais no bar aberto, ela quer dizer, — Nat disse com o canto da boca. Então sorriu para a fotógrafa. — Excelente! Mostre-nos onde você nos quer.

Quarenta e cinco dolorosos minutos depois, eles terminaram tudo o que puderam. No entanto, se a fotógrafa conseguisse algum sem o rosto de Nat contorcido graças aos seus resmungos, seria um milagre.

— Não posso acreditar que eles contrataram alguém, — disse ela.

— Eu ouvi isso, — disse Rory. —Sim, Nat, todos nós sabemos que você é ridiculamente talentosa, mas mesmo assim você não conseguiria tirar suas próprias fotos de casamento.

— Diz *você*. Eu poderia tirar fotos de tudo sem problemas.

— Sim, tudo menos a noiva. — Mac revirou os olhos. —Que é *você*, a propósito, — Will disse.

— Tanto faz, — Nat resmungou enquanto ela se recostava em seu peito, como se ela precisasse de alguém para segurá-la por um tempo.

Ele obedeceu, envolvendo os braços em volta dos ombros dela e segurando-a apertado contra ele. Durante todo o tempo em que eles estavam fazendo fotos, ele podia ver o quanto ela ansiava por estar atrás da câmera. Por mais linda que ela fosse – e ela era *linda* – ela nunca gostou de ter sua foto tirada, sempre preferindo ser aquela por trás da lente.

Embora tivesse passado por sua cabeça que quando ela dissesse sim a ele, ela estaria dizendo não para tantas outras coisas, ele realmente não se permitiu perceber a gravidade do que exatamente ela estava abrindo mão ao concordar em se casar com ele. Ele viu isso agora, porém, quando ele olhou em seus olhos enquanto outra pessoa capturava memórias para eles quando tinha sido seu trabalho por tanto tempo.

— Você está bem? — Ele perguntou quando todos os outros se dispersaram e eles finalmente tiveram um momento de paz.

Ela levantou um ombro nu, o movimento atraindo os olhos dele para sua pele sedosa e bronzeada. Fazendo-o pensar, não pela primeira vez, exatamente como se sentiria sob seus lábios. —Eu só não estou acostumada a estar deste lado das coisas, sabe?

— Sim. Mas é mais do que isso, não é?

Ela bufou sem fôlego e descansou a cabeça para trás em seu peito, enrolando os dedos sobre seus antebraços ao redor dela. — Sinceramente, não tive tempo para pensar muito sobre isso desde que cheguei aqui. Mas... eu sinto falta. Tirei algumas fotos suas ou das crianças, mas isso já faz dias. Este é o maior tempo que eu fiquei sem tirar uma foto. E agora... todas essas pessoas ao redor. Minha

família... Mesmo que esse casamento não seja real, as emoções são. Estou apenas chateada com isso. — Seu revirar de olhos pode ser ouvido a quilômetros quando ela continuou: —E eu sei que Misty vai capturá-los ou algo assim, mas ela não vai capturar o que eu vi, sabe?

Asher cantarolou e apertou os braços ao redor dela, pressionando um beijo em sua têmpora antes de abaixar os lábios em sua orelha. —É uma coisa boa que eu peguei sua bolsa de câmera antes de sairmos, então, não é?

Nat se virou, com os olhos arregalados, enquanto ela o empurrava com força no estômago. —Cale-se. Você está falando sério?

Asher agarrou suas mãos para impedi-la de atacá-lo novamente e riu baixinho. —Saco de fraldas *e* sua câmera - isso deve me dar alguns pontos, hein?

— Você é realmente o melhor, — disse ela antes de estender a mão, enganchando a mão em volta do pescoço dele e puxando-o para baixo ao seu nível. Ela pressionou seus lábios nos dele, e embora certamente não tenha sido o único beijo que eles compartilharam hoje – longe disso, graças a esta recepção – foi o único que tinha sido espontâneo.

Ele poderia dizer pelo jeito que ela deu um passo para trás, seus olhos um pouco mais arregalados do que o normal, que ela fez isso sem pensar. O que era ótimo para todos os olhos curiosos de Havenbrook verem – inclusive o juiz Seville –, mas não tão bom quando ele estava tentando manter limites.

— Vou pegá-la do carro.

Asher assentiu, observando-a ir embora, fazendo tudo ao seu alcance para evitar os foliões enquanto ela ia.

Nash se aproximou de Asher, batendo uma mão em seu ombro. —Parece que vocês dois malucos estão entrando direto na felicidade conjugal.

Asher bufou uma risada e balançou a cabeça, olhando para o chão. —Não exatamente.

— Eu não sei sobre isso. Aqueles beijos que vocês compartilharam pareciam muito felizes.

— Você não sabe a metade disso, — disse ele baixinho. As sobrancelhas de Nash se ergueram.

—É isso mesmo?

— Nada aconteceu. Na verdade.

— Bem, algo aconteceu, caso contrário você não teria dito nada.

Asher apertou os lábios, com a intenção de manter a boca fechada. Mas Nash apenas encontrou seu olhar de frente, meio sorriso em seu rosto presunçoso e sobrancelha levantada como se dissesse, *Apresse-se já. Eu tenho merda para fazer*.

Ele exalou um suspiro profundo. —Bem. Esta manhã, decidimos nos beijar – você sabe, um teste para que nosso primeiro não fosse na frente de Deus e de todos os outros quando deveríamos estar loucamente apaixonados.

Nash assentiu. —Parece lógico.

— Sim, bem, assim que nos beijamos, a lógica deixou o prédio. E se June não tivesse entrado, não sei onde teríamos parado.

Nash assobiou baixinho, enfiando as mãos nos bolsos da calça e balançando nos calcanhares. —Bem, isso não é *tão* ruim.

— Eu não acabei.

— Ah, merda.

— Ela saiu para cuidar das crianças, e eu cuidei de... bem, você sabe.

Nash riu e assentiu. —Estive lá uma ou duas vezes.

— Exceto que quando eu… — Asher levantou os olhos, olhando ao redor para todos que se aproximavam muito para ele se sentir confortável tendo essa conversa francamente. Ele limpou a garganta, — estava quase lá, ela abriu a porta bem a tempo de me testemunhar cruzar a linha de chegada.

Em vez de tranquilizá-lo como ele esperava que seu amigo fizesse, Nash gargalhou alto e longo, apoiando o braço no ombro de Asher apenas para se manter de pé.

— Obrigado, cara. Agradeço o apoio, — disse Asher, tentando empurrar Nash de cima dele.

Nash se recuperou com apenas um tropeço, ainda tentando controlar o riso. —Desculpe, desculpe. O quanto Nat provocou você sobre seu, uh, homenzinho?

— Ela não fez.

— Ela... *não fez*?

— Não. E se eu estiver lendo direito, ela ficou tão afetada não apenas pelo beijo, mas também pelo show como eu.

Nash cantarolou enquanto cruzava os braços, apoiando as pernas na largura dos ombros. —Então, o que você vai fazer sobre isso? Tecnicamente, vocês são um casal, e os casais gostam desse tipo de atividade. Ou assim me disseram.

Asher riu baixinho e examinou a multidão até que seus olhos se fixaram em Nat. Câmera na mão, ela se moveu por todo o espaço, sua graça e confiança algo que ele estava tão acostumado quando se tratava dela. Mas uma coisa que ele não estava acostumado no que dizia respeito a ela era essa sensação de possessividade, sabendo que ela usava seu anel. Ela estaria em sua cama esta noite e todas as noites no futuro próximo. E não importa o quão falso esse casamento fosse, seus sentimentos por ela certamente pareciam reais.

— Eu não tenho a mínima ideia do que vou fazer sobre qualquer coisa.

Nesse momento, Nat ergueu o olhar dela e o conectou com o dele, e mesmo através da distância entre eles, aquele olhar foi direto para seu pênis.

Nash assobiou baixinho, obviamente vendo a interação. — Merda, cara. Tudo o que sei é que, se Rory me olhasse assim, já estaríamos a caminho de casa.

O único problema era que a casa tinha mais perguntas do que respostas, e agora essas perguntas eram encimadas por um desejo de arrancar as roupas um do outro.

chapter sixteen



Depois que o último convidado foi embora, Nat e Asher, junto com suas irmãs e seus homens, sentaram-se ao redor de uma mesa sob a maior tenda, agradecido que a propriedade Haven era grande o suficiente para que os vizinhos não reclamassem do barulho.

Vovó insistiu em passar a noite com June e Owen — para dar a Nat e Asher uma noite de privacidade, ela disse com uma piscadela. E apesar de não precisar de uma noite sozinha pelo motivo que sua avó havia insinuado, Nat ainda aceitaria, considerando o dia longo que eles tiveram.

Ela se sentou ao lado de Asher, seus pés descansando em seu colo enquanto ele passava o polegar sobre o arco. Ela não tinha ideia do quanto ela precisava da massagem improvisada nos pés. Ou o quanto o ato a faria formigar em lugares que definitivamente não eram apenas onde ele a estava tocando.

Foi preciso uma tonelada de bebida para Mac falar mais do que algumas palavras com ela novamente, o que significava que eles estavam todos bem do outro lado do bêbado. Isso também significava que a conversa deles estava vagarosamente indo para a sarjeta, de

alguma forma naturalmente transitando de fofocas de Havenbrook para estereótipos sexuais e sua validade.

— Eu só quero saber quem começou o boato de que pés grandes são iguais a um pau grande?— Nat disse, sua bebida da noite quem-sabia-quanta aquecendo suas veias e soltando seus lábios. —Porque eu posso *prometer* a você, isso nem sempre é verdade.

— Desculpe, — disse Nash, levantando um pé gigantesco como se isso fosse evidência suficiente.

Ela jogou as mãos para ele em exasperação. —Isso não prova nada. É exatamente isso que estou dizendo! Um homem tinha que ter começado, porque o quê? Toda mulher deveria apenas ir até um cara com pés grandes e dizer: 'Extraia e deixe-me medir'?

— Vamos, princesa, — Nash disse para Rory. —Apoie-me aqui.

Rory derramou o resto da garrafa de vinho que ela quase acabou por conta própria em seu copo e se recostou com um bufo. — Se você acha que eu vou falar sobre o quão grande seu pênis é só porque você não suporta que as pessoas pensem o contrário, bem...

— *Bem*, você acabou de fazer, gênio, — disse Mac com uma risada de seu poleiro no colo de Hudson.

Rory abriu a boca, sem dúvida para argumentar, antes de fechá-la novamente, suas bochechas corando. Ela limpou a garganta e afastou uma mecha de cabelo perdida. —Ah, cale a boca. Nat, nos dê outro para que todos parem de olhar para mim.

Nat bufou. —Ok, que tal o estereótipo de que todas as mulheres tensas são péssimas relações porque não podem se soltar na cama?

— Isso… — Nash começou antes de Rory lhe dar uma cotovelada no estômago. —Não se atreva a dizer uma palavra.

— Eu só ia defender você. Você *não* é uma péssima leiga.

—Ah, mas eu sou tensa?

Mac bufou. —Isso não é exatamente novidade, Rory.

— Cale a boca, a menos que queira que alguns estereótipos sejam jogados em seu caminho.

Com um encolher de ombros, Mac disse: —Não me incomodaria se você fizesse isso.

— OK tudo bem. — Rory se endireitou, seus olhos se estreitaram ela olhou para Mac. —Eu suponho que vocês dois... sempre fazem sexo lá fora?

— Na verdade, isso não é realmente um estereótipo generalizado, mas sim uma suposição muito específica, — disse Will, sobrancelhas levantadas.

— O que você é, a palavra polícia? — Disse Nat. —Finn, pegue uma bebida para sua mulher. Ela está fazendo muito sentido.

— Se ao menos ela não estivesse sendo DD para vocês. Porque quanto mais ela bebe, maior a minha chance de conseguir…

Will tapou a boca com a mão. —Não se você continuar falando, não vai ser.

— Nós vamos? — perguntou Rory.

Mac franziu a testa. —Bem, o que?

— Vocês só fazem isso fora, ou o quê? — Rory perguntou com exasperação.

Hudson limpou a garganta. — Apenas? Não, mas se você ver a árvore balançando, não bata na porta…

— Oh meu Deus. — Mac olhou para Hudson, balançando a cabeça. —Você é um idiota.

— Um idiota com quem você adora ficar nua do lado de fora.

— Eu pego de volta. Você não é um idiota, você é uma ameaça. E você está apenas encorajando-os.

Will bufou. —Como se Nat precisasse de algum incentivo.

— Isso é verdade, — Nat disse, inclinando sua garrafa de cerveja em direção a sua irmã. —Exceto que estou fora dos estereótipos…

— Que tal aquele que todos os músicos são egoístas na cama?— Will perguntou.

— Ai, — Asher disse, sua mão em seu coração. —O que eu fiz para ser jogado debaixo do ônibus?

— Oh! Asher, me desculpe. Eu não…

— Droga, Willowtree, você está mal-humorada esta noite, — disse Finn com uma risada.

Asher acenou para ela. —Nah, eu só estou brincando com você. Não se preocupe com isso, Will. Não me pertence de qualquer maneira.

— Isso mesmo? — Nat perguntou com uma sobrancelha levantada. —Porque *foi* esse boato que circulou no ensino médio sobre você…

— Qual era esse?— Nash perguntou secamente. —Ele tinha alguns.

— Todos nós tínhamos. — Nat riu. — Mas eu estou falando especificamente sobre aquele que disse que ele era um leigo. — Ela olhou para ele com uma sobrancelha erguida, os fios de luzes ao redor da tenda projetando seu rosto em sombras duras.

— Você nunca ouviu isso, — disse Asher, completamente despreocupado. Como se o mero pensamento de tal afirmação fosse absurdo.

Ela não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que era. Por um lado, ele provou isso com uma simples sessão de amassos mais cedo naquela manhã. Por outro lado, ela inventou a coisa toda.

— Eu totalmente ouvi! Juro, — ela insistiu, mentindo por entre os dentes. Graças a Deus ela era uma excelente tecelã de histórias. —Era a segunda-feira depois do baile de formatura. Stacey James não iria calar a boca sobre isso no vestiário. Ela falou sem parar sobre isso – como você não caiu em cima dela, como você durou apenas noventa segundos, como você tem um pau pequeno…

— Você sabe que pelo menos uma dessas não é verdade, — ele disse baixinho, apenas alto o suficiente para ela ouvir.

Ela prendeu a respiração, seus mamilos ficaram tensos enquanto as imagens fervilhavam em sua mente enquanto risos irrompiam ao redor da mesa.

— Merda, cara, é melhor você melhorar o seu jogo, — disse Finn antes de tomar um gole de sua cerveja.

— Ele não está mentindo. — Hudson balançou a cabeça. —Você precisa fazer muito mais do que um minuto e meio no missionário uma vez por semana se você tem alguma esperança de manter uma garota Haven.

— Como diabos eu fui jogado aos lobos aqui? — Perguntou Asher. —Nós provamos que todos os outros estereótipos são falsos, mas esse boato aleatório do último ano é de alguma forma correto?

Todos inseriram suas opiniões, rindo enquanto zombavam um do outro, mas tudo se transformou em um ruído branco na cabeça de Nat, seus pensamentos presos no que Hudson havia dito. *Se você tem alguma esperança de manter uma garota Haven.*

Exceto, não havia *manter* quando se tratava de Nat.

Hoje parecia surreal, e o que deveria ser um casamento no tribunal de alguma forma foi transformado em um que parecia muito real. Mas ela tinha que se lembrar de uma coisa muito importante, não *era*. Ela só ficaria enquanto Asher precisasse dela... até que a custódia fosse finalizada. E então ela estaria fora, e Asher... não estaria.

Para o bem ou para o mal, ele esperava que Havenbrook fosse seu lar permanente. Como ele faria isso funcionar com sua carreira,

ela não tinha ideia. Agora que o casamento estava para trás, ele, sem dúvida, estaria colocando todo o seu foco nisso. Mesmo que isso significasse que ele daria aulas de violão para qualquer pessoa em um raio de 150 quilômetros, ela sabia que ele faria o que fosse preciso para ter certeza de que ele seria capaz de criar os filhos de sua irmã onde ela queria que eles crescessem.

Ela olhou ao redor para os rostos daqueles que ela amava e sentiu uma pontada de desejo por algo que ela nem tinha certeza se queria em primeiro lugar. Ela ficou longe de Havenbrook todos esses anos porque ele mantinha o tipo de algemas das quais ela passou a vida inteira fugindo. Ela não sabia se eram os eventos do dia, a quantidade de álcool correndo em suas veias, ou o simples fato de que ela sentia mais falta de suas irmãs do que pensava, mas ela podia ver agora porque Aubrey tinha escolhido Havenbrook para criar uma família. Por que seus pais o fizeram. Porque suas irmãs ainda moravam lá também.

Não havia como negar o senso de comunidade neste lugar. De família, mesmo com aqueles que não eram ligados pelo sangue. E isso era algo que não se experimentava em nenhum lugar do mundo. Acontece que Havenbrook não era tão ruim quanto ela sempre fez parecer. Tinha mudado nos anos desde que ela se foi.

Ou talvez tenha sido *ela* quem mudou e se transformou em alguém diferente da selvagem de dezoito anos que ela era quando fugiu.

chapter seventeen



Eram quase duas da manhã quando Asher e Nat chegaram em casa, e mesmo assim, graças a vovó e Caroline, eles não iam acordar cedo, cortesia das crianças, eles ainda tinham que pegá-los em um horário razoável. O que significava que eles precisavam encerrar a noite.

O único problema com isso era que ele não conseguia tirar as palavras de Nat de sua mente. Ela realmente passou os últimos oito anos sob a suposição de que ele era ruim na cama? Normalmente, ele não se incomodaria com algo assim, certamente não o suficiente para sentir a necessidade implacável de se redimir como uma verdadeira batida em suas veias. Mas isso definitivamente não foi o caso esta noite.

Ele se inclinou contra o batente da porta de seu quarto, seus olhos se banqueteando em Nat enquanto ela estava estendida na cama. Ela sempre superaquecia quando bebia, o que explicaria por que ela estava deitada de bruços, esparramada em cima das cobertas com a cabeça apoiada nos braços cruzados. Suas pernas estavam esticadas em direção a ele, sua bunda em plena exibição em sua tanga de renda rosa. Ela nunca foi de modéstia – algo que seus

frequentes acessos de mergulho pelado atestaram – mas agora era diferente.

Seu pênis ficou grosso quando ele se lembrou do beijo que eles compartilharam ali naquela cama. O olhar em seu rosto quando ela o encontrou no meio de se fazer pensar nela. Sem mencionar, todo o carinho que eles depositaram na recepção no quintal dos Havens… equilibrando-se em uma corda bamba o dia todo, imaginando se cairia ou chegaria ao outro lado. O único problema era que ele não tinha certeza de qual era o resultado ideal.

— Eu quero falar com você sobre uma coisa, — ele disse finalmente, quebrando o silêncio.

— Eu estava me perguntando quanto tempo você ia ficar aí sem dizer uma palavra, — disse ela sem levantar a cabeça, sua voz apenas um murmúrio suave. —Gostando do show?

Provavelmente mais do que ela sabia. Definitivamente mais do que deveria.

Sem responder, ele empurrou o batente da porta e caminhou em direção a ela. —Há quanto tempo você tem a impressão de que eu sou um leigo egoísta?

Ela bufou uma risada em seu travesseiro antes de se apoiar nos cotovelos e olhar por cima do ombro para ele. —Eu sabia que você iria se fixar nisso.

— Fixar no boato completamente falso que você inventou apenas para cagar de rir?

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto enquanto ela o olhava de cima a baixo. —Para alguém que pensa que é falso, você com certeza parece ter muito a provar.

Com os olhos fixos nos dela, ele se arrastou do pé da cama, tomando cuidado para não tocá-la, embora desejasse desesperadamente. Uma vez que ele estava apoiado diretamente acima dela, seus punhos segurando seus ombros, ele abaixou a cabeça e permitiu que seus lábios roçassem sua orelha, deleitando-se com o suave estremecimento que atormentou seu corpo. —Eu não sou egoísta na cama, esposa.

Ela levantou um ombro. —Se você diz isso, — disse ela. Provocado, realmente. E pelo olhar dela, ela sabia exatamente o que estava fazendo. Exatamente o jogo que ela estava jogando. E ela estava toda dentro.

— Você vai me fazer provar isso? — Ele perguntou, sua voz áspera com a necessidade mal contida. Seu pênis estava grosso e duro, doendo com um desespero para senti-la novamente. Desta vez, com muito menos roupas entre eles.

Nat mordeu o lábio, o brilho em seus olhos só aumentando seu desejo. —Eu não estou fazendo você fazer nada. Mas... bem... se isso deixar sua mente à vontade para se provar para mim, quem sou eu para impedi-lo?

Suas palavras foram quase o suficiente para ele se abaixar sobre ela, esmagar seu pênis contra sua bunda firme e redonda, e beijá-la como se suas vidas dependessem disso. Mas primeiro, ele precisava ter certeza de que ela iria se lembrar disso pela

manhã. Que ela não estava muito longe para poder tomar essa decisão. Ele a queria, mas não assim.

— Quão bêbada você está? — Ele perguntou, avaliando os olhos.

Ela ergueu as sobrancelhas. —Minha última cerveja foi há duas horas, então faça as contas.

Lentamente, ele balançou a cabeça. —Eu preciso que você diga as palavras, Nat.

Depois de um segundo de silêncio, ela rolou embaixo dele, o movimento fazendo com que seu quadril roçasse seu pênis, e ele soltou um suspiro. Com um sorriso diabólico, ela se ajustou para que suas pernas ficassem fora das dele, envolvendo-as ao redor de seus quadris, e o puxou para baixo até que sua ereção estivesse aninhada contra o calor suave de sua boceta. —Eu não estou bêbada, Ash. Agora, o que você queria me mostrar?

Ele congelou por duas batidas, então, com um gemido de maldição, bateu seus lábios contra os dela. Este beijo foi diferente do que tinha sido esta manhã, por um lado, ele entrou nele sabendo exatamente o quão explosivo seria entre eles. Exatamente o quão doce ela seria, e exatamente como ele responderia a cada gemido gutural que deslizava por seus lábios.

Por outro lado, ele não tinha intenção de parar agora até que estivesse enterrado profundamente dentro dela.

— Vou provar que cada um de seus pontos está errado, e vou adorar cada porra de minuto disso. — Ele empurrou no berço

acolhedor de suas coxas abertas, moendo mais forte quando ela se afastou em um suspiro, suas unhas cavando em seus ombros nus.

— Oh Deus, — ela respirou, girando seus quadris para encontrar cada rolo dele. —Você se sente bem.

— *Cristo*, — ele gemeu em seu pescoço. —Nunca pensei que se sentiria assim.

Porra, por que ele usava calça de moletom aqui? E por que ela ainda tinha alguma roupa? Ele precisava ver cada centímetro dela, queria descobrir partes dela que ele nunca conheceu em seus vinte anos de amizade e guardá-las na memória.

Ele moveu os lábios pelo pescoço dela, seguindo a gola profunda de sua regata, explorando sua pele, mas ainda precisando de mais. Deslizando a mão sob a bainha, ele apalpou a extensão nua de seu estômago. —Posso tirar isso?

Em resposta, ela cruzou os braços e se arqueou contra ele, puxando a peça de roupa para cima e para fora de seu corpo, desnudando-se para ele. —Eu aprecio você ter certeza de que estou bem com isso, mas para referência futura, você tem luz verde para o que quer que seja.

— O que quer seja, hein? — Ele disse, tentando manter contato visual, mas era realmente muito difícil com os peitos dela encarando-o bem na cara.

Ela levantou uma sobrancelha. —Vamos pular as coisas da bunda desta vez, mas sim, qualquer outra coisa.

Ele bufou uma risada e abaixou a cabeça, descansando a testa entre os seios dela. —Como você pode me fazer rir quando eu estou tão duro assim?

— Um talento que não sabíamos que eu possuía quando se tratava de você, eu acho.

— Acho que vamos aprender muitas coisas novas esta noite… — Ele levantou a cabeça apenas o suficiente para enrolar a língua em torno de um de seus mamilos, seus olhos presos nos dela enquanto a chupava em sua boca.

Ela separou os lábios e deslizou os dedos em seu cabelo, combinando seu aperto com a pressão de sua língua. —Vamos aprendê-los mais rápido.

— Depois que você disse a todos que eu sou um idiota de noventa segundos? Desculpe, esposa, mas foi você quem causou isso.

Empurrando a cabeça para trás no travesseiro, ela fechou os olhos e gemeu em direção ao teto. —Eu pego de volta. Eu levo tudo de volta.

— Tarde demais, — ele disse enquanto descia ainda mais, arrastando a boca ao longo da parte inferior de seus seios, através da curva suave de seu estômago, as linhas de script em seu lado, *nem todos os que vagam estão perdidos* lembrando-o de exatamente quem ela era e quem ela não era. Ela pertencia ao mundo, não presa aqui em Havenbrook. Mas ela fez um sacrifício por ele, e ele pretendia ter certeza de que não era em vão.

— Onde você vai? — Ela perguntou, sua voz sem fôlego de um jeito que ele nunca tinha ouvido antes. Uma maneira que ele queria ouvir de novo e de novo.

— Provando um ponto, lembra?

Ela bufou uma risada e balançou a cabeça. —Você não precisa. Eu inventei totalmente.

— Eu já sabia daquilo.

— Ok, e daí...

Com os olhos fixos nos dela, ele entrelaçou os dedos e fixou a boca em sua boceta sobre sua calcinha, pressionando a língua contra seu clitóris através da renda. Ele gemeu quando o gosto dela o atingiu, o material entre eles não fazendo nada para disfarçar.

Só quando ela estava bem e ofegante, ele recuou o suficiente para dizer: —Achei que era óbvio. Agora cale a boca e deixe-me aproveitar isso.

— E quanto a mim?

— Se estou fazendo isso certo, você deveria se divertir um pouco também.

Ela soltou uma risada, mas logo se transformou em um gemido quando ele concentrou toda sua atenção nela. Por mais que ele quisesse acesso livre a sua boceta, ele adorava deixá-la excitada assim. Seja de sua boca ou de sua excitação, sua calcinha estava encharcada, o cheiro de seu prazer fazendo seu pau pulsar com necessidade. Levou tudo nele para não transar no maldito colchão

como um garoto de quinze anos provando uma boceta pela primeira vez.

Ela revirou os quadris, mais rápido a cada segundo que passava, seus dedos agarrando os dele como se ela precisasse do ponto de contato para se aterrar. Ele conhecia o sentimento. Estar com ela assim – tê-la em sua língua e ouvir os gemidos guturais que ele nunca teve o privilégio de antes – era surreal.

— Oh meu *Deus*, tire-as, — ela finalmente gemeu. —Você está me matando. Eu preciso de seus dedos, Ash. *Por favor*.

Tão rápido quanto humanamente possível, ele a despiu de sua última peça de roupa restante antes de se acomodar de volta entre suas pernas, seus ombros segurando suas coxas largas.

Ele correu os dedos por sua boceta e deslizou um dentro, gemendo quando sua umidade o revestiu. —Porra, você está encharcada.

Ela mergulhou as mãos em seu cabelo e segurou firme, puxando-o para mais perto de seu clitóris. —Chega de conversa fiada.

Ele gemeu uma risada quando inseriu um segundo dedo antes de fixar sua boca nela. Passando a língua por sua fenda, ele se deleitou com seu gosto tanto quanto seus gemidos. Os dois passaram anos em sincronia, mas isso levou a um nível totalmente novo. Ele combinou o bombeamento de seus dedos para cada movimento de seus quadris, a pulsação em seu pênis implorando para ele se apressar e fazê-la gozar para que ele pudesse finalmente afundar dentro dela.

Ela gemeu quando ele deslizou um terceiro dedo antes de sacudir seu clitóris com foco implacável. —Ash...— ela disse em um suspiro. —Deus, eu estou indo...

Ele cantarolou sua aprovação quando ela apertou em torno de seus dedos e o segurou perto enquanto ela cavalgava seu orgasmo, sua boceta pulsando ao redor dele. Ele continuou acariciando sua língua sobre seu clitóris, seus dedos enterrados profundamente, querendo extrair cada grama de seu prazer.

Finalmente, quando ela relaxou na cama e puxou seu cabelo o suficiente para puxá-lo para trás, ele levantou a cabeça. Ele encontrou seu olhar com um sorriso e uma sobrancelha levantada. — Bem... nós definitivamente nunca fizemos isso antes. Você acabou de gozar em meus dedos.

Ela mordeu o lábio inferior, os olhos com as pálpebras pesadas e cheios de luxúria. Um olhar que ele tinha visto muito, mas nunca dela. —Vamos torcer para que essa não seja a única coisa que eu vou ver hoje à noite…

Ele riu, então congelou, fechando os olhos e abaixando a cabeça com uma maldição murmurada. De todas as vezes em que foi pego sem proteção, ele não imaginou que seria na noite de núpcias.

— O que está errado?

Ele se sentou sobre os calcanhares, ignorando a obscena ereção tentando forçar a saída de sua calça de moletom. Passando a mão pelo rosto, ele disse: —Eu não tenho camisinha.

— *O quê*? — Ela perguntou novamente, desta vez com uma ponta de mordida para a palavra.

— Não vi exatamente isso acontecendo… — Ele se preparou acima dela mais uma vez, tentando ignorar a visão dela nua debaixo dele, suas pernas bem abertas, seus seios apontados diretamente para sua boca. Exceto que não havia como ignorar nada disso, e seu pênis se contraiu, roçando contra ela enquanto fazia isso. —Ignore isso.

— Acho que não posso. — Ela enganchou as pernas ao redor dele novamente, puxando-o para baixo até que seu pênis se aninhou perfeitamente contra ela.

— Porra, você está me matando, — disse ele com um gemido. — Eu quero estar dentro de você.

Ela puxou sua cabeça para baixo em direção a ela e beliscou sua orelha. —Então, entre em mim. Fiz o teste no mês passado e estou limpa.

Normalmente, ele nem consideraria ficar sem sela - ele nunca fez sexo sem camisinha - mas não era uma parceira de cama aleatório com quem ele estava passando a noite. E ele nunca tinha sido tão tentado por uma mulher. —Eu também. Você ainda tem seu DIU?

— Mhmm, — ela disse, um sorriso pecaminoso curvando seus lábios enquanto ela corria as unhas pelo couro cabeludo dele.

Ele nunca confiaria em ninguém mais em sua palavra com algo tão importante quanto isso, mas ela não era qualquer um. Esta era Nat. Sua melhor amiga.

Agora, sua esposa.

— Por que você ainda está vestindo calças? — Ela perguntou enquanto enganchava os pés em seu cós e começava a empurrar sua calça de moletom pelos quadris.

— Você é boa nisso.

— Se isso é tudo o que é preciso para impressioná-lo, estou prestes a explodir sua mente.

Ele soltou uma risada e balançou a cabeça. —Nunca tive dúvidas.

Depois de tirar as calças, ele pairou sobre ela, piscando através de uma dúzia de maneiras diferentes que ele queria fodê-la, antes de finalmente se acomodar de volta entre suas pernas. Ele queria que ela o montasse, queria dobrá-la sobre a cama, queria prendê-la na parede e não parar até que não pudesse mais segurá-los. Mas mais do que tudo isso, pela primeira vez, ele queria sentir cada centímetro dela. Beijá-la e olhar em seus olhos quando ela se desfazia debaixo dele.

Sua respiração ficou presa quando ele deslizou seu pênis através de sua umidade, seus músculos tremendo enquanto ele se conteve. —Ainda tem certeza?

— O que foi que eu disse? — Ela alcançou entre eles e agarrou-o, acariciando duas vezes antes de entalhar seu comprimento em sua entrada.

Ele deslizou para dentro, apenas uma polegada, e sua respiração ficou presa no punho apertado de sua boceta. — *Porra*, —

ele respirou, apoiando sua testa contra a dela. —Diga-me que você não vai se arrepender disso pela manhã.

Seus olhos se suavizaram tanto quanto ele já tinha visto, e ela deslizou as mãos ao redor de seu pescoço, pegando sua boca com a dela. Ela separou os lábios imediatamente, suas línguas se retorcendo enquanto ele apertava sua bunda para não ir fundo.

— Eu nunca poderia me arrepender de você, Ash. — Ela mordeu seu lábio inferior. —Agora termine de provar que estou errada.

Gemendo, ele empurrou para frente, deslizando nela em um impulso profundo. Ela engasgou enquanto olhava para ele com algo que parecia muito com admiração em seus olhos. Com cada impulso de seus quadris, cada deslizamento profundo dentro, ele se perdeu nela. Na sensação de seu corpo debaixo dele, cercando-o. Em seus suspiros de prazer, seus gritos sussurrados de seu nome.

Ele a conhecia de mil maneiras diferentes, mas nunca soubera disso.

— Cristo, por que isso é tão bom? — Ele perguntou, saindo antes de deslizar de volta para dentro, levando-a lenta e profundamente.

— Tão fodidamente bom, — ela ecoou, seus olhos revirando em seu próximo impulso.

Ele espalmou a parte externa de sua coxa, enganchando sua perna mais alto, ajustando o ângulo o suficiente para permitir que ele deslizasse ainda mais fundo. Ele passou a mão sobre o

alargamento de seus quadris, até a curva de sua cintura. Segurou um seio e chupou a ponta em sua boca enquanto ela rolava os quadris para cima para encontrar cada uma de suas estocadas.

— Eu retiro tudo, — disse ela entre respirações ofegantes. — Stacey era uma mentirosa.

Ele soltou uma risada, então gemeu quando a boceta dela ondulou ao redor dele, apertando forte. — *Foda* -se. Estou perto.

— Espere por mim. — A mão dela desapareceu entre eles, a parte de trás dela correndo ao longo de seu abdômen apertado. E então ela estava se tocando, e ele estava enlouquecendo, sua resolução poeira a seus pés.

Ele cerrou os dentes, cada músculo de seu corpo ficando tenso enquanto tentava pensar em qualquer coisa no mundo além do fato de que Nat estava esfregando seu clitóris para que ela pudesse gozar em seu pênis. Ele acelerou seu ritmo, seus quadris estalando contra os dela enquanto a cabeceira ecoava a cada impulso. O som de seus corpos se juntando apimentaram suas respirações difíceis e os gemidos guturais de Nat até que eles se misturaram na melhor música que ele poderia ter esperado escrever.

— Agora, — ela respirou, puxando seu rosto para o dela, ofegante contra sua boca enquanto suas pernas apertavam em torno de seus quadris empurrando, seus dedos uma agitação contra seu clitóris.

Ele gemeu, selando seus lábios juntos quando o orgasmo dela puxou o dele direto de sua alma, o prazer rasgando suas entranhas quando ele se derramou dentro dela sem nada entre eles.

Nunca, em seus sonhos mais loucos, ele imaginou que se encontraria aqui. Instalado entre as pernas de Nat, seu pênis ainda duro dentro dela depois do sexo mais intenso de sua vida. Ele não sabia se era porque ela era sua melhor amiga, que eles tinham uma vida inteira de experiências para construir... Se era porque ela era a primeira pessoa com quem ele dormiu com quem ele realmente amou.

Ou se era porque já não tinha tanta certeza se aquele amor era estritamente amizade ou se era algo mais.

chapter eighteen



Nem era um afago. Assim como quando ela estava bem acordada, ela gostava de seu espaço quando dormia. Odiava ter o peso morto das extremidades de outra pessoa prendendo-a no lugar. Era assim que sempre se sentia – estar encurralada sem ter para onde ir. Era sufocante.

Agora, porém, quando ela acordou com o braço de Asher pendurado em sua cintura, seu peito pressionado contra suas costas e lábios contra seu ombro, a única coisa que ela sentiu foi irritação por não poder espionar sua forma adormecida facilmente.

Com cuidado, para não acordá-lo, ela rolou, ainda nos braços dele, até encará-lo. Ela prendeu a respiração por longos momentos, esperando para ver se seus movimentos iriam acordá-lo, mas quando ela teve certeza de que estava livre, ela serpenteou a mão entre eles. Traçou o arco sombreado de seus longos e escuros cílios roçando suas bochechas, delineou a curva de seus lábios, arranhou as unhas levemente através do pelo surpreendentemente macio de sua barba. Uma barba que ela sentiu nos seios... na parte interna das coxas. Sua boceta.

Seu estômago deu uma cambalhota quando imagens da noite passada passaram em sua mente. Como ele parecia apoiado sobre ela, sua mandíbula firme em determinação, seus olhos presos nela enquanto ele se movia com tanta confiança dentro dela. Como ele provou cada pedaço de seu boato inventado completamente falso.

Essa tinha sido a melhor mentira de sua vida.

Quando se tratava de sexo, ela nunca tinha se apegado emocionalmente. Ela sempre viu isso apenas como uma troca de prazer e nada mais. Embora a noite passada certamente tivesse provado que esse ponto de vista estava errado. Tinha sido mais do que apenas alguns orgasmos para ela. Ela sentiu isso em cada centímetro de seu corpo.

Em cada centímetro de sua alma.

Decidindo que era melhor deixar esse pensamento ignorado, ela se desvencilhou de seus braços para deslizar por seu corpo. Sua boca se curvou quando ele rolou de costas, tornando seu destino muito mais fácil. Ontem à noite, depois que eles tomaram banho – e conseguiram outra rodada – estavam deitado na cama, ele sussurrou que ela deveria se sentir livre para acordá-lo com um boquete sempre que quisesse. E quem era ela para negar o que ele obviamente queria?

Afinal, a reviravolta era um jogo limpo, já que ele se divertiu na noite passada, lambendo-a até o orgasmo – duas vezes – e ela só conseguiu pouco mais do que um vislumbre de seu pênis. Embora ela tivesse sentido cada centímetro dele dentro dela... sabia exatamente

o quão incrivelmente isso a esticava, ela queria chegar um pouco mais perto e pessoal com seu novo brinquedo favorito.

Ela não era de bajular um pênis. Em sua mente, um pau era um pau, mas mesmo ela não podia negar o quão deliciosamente grosso o de Asher era, mesmo que apenas meio duro. Envolvendo os dedos ao redor dele, ela apertou levemente e passou a língua por sua fenda, sorrindo quando seu pênis se contraiu e endureceu sob seu toque. Deus, ela mal podia esperar para que ele a enchesse novamente. Esticá-la até que ele fosse tudo o que ela pudesse sentir.

Incapaz de continuar provocando-o com pequenas lambidas, ela engoliu sua cabeça em sua boca, sugando profundamente enquanto girava sua língua ao redor dele e saboreava seu gemido.

— Nat? — Ele perguntou, o timbre baixo e sonolento de sua voz enviando arrepios direto para seu clitóris.

Com os lábios esticados ao redor dele, ela ergueu o olhar e encontrou seus olhos, uma satisfação presunçosa superando-a em seu sussurro: — *Jesus*.

Ele deslizou os dedos em seu cabelo e deixou cair a cabeça para trás em seu travesseiro com um gemido baixo e profundo. Mantendo a mão firmemente em volta dele, ela bombeou seu comprimento enquanto o chupava profundamente em sua boca, pulsando sua língua contra o lado sensível. Seu clitóris pulsava com cada gemido de seus lábios, cada contração de suas coxas sob sua palma, cada puxão cuidadoso de seus dedos em seu cabelo, como se ele quisesse desesperadamente segurá-la para que pudesse foder sua boca com força e rápido, mas estava se segurando.

Ela não tinha certeza se era sua contenção óbvia ou sua necessidade desesperada que a empurrou sobre a borda, mas era demais. Em outra ocasião, ele poderia gozar em sua boca. Inferno, ela faria isso de novo mais tarde hoje se ele quisesse, mas agora, ela estava muito molhada. Muito dolorosa para ele. Ela precisava senti-lo dentro dela novamente. Precisava ver se estar com ele era tão intenso à luz do dia como tinha sido quando a escuridão os encobria.

Ela o soltou com um estalo e subiu em seu corpo, acomodando-se sobre seu comprimento. Agarrando-o com força, ela sacudiu a cabeça de seu pênis contra seu clitóris, gemendo quando o prazer a atravessou.

— Pensei que estava sonhando, — ele murmurou, agarrando dois punhados de sua bunda e tomando um de seus mamilos em sua boca.

— Você está me dizendo que eu sou a mulher dos seus sonhos? — Ela perguntou enquanto o alinhava em sua entrada.

— Você não tem ideia…

Com isso pairando no ar entre eles, ela afundou, prendendo a respiração enquanto sua boceta se esticava para acomodar seu tamanho. Ofegante, ela olhou para ele com os olhos semicerrados. Passou as mãos sobre seu peito definido. Traçou cada cume de músculo, delineou cada tatuagem. Seus dedos coçaram por sua câmera, apenas para capturar o olhar em seu rosto enquanto ele olhava para ela como se ela fosse a resposta para todas as orações que ele já teve.

Como ela o conheceu toda a sua vida, e ainda assim tudo isso era novo? Ela o tinha visto sem camisa inúmeras vezes, mas nunca soube como o sol nascente lançava sombras através de seu abdômen apertado enquanto ondulava com a necessidade. Não conhecia o teor de seus gemidos profundos e agonizantes quando ela se sentou em seu pênis completamente, pressionando seu clitóris contra ele enquanto balançava para frente e para trás, o mais perto que duas pessoas podiam chegar. Não sabia o quão bem suas mãos se encaixariam na forma e tamanho exatos de seus quadris... seus seios... Não sabia o quão doce soaria ouvi-lo sussurrar seu nome em meio ao êxtase.

— Você vai me fazer gozar, — disse ele, seus dedos cavando em seus quadris enquanto ela se sentava contra suas coxas levantadas.

Balançando mais rápido, ela ofegou e balançou a cabeça. —Eu primeiro.

— Sempre. — Ele deslizou uma mão para baixo, as pontas ásperas de seus dedos calejados dedilhando ela, assim como ele dedilhava uma guitarra.

Enquanto ele a levava para fora de sua mente com uma mão e agarrava seu quadril com a outra, ela estendeu a mão e segurou seus seios, beliscando seus mamilos enquanto o montava em seus picos. A visão deve ter sido demais para ele, porque, com um gemido, ele pressionou alto com seus quadris, segurando-a no lugar acima dele enquanto empurrava para cima em um ritmo rápido e implacável.

— Ai meu *Deus*. — Ela gozou em um soluço, apoiando-se em seu peito enquanto ela desabou para frente. As ondas de seu orgasmo

a inundaram enquanto ele continuava bombeando seu pênis profundamente dentro dela, estendendo seu prazer enquanto ela estremecia por sua liberação.

— *Foda* -se, — disse ele com os dentes cerrados. —Amo como você fica quando goza em mim.

Recuperando o fôlego, ela apertou o peito contra o dele, deslizando os dedos pelo cabelo dele enquanto mordiscava o lábio inferior, acalmando a picada com a língua. —Amo como você fica quando me enche.

— *Nat*, — ele gemeu, seus quadris parando quando ele empurrou para cima e pressionou profundamente. Seu pênis pulsava dentro dela quando ele gozou, seus dedos cavando na carne macia de sua bunda.

Ela olhou para ele, observando o prazer varrer seu rosto enquanto ele se derramava dentro dela. Como nada restava entre eles... nenhum segredo para descobrir, nenhuma fronteira que eles não tivessem cruzado. Sua respiração ficou presa na intimidade de senti-lo sem uma barreira entre eles... algo que ela nunca experimentou com ninguém antes.

Então, não foi apenas na noite passada, quando eles foram varridos pelos eventos do dia. Quando eles começaram tudo isso por causa de um desafio - uma desculpa frágil, mas aparentemente ambos precisavam admitir que queriam tentar algo que sabiam melhor do que apostar sua amizade. Mas ela tinha total certeza, mesmo sentindo o calor dele dentro dela, que isso não era uma anomalia.

Os dois sempre clicaram, mais do que ela e Nash - embora agora estivesse claro que essa coisa entre ela e Asher se espalhava pelo quarto também. A facilidade deles em torno um do outro permitiu-lhes um nível de conforto que ela nunca teve com mais ninguém. Algo que ela não tinha certeza se encontraria novamente. Não tinha certeza se ela ainda queria.

Ela não precisava pensar sobre isso agora, no entanto. Não enquanto ele estava traçando as pontas dos dedos ásperos ao longo de sua coluna. Não quando ele estava beijando sua mandíbula, pressionando o nariz em seu pescoço e inalando profundamente. Não quando ele a agarrou com força e a virou debaixo dele, sorrindo para baixo em seu grito de surpresa, seu cabelo despenteado de sono caindo e fazendo cócegas em seus seios enquanto ele beijava seu caminho através de seu peito.

Ela permitiu que suas pálpebras se fechassem quando ele fechou os lábios ao redor de seu mamilo e se perdeu na sensação de seu corpo contra o dela.

Mais tarde, ela contemplaria o que tudo isso significava. Mais tarde, ela repetiria isso em sua mente, quebrando-o e trancando-o em pequenas caixas arrumadas para que fizesse sentido.

Mais tarde, ela poderia se preocupar com o que aconteceria quando ela partisse.

chapter nineteen



— Eu agradeço que você me ajude, docinho,— Vovó disse de seu poleiro na grama no quintal dos Havens. —Eu poderia me sentir como uma galinha da primavera, mas não tenho sido uma há algum tempo. — Ele, Nat e as crianças vieram mais cedo no dia seguinte.

A mãe de Nat ligou, convidando-os para a tarde. Owen estava cochilando, Caroline de plantão monitora, e Nat estava sentada a vários metros de distância, a risada dela e de June flutuando para ele enquanto cavavam na terra.

Ele deixou cair dois sacos de terra no chão perto de onde vovó estava sentada em um carrinho de jardim. —Bem, eu estou feliz em deixar você me usar para meus músculos a qualquer hora, vovó.

— Estou feliz que você tenha dito isso. Por que você não desce aqui e me ajuda a cavar alguns buracos para essas flores? — Ela gesticulou para o pátio, onde havia pelo menos seis vasos de flores. — Vou ficar aqui a noite toda se fizer isso sozinha.

— Isso é um monte de flores. Seu filho não emprega um jardineiro?

— Pfff. — Vovó deu um tapa no ar como se afastasse sua sugestão. —Você sabe que eu não gosto de todo esse absurdo. Se eu posso fazer o trabalho sozinha, pretendo fazê-lo. E se eu não puder, pretendo enganar outra pessoa para me ajudar.

Asher riu, sua atenção roubada por um grito de excitação de June. Ela estava radiante, pulando e correndo em círculos ao redor de Nat, cuja cabeça estava para trás, seu rosto virado para o céu e um sorriso brilhante nos lábios.

— Algo além de mim e todas essas flores chamou sua atenção?— Vovó perguntou.

Ele piscou, balançando a cabeça quando encontrou o olhar dela. —O que? Nunca. Estou totalmente focado em você.

— Eu posso não ser capaz de carregar 30 quilos de terra sobre meu ombro como você, jovem, mas meus olhos ainda não ficaram ruins. Muito fácil ver que sua noiva chamou sua atenção. — Vovó olhou para onde June e Nat estavam descendo a colina perto de um grande carvalho, seus suprimentos de jardinagem há muito esquecidos enquanto suas risadas ecoavam pelo quintal. —E eu posso ver o porquê. Ela é realmente especial quando está com aquelas crianças, não é?

Ele não podia negar a verdade disso. Ele passou toda a sua amizade sabendo que ela era carinhosa e compassiva, leal e protetora. Mas vê-lo sair dela e ser derramado sobre sua sobrinha e sobrinho – sua única família restante – era algo que ele não esperava. —Sim, ela é.

— Você realmente é um tolo apaixonado por ela. — Vovó balançou a cabeça e sorriu para ele com carinho, e ele mordeu a língua, odiando que eles tivessem que mentir para ela. Que ela achava que isso era algo mais do que era – apenas um amigo ajudando o outro. Não importa que a ajuda tenha se infiltrado em outras áreas, borrando todos os limites. Não importava que Asher não tivesse tanta certeza de que ele se importava tanto assim.

— Então, o que está no futuro para vocês? — Vovó perguntou.

Ele balançou a cabeça e perfurou o chão com a pá de jardim. — Nós estamos apenas aguentando até que esta tutela chegue. Esperançosamente.

— Não tenho dúvidas, docinho, — disse ela. —E o que vem depois que isso é resolvido?

Bem, o que veio depois disso foi Nat deixando Havenbrook — assim como ele e as crianças — para trás. Assim que a decisão final chegasse, ela estaria no próximo avião saindo de Memphis. Ele não podia dizer isso, no entanto. Não podia nem dizer a vovó que o pensamento tinha dado um nó em seu estômago. Mantinha-o acordado todas as noites desde o casamento.

— Para ser perfeitamente honesto, não tenho certeza.

Vovó cantarolou. —Nat me disse que você tinha uma reunião marcada com uma gravadora...

Uma que havia sido agendada para o dia seguinte ao falecimento de sua irmã. Fazia semanas desde a morte de Aubrey e Nathan, e embora a dor dessa perda ainda pesasse sobre ele, tinha

diminuído um pouco. Agora, em vez de um punho apertando seu coração com a mera menção de seu nome, ele só sentiu uma tristeza persistente ao saber que ela se foi. Sabendo que ele nunca falaria ou a veria novamente. Sabendo que a única coisa que restava dela eram essas crianças pelas quais ele e Nat estavam lutando tanto.

Ele limpou a garganta, seu olhar focado no chão enquanto cavava outro buraco. —Eu obviamente cancelei isso.

Vovó estendeu a mão e apertou a mão dele. —Claro, docinho. Ninguém esperaria o contrário. Você já tem outro alinhado?

— Não. — Asher soltou um suspiro pesado, a ligação anterior de seu gerente estava na vanguarda de sua mente. Carla estava entendendo sua situação e estava lhe dando tempo para descobrir o que ele queria. Mas esse era o problema, não era? Ele não sabia o que era isso. —Recebi uma ligação esta manhã com minha empresária, e ela está querendo saber o que eu quero fazer. Que direção eu quero tomar.

— E que direção é essa?

Ele balançou a cabeça, apertando os olhos ao sol enquanto olhava para ela. —Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia.

— Bem, você passou por muitas mudanças nas últimas semanas. Muito mais ainda está por vir.

— Isso é verdade, mas isso não muda o fato de que eu vou ter que descobrir alguma coisa. Há uma editora que quer discutir a possibilidade de me trazer para o grupo de compositores deles, mas Carla não quis tentar se eu ainda tentasse algo com a gravadora. Mas

então eu me pergunto se qualquer trabalho é bom o suficiente. Os dois são loucos.

— Louco como?

— Imprevisível. Ter uma renda estável é algo que o Juiz Sevilha vai levar em conta na sua decisão. Tenho algum dinheiro guardado na poupança, mas não o suficiente para durar mais do que alguns meses. Preciso de um emprego, o que significa que preciso descobrir o que quero fazer, e rápido.

Vovó cantarolou. —Essa é uma pergunta para os tempos, não é? E quanto a Nat?

— Eu não acho que ela vai trocar a fotografia por cantar comigo, — ele disse rindo.

— Não, eu não suponho que ela faria. O que ela está planejando fazer com sua carreira? Havenbrook não está exatamente cheia de tipos de empregos que ela aceitaria.

— Não exatamente, — ele concordou.

E esse foi o ponto de discórdia, não foi? Ele pediu a ela para ficar, para desempenhar seu papel nessa mentira, mas quando ele pediu para ela fazer isso, ele não esperava que as coisas mudassem tão drasticamente entre eles. Misturar sexo tinha desempenhado um papel nisso, é claro, mas era mais. Ele nunca tinha percebido o quão fácil poderia ser entre eles. Eles tinham o melhor dos dois mundos – o tipo de amizade que ambos sempre puderam contar, combinado com o tipo de química sexual crua sobre a qual os livros eram escritos. E ele não tinha tanta certeza de que queria desistir disso.

Ele teve um breve lampejo de hesitação na noite em que ele e Nat dormiram juntos pela primeira vez, não querendo arriscar o que tinham. Foi por isso que ele se esqueceu de sua paixão por ela quando eles eram adolescentes, porque ele viu em primeira mão como as coisas tinham abalado entre ela e Nash depois de um beijo.

Ele e Nat tinham feito muito mais do que beijar.

Mas ele deveria saber melhor do que se preocupar com isso com eles. Embora alguns amigos não pudessem cruzar a linha do envolvimento romântico, eles mais uma vez destruíram todas as noções preconcebidas e seguiram em frente sem olhar para trás. As coisas entre eles não tinham sido estranhas ao menos. Quente como o inferno? Sem dúvida. Desconfortável? Nem um pouco.

Eles servem. Perfeitamente. Sem esforço. Ele nunca teve uma risada engolida por um gemido durante o sexo. Nunca quis abraçar alguém tanto quanto queria fodê-la. Com Nat, ele queria ambos em igual medida.

— Você sabe, — Vovó disse, —Nat costumava vir aqui comigo o tempo todo quando ela era uma garotinha. Eu consegui um pouco de trabalho grátis dela, e ela conseguiu evitar seu pai autoritário.

Asher bufou. —Evitar coisas é provavelmente seu hobby favorito.

— Sem dúvida. Tivemos muitas conversas aqui. Lembro-me de uma vez, ela tinha talvez onze ou doze anos, ela me perguntou se eu gostava de morar em Havenbrook porque ela não gostava muito.

— O que você disse a ela?

— Disse a ela que fiz minha escolha de ficar, casar com o avô dela e ter o pai dela. Estabelecer algumas raízes. E por mais que eu às vezes desejasse ter viajado pelo mundo, a vida não era para arrependimentos. É para viver.

— Acho que ela já descobriu essa parte.

Vovó cantarolou e olhou para ele, seu olhar se conectando com o dele sob a aba de seu chapéu de sol. —Ela com certeza sabe. Tenho certeza de que ela pegou minhas palavras naquele dia e fez delas seu mantra na vida, porque eu também disse a ela que estava em seus ossos voar, e aquela garota passou os últimos oito anos fazendo nada além de voar.

Passou oito anos voando e dez antes disso falando sobre isso. Ele olhou para onde ela e June brincavam, e embora ela parecesse feliz – embora ela estivesse feliz nas últimas semanas com ele – ele sabia que não iria durar. Não podia. Não quando ela estava tentando a vida inteira sair desta cidade, e se as coisas fossem do jeito que ele estava rezando para que acontecessem com as crianças, ele estaria voltando para Havenbrook permanentemente.

— Você se importaria de me pegar uma das planícies, docinho? — Vovó perguntou.

— Sem problemas, — disse ele, empurrando-se para ficar de pé.

— Basta colocá-los aqui, por favor. — Ela apontou para o local ao lado dela, e ele obedeceu. —Felizmente para vocês, não precisa ser tudo ou nada. Ter uma base aqui não é diferente de ter uma em Portland. Falando em... quando vocês vão trazer os pertences dela

para cá? —Vovó perguntou, uma nota de algo pesado em seu tom que ele não conseguia decifrar.

Merda. Eles não tinham discutido isso. Não tinha um plano para quando alguém pedisse. Não tinha previsto ninguém perguntando, embora eles deveriam ter. Vovó lia muitos romances de mistério para seu próprio bem e adorava descobrir uma história.

— Olha quem eu encontrei, — Caroline interrompeu enquanto saía para o pátio com Owen em seus braços, Richard atrás deles. — Ele ainda está um pouco mal-humorado.

— Você está falando sobre aquele doce inseto de açúcar em seus braços ou meu filho? — Vovó perguntou enquanto fugia em seu carrinho de jardim para o próximo buraco, arrastando o conjunto de flores junto com ela.

Caroline riu e caminhou em direção a eles, sentando-se à mesa sob o guarda-chuva. —Agora, não seja má com ele. Ele está grelhando nossos bifes esta noite.

— Falando nisso, vocês vão ficar para o jantar?— Vovó perguntou.

— Por que não. Eles já estiveram aqui o dia todo,— Richard disse, sentando-se ao lado de Caroline. —Vocês não têm empregos?

— Richard,— Caroline advertiu. — Nós não vamos dizer uma única palavra quando nossa filha e genro, — ela olhou para Asher com um sorriso, — querem trazer esses bebês doces para nos visitar.

— Na verdade, papai, — Nat disse enquanto se aproximava de Asher, —nossos trabalhos podem não ser tão glamorosos quanto um

jogador de paciência, mas eles não têm nenhuma rigidez. Tudo que eu preciso é minha câmera e algo bonito, e Asher pode escrever músicas de qualquer lugar.

— Como vão as coisas para você, querida? —Carolina perguntou. —Você esteve ocupada?

— Um pouco ocupada demais, na verdade. As coisas estão em espera agora, mas voltarei a isso em breve. — Ela encontrou o olhar de Asher, algo pesado e não dito pairando entre eles. Embora sem dúvida parecesse que ela voltaria depois que tudo com as crianças fosse resolvido, ambos sabiam que ela queria dizer algo completamente diferente.

Significava que ela pretendia ir embora.

— Bem, eu estou feliz que você esteja ocupada, — sua mãe disse, — mas eu não amo isso toda vez que você vai, é fora do país.

— Na verdade, — Nat disse, dando um sinal de positivo para June enquanto ela chamava Nat para vê-la nos balanços, — há um projeto que eu tenho pensado. Algo que me manteria nos Estados Unidos por um tempo.

— Sério? — Ele perguntou, olhando para ela com as sobrancelhas franzidas.

— Sim, lembra? Aquela coisa sobre a qual conversamos? —Ela entrelaçou seus dedos e apertou duas vezes. Certo. Porque os planos profissionais futuros eram provavelmente algo que a maioria dos casais discutia. —Viajando pela Rota 66 – ou o que sobrou dela, de qualquer maneira – e fazendo meu próprio livro de mesa de centro?

— Você não acha que é hora de vocês serem um pouco mais práticos?— Richard perguntou. —Agora que vocês têm uma família para cuidar, vocês dois precisam de um trabalho estável em vez dos hobbies nos quais estão focados. Tenho certeza de que Will ou Mac ficariam felizes em arranjar um emprego para você na prefeitura, Nat.

Ela bufou uma risada incrédula. —Que parte da minha personalidade faz você pensar que eu ficaria feliz trabalhando na prefeitura? E esses *hobbies* estão indo muito bem para nós.

— Richard, não vamos repetir essa mesma discussão toda vez que sua filha chegar em casa, — Caroline disse enquanto dava a mamadeira para Owen.

Ele ergueu as mãos em rendição. —Eu não estou refazendo nada. Só não os vi fazendo esses trabalhos agora, é tudo.

— Bem, papai, estamos um pouco ocupados tentando manter as coisas o mais normal possível para June, enquanto atendemos a compromissos de assistentes sociais e esperamos para garantir que outra família rica não consiga o que quer simplesmente porque tem dinheiro. Você pode saber um pouco sobre isso, no entanto. Tenho certeza que você conseguiu o seu caminho por anos. Infelizmente, não podemos comprar nossa saída desta.

Ela ficou rígida ao lado dele, sua raiva por seu pai usando seu poder para sair de situações nada novas. Pesava em suas costas quando os três entravam em apuros juntos, mas apenas ele e Nash ficavam presos com alguma acusação. Aparentemente, Havens não fez a coisa toda no tribunal.

Asher colocou o braço ao redor dela e a colocou em seu lado, pressionando um beijo em sua têmpora. —Você está deixando ele te atrair, — ele disse em seu ouvido. —E você vai deixá-lo desfazer todo o trabalho duro que fiz esta manhã, certificando-se de que você começou o dia relaxada.

Ela deslizou-lhe um olhar com o canto do olho, os lábios inclinados para cima de uma forma que lhe disse que ela estava lembrando exatamente como eles passaram a manhã, ou seja, seus dedos a tirando enquanto seu pênis doía por sua boceta. Não tinha tido tempo, no entanto. Não quando June era madrugadora e não tinha escrúpulos em acordá-los ao raiar do dia.

— Bem, não precisaremos nos preocupar com isso, — Caroline disse, tirando Asher de seus pensamentos. —Não tenho dúvidas de que vocês são os mais indicados para essas crianças. Você é quem Aubrey e Nathan queriam, e o juiz Seville vai ver isso.

Sim, ele também pensava assim. Ou esperava, de qualquer maneira. Mas quanto mais dias se passavam, mais inseguro ele ficava. Ele apostaria tudo o que tinha para dar certo. Tinha se dedicado a isso, tinha começado a se acomodar e ficar confortável nesta vida que ele não tinha certeza se alguma vez quis.

Uma coisa boa era que isso não era mais uma pergunta. Ele tinha aprendido a amar essa vida nas poucas semanas em que a estava vivendo. O que significava que só iria doer muito mais se tudo fosse tirado.

chapter twenty



Poucos dias depois, os balbucios de Owen os acordaram junto com o sol. A hora adiantada chegou muito cedo, considerando quão tarde ele manteve os dois acordados.

Nat gemeu e esmagou seu rosto em seu travesseiro. —Por que eu continuo permitindo que você me mantenha acordada até todas as horas da noite?

Asher sorriu contra seu ombro antes de pressionar um beijo lá, lembrando seus gemidos ofegantes ordenando que ele lhe desse mais. —Engraçado, eu nunca ouço você reclamar enquanto estou distribuindo orgasmos como doces.

— Uau. Como você vai sair daqui com essa cabeça gigantesca?

— Qual delas?

— Oh meu Deus, — ela disse com uma risada enquanto ela espetava seu cotovelo de volta em seu estômago. Ela tirou as cobertas e saiu da cama, completamente despreocupada com sua nudez. E ele certamente não se importava de assistir ao show.

Ela vestiu uma legging - sem calcinha, ele não pôde deixar de notar - e deslizou uma de suas camisetas muito grandes sobre a cabeça. —Vou pegar um para o time e pegar o primeiro ponto no Sr. Pee Pants[7] esta manhã. E você provavelmente deveria descobrir por que a senhorita Junie B. não foi quem nos acordou, — ela disse por cima do ombro enquanto caminhava para fora do quarto em direção ao quarto de Owen.

— Não posso cumprimentá-la exatamente assim, — ele murmurou, fechando os olhos e afastando sua ereção aparentemente sempre presente. Ou sempre presente quando se tratava de Nat, de qualquer maneira.

Assim que se controlou, vestiu uma calça de moletom e tirou o cabelo dos olhos com os dedos enquanto caminhava pelo corredor em busca de June. Ele sorriu quando os sons de Nat imitando os balbucios de Owen flutuaram para fora de seu quarto, não acreditando em como ela havia se encaixado perfeitamente nesse papel. Por mais que ela tivesse, ele sabia que ela também devia estar se contorcendo para fugir, algo que ele estava pensando cada vez mais depois de sua conversa com vovó.

Este tinha sido o maior tempo que Nat esteve presa em um lugar desde que ela tinha dezoito anos, e ele não tinha dúvidas de que a coceira para fugir estava rastejando sob sua pele. Eles podem não conseguir escapar para Barcelona ou Peru, mas talvez ele possa descobrir outra coisa. Algo que eles pudessem fazer em Havenbrook ou nos arredores para lhe dar um gostinho da aventura que ela desejava.

---

[7] Calças mijadas.

Ele enfiou a cabeça no quarto de June, seu coração deu uma guinada ao ver a cama vazia dela, o pânico como se ele nunca tivesse percebido que estava tomando conta dele. — Junebug? — Ele chamou.

Pulso martelando, ele olhou para a sala e cozinha antes de girar de volta. Ele soltou um suspiro longo e aliviado quando seu olhar se fixou no quarto de Aubrey no final do corredor, a porta se abriu uma fresta. Com apreensão, ele fez o seu caminho para o final do corredor, abrindo a porta rangente e olhando ao redor do espaço que ele ainda não tinha sido capaz de entrar desde que ele tinha voltado.

Cristo, ainda cheirava a ela, o cheiro varrendo-o enquanto ele estava ali, agredido por lembranças de seu sorriso e sua risada, o jeito que ela cortava as cascas de sua pizza e as guardava para o final, e como ela sonhava em viajar para Califórnia, mas nunca tinha chegado a isso. Aquele punho invisível que o deixou sozinho alcançou seu peito novamente e agarrou seu coração, doloroso e inevitável. Pode ter sido semanas desde que ela morreu, mas ele ainda não estava pronto para entrar lá. Mas quando seus olhos pousaram em sua sobrinha, enrolada no meio da cama king-size dos pais, ele percebeu que isso era muito mais do que ele estava confortável.

— Ash? — Nat chamou atrás dele. —Você encontrou… — Com Owen em seu quadril, ela parou na porta aberta, seus olhos correndo dele para onde estava June, piscando os olhos abertos.

— Sim, eu a encontrei. — Com um suspiro, ele se sentou na ponta da cama e estendeu a mão para esfregar círculos nas costas de June. —Ei, bug. O que você está fazendo aqui?

— Eu tive um sonho ruim.

— Por que você não veio me chamar ou Nat?

Ela deu de ombros, sentando-se enquanto esfregava o sono de seus olhos. —Estou me divertindo com você, tio Asher. Mas quando mamãe e papai voltam para casa?

A pergunta simples era uma bola de demolição em seu peito, uma faca em seu estômago. Enfrentar isso era algo sobre o qual ele e Nat haviam conversado profundamente, imaginando quando o outro sapato cairia, já que parecia que June havia aceitado a notícia tão bem. Mas ainda assim, isso o pegou desprevenido.

Ele olhou para Nat porque com certeza não sabia o que dizer. Como ele explicava a morte para uma criança de quatro anos? Como ele definia a permanência dela? Que não eram apenas férias. Que não havia volta.

Pelo olhar no rosto de Nat – cheio de um monte de *oh foda* -se – ele sabia que ela estava tão fora de si quanto ele.

Ele puxou June em seu colo e passou a mão por seus longos cabelos escuros, tão parecidos com os de sua mãe. —Você sente falta deles?

Ela assentiu contra o peito dele, abraçando o cobertor no rosto enquanto ele a abraçava e a abraçava com força.

Ele descansou os lábios no topo de sua cabeça e fechou os olhos. Inspirou-a e agradeceu a Deus que ele ainda tinha esse pedaço de sua irmã quando ele nunca poderia tê-la novamente. —Eu também, bug. Eu também.

***

Felizmente — ou Infelizmente, dependendo de como você olhasse — crianças de quatro anos eram criaturas altamente distraídas, e a atenção de June foi desviada com a mera menção de panquecas. Por sua segunda porção, ela era toda sorrisos e gargalhadas, mas Asher sabia que era apenas um breve adiamento do problema em questão. Um problema que ele não tinha porra nenhuma ideia de como resolver.

— Se vocês gremlins de comida terminarem, eu vou pular no chuveiro. — Nat caminhou até eles e deixou um prato de panquecas frescas de animais – sua especialidade – na mesa. —Uau, calma com a calda, sua viciada em açúcar.

June deu uma risadinha quando Nat arrancou a garrafa de sua mão antes de colocá-la fora de alcance. —Mas é tão gostoso!

— Ainda bem que essa poça no seu prato diz que você ainda tem muito, — disse Asher antes de dar uma mordida.

Owen bateu a palma da mão em sua cadeira alta e chamou a atenção de June, efetivamente encerrando a discussão. Graças a Deus, porque ele ainda não tinha capacidade mental para fazer ginástica verbal com uma criança de quatro anos esta manhã.

Envolvendo um braço em volta de seus ombros por trás, Nat se inclinou em direção a ele. —Nós temos aquele encontro com Sheila hoje, — ela disse em seu ouvido, embora ela provavelmente não precisasse ser tão furtiva. O que, já que Owen e June estavam agora tendo uma competição de gritos, vendo quem conseguia gritar mais

alto. Esse jogo horrível era algo que eles adoravam fazer, o que a garrafa cada vez menor de ibuprofeno dele e de Nat podia atestar.

Asher exalou um suspiro pesado e fechou os olhos. —Merda, eu esqueci disso. Não é exatamente o melhor momento para ela vir – quando minha sobrinha está tão triste com seus pais, ela escapou de seu quarto e dormiu na cama deles metade da noite.

Nat deu um passo na frente dele e encostou sua bunda contra a mesa. Levantando um ombro, ela disse: —Pode ser uma coisa boa. Este é o trabalho dela. Talvez ela tenha uma indicação de alguém com quem June possa conversar.

— Você não acha que vai ficar ruim? — Ele soltou um suspiro frustrado e passou a mão pelo cabelo. —Como se eu não pudesse nem mantê-la feliz?

— Não importa muito se ela parece estar feliz se ela realmente não estiver. Importa? —Ela se inclinou e deu um beijo rápido nos lábios dele antes de se levantar, fixando o olhar nas crianças, e depois jogando o chapéu no ringue com seu próprio grito.

O som inesperado assustou Owen e June e os dois se dissolveram em gargalhadas profundas. Um sorriso puxou seus lábios, esquecendo por apenas um segundo o que estava em jogo. Ele não tinha ideia se Nat estava certa. Se pedir ajuda ajudaria ou prejudicaria seu caso. Mas ele decidiu quando Cole tinha mostrado aquele vídeo de Aubrey pedindo que ele mantivesse as crianças que ele estava nisso até o amargo fim. Ele estava lutando para manter June e Owen. Para criá-los. E isso significava mergulhar na merda até a cintura de vez em quando, bem como navegar pelos bons

tempos. E se isso não era um monte de merda, ele não sabia o que era.

Vinte minutos depois, a campainha tocou, dando a Asher e Nat tempo suficiente para ficarem apresentáveis. Ele abriu a porta para um coro de June e a segunda briga de gritos do dia de Owen. Ele tentou suborná-los antes de responder, e embora June estivesse disposta a parar, Owen não conseguiu se convencer. E desde que ele continuou, June achou que ela merecia também.

— Bom dia, Sra. Cummings, — Asher cumprimentou com um sorriso. —Eles estão se divertindo, eu prometo.

Só então, ambas as crianças caíram na gargalhada graças a Nat se sacrificando à mercê deles e permitindo que eles subissem nela como um trepa-trepa.

Sheila sorriu, segurando sua bolsa de lona mais uma vez cheia de brinquedos. —Parece. Se importa se eu entrar?

— Sim, claro. — Asher deu um passo para trás e gesticulou para que ela entrasse.

Só porque esta não era sua primeira visita não tornava as coisas mais fáceis. Ele poderia saber mais o que esperar, mas isso não mudava o fato de que, por mais legal que Sheila fosse, seu trabalho era relatar ao tribunal seus pensamentos sobre se ele estava ou não apto para ser o tutor de sua sobrinha e sobrinho. Como se tudo isso não fosse difícil o suficiente para descobrir, ele estava fazendo isso com uma bigorna pairando sobre ele ao mesmo tempo. Parecia que ele estava pulando de um avião sem pára-quedas, e ele não tinha ideia de quanto tempo até cair no chão.

— Ouvi dizer que os parabéns estão em ordem, — disse Sheila, abaixando a cabeça em direção à mão esquerda de Asher, onde sua aliança de casamento preta estava.

— Sim, ele finalmente fez de mim uma mulher honesta, — disse Nat.

— Finalmente? Quanto tempo vocês estavam namorando?

Como ele absolutamente não podia dizer a verdade, ele foi com o que estava mais próximo. —Somos amigos desde a primeira série. As coisas meio que naturalmente progrediram a partir daí. Então, acho que você poderia dizer que ela esperou a vida inteira para que eu continuasse.

Nat bufou. —Tem certeza de que não é o contrário?

— Isso também. — Seus olhos se encontraram por uma batida pesada, uma pergunta no olhar de Nat que ele não conseguiu responder. Ele estava fingindo apenas para mostrar? Ou ele realmente quis dizer isso?

— Vocês são muito fofos. — Sheila sentou-se no sofá e abriu a bolsa, gesticulando para que June se aproximasse. —Olá June. Trouxe alguns brinquedos novos para você e seu irmão. Se importa se eu conversar um pouco com seu tio enquanto vocês jogam?

— Você tem chiclete? — June perguntou, espiando dentro da bolsa. Sheila riu.

—Temo que não.

June suspirou, parecendo muito chateada, mas pegou a bolsa e jogou todo o seu conteúdo no chão. Owen largou o controle remoto com o qual estava brincando e rastejou direto para a bagunça como se um tiro de espingarda tivesse disparado.

— Como estão as coisas para vocês? — Sheila perguntou, afastando sua atenção das crianças.

Ele e Nat trocaram um olhar, e ela levantou uma única sobrancelha, seu adiamento silencioso para ele. Embora ela não tivesse que dizer uma palavra para ele saber o que ela achava que ele deveria fazer.

Limpando a garganta, ele se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos abertos. Ele esfregou as palmas das mãos e olhou para o chão, lembrando-se de que se June não conseguisse a ajuda de que precisava para superar sua dor, não importava se isso os fazia parecer mal ou como se eles não pudessem lidar com isso. O bem-estar dela era sua principal prioridade.

— Bom. Principalmente, eu acho, — Asher disse com um aceno de cabeça. —Os dias bons superam os ruins, isso é certo.

— Isso é ótimo. Como você acha que as crianças estão se ajustando à mudança?

— Owen está sempre feliz, contanto que ninguém esqueça sua mamadeira, — disse ele com uma risada.

Ela sorriu. —E June?

— Honestamente, se você tivesse vindo ontem, eu teria dito que as coisas estavam bem. Que ela tem sido seu eu normal e precoce.

— Mas desde que eu vim hoje? — Ela perguntou, deixando a pergunta aberta para ele continuar.

Ele soltou um suspiro pesado. —Nós a encontramos enrolada na cama da minha irmã esta manhã, perguntando quando sua mãe e seu pai estão voltando para casa.

Sheila fez um som rouco de simpatia, e ele engoliu a apreensão que ainda sentia, mesmo sabendo qual era a coisa certa a fazer.

— Eu não sei se isso vai nos fazer parecer fracos ou incompetentes, mas isso é sobre as crianças. E eu não me importo com nada além de ter certeza de que eles estão bem. Por isso, adoraria sua ajuda. — Ele ergueu o olhar e olhou para Nat, que se deitou no chão para encurralar Owen. Ela lhe ofereceu um sorriso encorajador, dando-lhe a segurança que ele precisava.

— Agradeceríamos se você tivesse uma indicação de um terapeuta que trabalha com crianças pequenas lidando com o luto.

— Claro, — disse Sheila sem hesitar. —E isso certamente não faz você parecer incompetente ou qualquer outra coisa além de um tio amoroso. Não há nada de errado em encontrar alguém para conversar com sua sobrinha. Na verdade, diz muito que você entrou em contato para obter a ajuda que todos sentem que ela precisa.

Asher soltou um suspiro de alívio e encontrou o sorriso de Nat. Apesar de não ter quase nenhuma experiência com crianças, ela tomou a decisão certa sobre isso, e eles passaram neste pequeno teste. Ele só esperava que eles se saíssem bem quando realmente contava.



— Se isso for uma tentativa de sequestro, seus métodos precisam de um pouco de trabalho. Eu nem estou amarrada, — Nat disse do banco do passageiro enquanto Asher os levava para um destino desconhecido.

Naquela manhã, ele a cumprimentou com um beijo, um orgasmo e a notícia de que eles estavam brincando com todas as suas responsabilidades hoje. O que significava que, graças a Rory, eles estavam sem filhos pela primeira vez em semanas. Talvez ela devesse à irmã algo mais do que uma surra verbal...

As responsabilidades eram algo totalmente novo para Nat. Claro, ela pagou suas contas, e quando ela tinha uma sessão marcada, ela se certificou de que sua bunda estava lá na hora. Mas isso foi praticamente a extensão deles. Ou tinha sido desde que ela fugiu desta cidade.

Embora seu pequeno gosto de Havenbrook mostrasse que talvez não fosse tão ruim quanto ela se lembrava, ainda era sufocante nesta cidade. Principalmente porque estar aqui veio com certas

expectativas. Aquelas que seu pai havia gravado em pedra para ela desde o momento em que ela nasceu. *Os Havens não se comportam assim. Os Havens não podem ser vistos fazendo isso. Droga, Nat, por que você não pode ser mais como suas irmãs?*

Ela fugiu, não apenas por aventura, mas para escapar das expectativas de nascer na família que ela não teve escolha. Provavelmente porque ela fez sua própria família com Asher e Nash. Também tinha feito seu próprio caminho. Ela nunca caberia em uma caixa, e certamente não na que seu pai tinha feito para ela.

Ela sempre foi uma quebradora de regras. Sempre marchou ao ritmo de seu próprio tambor. E Richard Haven nunca tinha aceitado. Embora isso não fosse exatamente uma surpresa, já que ele era tão teimoso quanto eles.

O que foi surpreendente foi que ele passou a aceitar suas irmãs muito bem. Mesmo apesar de Will se casar com um homem que ele sempre odiou, Rory contrariando todas as convenções e rejeitando seu dinheiro e assistência enquanto forjava seu próprio caminho com um homem sete anos mais novo que ela, e Mac tirando seu emprego dele. Embora essa não tenha sido a intenção de sua irmã, certamente tinha que doer do mesmo jeito.

Mas ainda assim, suas irmãs iam e ceavam aos domingos todas as semanas com a família, e seu pai as apoiava, mesmo que fosse da maneira distorcida que ele fazia. Mas ela? Ela nem mesmo conseguiu a versão distorcida, embora tenha recebido a promessa de um emprego mais respeitável, graças às conexões familiares.

— Acredite em mim, — disse Asher, — se eu fosse amarrar você, não estaríamos saindo do quarto.

As sobrancelhas de Nat voaram em direção a linha do cabelo dela enquanto ela olhava para ele. Imagens dele fazendo exatamente isso a bombardearam, e ela se mexeu em seu assento, sua boceta formigando com o mero pensamento. —Parece um dia divertido e sem filhos para mim. Então, por que não estamos fazendo isso de novo?

— Droga, esposa, você é sempre tão insaciável? — Ele olhou para ela com um sorriso. —Acho que provamos que não precisamos de Rory para levar as crianças para eu te foder. Eu não queria desperdiçar nosso dia livre enrolado na cama.

— Uau, — disse ela, arrastando a palavra. —Devo estar fazendo algo errado, se for esse o caso.

Ele bufou uma risada sem humor e balançou a cabeça. — Acredite em mim, se você fizer algo mais certo, você não seria capaz de me arrastar para fora da cama em primeiro lugar.

Nat mordeu o lábio inferior e olhou para baixo, escondendo o sorriso que surgiu em sua boca. Um sorriso que nem deveria estar lá em primeiro lugar. Ela não sorria com palavras doces de um homem, e ela certamente não ficava tonta com elas. Quem *era* ela? E que diabos era essa coisa que estava acontecendo entre eles?

Era algo que ela vinha se perguntando desde o casamento, mas ainda não tinha pensado em nada. E embora fosse assustador passar por tudo aquilo sem respostas, era assim que ela fazia tudo na vida. Saltou sem olhar, que se danem as consequências.

— O que Will queria esta manhã quando ela ligou? — Ela perguntou.

Ele estendeu a mão, entrelaçando os dedos, e descansou as mãos unidas na perna dela. —Ela estava esperando que eu tocasse em seu casamento no próximo fim de semana.

— Sim? Você vai fazer isso?

— É claro. — Ele olhou para ela antes de voltar sua atenção para a estrada, as árvores passando de ambos os lados enquanto ele as conduzia ao seu destino. —Posso tocar essa nova música em que estou trabalhando.

— É por isso que você tem rabiscado tanto em seu caderno e murmurado baixinho?

— Pode ser.

— Sim? — Ela perguntou. —Você planeja deixar sua esposa ouvir isso em breve?

Ele lançou-lhe um sorriso - um que disparou direto por suas entranhas. —Se tiver sorte.

Ela cantarolou e se inclinou, raspando os dentes contra o corte afiado de sua mandíbula. —Talvez eu tenha sorte algumas vezes esta noite, então.

Pressionando os lábios em seu pescoço, ela arrastou beijos ao longo de sua pele, seu corpo em chamas por ele, embora tivesse sido apenas horas desde que ele esteve dentro dela. Horas desde que ele

gemeu seu nome contra seu ouvido enquanto a fodia por trás. Horas desde que o som disso enviou ondas de choque por ela.

Ela estava a meio segundo de dizer a ele para encostar, destino que se dane, quando o reconhecimento surgiu quando ela registrou seu paradeiro. —Espere um minuto. — Ela se recostou em seu assento. —Nós vamos para onde eu acho que vamos?

Asher deslizou-lhe um olhar pelo canto dos olhos, um sorriso nos lábios. —Bem, eu não consegui exatamente conseguir passagens para Bora Bora. Mas achei que você merecia uma pequena aventura, mesmo que não pudéssemos deixar Havenbrook para encontrá-la.

Nat sorriu quando o carro parou, seu estômago revirando... tudo. Que ele prepararia isso para ela. Para eles. Planejar um dia que ela adoraria. Um que ele sabia, sem dúvida, que ela iria gostar. Mas mais do que isso, encheu seu coração que ele sabia que ela precisava deste dia antes mesmo que ela mesma soubesse.

Ela desafivelou o cinto de segurança e olhou pelo pára-brisa para as margens de árvores ao longo de Havenbrook Creek. Um cume rochoso do qual eles costumavam pular saía direto do buraco para nadar que tinha sido praticamente um segundo lar para eles. Quando eles não eram nada além de adolescentes encrenqueiros, eles vinham aqui dezenas de vezes, trazendo suas bundas idiotas para o riacho sem que nenhum de seus pais soubessem. E uma vez quase foi a última.

— Você já pensou no que teria mudado se não tivéssemos vindo aqui naquele dia? — Ele perguntou. —Nossas vidas poderiam ter

sido completamente diferentes. Inferno, você poderia nem estar aqui comigo agora.

A mera ideia de não ter tido este homem ao seu lado toda a sua vida – assim como no mês passado – perfurou seu peito. Sinal SOS ou não, eles ficaram um ao lado do outro, e nenhuma quantidade de reescrever a história mudaria isso.

— Você sabe que mesmo sem essa promessa, eu estaria aqui para você. É só uma palavra, Ash. E nossa amizade é mantida por muito mais do que isso.

Ele ficou quieto por longos momentos, olhando para ela no silêncio, seu olhar rastreando todas as suas feições como se estivesse tentando memorizá-las. —Amizade, hein?

Ela abriu um sorriso. —Ainda parece estranho chamar isso de casamento.

— E que tal ontem à noite? Foi estranho então?

Ontem à noite, quando ele se esgueirou para cima dela enquanto ela estava colocando a roupa, a curvou sobre a máquina de lavar e a fodeu ali mesmo. —Você está ficando delicado comigo?

Ele cantarolou baixo em sua garganta, seus dedos apertando os dela. —Pensando nisso.

— Sim? No que mais você está pensando?

Ele inclinou a cabeça em direção à água. —Com vontade de ter um pequeno problema comigo?

— Sempre, — ela respondeu sem hesitação.

Nat se perguntou se a alegria de sobreviver naquele dia aqui na tempestade havia despertado algo nela que a levou a buscar a vida que ela viveu, cheia de aventuras emocionantes. Ela fez rapel no Parque Natural Sierras de Tejeda. Tinha saltado de paraquedas uma dúzia de vezes, feito rafting em corredeiras, e BASE jump algumas vezes, tudo para se sentir um pouco mais viva.

Mas o engraçado era que ela se sentiu mais viva nas últimas semanas com Asher e as crianças do que jamais sentiu uma descarga de adrenalina do outro lado do mundo. E o que diabos isso dizia sobre suas escolhas de vida?

Ela abriu a porta, ainda sem fazer nenhum movimento para sair. —Você não pensou muito sobre isso porque eu certamente não tenho um traje comigo.

Asher se recostou no encosto de cabeça, sua postura preguiçosa e relaxada. Ele a olhou de cima a baixo, e então um pequeno sorriso curvou apenas um lado de seus lábios. —Quem disse que precisamos de trajes de banho?

Nat ofegou, fingindo choque, e apoiou o cotovelo no console central, inclinando-se para mais perto dele. —Asher McCoy. Você está sugerindo ir nadar nu comigo? Você não acha isso um pouco adiantado?

Ele refletiu sua posição, seu braço roçando o dela, sua respiração um sussurro em seus lábios. —Estou sugerindo que minha esposa coloque sua bunda linda e nua no lago para que possamos nos divertir. A menos que você seja um covarde.

Ela mordeu seu lábio inferior. —Você me conhece há muito tempo, então você sabe que a única maneira infalível de me fazer fazer qualquer coisa é me desafiar ou me chamar de covarde. E não acho que seja um uso muito justo do seu conhecimento.

— Quem disse que estou interessado em? Meu principal objetivo hoje é que você tenha uma aventura. E espero que isso inclua um pouco de tempo nu.

— Bem, eu só tenho uma coisa a dizer sobre isso…

— Sim? O que é isso?

Ela lambeu um caminho ao longo de seu lábio inferior, sorrindo quando ele soltou um gemido suave e fechou os olhos. Perfeito. Exatamente onde ela o queria.

— Encontro você lá em cima, — disse ela antes de voar para fora do carro e direto para o caminho que ela lembrava.

Em um minuto, tudo estava quieto, a área ao redor dela silenciosa, exceto pelo baque de seus pés na terra e suas respirações firmes dentro e fora. E então, de repente, Asher estava lá, diretamente atrás dela, seu passo alcançando rápido demais. Mas antes que ela pudesse reagir, antes que ela pudesse acelerar ou evitá-lo, ela estava no ar, levantada por cima do ombro em um abraço de bombeiro enquanto ele batia em sua bunda com força.

— Boa tentativa, — disse ele, subindo a colina com ela caindo sobre seu ombro. —Você não sabe que suas perninhas curtas não têm chance de me vencer em uma corrida, esposa?

— Te odeio. — Porra, se aquela brevidade que ele a provocava não era sua ruína agora, porque tudo o que ela queria fazer era morder sua bunda com força por esse comentário. Já que ela não podia alcançá-la, ela fez a próxima melhor coisa e bateu nela. E quando ele ainda não respondeu a isso, ela beliscou ambas as bochechas.

— Você se importa de agitar as mãos um pouco lá atrás? Parece que pode haver um enxame de mosquitos por aí ou algo assim. O pequeno incômodo está me incomodando.

Nat soltou um suspiro incrédulo. —Eu sei onde você dorme, Ash. Você realmente quer ir lá comigo?

Ele finalmente a colocou de pé, suas mãos segurando seus quadris para estabilizá-la enquanto ele se levantava em toda sua altura antes de tirar a camisa. Mantendo contato visual, ele agarrou a bainha dela, deslizando-a para cima e para fora e jogando-a para o lado. Ele traçou um dedo pelo pescoço dela, pela clavícula, pelo vale entre os seios, seu olhar pesado com algo que ela não conseguia nomear. Algo que a aqueceu por dentro, uma brasa se expandindo por dentro.

Ele beijou sua mandíbula, o espaço logo abaixo de sua orelha, e então a levantou com dois punhados de sua bunda. Permitindo que ela sentisse exatamente o quanto ele a queria. Assegurando-lhe que definitivamente não era unilateral. —Você já deveria saber que eu iria a qualquer lugar com você.



Nat tinha viajado ao redor do mundo com apenas sua câmera como sua companheira constante. Ela tinha fotografado paisagens e pessoas igualmente, amando os dois igualmente, mas uma coisa que ela nunca fez foi um casamento. Este mês, ela tinha tirado duas fotos.

Era o grande dia de Will — tinham menos quarenta e cinco minutos até que sua irmã ia caminhar por um corredor cheio de pétalas em uma cerimônia ao ar livre. Nat, junto com suas irmãs e sua mãe e vovó, assim como a melhor amiga de Will, Avery, estavam escondidas no camarim estacionado no loft superior do celeiro que eles alugaram para o fim de semana.

Muito parecido com Havenbrook em geral, este espaço também mudou drasticamente no tempo em que ela se foi, e ela não podia acreditar na transformação.

— Eu ainda não consigo superar o fato de que eles transformaram o velho celeiro decrépito dos Pritchetts *nisto*, — Nat

disse, uma nota de admiração em sua voz enquanto ela olhava ao redor.

O camarim do loft era grande e aberto, sofás brancos e cadeiras espalhadas por toda parte e uma penteadeira no canto mais distante, perfeita para cabelo e maquiagem. Na parede leste, portas francesas se abriam para uma sacada com vista para o celeiro abaixo, onde fileiras de longas mesas de madeira foram montadas para a recepção mais tarde naquela noite e milhares de luzes brancas foram penduradas nas vigas. Certamente estava muito longe dos escombros que ela, Asher e Nash costumavam percorrer apenas para encontrar um lugar privado para tomar algumas cervejas.

— Sim, bem, esse é o trabalho duro de Rory para você, — Will disse de onde ela estava sentada na frente da penteadeira, olhos fechados enquanto Avery varria a sombra dos olhos em suas pálpebras. —Este foi, o que, seu quinto trabalho juntos?

Rory assentiu. —Algo parecido. É definitivamente o maior que já enfrentamos. Este lugar era uma *bagunça*. Nash estava bravo que eu tivesse aceitado, sempre preocupado comigo vindo aqui por causa do quão perigoso era. Ele começou a deixar capacetes em todos os lugares, para o caso de eu esquecer o meu.

Nat soltou uma risada e balançou a cabeça. O homem por quem Rory estava apaixonada estava muito longe do encrenqueiro com quem Nat cresceu. O que a desafiou a andar de uma viga para outra neste mesmo celeiro, com nada além de ar abaixo dela. —Ele nunca me fez usar um capacete quando viemos.

— Provavelmente pensou que sua cabeça era dura o suficiente, — Gran disse.

—Provavelmente,— Nat ecoou. —Vocês se lembram quando eu e os caras costumavam se esgueirar aqui o tempo todo?

— Eu me lembro de ter que arrastar suas bundas para casa mais de uma vez, — Mac disse revirando os olhos. —A última vez foi no verão antes de eu começar a faculdade. Você lembra disso? Hudson estava comigo porque Will desistiu.

— Ei, — disse Will. —Eu só queria passar um tempo com meus amigos antes de voltar para a escola.

Mac deu de ombros. —Não muda o fato de você ter desistido.

— Espere um minuto, — mamãe disse, fixando Nat com um olhar enquanto ela prendia o colar de Will. —Lembro-me claramente de proibir você de colocar os pés aqui por volta do Memorial Day daquele ano.

Rory bufou, tirando uma mecha rebelde de cabelo do rosto de Will. —Mamãe, desde quando proibir Nat de *qualquer coisa* fez algum bem?

— Ela tem razão, — disse Will, mesmo enquanto Avery aplicava o batom. —Você provavelmente só fez isso muito mais atraente para ela.

— Grosseiro. — Nat levantou a câmera para o rosto e capturou sua mãe, certificando-se de que o colar de Will estava bem enquanto Avery aplicava o batom de Will. —Verdade, mas rude.

Sua mãe soltou um suspiro. — Honestamente, Nat, é de se admirar que seu pai tenha uma cabeça cheia de cabelos grisalhos, todos cortesia de você?

Rindo, Nat ajustou as configurações de sua câmera enquanto se concentrava no vestido de Will pendurado na janela, a luz entrando ao redor dele. —Desculpe, mamãe, mas é por isso que eu deixei Havenbrook tão rápido. Eu e as regras não funcionamos tão bem juntos.

— Falando em ir embora… — Vovó disse de seu poleiro em um assento de amor, seus olhos nas palavras cruzadas que ela estava trabalhando. —Como você está lidando com estar aqui? Tenho que dizer, nunca em meus sonhos mais loucos imaginei que você estaria de volta em Havenbrook. —Ela ergueu os olhos, seu olhar estudando Nat. —E se estabelecer, nada menos.

Estabelecendo-se... certo. Deus, ela odiava mentir para todos. Odiava que ela não pudesse ser honesta com eles. Embora, realmente, como seria essa honestidade agora? A base de seu casamento com Asher pode ter sido falsa, um meio para um fim, mas quanto mais tempo eles passavam na mesma casa... na mesma cama... estava começando a fazer as coisas entre eles parecerem terrivelmente reais.

— É estranho, mas bom, vovó.

— E quanto a Asher? — Mamãe perguntou. —Parece que ele está lidando bem com as coisas, mas ele está realmente? Isso deve ser muito estressante para ele. Perdendo a irmã e agora lutando por essas crianças.

— Tenho certeza que Nat tem ajudado ele a se acalmar, — Vovó disse, piscando.

— Gran! — Nat disse em uma risada. —Sua velha pervertida. Qual o problema com você?

Vovó deu de ombros, completamente impenitente. —Eu já fui uma recém-casada também, você sabe.

— Bem, não tenho certeza se preciso ouvir tudo isso, — disse mamãe. —De qualquer um de vocês. Mas eu gostaria de saber como vocês estão indo. Como estão as coisas?

— Elas estão… — Nat parou, balançando a cabeça. Parecia errado dizer que estava tudo bem quando a custódia ainda estava no ar, June estava prestes a começar a terapia e Asher ainda não tinha um emprego. Sem mencionar que todo o relacionamento deles era uma farsa. —As coisas estão difíceis, mas estamos descobrindo.

— Não tenho dúvidas de que vocês dois estão. — Mamãe sorriu e colocou o cabelo de Nat atrás do ombro. —Vocês sempre foram tão bons juntos. Eu sei que você e Nash são amigos há mais tempo, mas você e Asher… — Ela balançou a cabeça. —Bem, vocês tiveram uma faísca, sabe? Sempre pensei assim.

— Eu também, — Vovó disse. —E isso é certamente algo que não pode ser falsificado.

Nat desviou o olhar para vovó, onde seus olhos se encontraram. Ela estudou sua avó, tentando descobrir se ela estava lendo mais do que deveria, porque parecia muito que sua avó tinha escolhido aquelas palavras exatas por um motivo.

— Três comigo, — disse Avery, vasculhando uma maleta de maquiagem que rivalizava com a bolsa de câmera de Nat. —Eu pensei que vocês estavam juntos por mais tempo. Achei que Will não estava sabendo disso quando ela me disse que não era verdade.

Nat olhou para baixo, ocupando-se em trocar as lentes. —Sim, bem...

Will limpou a garganta. —Eu, hum, espero que o fato de ter pedido a ele para cantar hoje não tenha acrescentado nenhum estresse.

Aliviada por não ter que se aprofundar mais nisso, Nat encontrou o olhar de sua irmã e balançou a cabeça. —Não, de jeito nenhum. Ele está tocando para vocês algo novo que ele acabou de escrever.

— Oh, ele ainda está escrevendo? — Will perguntou, suas sobrancelhas levantadas. —Ele tem se infiltrado um pouco quando pode. Por que você parece surpresa?

— Eu não sabia que ele ainda estava fazendo isso, é tudo.

— Claro que ele está. Por que ele não estaria?

— Bem, eu só… — Will olhou para todos os outros antes de encontrar o olhar de Nat novamente. —Acho que apenas assumi com as crianças e tudo que ele teria que encontrar algo um pouco mais prático.

Engraçado como soava tão diferente vindo da boca de sua irmã do que tinha vindo da boca de seu pai. Nat sabia que Will estava

apenas cuidando deles. A experiência lhe dizia que seu pai estava apenas tentando controlá-los.

Desde aquele dia em que eles foram para a casa dos pais dela, toda a coisa prática estava pesando muito sobre Asher, o que significava que estava pesando sobre ela. Ele amava música como ela amava fotografia, e ela não podia imaginar que tipo de vida ela teria se tivesse que desistir dela. A guitarra dele era tanto uma extensão dele quanto a câmera dela era para ela. Mas os fatos não pareciam ótimos para seguir uma carreira musical em uma cidade com uma população de uma fração de um dos estádios que Asher havia tocado na turnê.

Mac limpou a garganta e inclinou o queixo em direção à câmera na mão de Nat. —Você sabe que temos alguém para fazer isso, certo?

Ela piscou e olhou para baixo, tirando-se de seus pensamentos e das preocupações que definitivamente ainda estariam lá para cumprimentá-la amanhã. Com um encolher de ombros, ela disse: — Alguém que não vai fazer isso tão bem quanto eu.

Rory revirou os olhos. —Talvez, em vez de se preocupar em ter certeza de que vamos tirar as fotos perfeitas, você deve se concentrar em se vestir para não andar pelo corredor com isso.

Nat olhou para si mesma e então encontrou o olhar de sua irmã com uma sobrancelha levantada. —O que, você não gosta do meu short e regata? Eles não são trajes de casamento apropriados?

— Por que você insiste em ser uma dor na minha bunda o tempo todo? Mataria você estar pronta cedo para não deixar Will ansiosa por nada?

— Parece-me que não é Will que está ficando toda nervosa, — disse Nat da varanda, tirando uma foto aérea do local da recepção configurado abaixo. —E relaxe. Tudo o que preciso fazer é deslizar o vestido pela minha cabeça. Considerando que você ainda precisa tirar o pau da sua bunda antes de caminhar até o altar, acho que estarei pronta antes de você de qualquer maneira.

Mac bufou uma risada ao mesmo tempo em que sua mãe disse: —Aurora e Natalie, já chega. Como se sua irmã não tivesse o suficiente para se preocupar hoje, agora ela tem vocês duas brigando no ouvido dela.

Will acenou para ela e encontrou seus olhares no espelho. — Honestamente, mamãe, eu as desconectei... não ouvi uma palavra do que elas disseram. — Ela fechou os olhos e soltou um suspiro lento. —Não consigo me concentrar nelas quando parece que vou vomitar.

— Vomitar? Você está grávida? — Nat perguntou sarcasticamente, já que toda mulher de uma certa idade – entre quinze e cinquenta – não podia dizer que não estava se sentindo bem sem ser acusada de gravidez.

— Você poderia calar a boca? — Mac disse, batendo no braço de Nat. —Ela não está grávida. Ela está apenas nervosa.

— Na verdade, — Will disse, suas mãos pressionadas em seu estômago enquanto ela olhava para cada uma delas por sua vez. — Não sei se são os nervos ou a gravidez. Pode ser qualquer um.

Houve um momento de silêncio chocado antes que todos explodissem de uma vez, fervilhando em torno de Will, onde ela ainda

estava sentada na penteadeira. Foi um caos de abraços e lágrimas de felicidade, todos trabalhando duro para não estragar a maquiagem que passaram horas aplicando.

— Sua pirralha,— Rory disse. —Quando papai perguntou a Finn na outra semana no jantar de domingo, ele disse que vocês usam proteção!

— Sim, e os preservativos são apenas noventa e oito por cento eficazes, gênio. — Mac revirou os olhos.

— Oh, querida, isso é maravilhoso. — A mãe delas abraçou Will por trás, seus olhos brilhando com lágrimas.

— Me metendo em um pequeno problema, eu vejo, — Vovó disse enquanto apertava a mão de Will.

— Não intencionalmente, — disse Will. —Mas talvez esse seja o melhor tipo.

— O que Finn disse quando você contou a ele? — Perguntou Mac. Nat ergueu as sobrancelhas. — *Você* contou a ele?

— Sim. Ele é… — Will olhou para baixo, um pequeno sorriso em seu rosto. —Ele já encomendou macacões com o logotipo de Salgueiro neles.

Sua irmã sempre foi linda, mas naquele momento ela estava deslumbrante. Especialmente com todas as mulheres de sua família ao seu redor... apoiando-a. Nat ergueu sua câmera, precisando documentar o momento, apesar de ela não estar nele. Essa foi a razão pela qual ela entrou na fotografia em primeiro lugar. Querendo

capturar aqueles bolsões de tempo que passaram rápido demais. Aqueles que eles nunca poderiam ter de volta.

Ela tirou várias fotos, sentindo-se um pouco convencida de que se ela não tivesse trazido sua câmera, isso não teria sido capturado, independentemente do outro fotógrafo na folha de pagamento.

— Puta merda, — disse Avery, balançando a cabeça enquanto apertava a mão de Will. —Eu não posso acreditar que você vai ser *mãe*.

Will soltou uma risada aguda, com os olhos úmidos. —Eu sei certo?

— Já chega disso, — Rory disse, enxugando um lenço sob os olhos de Will. —Não temos tempo para refazer a maquiagem, então não haverá mais lágrimas.

— Você ouviu o sargento. — Nat enfiou a câmera de volta na bolsa. —Não é permitido chorar.

— Bem, este foi um mês e tanto, não foi? — Vovó disse. —Três das meninas Haven casadas, uma grávida e uma entrando direto em uma família integrada…

O sorriso escorregou dos lábios de Nat quando as palavras de vovó foram absorvidas. Sim, ela entrou em uma família integrada, tudo bem. Uma que ela não conseguiria manter quando tudo isso estivesse dito e feito. Uma que ela nunca quis de sua vida em primeiro lugar.

Então, por que a ideia de ir embora quando tudo acabasse a encheu de tanto medo? Por que ela sentia falta deles antes mesmo de ela ter ido?

Nat empurrou esse pensamento para baixo e limpou a garganta. —Ainda não é uma família integrada. Temos que conseguir a custódia primeiro. As madrugadas e madrugadas foram reais, mas tudo é apenas temporário por enquanto.

— Vocês estão realmente preocupados com a custódia permanente de Asher?— Sua mãe perguntou, lançando um olhar preocupado para vovó. —Eu pensei que você estava apenas brigando com seu pai quando você mencionou isso em nossa casa.

Nat levantou um único ombro. —Eu não sei se deveria estar, mas, sim. Eu estou. Os Haywards nem ligavam para checar as crianças, mas eles têm dinheiro. Conexões. Você sabe tão bem quanto eu exatamente o que isso significa. —Irônico que ela estivesse enfrentando a única coisa da qual ela fugiu toda a sua vida.

— Bem, certamente o juiz Sevilha fará o que for melhor para essas crianças, — disse mamãe.

— Vamos, mamãe, Sevilha é um bom homem, e ele e Asher têm sangue ruim. Inferno, nós três temos, exceto que papai me livrou daquele problema, como ele fez todo o resto. Só espero que isso não afete o resultado.

Porque ela não sabia o que faria se os Haywards tivessem a custódia. Ela sempre gostou de June e Owen, tendo ficado com eles sempre que ela estava em casa, mas nas semanas que ela passou na presença deles praticamente vinte e quatro por sete, ela passou a

amá-los. E Asher... perdê-los depois de sua irmã seria um golpe que ela não tinha certeza se ele voltaria.

Houve uma batida na porta antes de papai enfiar a cabeça e congelar, seus olhos encontrando cada uma delas. Ele entrou no quarto e limpou a garganta. —Vocês estão quase prontas? O ministro diz que está na hora, — ele disse, sua voz rouca.

— Só tenho que colocar meu vestido, papai, — disse Will de seu poleiro, ainda embrulhado em seu roupão de seda. —E eu acho que Nat também.

Ele ficou lá por um momento antes de assentir e depois se virar. —Duas recepções em um mês é difícil o suficiente para a carteira. Claro que espero não estar pagando por minuto por isso, — ele resmungou, fechando a porta atrás dele.

— O burro teimoso não pode nem dizer que estamos bem, — Nat disse com um revirar de olhos.

— Sim, bem, *você* não. — Mac empurrou a bolsa de roupas de Nat para ela. —Vista-se enquanto ajudamos Will, sim?

— Ainda assim, ele poderia ter dito *alguma coisa*, — Nat disse enquanto ela colocava o vestido nas costas de uma cadeira.

— Você sabe que papai reclama de dinheiro quando o que ele realmente quer dizer é que eu te amo, — Rory disse, abrindo o zíper do vestido de Will enquanto Avery o segurava para que não se arrastasse no chão.

Mamãe cantarolou. —Ele pode não ter dito as palavras, mas certamente não foi alergia que deixou seus olhos molhados.

— Ela está certa, você sabe, — Vovó disse. —O tolo não sabe como dizer a vocês o quanto ele as ama, mas ele as ama.

Nat não podia atestar isso. E ela certamente não prenderia a respiração para ouvir isso do homem, já que ela nunca tinha feito isso em seus vinte e seis anos. Provavelmente alguns problemas com o papai para resolver, mas sua súmula já estava cheia, então ela teria que guardá-la para outra hora.

Ela se despiu e jogou seu short e regata em sua bolsa enorme antes de deslizar em seu vestido de dama de honra. —Vio? Estou pronta, e vocês ainda estão deixando Will situada.

— A propósito, obrigada por sua ajuda, — Mac disse com um revirar de olhos.

— Antes de irmos lá, — Avery disse, ajeitando o véu de Will, — eu só quero te agradecer por me fazer dama de honra para que eu possa caminhar até o altar com Drew. Eu realmente aprecio isso.

Will riu. —Você e eu sabemos que não é no gêmeo de Finn que você vai ficar de olho.

— Oh, *realmente*, — Nat perguntou. —E quem poderia ser esse outro cara?

— Eu não sei do que você está falando.

— Mhmm, claro que não, — Will disse ironicamente antes de se virar para encará-las.

Mamãe pressionou a mão na boca e balançou a cabeça. —Você está tão linda, querida.

Todas as outras murmuraram sua concordância enquanto estavam ao redor da noiva. O vestido de Will era fora do ombro com um decote em coração, um vestido de princesa de fada feito todo em tule. Rosas de renda desciam pela saia, pétalas espalhadas.

Nat parou na frente de sua irmã e entregou-lhe o buquê de noiva. —Você está pronta para fazer isso?

Will aceitou as flores com um sorriso. —Estou pronta há anos.

chapter twenty-three



No casamento de Nat e Asher, as coisas estavam estranhas. Não só tudo foi lançado sobre eles, mas eles também estavam dançando um ao redor do outro, tentando equilibrar a persona pública de estar apaixonado, enquanto experimentava o beijo alucinante naquela manhã em seu quarto.

Hoje não poderia ter sido diferente. Enquanto seus caminhos não se cruzaram muito graças às responsabilidades de dama de honra e irmã de Nat, ela sentiu os olhos dele sobre ela o dia todo. Quando Will e Finn fizeram seus votos, ela cometeu o erro de procurá-lo.

Ele estava sentado entre a mãe dela, que tinha June no colo, brincando com seu colar de pérolas, e vovó, sempre o filhote de porco, entretendo Owen. E apesar de ter sido esbofeteado no rosto por um punho de bebê rebelde, Asher não desviou o olhar dela.

Ela sentiu esse puxão avassalador para ir até ele. O que era estúpido por muitas razões. Ela nunca tinha sido controlada por suas emoções. E, além disso, as emoções que ela estava sentindo agora

eram apenas residuais das festividades do dia e sua preocupação com o resultado da audiência de custódia que se aproximava.

Não importava o quanto ela queria ir até ele de qualquer maneira, porque sua lista de tarefas estava cheia. Primeiro, havia as fotos de grupo com a fotógrafa definitivamente não tão boa quanto ela. Então, ela foi puxada para uma centena de conversas diferentes com moradores da cidade de Havenbrook, todos os quais agiram como se não tivessem falado com ela algumas semanas antes do próprio casamento. E, claro, ela teve que se certificar de que Will estava bem alimentada e com bastante água durante todo o dia, especialmente agora sabendo que ela estava grávida.

Observar a noiva e o noivo fez Nat doer de uma forma que ela não estava familiarizada. Como Finn olhou para Will, como ele a segurou – como se ela fosse preciosa. Ela tirou uma foto deles quando eles sem dúvida pensaram que ninguém estava olhando. Eles estavam em um canto, os braços de Finn ao redor dela, a mão dele descansando em sua barriga, os lábios pressionados em sua têmpora. Foi amor capturado em um único momento.

Ela não tinha ideia de por que vê-los assim a fazia sentir falta de Asher. Durante todo o dia, eles foram como navios passando na noite. Eles não conseguiram nada além de um beijo rápido enquanto trocavam de lugar, Asher passando as crianças para ela enquanto pegava seu violão e se preparava para tocar para a primeira dança de Will e Finn.

Tudo o que ela podia dizer era agradecer a Deus por suas sobrinhas, porque Ava e Ella estavam rindo e brincando com June, mantendo-a ocupada enquanto Nat se concentrava em Owen. O bebê

estava chupando uma mamadeira com satisfação em seus braços, o que significava que ela podia se concentrar no homem que subiu ao palco.

Asher usava o que ele usou no casamento, e a visão despertou algo dentro dela, uma onda de possessividade envolvendo-a, especialmente quando seu anel chamou sua atenção.

Ele se sentou na cadeira solitária no palco, sua guitarra no colo, e passou a mão pelo cabelo antes de ajustar o microfone. —Como vocês estão esta noite?

O murmúrio da multidão diminuiu até que um silêncio caiu sobre a sala, todos sem dúvida tão hipnotizados por sua presença quanto ela. Ele sempre foi magnético em um palco - não importava se ele era o artista solo em um bar ou se ele estava tocando em uma banda com as luzes de uma arena sobre ele.

— Não, você não se perdeu e acabou em uma noite de microfone aberto, — disse ele, um lado de sua boca chutando em resposta ao riso da multidão. —Will me pediu para vir cantar para vocês esta noite. Então, que tal trazermos os noivos aqui para a primeira dança?

Finn levou Will para a pista de dança, girando-a para longe dele antes de puxá-la para perto. Sua irmã riu enquanto batia no peito de Finn, os dois olhando um para o outro como se fossem as únicas pessoas na sala. E aquela maldita dor se instalou em seu peito novamente. Por reflexo, seus dedos se contraíram para capturar o momento com sua câmera, mas suas mãos estavam um pouco cheias.

Não importava de qualquer maneira, porque sua atenção foi roubada pelo homem dedilhando seu violão.

Ela voltou seu olhar para ele, e seus olhos se encontraram quando as primeiras palavras da música que ela ainda não tinha ouvido se infiltraram em sua voz grave e grave.

Eu quero respirar você, para mantê-la dentro.

Mas isso é apenas uma célula, porque você nasceu para voar.

Ela estava na platéia durante as primeiras noites de microfone aberto, quando havia três pessoas na sala, incluindo ela. Ela estava nos bastidores quando ele tocou em uma turnê com Luke Bryan. Ela até foi quem gravou o vídeo dele cantando no The Bluebird Cafe que se tornou viral. Mas nenhuma das centenas de vezes que ela o ouviu cantar nunca foi assim.

Se eu deixar você ir, você vai voltar para mim? Porque se assim for, baby, eu te libertaria.

Ele dedilhou os acordes, seus dedos movendo-se sem esforço sobre as cordas. Dedos que tocaram seu corpo tão bem. Sua voz era um sussurro rouco enquanto ele cantava no microfone, seu olhar que ela sentiu direto nos dedos dos pés cravados nos dela.

Eu não posso continuar fingindo, não quero tentar. Mas, querida, você nasceu para voar.

Ela tinha poucas dúvidas de que todas as mulheres na platéia e alguns dos homens provavelmente sentiam exatamente o mesmo que ela. Esse era o seu trabalho como cantor — vender a performance. Não importava que ela estivesse usando o anel dele. Na verdade. Não quando não era real.

Não suporto ver você indo embora, mas não vou implorar para você ficar.

Eu não sei o que é certo, não sei o que fazer

A única coisa que tenho certeza é que sempre foi você...

Asher cantou o último refrão da música, seus olhos fechados quando a nota final flutuou de seus lábios. Aplausos irromperam no espaço, tirando-a de qualquer transe maluco em que ela tinha ficado presa. O que ela estava *fazendo*? Se perder em seus olhos e fingir que a música que ele provavelmente escreveu para a primeira dança de sua irmã tinha sido para ela?

Ela piscou fora de seu torpor quando Owen arrancou a garrafa vazia de sua boca e a sacudiu. —Tudo acabou, amigo, — disse ela, levantando-o para arrotar. —Só para você saber, se você vomitar em todo esse vestido, sua tia Will vai ficar super brava.

— Que tal você deixar a tia Mac tentar, então? — Mac perguntou quando ela deslizou para o assento ao lado dela.

— Não, está tudo bem. Eu consigo. Além disso, ela ficaria tão brava com você. Pelo menos se ele vomitar em mim, eu realmente me inscrevi para isso.

— É para isso que servem os panos de vômito. — Mac o tirou do ombro de Nat e o colocou no seu próprio. Ela estendeu a mão para Owen, sorrindo quando o bebê agarrou seu rosto entre os punhos minúsculos com uma risada. —Além disso, pensei que você poderia querer acabar com o festival de groupie em torno de Asher. Seu *marido*. Você sabe, pelo bem da aparência.

Nat virou a cabeça para onde Asher estava no palco, curvando-se para colocar o violão de volta no estojo. Duas mulheres que ela reconheceu do ensino médio estavam ao lado dele, suas risadas um pouco altas demais, seus toques um pouco familiares demais. Ela apertou a mandíbula e empurrou para ficar de pé.

— Excelentes habilidades de atuação, — Mac disse secamente. —Tenho certeza que todo mundo aqui vai comprar o falso ato de esposa ciumenta. É falso, certo?

Nat a ignorou enquanto ela caminhava em direção ao trio, sua visão ficando vermelha quando uma delas passou a mão para cima e para baixo no bíceps de Asher antes de apertar. Quem diabos essas mulheres pensavam que eram, tocando um homem que claramente usava um anel de casamento? *Seu* anel de casamento.

Surpreendentemente, ela nunca havia entrado em uma briga física antes — com as mulheres, de qualquer maneira, embora ela tenha dado aos homens suas bundas uma vez ou duas em sua vida — mas ela não se opunha a começar algo esta noite. Ela provavelmente não seria detida por agressão uma vez que pleiteasse seu caso – que essas duas estavam dando em cima de seu marido muito gostoso e muito falso, e o que ela deveria fazer? Ficar parada e deixar acontecer?

— Não tenho certeza por que você precisa me pagar uma bebida em um bar aberto, — ele disse categoricamente para as mulheres, e se Nat não estivesse vendo vermelho, ela provavelmente teria sorrido com isso. Ele estava dando às mulheres o ombro frio o melhor que podia, sua atenção focada apenas em seu violão.

Ele se levantou, ainda curvado sobre sua mala, e olhou para cima, sem expressão antes de dar uma segunda olhada e se endireitar com a abordagem dela.

— Ei, — ele disse, sua voz baixa.

Ela deslizou entre as duas mulheres, não poupando uma única palavra quando seu foco estava nele. Nesse ciúme ridículo e infundado que parecia um vulcão dentro dela, de repente em erupção depois de ficar adormecido por anos. Sem hesitar, ela estendeu a mão por baixo do colete, achatando a mão contra seu abdômen. Ela ficou na ponta dos pés, colocou os dedos em volta do pescoço dele e puxou o rosto dele para o dela.

Sem hesitar, ele bateu sua boca na dela. Este beijo não era nada parecido com os que eles compartilharam em seu casamento. Nada como qualquer um que eles compartilharam em um ambiente público antes. Aqueles tinham sido castos. Inocente, para todos os efeitos. Falso. Mas nada sobre este era falso. Não a forma como seus lábios se moveram sob os dela, ou como sua língua acariciou sua boca, ou como ele a agarrou, tão apertado contra ele. Como se ele não pudesse suportar ficar separado dela nem por um momento. Como se ele nunca quisesse deixá-la ir.

Ela não tinha ideia de quanto tempo eles se beijaram antes de finalmente se separarem, só que quando o fizeram, Macy e Corinne não estavam mais ali. A pista de dança se encheu quando a música entrou na sala, a atenção de todos lá, exceto por uma pessoa. Vovó sorriu para Nat de seu lugar na mesa da família. Ela ergueu uma taça de champanhe e a inclinou para Nat e Asher com uma piscadela.

Bem, pelo menos aquele show tinha sido completamente real.

— Não que eu esteja reclamando ou algo assim, — disse Asher, sua voz áspera, — mas o que diabos foi isso?

Nat levantou um ombro, seus dedos brincando com os botões de sua camisa sob o colete. —Acontece que eu gosto de ouvir você cantar enquanto estou usando seu anel.

Ele fez um som áspero em sua garganta e puxou-a para mais perto, permitindo que ela sentisse o cume grosso de seu pênis. — Acontece que eu gosto de cantar enquanto estou usando o seu.

Ela lambeu os lábios, seu olhar preso em sua boca. Na sensação dele contra seu estômago. Em pensamentos dele se movendo dentro dela naquela manhã, e no fato de que ele não deu a essas mulheres um segundo olhar, mesmo quando ela não estava por perto. — Mamãe tem June, e Mac tem Owen. E há um grande camarim no andar de cima sem ninguém nele.

Em resposta, ele agarrou a mão dela e a puxou para a escada dos fundos. Ela mal podia conter seu sorriso enquanto corria atrás dele, tecendo dentro e fora da multidão. Pouco antes de subirem as escadas, ela pegou o olhar de Rory. Sua irmã observou os dois com algo que parecia muito com preocupação.

Mas isso estava bem. *Ela* estava bem. Sua irmã provavelmente estava apenas preocupada com Nat rasgando seu vestido e aparecendo em seus shorts e regata. Definitivamente não sobre o que quer que fosse que estava se desenvolvendo entre ela e Asher.

A batida da música balançou as escadas enquanto eles subiam, a mão de Asher segurando a dela com força enquanto ele a puxava atrás dele. Eles irromperam no espaço escuro, iluminado apenas por um fio de luzes pendurado sobre as portas que levavam à varanda.

— Não há uma fechadura, — disse Asher, puxando Nat para parar e prendendo-a entre ele e a parede. —E definitivamente não seremos capazes de ouvir se alguém está vindo enquanto eu estou fodendo minha esposa.

Nat mordeu o lábio inferior, amando suas palavras um pouco demais. —Pelo lado positivo, eles definitivamente também não serão capazes de nos ouvir.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Você está planejando ficar barulhenta, esposa?

—Não sei. Você está planejando me fazer gozar?

— Uma ou duas vezes.

— Que tal não nos anteciparmos e apenas apontar para o único.

Com um grunhido, ele bateu seus lábios nos dela, sua língua mergulhando em sua boca enquanto ele se atrapalhava com o excesso de material de seu vestido. Afastando-se com um gemido, ele disse: — Quantas camadas tem essa porra?

Ela soltou uma risada e estendeu a mão, recolhendo a seda em seus braços até que sua metade inferior estivesse exposta, nua, exceto por uma calcinha de renda. —Que tal eu tirar isso do caminho e você se preocupar em abaixar as calças?

— Eu tenho uma ideia melhor, — disse ele antes de cair de joelhos, deslizando a calcinha para o lado e passando a língua por sua fenda.

— Oh Deus, — Nat respirou, ampliando sua postura enquanto ele acariciava seu clitóris, mordendo seu lábio para abafar um gemido antes de lembrar que não havia necessidade. Não quando a música lá embaixo abafou os dois. O pensamento de que alguém poderia tropeçar neles a qualquer momento – que Will e Finn sem dúvida planejavam usar este mesmo espaço para isso em algum momento esta noite – só a deixou muito mais rápida.

Quando Asher deslizou dois dedos dentro dela e os curvou para pegar aquele ponto que a fez ver estrelas, ela estava perdida, jogada do penhasco de cabeça para o abismo enquanto ondas de prazer colidiam sobre ela. Com uma mão segurando seu vestido e a outra segurando seu cabelo, ela montou seu orgasmo contra a boca dele. Ela nem conseguiu recuperar o fôlego antes que ele se levantasse, a agarrasse sob a bunda e a levantasse.

— Isso é um, — ele disse contra seus lábios. Ele a segurou entre ele e a parede, uma mão segurando sua bunda enquanto arrastava seu pênis através de sua fenda com a outra. —Que tal você me dar este próximo enquanto eu penso em você me reivindicando lá na frente de todos?

Antes que ela pudesse responder, ele empurrou fundo, roubando sua respiração junto com suas palavras.

Ele gemeu alto e baixo, a ressonância profunda soando como se fosse tirada diretamente de sua alma. —Encher você nunca vai ficar velho. Diga-me o que é melhor do que isso.

— Paris na primavera?— Ela ofegou, seus olhos rolando para trás quando ele empurrou profundamente.

— Não.

— Nadar com golfinhos?

— Errado de novo.

— Vendo a aurora boreal?

Asher descansou sua testa contra seu ombro, sua respiração varrendo seu peito enquanto ela o segurava apertado contra ela, rolando sua cabeça de um lado para o outro. — *Nada*. Nada é melhor do que isso.

Seus quadris trabalharam em um ritmo frenético, seu pênis afundando profundamente, de alguma forma sabendo que ela queria rápido e duro.

— Eu não sei... eu acho que Corinne e Macy estavam querendo um trio. Isso poderia ter sido melhor.

— Você acha que eu iria querer outra pessoa além de você? Qualquer outra boceta além desta que se encaixa no meu pau como se fosse feita para mim?— Ele empurrou o mais fundo que pôde, moendo a base de sua ereção contra seu clitóris, se como punição por sugerir tal coisa ou puramente pelo prazer, ela não sabia. —Poderia

haver um harém inteiro alinhado, e eu não teria ficado tentado. Com certeza não teria se comparado a isso.

— Essa é uma ordem terrivelmente alta.

— Sim, bem, eu sou seu marido, então isso significa que eu posso fazer essa ligação.

Uma montanha-russa montou um acampamento em seu estômago, sacudindo suas entranhas e virando-as para um lado e para o outro. Ela não queria pensar sobre por que ela amava a ideia dele usando seu anel... por que ela amava ele tendo o título de seu marido... por que ela amava quando ele a chamava de esposa. Precisando se distrair disso, ela estendeu a mão entre eles, tocando seu clitóris enquanto ele continuava dirigindo profundamente.

Ele gemeu. —Levante esse vestido do caminho para que eu possa ver essa boceta com a qual você está me reivindicando.

— Foda-se, Asher, — ela respirou, seu corpo apertando mais a cada segundo que passava.

— Se você está preocupada com duas mulheres cujos nomes eu já esqueci, talvez você precise de um lembrete de quem eu estou fodendo agora. Quem vai estar na minha cama esta noite. Quem está usando meu anel. Minha *esposa*.

A maneira áspera e possessiva com que ele disse as palavras a atingiram, e ela gemeu, movendo os dedos mais rápido contra seu clitóris, sua respiração acelerando.

— Embora Deus saiba que eu ficaria com ciúmes se encontrasse dois caras pairando em torno de você, apenas esperando uma chance de sentir o que estou sentindo agora.

Ela mordeu o lábio, seu corpo se apertou com suas palavras e seus impulsos. Com a forma possessiva que ele agarrou sua bunda, segurando-a enquanto ele a penetrou. —Eu não sou o músico que é o sonho molhado de toda mulher.

— Não, você é de todo homem.

Sua respiração acelerou, os olhos estremecendo. —E você?

— E quanto a mim?

— Eu sou seu sonho molhado, Ash?

Ele gemeu e bateu seus quadris nela, a fricção detonou uma onda de choque em seu corpo. Eles se juntaram em um estrondo de lábios e línguas e carne, seu corpo pulsando ao redor dele enquanto eles encontravam suas liberações.

— Toda fodida noite, — disse ele, sem fôlego, ainda sentado totalmente dentro dela. —Pensei que não foi dito.

Esse era o problema, no entanto. Todas as coisas que não foram ditas entre eles. Asher sempre foi aquele em quem ela podia confiar sobre qualquer coisa. Aquele que a havia falado às três da manhã, ou que a ouvira desabafar sobre seu pai ou irmãs. Aquele que correu para o lado dela sempre que ela precisava de alguma coisa, palavra de código ou não.

Mas ela não disse a ele que essa coisa toda começou a parecer um pouco real demais. Não disse a ele que ela ficou acordada na cama, contando os dias para a audiência de custódia, porque significava que eles estavam muito mais perto de acabar. Ela não disse a ele que se acostumou a esta vida. Que ela realmente veio a gostar disso.

E ela com certeza não tinha dito a ele que tinha certeza de que estava se apaixonando por seu marido falso.

chapter twenty-four



Ele não tinha certeza se sua vida já tinha visto tanto tumulto. Ele teve a infância ideal, dois pais que teve um casamento feliz e que o amava apesar dele aparecer dez anos depois de terem decidido não ter mais filhos. Ele tinha uma irmã mais velha que o irritava muito, mas o amava ferozmente. Ele era um tio divertido. Aquele que poderia entrar com brinquedos barulhentos e muito açúcar e sair quando as coisas ficassem difíceis.

Agora, sua mãe e seu pai se foram, assim como sua irmã, e ele tinha acabado de voltar da terapia com sua sobrinha de quatro anos para ajudá-la a superar a morte de seus pais.

Indo para a consulta, ele não sabia o que esperar, mas definitivamente não estava jogando durante toda a hora. Beverly, a terapeuta de June, assegurou-lhe que essa era a melhor maneira em sua experiência de fazer as crianças se abrirem e falarem sobre o que realmente as estava incomodando. Como June era tão jovem, ela pode não ser capaz de articular suas emoções, mas muitas vezes elas vinham à tona. Ele só tinha que ser paciente.

Independentemente disso, deu a ele algo para pensar além dessa coisa entre ele e Nat. Ele não sabia o que diabos estava acontecendo. Ele viveu os últimos dez anos de sua vida pensando que tinha sido capaz de afastar aquela paixão que tinha por ela. Tinha sido um não-problema. Algo que ele alegremente deixara de lado se isso significasse que sua amizade permaneceria intacta. Naquela época, ele não estava disposto a arriscar por um beijo na traseira de uma caminhonete.

Exceto que o que eles tinham agora era muito mais do que isso.

— O que você acha de irmos tomar sorvete? — Asher perguntou, olhando para June pelo espelho retrovisor enquanto os levava de volta de Parkersville.

Ela sorriu e jogou os braços para cima em vitória. —Sim! — ela gritou. —Vamos pegar algo para Nat e Bubbie também.

— Na verdade, eles vão nos encontrar lá, — disse ele, parando em uma vaga de estacionamento na Main Street, — parece que eles nos bateram.

Nat estava na calçada em frente à sorveteria, Owen brincando com os brinquedos afixados à sua frente em seu carrinho. Uma mulher mais velha com cabelo escuro e curto que ele reconheceu como Wanda, a secretária da Havenbrook High, estava conversando com ela. Embora, pela postura de Nat, ficasse claro que não era uma conversa agradável.

— Nat! — June gritou enquanto caminhavam em direção a ela.

Nat virou a cabeça na direção deles, um sorriso se espalhando por sua boca quando seu olhar pousou sobre eles.

— Ei, — ele disse, colocando a mão na parte inferior das costas dela antes de se inclinar para beijá-la. —Fez uma nova amiga?

— Dificilmente, — ela disse contra sua boca, então se agachou na frente de June. —Ei, Junie B. Como foi seu tempo?

— Foi tão divertido! Eles tinham videogames e uma enorme casa da Barbie e cinco mil caixas de Legos!

— Cinco mil, hein? Isso é muito.

Asher riu. —Era mais como dois ou três.

— Mas havia tantos, tio Asher! Nunca vi tanto em toda a minha vida.

— Bem, acho que isso significa que é melhor começarmos a acumular sua própria coleção, então, hein?— Nat perguntou.

— Sério? — Os olhos de June se iluminaram. —Podemos ir comprar alguns agora?

— Acho que você queria sorvete, Junebug?

— Oh sim! — June puxou o braço de Nat e a puxou para a sorveteria. —Vamos lá!

— Bem, isso certamente é algo diferente, — disse Wanda, olhando para cada um deles com um sorriso que parecia completamente forçado. —Eu estava apenas dizendo a Natalie que

isso definitivamente não era o que nenhum de nós na escola esperava dela. Mas é bom ver que ela finalmente está amadurecendo.

Asher estreitou os olhos para a ousadia desta mulher. Quem diabos ela pensava que era, entrando e dizendo besteira como essa sobre uma mulher que era fodidamente incrível?

— Eu não sei, — disse ele. —Parecia bem madura quando ela foi publicada em três revistas no ano passado.

— Ah... Bem, eu...

— Também parecia bastante madura quando ela ganhou um prêmio por uma de suas fotografias no ano anterior.

— Isso é certamente…

— E eu acho que ser corajosa o suficiente para voar por todo o mundo sozinha era maduro. Mas o que eu sei? Se você nos der licença. — Asher pressionou a mão nas costas de Nat e abriu a porta da sorveteria, conduzindo-os para dentro, a satisfação tomando conta dele quando Wanda não respondeu.

Uma vez dentro da segurança da loja, Owen deu um gritinho de aprovação, e June correu até a vitrine, as mãos pressionadas no vidro enquanto olhava para todos os sabores. Enquanto isso, Nat olhou para ele.

Ele passou a mão pelo cabelo e deslizou-lhe um olhar com o canto do olho. Ok, então talvez ele tenha ultrapassado, falando por ela quando ele sabia muito bem que ela poderia falar por si mesma. Mas o que diabos ele deveria fazer? Ficar parado enquanto alguém insulta sua amiga?

— O que? — Ele perguntou.

Ela sorriu para ele. —O que foi aquilo?

— Pessoas de mente pequena sendo mesquinhas.

— Eu não estava falando sobre ela. Eu não passei um dia na minha vida me importando com o que essas pessoas pensam de mim. Tenho certeza de que não vou começar agora. — Ela enfiou os dedos no cós da calça jeans dele e o puxou para mais perto. —Estou falando sobre sua reação a isso.

— Eu não aprecio ninguém cagando em você por fazer isso. Ou agir como se você estivesse fazendo algo tão altruísta estivesse fora do personagem, porque com certeza não é comigo. Você concordou com isso porque eu pedi, então não vou deixar ninguém falar mal de você quando eu estiver por perto.

Se ele não estivesse observando de perto, ele poderia ter perdido como a expressão dela vacilou por um momento antes de June puxá-la para escolher seu sorvete.

Merda. Por que ele disse isso? Com tudo o que estava se acumulando e todas as outras expectativas pesando sobre ele, ele não tinha tanta certeza se tinha a largura de banda mental para lidar com o que era essa coisa entre eles. Porque com certeza parecia muito mais do que um favor para um amigo.

Na verdade, começou a parecer um pouco como se esta fosse a família deles.

— Ei, você quer o de sempre? — Ela chamou da caixa de sorvete.

— Sim, obrigado, — disse ele, puxando o telefone do bolso enquanto tocava com uma chamada recebida, o nome de Cole Donovan piscando na tela.

— Olá?

— Ei, Asher. É Cole. Você tem um minuto? Quero falar sobre a audiência de custódia.

Seu estômago se afundou, a preocupação com o que estava chegando cedo demais e não tão cedo o afogando. Ele não tinha chegado nem perto de adivinhar qual seria o resultado. Se o juiz pudesse deixar de lado seu preconceito pessoal contra Asher e perceber que ele e Nat seriam os mais adequados para sua sobrinha e sobrinho.

Ele ergueu o olhar para onde Nat estava agachada na frente das crianças, se revezando alimentando June e Owen de uma degustação de copo. Ela estava rindo, seus olhos brilhando enquanto June dançava ao redor dela e do carrinho.

Sim, ele e Nat *se* encaixavam melhor, exceto que não seriam eles juntos. Essa farsa era para *que ele* ganhasse a custódia. No final, Nat não ficaria em Havenbrook. Ela não podia.

Ela correria o mais longe que pôde deste lugar assim que pôde, e ele seria amaldiçoado se a mantivesse trancada em uma cela só porque não queria que ela fosse.

chapter twenty-five



Depois daquela noite, Asher desabou no sofá ao lado de Nat, a conversa anterior com Cole ainda pesando em sua mente.

Ele precisava tomar uma decisão sobre sua carreira, e precisava fazê-lo agora. Embora, sinceramente, quando o empurrão veio para empurrar, ele já tinha feito isso. Acontece que ele estava certo o tempo todo.

Ele começou neste negócio escrevendo música e tocando essas músicas em noites de microfone aberto. *Essa* tinha sido sua paixão, mas ele pegou algumas oportunidades iniciais que o impulsionaram para o centro das atenções. E ele se sentiu meio tolo em desistir da possibilidade de uma carreira completa como músico de turnê, então ele seguiu esse caminho. Mas se essa última semana o lembrou de alguma coisa, foi que ele preferia escrever uma música de coração e tocá-la em um casamento íntimo, em vez de um local lotado. Especialmente se essa música foi escrita sobre sua esposa, e especialmente se ela estava no meio da multidão.

Nat estava enrolada no canto do sofá, com as pernas dobradas debaixo dela enquanto assistia a outro episódio de *Supernatural*, mal lhe dando um olhar quando ele se sentou.

— Essa não é, tipo, sua centésima vez na série?

— Eu não contei, — ela disse com altivez. —Eu me recuso a quantificar meu amor pelos irmãos Winchester dessa maneira.

Ele bufou e se agachou mais no sofá, apoiando os pés descalços na mesa de centro. Com um suspiro, ele passou a mão pelo rosto, os eventos do dia o alcançando.

— Droga, — ela disse. —Ficando um pouco fora de forma sobre minhas paixões por dois personagens fictícios, não é?

Ele bufou uma risada e virou a cabeça para ela. —Eu não ousaria ficar entre você e os meninos. Foi apenas um dia muito longo. Com June e a sessão…

— Mas você disse que correu muito bem, certo? — Ela perguntou enquanto se virava para ele, ignorando completamente a TV.

— Foi. Quer dizer, eu acho que sim. Mas o que diabos eu sei sobre isso?

— Você sabe o suficiente para levá-la lá em primeiro lugar.

— Se você se lembra, essa foi sua sugestão.

— Sim, então eu sou sua cara metade. Já sabíamos disso.

Com uma risada, ele deslizou um braço em volta da cintura dela e a puxou contra ele. —É mais do que isso. Estar voltando daquela sessão para encontrar Wanda falando mal de você na sua cara, e então aquela ligação de Cole…

— Por que diabos você ainda está pensando em Wanda? Porque eu tenho certeza que não estou.

— Talvez não agora, mas isso te incomodou na hora.

— Não incomodou.

— Nem tente jogar assim. É comigo que você está falando.

— O que faz você ter tanta certeza de que sabe como eu estava me sentindo?

Porque ele a conhecia e podia ler seus humores por sua linguagem corporal. Sabia que quando ela estava realmente feliz, ela não conseguia ficar quieta, como quando ela estava ansiosa, ela batia os pés. Sabia que quando ela estava excitada, ela cutucava e cutucava quem estivesse com ela, então eles também estavam excitados.

— Você estala os dedos quando está chateada, e você estava fazendo isso tanto que eu podia ouvir antes mesmo de sair do carro.

Ela estreitou os olhos para ele. —Ah, você acha que me conhece tão bem, hein?

Sem dúvida. —Eu conheço.

— Você acha que isso é apenas unilateral?

— O que você quer dizer?

— Você deve saber que eu estava chateada falando com ela, mas eu sei que você vai precisar de algo mais do que os irmãos Winchester para tirar sua mente de tudo a partir de hoje, se você tiver alguma chance de adormecer esta noite.

— Isso está certo?

— Hum...

— E você tem alguma ideia de como fazer isso?

— Algumas… — Ela montou em seu colo e se acomodou, balançando-se contra onde ele estava muito rapidamente se animando em sua atenção. Ela capturou seu lábio inferior entre os dela, sugando-o em sua boca, sua língua uma carícia molhada que enviou ondas de choque direto para seu pênis.

Ele gemeu e espalmou sua bunda, puxando-a para cima e contra ele. Moendo sua boceta contra onde ele estava duro e dolorido por ela. A última coisa que deveriam fazer era foder de novo. Isso só continuou borrando a linha entre amigos e o que diabos eles se tornaram. Fazia-o se apaixonar um pouco mais por ela cada vez que afundava para dentro.

Mas foda-se se ele ia parar.

— Essas ideias envolveriam ficarmos nus, por acaso? — Ele perguntou contra sua boca.

— Elas podem, na verdade. Mas como um demônio possuiu o corpo de Owen em algum momento nas últimas vinte e quatro horas...

— Ou é a dentição, — disse Asher ironicamente.

— Não sei. Acho que o meu é provavelmente mais plausível.

Eles compartilharam uma risada quando Nat se inclinou para frente, seus seios pressionando contra seu peito enquanto ela balançava sobre ele. — Independentemente do motivo, precisamos dormir o máximo que pudermos. Porque nós dois sabemos que ele vai acordar um de nós no meio da noite. O que significa que preciso fazer minha mágica.

O beijo foi lento inicialmente. Pelo menos até o primeiro golpe de sua língua, e então todas as apostas foram canceladas quando ele a chupou em sua boca. Enquanto ele segurava sua bunda, agarrando-a com força, não querendo deixá-la ir.

No momento em que ela se afastou o suficiente para puxar sua camisa para cima e para fora, ambos estavam tentando recuperar o fôlego. Embora nesse ponto em particular, ele não se importaria muito se sufocasse. Ele abriria mão do oxigênio de bom grado se isso significasse que os lábios dela permaneceram nos dele.

Ela puxou a camisa dele antes de lutar com a braguilha de sua calça jeans, seus beijos profundos e lentos, suas mãos vagando e seus nomes sussurrando súplicas nos lábios do outro. Logo, ela se sentou montada nele, shorts de pijama e calcinha perdidos em algum lugar da sala e seu pênis puxado dos limites de sua braguilha aberta.

Não importava quantas vezes eles tivessem feito isso, o momento antes de ele afundar nunca envelheceu. Respirações irregulares, seus olhos travados enquanto ele segurava a base de seu pênis firme para ela. —Suba, esposa, e me monte para dormir.

— Não mande em mim, — ela disse, mas ainda assim, ela se levantou, o entalou em sua entrada, e o levou dentro dela em um mergulho lento e constante.

Ele gemeu quando os olhos de Nat se fecharam, seu rosto inclinado para o teto, seu pescoço arqueado para trás, dedos cavando em seu peito. Cristo, ela era linda. A luz bruxuleante da TV lançava sombras sobre sua pele, as pontas turquesa de seu cabelo roçando seus ombros, seus seios projetando-se em direção a ele.

Porra, quando isso ia ficar velho? Quando ele se cansaria de estar dentro dela? De senti-la enrolada nele, sua boca respirando-o? Ele poderia viver mil vidas e nenhuma delas jamais se compararia a esta agora, com ela.

Deslizando os dedos em seu cabelo, ele puxou seu rosto para baixo enquanto ela o montava em movimentos lentos e profundos. — Você adora me levar profundamente, não é, baby? Adoro trabalhar essa boceta em cima de mim e me tirar da minha maldita mente.

Ela mordeu o lábio, seu olhar com as pálpebras pesadas. — Pensei que esse era o plano todo.

Ele perdeu a conta de quantas vezes eles fizeram isso. Ficaram absorvidos nos corpos um do outro. Ele a teve rápido e duro. Profundo e áspero. Lento e exploratório. Ele a teve em todos os sentidos, em todas as posições que ele poderia pensar, várias, mais de uma vez.

Ele agora a conhecia de maneiras que nunca imaginou que conheceria. Ele conhecia o movimento de seus quadris. O que significava quando ela acelerava ou desacelerava. Conhecia a sensação de seus dedos travados com os dele. Conhecia, também, a suavidade de cada centímetro de seu corpo sob as mãos dele. Mas o favorito de todos era que agora ele sabia o som de seu nome em seus lábios quando ela gozava.

Ele agarrou seus tornozelos enquanto ela alargava suas coxas, afundando nele até a raiz. Ela balançou seu clitóris contra a base de seu pênis, seus movimentos acelerando com cada respiração difícil.

— Se você acha que isso vai deixar minha mente clara durante a noite, você está errada. Porque toda vez que estou dentro de você, é tudo em que consigo pensar por horas. *Dias*. — Ele beijou um caminho até seu pescoço, raspando os dentes ao longo da parte inferior de sua mandíbula. —Você me consome. Você me *possui*. E é melhor eu possuir você também quando estou dentro de você. Quando estou fazendo você gozar, mesmo que seja você quem me dê uma carona.

— *Ash*…

— Porra, Nat. — Com um gemido, ele se derramou dentro dela enquanto ela estremecia ao redor dele, suas coxas apertando firmemente a parte externa de suas pernas enquanto ela ofegava por sua liberação.

Ele nunca se considerou um homem particularmente insaciável. Claro, ele gostava de sexo, mas não deixava que isso controlasse sua vida. Mas agora, não se passava uma hora sem que

ele pensasse sobre isso. Sobre a sensação de seus seios contra seu peito. Seus gemidos em seus lábios. Sua boceta ondulando ao redor dele enquanto ela se desfazia em seu pênis.

Nem uma hora se passou sem que ele não fosse lembrado de que ela não estava aqui para ficar. Lembrei da rapidez com que isso tudo iria embora.

***

Nat estava certa sobre uma coisa – eles mal tiveram tempo de recuperar o fôlego e vestir suas roupas antes que os gritos de Owen saíssem de seu quarto. Asher agarrou seu rosto, puxando-a para ele e pressionando um beijo em seus lábios antes de dizer a ela que ele tinha que ir e ela deveria dormir um pouco.

Como se ela fosse capaz de fazer isso. Durante todo o dia, ela foi capaz de dizer que algo estava errado com ele. Inicialmente, ela assumiu que era a sessão de terapia de June, embora pelo que ele disse a ela, tenha corrido bem. E então havia Wanda na Praça. A maioria dos moradores de Havenbrook tinha sido acolhedora e gentil, mas ainda havia aqueles forasteiros que simplesmente não conseguiam se conter.

E, além disso, Cole ligou para preparar Asher para a audiência em alguns dias. Ao contrário da última, ela pretendia estar lá desta vez. Sua mãe praticamente ordenou que Nat levasse as crianças naquele dia para que ela pudesse comparecer, e não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso.

Os gritos de Owen finalmente se acalmaram, e ela se esgueirou pelo corredor em direção à porta aberta do quarto dele. Ela colocou

os dedos ao redor do batente da porta e espiou pela esquina. Asher estava sentado na cadeira de balanço ao lado do berço de Owen. O bebê estava descansando contra seu peito, seus olhos fechados enquanto ele chupava com força uma chupeta. Mesmo na luz mínima do quarto, ela podia dizer que suas bochechas estavam coradas.

Eles se depararam com essa instância uma vez antes, algumas semanas atrás. Owen teve uma febre — uma febre baixa, mas poderia muito bem ter sido de vida ou morte pela forma como eles reagiram. Pelo cuidado e preocupação que Asher mostrou. O mesmo que ele estava mostrando agora.

Pela primeira vez, ela não queria que sua câmera capturasse isso. Não se distraiu com as configurações que usaria ou como comporia a cena. Em vez disso, ela não queria desviar o olhar, nem por um segundo. Ela estava muito apaixonada pela cena. Como Owen parecia, aconchegou-se contra o peito de Asher. Como Asher o embalou, sua bochecha descansando contra o topo da cabeça de seu sobrinho, seu rosto abatido. O som de sua voz enquanto ele cantava uma canção de ninar, a melodia suave acalmando o bebê para dormir enquanto os dois balançavam.

Seu coração se apertou mesmo enquanto a raiva a dominava. O fato de que este homem - este homem perfeito que não fez nada além do que ele achava que era certo para essas crianças - poderia levá-los embora. Tudo por causa de alguém com mais poder e mais dinheiro do que ele.

Isso era algo que ela tinha lidado com toda a sua vida. Seu pai não tinha feito nada além de exibir seu poder e seu status. Manteve-o sobre sua cabeça e as cabeças de suas irmãs durante toda a

infância. Para melhor ou pior, moldou cada grama de quem elas se tornaram. Ela estava certa de que ele não pretendia que Nat dissesse foda-se e fugisse, contrariando todas as expectativas enquanto ela fugia.

O engraçado é que, no final, ela não conseguiu fugir disso porque acabou voltando para onde começou. Enredados com uma família influente disposta a fazer o que fosse preciso para conseguir o que queria. Só que desta vez, ao contrário de quando seu pai costumava varrer toda e qualquer transgressão dela para debaixo do tapete enquanto pendurava seus amigos para secar, ela estava impotente.

Não demorou muito depois que ela voltou na ponta dos pés para o quarto deles e se enfiou debaixo das cobertas antes de Asher entrar, seu rosto alinhado com exaustão ou preocupação ou ambos.

— Ele finalmente está dormindo? — Nat perguntou enquanto Asher tirava suas roupas antes de rastejar ao lado dela.

— Sim. Espero que desta vez resolva. — Ele passou um braço ao redor dela e a puxou para perto, e ela soltou um suspiro de satisfação. Com os lábios pressionados na testa dela, ele disse: — Aproveitou o concerto privado, não é?

Ela sorriu contra o peito dele. —Apenas praticando minha perseguição. Como você acha que eu estou?

— Estou lhe dizendo, você tem que fazer algo sobre os blocos de cimento, esposa.

Com uma risada, ela o cutucou no lado, e ele se encolheu, rindo baixinho antes de dar um beijo em sua testa.

— Você se sente melhor, ou você passou o tempo todo recitando letras sem pensar enquanto sua mente girava sobre a ligação com Cole?

Ele soltou um suspiro pesado. —Às vezes é realmente uma droga o quão bem você me conhece.

— Eu odeio dizer isso, mas só vai piorar com o passar do tempo.

— Isso significa que você planeja ficar ao meu lado por um tempo?

Isso nunca esteve em questão. Agora, porém, ela tinha que lidar com o que, exatamente, parecia. Independentemente disso, de uma forma ou de outra, ela estaria ao lado desse homem pelo resto de sua vida.

— Pensando nisso.

Ele sorriu contra a testa dela. —Liguei para Carla hoje à noite e disse a ela que estou pronto para começar a compor.

Ela engasgou, apoiando-se em seu cotovelo enquanto descansava a mão em seu peito nu. —Você está falando sério? Tem certeza de que está pronto para desistir do seu sonho de ser uma grande estrela?

— Vamos, você sabe tão bem quanto eu que nunca foi meu sonho. Eu me senti um tolo por rejeitar a chance desde que ela caiu no meu colo. Mas na semana passada – escrever essa música e tocá-

la no casamento de Will… Isso me lembrou que não estou nesse negócio para os fãs. Estou nisso pela música, e posso criar isso em qualquer lugar, desde que tenha um bloco de notas e uma guitarra.

— Você ligou para Cole para que ele saiba que você está assinando um contrato para provar renda?

— Eu vou de manhã.

— Então, eu acho que isso significa que você realmente vai ficar aqui em Havenbrook.

— Se eu pegar as crianças…

— *Quando*.

— Quando, — ele concordou. —E você? O que vem depois de sua filmagem na Irlanda?

Deus, ela odiava que ele estivesse falando como se ela já tivesse ido embora quando eles estavam deitados na mesma cama, quase nus, depois que ele estava dentro dela. Como se sua partida fosse uma conclusão precipitada.

Era, porém, não era? Isso foi o que eles concordaram. O que ela queria. Ela nunca quis estar ligada a esta cidade.

Mas ela estava começando a pensar que não se importaria de estar ligada a este homem.

Ela limpou a mágoa em sua voz, esperando que ele não a ouvisse. —Não tenho certeza. Talvez trabalhar naquele livro de mesa de centro que quero fazer. Verão ou outono seria o momento perfeito para isso.

Isso, e ela não estaria tão longe. Os primeiros meses provavelmente seriam muito difíceis para Asher, June e Owen. Mesmo que ela não estivesse em suas vidas diariamente, ela poderia voltar e visitá-lo... eles... a qualquer momento.

— Você não vai ficar com coceira ficando tão perto de Havenbrook por tanto tempo?

Não era sua proximidade com Havenbrook que ela estava preocupada. Era sua distância dele.

— Só achei que seria bom estar mais perto.

Ele apertou seu abraço sobre ela, apertando-a ao seu lado e dando um beijo em sua testa. —Isso seria bom para sua família. E nós, se ainda estivermos todos aqui.

— Você estará. Essas crianças vão te dar cabelos grisalhos em pouco tempo.

Ele bufou uma risada e roçou os lábios contra a pele dela. — Você se lembra como eu estava nervoso para o meu primeiro show com Luke Bryan? Você estava na Escócia, e eu te liguei dos bastidores, pirando, mesmo sendo, tipo, três da manhã onde você estava. Eu te acordei de um sono profundo, mas você ainda me dissuadiu.

Ela perdeu sua primeira grande apresentação graças a uma sessão marcada, mas estava lá para a terceira. Naquela época, ele era um profissional, mas quando não estava... quando estava nervoso e inseguro, foi para ela que ele ligou.

— Sim, eu me lembro. Sentei-me no meu quarto de hotel por horas depois, desejando ter conseguido chegar lá.

— Se eu tivesse que escolher um ou outro, fico feliz que você esteja aqui agora porque estou muito mais nervoso com o resultado desta audiência do que jamais estive em subir em um palco em na frente de milhares de pessoas.

Ela se mexeu, apoiando-se no cotovelo enquanto descansava a mão em seu peito nu. —Felizmente, estou confiante o suficiente para nós dois.

— Sim? — Ele disse, deslizando os dedos pela espinha dela. — Isso não me surpreende. Eu acho que você provavelmente saiu da sua mãe, sem um pingo de autoconsciência ou dúvida em você.

Ela adorava o jeito que ele a via. Amava a pessoa que ela era em seus olhos. —Nesse caso, você provavelmente deveria apenas acreditar em mim, então.

— Se fosse assim tão fácil. Os Haywards têm uma equipe lutando por isso. Tenho Donovan e uma assistente social que espero ter visto que nós...— Ele pigarreou. —Que eu amo essas crianças o suficiente para mantê-las.

Ela ignorou a dor em seu coração quando ele tropeçou em suas palavras e a deixou de lado, deixando apenas ele e as crianças... uma família de três da qual ela não faria parte.

— Olha, os Haywards são idiotas autointitulados que nem ligaram para checar seus netos. Mesmo que Sevilha seja um idiota teimoso, eu apostaria minha coleção de lentes no fato de que nem ele

estaria disposto a colocar essas crianças com alguém que não as amaria tanto quanto você. Tudo por causa de um rancor.

— Sua coleção de lentes, hein? Merda, esposa, você realmente está confiante, não está?

— Malditamente certa. E assim que ele nomear você como guardião, nós... Bem, vocês três poderão ser uma pequena família feliz.

Asher olhou para ela, seus olhos voando entre os dela enquanto ele a estudava por longos momentos antes de engolir, seu pomo de Adão balançando. —E você finalmente poderá deixar Havenbrook. Novamente.

Eram as mesmas palavras que ela disse a si mesma dezenas de vezes antes. Na verdade, tinha dito em todas as viagens de volta para casa desde o dia em que ela partiu.

Então, porque ouvi-las vindo dele ficou como uma pedra no estômago dela?

Ele estendeu a mão e escovou o cabelo dela para trás, passando o polegar pelo lado de seu rosto, seu toque tão gentil. Tão reverente. —Eu sei o quanto você abriu mão para estar aqui por mim e por eles. Eu nunca serei capaz de recompensá-la por isso, Nattie, — ele disse, sua voz baixa e rouca.

Ela engoliu o nó repentino em sua garganta e colou em um sorriso brilhante, enquanto por dentro, parecia um pouco como se estivesse morrendo. —É para isso que servem os amigos, certo?

Ela deitou a cabeça em seu peito, sua orelha diretamente sobre seu coração. Ela não tinha ideia de por que de repente sentiu como se suas entranhas estivessem sendo rasgadas em pedaços, seu coração pulverizado. Não era o pensamento de deixar Havenbrook. Esta cidade, embora ela tivesse gostado muito mais dela do que aos dezoito anos, ainda era apenas uma cidade. Ela tinha visto centenas delas ao longo dos anos. Sabia que ela poderia encontrar seu lugar em qualquer lugar do mundo.

Mas não era a geografia que ela estava tão triste por deixar. Não era a Praça ou os habitantes da cidade ou mesmo sua família. Era o pensamento de deixar Asher e as crianças que ela aprendeu a amar. A própria ideia a encheu com uma sensação de pavor, sem saber o que ela faria quando eles não fossem mais uma parte diária de sua vida.

Por horas, ela ficou lá, ouvindo a respiração constante de Asher e a batida suave de seu coração. Todo o tempo, um pensamento repetido como um disco quebrado em sua mente.

Ela esperava que ele lhe pedisse para ficar.

chapter twenty-six



Se Asher nunca mais pisasse em outro tribunal enquanto vivesse, seria muito cedo. A última vez que ele esteve aqui parecia uma vida atrás. De volta quando ele estava sobrecarregado pela dor e incerteza sobre o futuro. Agora, embora a dor ainda o varreu em ondas, não era o tsunami que consumia tudo que tinha sido no começo. A incerteza, porém... Isso ainda estava pesando.

Antes, ele não sabia o que o futuro reservava. Não sabia fazer nada disso. Não sabia como ser o principal cuidador de duas crianças que ele só viu em pequenos lampejos de tempo.

Agora, porém, ele sabia que Owen adorava esfregar a barba de Asher enquanto cantava para ele dormir. E embora June adormecesse enrolada em uma bola, ela acordava de cabeça para baixo, esparramada em sua cama. Seu sobrinho temia a hora do banho, enquanto sua sobrinha adorava, desde que a banheira estivesse cheia de bolhas de um quilômetro e meio de altura.

Ele beijou joelhos arranhados, procurou no Google remédios caseiros para dentição e até fez uma viagem à meia-noite até a

farmácia 24 horas em Parkersville, tudo por causa de uma febre de trinta e nove.

E através de tudo isso, Nat se manteve firme. Mantivera sua pequena família funcionando, orbitando ao redor dela como se ela fosse o sol.

Ela certamente se transformou na dele.

Mesmo que ele não pudesse vê-la agora, ele a sentiu atrás dele. Sua presença sólida o apoiando, inequivocamente.

Ele sabia, não importa o resultado, ela estaria lá para apoiá-lo. Mesmo que isso significasse que, qualquer que fosse o resultado, ela estaria realmente ao lado dele enquanto o fizesse.

O juiz Seville limpou a garganta e olhou para Asher por cima dos aros de seus óculos de leitura. —Como você sabe, em casos envolvendo direitos de custódia infantil, tenho que olhar muito mais do que apenas os desejos dos pais, embora esses certamente tenham um grande papel na minha decisão. No entanto, essa não é a única informação que preciso considerar.

Asher cruzou as mãos sobre a mesa e fechou os olhos, mil lembranças passando por sua mente. Ensinando June a segurar um violão. Empurrando Owen em um balanço pela primeira vez. Nat levando June para sua antiga casa na árvore, Asher e Owen assistindo do chão enquanto os dois brincavam de esconde-esconde pela janela, fazendo Owen ter um ataque de risos.

— Levei em consideração os relatórios da assistente social, as informações que o Sr. Donovan enviou sobre o contrato que o Sr.

McCoy assinou para a editora, bem como várias testemunhas de caráter que falaram comigo em nome do Sr. e da Sra. McCoy.

Porra, era estranho ouvir Nat ser referida dessa forma. Pior era o fato de que ela não seria assim por muito mais tempo. O que quer que acontecesse hoje, Nat não precisava mais ser sua esposa.

Ele imaginou os rostos sorridentes de June e Owen naquela manhã enquanto eles o jogavam no chão, a risada de Nat soando em seus ouvidos enquanto ela pegava o telefone para tirar uma foto deles. Ela sorriu para ele, seu sorriso brilhante e seus olhos brilhando com amor. Não importa o resultado desta audiência, isso era o que ele levaria com ele.

— Com base nessas coisas, — continuou o juiz Seville, — acredito que é do melhor interesse de June e Owen Hayward que eles permaneçam sob custódia de Asher McCoy e sua esposa, Natalie.

A respiração de Asher o deixou em um assobio quando os sons do tribunal se fundiram, a batida de seu coração abafando o resto do que o juiz Sevilha disse, bem como a reação de Haywards. Alívio esmagador e gratidão o inundaram, sabendo que os desejos de sua irmã e cunhado seriam realizados. Sabendo que o último de sua família não estava deixando seu lado.

Ele se levantou, virando-se para Nat, que o recebeu de braços abertos.

— Eu te disse, — ela sussurrou, sua voz cheia de emoção. — Tudo funcionou perfeitamente.

— Sim. — Ele a envolveu em seus braços, fechando os olhos enquanto a apertava contra ele.

Este era exatamente o resultado que ele queria. June e Owen estavam seguros com ele. Ele seria capaz de criá-los como sua irmã e cunhado queriam. Mas ainda assim, ele não podia ignorar o buraco em seu estômago enquanto segurava Nat. Ele poderia ter ganhado a guarda das crianças, mas isso significava que o que a trouxe lá em primeiro lugar... o que a manteve lá... não era mais relevante.

Nat estava livre para ir.

***

Antes de hoje, Nat não sabia que ela podia sentir imensa gratidão e medo ao mesmo tempo. Asher ganhou a custódia, e ele e as crianças seriam uma família. Mas esse era o ponto crucial do pavor... Apenas *Asher* e as crianças seriam uma família. Não importava que tivesse começado a parecer muito que ela fazia parte disso.

Após a audiência, eles entraram no quintal dos pais dela, pisando no pátio para um coro de parabéns. Seus pais, Gran, assim como Rory e Nash, estavam lá. Mac e Hudson tinham que trabalhar para chegar um pouco mais tarde, e Will e Finn estavam atualmente em lua de mel. Tanto Mac quanto Will já haviam enviado mensagens de congratulações com ofertas para conversar se ela precisasse.

Fale porque eles sabiam o segredo. Sabia que esses parabéns não eram para ela porque não era ela ganhar... não era sua família que se mantinha unida. Mesmo que parecesse que era seu coração se partindo.

Mas como isso era uma comemoração, ela colou um sorriso no rosto e fingiu que estava tudo bem.

— Tio Asher! — Gritou June. —Eu assei uma torta!

— Ela com certeza fez. Morango, o favorito de Asher. — Sua mãe se aproximou e envolveu os dois em um abraço. —Estou tão emocionada por vocês. Esta é apenas a melhor notícia.

— Sim, é, — disse Nat, mesmo quando June puxou Asher de seu lado, seus dedos se separando no espaço entre eles.

— Temos que comer um pouco *agora*. — June puxou uma cadeira na mesa do pátio antes de empurrar Asher para se sentar.

Com uma risada, ele disse: —Você deixou de fora as minhocas?

— Deveríamos ter? — Vovó perguntou de seu lugar sob o guarda-chuva da mesa.

— Nós não usamos minhocas, vovó, — June advertiu. —Apenas morangos e açúcar e muito amor. Certo, Mimi?

A respiração de Nat ficou presa em sua garganta.

— Certo, querida, — sua mãe disse antes de se voltar para ela com olhos preocupados. —Tudo bem, não é? Achei que já que vocês são casados e os filhos são oficialmente seus, é melhor que esses pequeninos me chamem do que todos os meus netos fazem.

Deus, o que eles fizeram? Concordando com essa mentira que não envolvia apenas eles. Sim, o resultado foi exatamente o que eles esperavam, mas a que custo? Todos e seus conhecidos pensaram que Nat e Asher eram casados. Eles *eram* casados. Tanto no papel

quanto no coração. Mas agora, de repente, eles simplesmente não seriam mais?

— Está tudo bem, mamãe. Perfeito.

Sua mãe soltou um suspiro aliviado e enganchou o braço no de Nat, puxando-a para a mesa onde todos estavam sentados.

— Isso deve ser um alívio para todos vocês. — Mamãe pegou os pratos de sobremesa e começou a servir fatias de torta para todos.

— Não posso dizer quanto, — Asher concordou. —Eu estava preocupado, mas Nat nunca perdeu a fé.

— A certeza de Nat é bastante inabalável, — Vovó concordou.

Rory tomou um gole de seu copo de chá doce, uma sobrancelha levantada. —Alguns podem chamar isso de teimosia.

Nat se sentou na cadeira ao lado de Asher. —Alguns podem chamá-lo de…

— Torta, querida? — Mamãe interrompeu, passando para Nat um prato.

— Tentar impedir aquelas duas de brigar é como tentar impedir que o sol nasça, — disse Nash.

— Juro que elas nunca retraem suas garras, — Vovó concordou, aceitando sua própria fatia.

— Não haverá briga hoje. Não quando temos tanto a agradecer. — Mamãe sorriu para June enquanto ajudava a distribuir a torta, depois para Owen, que estava sentado em sua cadeira alta, e

finalmente fixou o olhar em Nat. Seu sorriso se alargou quando ela olhou para baixo para onde a mão de Asher descansava na coxa de Nat – algo que ela nem tinha notado porque tudo isso se tornou uma segunda natureza para eles.

Nat pegou a torta, finalmente deslizando-a para Asher para terminar. —Bem, eu posso te dizer isso agora, já que sabemos o resultado, mas eu estava fingindo cada pedacinho dessa confiança que eu jurava que tinha.

— Sua mentirosa. — Asher apertou sua coxa.

— Eu estava preocupada com vocês também,— Rory disse. — Mas Edna estava me dizendo que o juiz Seville não podia andar três passos pela cidade sem que alguém comentasse sobre vocês. Não conseguia nem pegar uma xícara de café sem alguém dobrando sua orelha. Parece que vocês tiveram mais testemunhas de caráter do que apenas papai.

O olhar de Nat se voltou para Rory antes que ela se voltasse para seu pai. Suas bochechas estavam coradas, e ele achou sua fatia de torta meio comida terrivelmente interessante. —Espere... Papai foi uma testemunha de caráter? O juiz Sevilha nunca disse quem...

— Bem, não em uma capacidade oficial, é claro. Assim como um pai preocupado. — Ele limpou a garganta e evitou contato visual. — Meu nome não tem muito peso já que não sou o prefeito, mas não achei certo, o que os Haywards estavam fazendo, é tudo. Vocês merecem ser uma família.

Seu pai passou os primeiros anos de sua vida fazendo tudo o que podia para salvá-la de qualquer problema em que ela se

meteu. Com seu dinheiro e suas conexões. Mas nunca apenas com suas palavras. Nunca por algo *bom*, mas apenas para manter seu nome imaculado brilhante e sem manchas. E embora ela nunca tivesse que enfrentar as consequências graças a ele, sempre parecia um movimento de poder mais do que qualquer coisa. Mas isso - ele falando em nome deles - parecia muito com amor.

— Você colocou protetor solar naquela careca na parte de trás da sua cabeça? Você vai se queimar, — Nat finalmente disse, sua voz cheia de emoção.

— Ah, pelo amor de Deus. — Rory bateu as mãos na mesa e revirou os olhos. —Vocês se amam. Fantástico. Agora podemos comer essa torta em paz?

— Primeiro, gostaria de propor um brinde. — Mamãe ergueu seu copo cheio de chá doce. —Parabéns por se tornar oficialmente uma família. Papai e eu estamos tão emocionados que significa que todas as nossas meninas estão finalmente em casa.

***

Asher já tinha conhecido o luto. Ele conheceu quando sua mãe morreu, e depois seu pai. Curou-se disso e saiu do outro lado, apenas para ser varrido pela onda novamente quando sua irmã e cunhado faleceram. Voltando a Havenbrook, ele se sentiu um pouco como se fosse um bote salva-vidas, flutuando no meio do oceano com aquelas duas crianças nas costas.

Mas então Nat tinha intensificado quando ele precisou dela, e sua família os acolheu. Ele fazia parte da família Haven desde os seis anos de idade, mas ele nunca sentiu isso mais do que tinha hoje.

O único problema era que era tudo mentira.

— Pensei que fosse uma celebração. — Nash caiu na cadeira ao lado de Asher e passou-lhe uma cerveja.

Ele aceitou sem hesitar porque Deus sabia que ele precisava de uma bebida. —Obrigado.

— Já que deveríamos estar comemorando, você quer me dizer por que você está com aquela aparência quando deixou cair sua casquinha de sorvete na calçada durante a excursão da segunda série?

Asher abriu um sorriso, seu olhar fixo em Nat enquanto ela ajudava June a tentar dar uma cambalhota no quintal. —Estou comemorando. Você até me trouxe uma bebida.

— Sim, exceto que seu rosto não diz muito comemorando tanto quanto o carro-atropelou-meu-cachorro.

Isso foi bem direto na época, já que ele se sentia muito pior do que alguém atropelando seu cachorro inexistente.

Ele soltou um suspiro, seu olhar focado na garrafa de cerveja em suas mãos. —Eu não sei o que você quer de mim, Nash. Eu estou feliz. June e Owen são oficialmente meus. O que mais eu poderia querer?

Nash bufou e se recostou na cadeira, sua garrafa de cerveja apoiada em um joelho. —Ah, eu não sei. Talvez uma certa bela e problemática melhor amiga que compartilhamos?

— Apenas largue isso, tudo bem?

Nash se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. —Olha, cara, nós temos duas décadas de amizade em nossos cintos, e eu nunca deixei você pegar o caminho mais fácil. Não é assim que funciona entre nós três. Então, tenho certeza de que não vou começar agora.

— Você está me dizendo que lutar por essas crianças tem sido fácil?

— Você sabe muito bem que não estou falando sobre as crianças. Estou falando de Nat e você deixá-la ir.

Ele estalou seu olhar para Nash, raiva queimando em seu estômago. —E você acha *que* é fácil? Você acha que eu *quero* deixá-la ir? Ela me fez um favor, vindo aqui.

— Não se engane.

— O que isso deveria significar?

— Ver vocês todos juntos... é mais do que um favor, e você sabe disso. Todo mundo pode ver, então por que você não pode?

— Não é mais do que isso, — disse ele com firmeza. —Além disso, tínhamos um acordo. Ela ficaria até que eu fosse nomeado guardião permanente. E agora que estou, ela está livre para ir.

— Você já pensou em dizer a ela que gostaria que ela ficasse?

— Por que diabos eu faria algo assim? Você e eu sabemos que Havenbrook não é onde ela pertence. Ela nunca pertenceu aqui. E tenho certeza de que não vou impedi-la de ter uma vida que ela quer viver, só porque sou egoísta o suficiente para querer que ela fique.

Nash soltou um suspiro pesado. —Apenas fale com ela, tudo bem? Eu conheço vocês dois separados, e eu amo vocês dois, mas há algo especial sobre vocês dois juntos.

Não é especial o suficiente para fazê-la jogar tudo fora por uma vida em uma cidade para a qual ela sempre foi grande demais.

— Vocês estão tendo uma reunião de *Nasher* sem mim? — Nat perguntou, caindo na cadeira do outro lado de Asher.

Nash bufou. —Nós não fizemos isso desde que você ameaçou arrancar nossas bolas na quinta série se alguma vez pensássemos em fazer isso de novo. Você sempre foi uma coisa tagarela, não é?

— Você provavelmente quer que eu diga que sinto muito, mas não vou. Onde vocês dois tolos estariam sem mim?

Em nenhum lugar que Asher queria estar, com certeza. Ele simplesmente não viu outra opção.

— Provavelmente passando os últimos vinte anos com muito menos hematomas, — disse Nash.

Asher abriu um sorriso. —Menos viagens na traseira de carros de polícia também.

— Onde está a graça nisso? — Ela perguntou antes de empurrar para ficar de pé. —Está ficando tarde, então provavelmente deveríamos ir, pegue Owen. Rory está monopolizando ele lá dentro.

—Soa bem.

Ele a observou se afastar, seu olhar nunca se desviando dela. Ela se virou e disse algo para a vovó, um sorriso iluminando seu rosto, e seu coração disparou e quebrou de uma vez. Ele não sabia o que diabos fazer. Só que vê-la partir seria a coisa mais difícil que ele já fez.

— Claro, — disse Nash. —Nada ali. Certo.

— Foda-se, você faria? — Asher bebeu o resto de sua cerveja e colocou a garrafa na mesa com um tinido. —Eu não posso lidar com suas besteiras agora. Acabei de pegar as crianças... ainda preciso ver as coisas de Aubrey e Nathan. June está em terapia. E agora que tudo está finalizado, Nat e eu precisamos descobrir como vamos contar para a família dela. Você sabe, aqueles que estão emocionados por ter todas as suas garotas de volta em casa.

Nash deu um tapa nas costas de Asher, mais forte do que o necessário. —Eu estou lá se você precisar de ajuda para arrumar as coisas de sua irmã. E sempre que quiserem uma orelha enquanto vocês estão fazendo terapia, me avisem. Até os Portos? Bem... se você tirasse sua cabeça teimosa de sua bunda mal-humorada e dissesse a Nat como está se sentindo, talvez não precisasse dizer nada a eles.

— Asher, — Vovó chamou. —Seja um amor e pegue meus óculos de leitura na ilha da cozinha? June quer que eu leia este livro para ela antes de vocês irem embora.

— Claro. — Ele se levantou, pegando sua garrafa vazia para jogar na lixeira.

— Basta pensar nisso, — disse Nash.

Sim, como se Asher não tivesse passado o último mês pensando nisso. Não tinha passado a última semana tentando descobrir uma solução. Não tinha escrito uma porra de uma música sobre isso.

Ele caminhou em direção às portas francesas que levavam para dentro da casa, suas emoções uma confusão por dentro. Hoje tinha sido tão agridoce – a celebração de não ter mais que se preocupar com sua sobrinha e sobrinho sendo levados se misturando com a única coisa que ele sabia que estava por vir.

Os óculos de leitura da vovó estavam exatamente onde ela disse, sentada ao lado da babá eletrônica no balcão que estalava com os balbucios felizes de Owen, junto com as vozes de Rory e Nat.

— Vocês estão parecendo muito aconchegantes juntos, — Rory disse. —E não pense que eu não notei você se esgueirando para o camarim no casamento. Nunca pensei que diria isso, mas a vida familiar combina com você.

— Eu não sei sobre isso.

— E eu não sei o que te dizer. Eu vi o que eu vi. Então, o que vocês vão fazer agora?

— Provavelmente voltar para casa.

— Você sabe que eu não quero dizer apenas esta noite. Estou falando sobre você chamar aquele lugar de *lar*.

Houve uma pausa onde Asher prendeu a respiração, esperando por sua resposta, sabendo que ele não deveria estar ouvindo, mas incapaz de se conter. Talvez Nash estivesse certo e ele devesse

perguntar a ela. Diga a ela como ele estava se sentindo e veja se ela pode estar sentindo o mesmo.

Mas então Nat riu, e o som disparou punhais em seu coração. —Vamos agora, Rory. Você sabe tão bem quanto eu que Havenbrook não é estar em casa. Não tem sido por um longo tempo, e eu imagino que nunca será.

Asher fechou os olhos, o peso esmagador de sua resposta pousando em seu peito. Não importava o que Nash pensava ter visto. O que Rory – ou qualquer outra pessoa, aliás – pensou que viu também. Não quando, no final, Nat não queria essa vida. Ela não queria ficar presa aqui. Não com sua família e não com a família com a qual ele a amarrou.

Então, ele iria fazer o que sempre foi o plano... o que eles concordaram no início. Ele ia deixá-la ir.

chapter twenty-seven



As palavras de Rory estavam girando na cabeça de Nat desde o momento em que ela, Asher e as crianças deixaram a casa de seus pais. Ela entrou em busca de Owen, não de conselhos, mas ela conseguiu pegar os dois. Depois que Nat riu da suposição de Rory de que havia algo entre ela e Asher, Rory disse que ela estava sendo uma idiota. Par para o curso com sua irmã mais velha, realmente, mas havia algo na maneira como ela disse as palavras que Nat tinha prestado atenção.

Ao longo de toda a arrogância e farpas de Rory, tudo se resumia ao fato de que Nat e Asher foram capazes de enganar todos na cidade, assim como seus pais, com este casamento porque não tinha sido tão falso.

Certamente não parecia falso. Não quando ele a beijava todas as noites, deslizava em seu corpo e gemia seu nome. Não quando ela acordou com ele em suas costas, sua respiração em seu pescoço e sua voz rouca de sono em seu ouvido. O casamento não tinha sido como ela pensava que seria. Temia que fosse, honestamente. O casamento com ele tinha sido meio perfeito.

Mas as coisas estavam agora de cabeça para baixo e para trás, e ela não sabia distinguir direita de esquerda ou de cima para baixo. Não sabia o que todos os outros viam quando olhavam para os dois. Ela só sabia que, de alguma forma, depois de vinte anos, ela se apaixonou por seu melhor amigo. E isso era provavelmente algo que ela deveria dizer a ele.

Ele se sentou no sofá, de cabeça baixa enquanto dedilhava seu violão, cantarolando junto com qualquer música que estivesse flutuando no momento em sua mente.

— Isso é bonito. Você ainda tem letras? — Ela afundou no lugar no sofá que ela tinha comandado como seu, envolvendo os braços em volta das pernas e descansando o queixo nos joelhos.

Ele olhou para ela e ofereceu um pequeno sorriso. — Algumas, mas não está terminado.

Ela cantarolou e enfiou os dedos dos pés frios sob a coxa dele, balançando-os como se isso fosse aquecê-los mais rápido. —Você parecia um pouco distraído esta noite. Você está bem?

— Sim, nunca estive melhor. — Ele abaixou o violão e passou a mão pelo cabelo. —Tudo saiu exatamente como planejamos.

— Não posso acreditar que estou dizendo isso, mas Sevilha fez a escolha certa. Os Haywards não ficaram muito felizes, no entanto, eles sequer tentaram arranjar algo para ver June ou Owen enquanto eles estão aqui?

— Não. Não espere que eles venham também.

E aqueles idiotas tinham quase tirado June e Owen deles... *ele*.

— Bem, se meu pai pode vir, talvez eles também possam. Nunca pensei que veria o dia em que ele falou por mim.

Asher relaxou de volta no sofá, descansando a cabeça na almofada. —Essa definitivamente não era a bola curva que eu esperava hoje.

— Claro, ele fez um comentário quando estávamos saindo sobre marcar um encontro na prefeitura para eu encontrar um – e cito – 'emprego de verdade'. — Ela revirou os olhos. —Acho que ele atingiu a cota de ser um ser humano decente em um único dia.

— Eu queria falar com você sobre isso, na verdade, agora que tudo está feito.

Ela não poderia ter pedido uma abertura melhor, então ela se endireitou e pegou a mão dele, correndo os dedos sobre as pontas calejadas dele. —Bom, eu também. Você primeiro.

— Eu… — Ele limpou a garganta e atirou-lhe um olhar com o canto dos olhos. Essa hesitação estava lá? —Eu não posso agradecer o suficiente por tudo que você fez por mim... por nós.

Ela cutucou sua coxa com o dedo do pé. —Você tem que parar de me agradecer por algo que eu disse sim, Ash. Quero dizer.

— Eu só quero que você saiba o quanto eu aprecio isso, e eu amo você por fazer isso.

Sim, ela o amava também, mas não por algum motivo arbitrário. Ela o amava sem falhas ou exceções. Amava-o incondicionalmente, apesar de tudo de bom e ruim. Através de todos

os altos e baixos e todos os caminhos que a vida o levou. Amava-o como nunca tinha amado mais ninguém.

— Eu te amo por me perguntar e não Nash.

Ele abriu um sorriso. —De alguma forma, acho que teria sido mais difícil de conseguir, já que ele está morando com sua irmã e tudo mais.

— Eu provavelmente era uma escolha melhor, isso é verdade.

— Você foi definitivamente a melhor escolha. Mas agora que acabou, provavelmente devemos esclarecer nossas histórias.

— O que você quer dizer? — Ela perguntou, embora seu coração já tivesse começado a afundar, o buraco em seu estômago se abrindo ainda mais, ameaçando engoli-la inteira.

— Você já fez muito, então vou seguir sua liderança no que você achar melhor para dizer a todos agora que você está livre para ir.

Seus dedos pararam nos dele enquanto ela olhava para ele por um instante, e tudo dentro dela parou junto com eles. Nat nunca conheceu o desgosto. Ela tinha certeza que ela nunca teve que fazer. Mantivera-se à distância de qualquer parceiro romântico com quem já tivesse se envolvido. Mas ela nunca se manteve distante de Nash e certamente nunca de Asher. Como ela deveria saber que seria sua queda final?

Ela piscou para afastar a dor, esperando que ele não tivesse visto. —Certo. É claro.

Ele uniu suas mãos e apertou. —Você apenas me diga como você quer girar isso, e nós faremos isso.

Ela abaixou a cabeça e puxou a mão da dele, engolindo a dor. A dor. As ilusões que ela tinha de que de alguma forma essa farsa se transformou em outra coisa. Algo real.

Ela nunca deveria ter ouvido Rory. Ela passou dias se preparando para uma pausa limpa, e então sua pirralha de uma irmã teve que ir e encher sua cabeça com possibilidades. Possibilidades de uma vida com esse homem e essas crianças em uma cidade que ela não tinha certeza se algum dia amaria, mas ela amaria os três o suficiente para compensar todo o resto.

— Eu, hum... eu estava pensando que talvez nós mantivéssemos tudo quieto um pouco, — ela disse. —Só para June e Owen não terem mais problemas. Eu tenho que filmar de qualquer maneira, então vamos apenas dizer que eu tive que sair para isso.

— Certo. Isso é bom. Então, vamos ficar quietos um pouco e, em algum momento, podemos descobrir o divórcio, eu acho.

Divórcio. Deus, se ela não saísse desse quarto agora, ela iria explodir em lágrimas, e não haveria como esconder isso dele. Nenhuma quantidade de sorrisos falsos e rebocados faria qualquer coisa para mascarar a dor.

— Sim, claro. O que você achar melhor.

Doeu encontrar seu olhar, mas ela não conseguia desviar o olhar, cada segundo que eles passaram juntos no mês passado

passando por sua mente. Então foi isso. E agora os dois tinham que voltar a ser apenas amigos.

Mas como ela ficaria satisfeita com toques castos agora que ela sentiu as mãos dele acariciando seu corpo? Como ela lidaria com vê-lo beijar outra mulher quando ela sabia exatamente como eram aqueles lábios contra os dela?

— Sua vez agora, — disse ele, puxando-a para fora de seus pensamentos. — O que você ia me dizer?

— O que? Ah, apenas, hum, que eu realmente preciso sair mais cedo para aquela filmagem. — Ela puxou os dedos dos pés de debaixo da perna dele e soltou os dedos dos dele, esperando que ele não pudesse ouvir o som tremer em sua voz ou ver o brilho em seus olhos. —Eles adiaram a data, então eu provavelmente deveria ir fazer as malas.

— Eles fizeram? Quando você vai embora?

— Voo super cedo amanhã de manhã, — ela disse, andando de costas para o quarto que eles compartilhavam. —Eu já mandei uma mensagem para o Nash, e ele vai me dar uma carona. Então eu vou ficar lá esta noite.

Ela mal conseguiu entrar no quarto antes que as lágrimas começassem a cair. Ela se fechou lá dentro e afundou contra a porta, pressionando as palmas das mãos nos olhos. Todas as outras vezes que ela vinha a Havenbrook, ela o fazia com os olhos já na data de partida. Esta tinha sido a única viagem em todos os anos desde que ela esteve fora, quando ela temia a ideia de pegar um avião que a levaria para longe daqui. Longe *dele*. Longe de June e Owen e da

vida remendada que eles estavam vivendo e amando mesmo diante de uma dor inimaginável.

Ela desejou que ela soubesse que ela já tinha experimentado tudo com ele. A última noite ela tinha adormecido em seus braços. Na última manhã ela acordou, seus membros emaranhados nos dele. Seu último beijo, a última vez que ele esteve dentro dela, a última vez que ele gemeu seu nome.

Embora esse fosse geralmente o problema com as formas - você não sabia que elas eram tudo o que você teria até que elas já tivessem ido embora.

***

Nat mentiu. Para ser honesta, ela nem tinha pensado nisso antes que as palavras saíssem de sua boca e ela disse a Asher que a sessão havia sido adiantada. As datas de trabalho não mudaram, mas ela não conseguiu ficar lá por mais um segundo.

Como ela não queria que as coisas ficassem mais difíceis com June, ela deixou um bilhete para ela, dizendo que tinha que viajar para o trabalho e que a veria em breve. Ela escolheu o caminho mais fácil. Ela sabia disso. Mas dizer adeus a Asher, mesmo que ele pensasse que era apenas por um tempo, rasgou-a por dentro. E ela não podia suportar a ideia de fazer o mesmo com aquelas crianças.

Por causa disso, ela enxugou os olhos, colou um sorriso, disse a ele que o veria em breve, e então ela fugiu. O único problema era que ela não só não tinha um voo cedo para pegar, mas também não tinha para onde ir. Ela não podia exatamente ir para a casa de seus pais, já que eles achavam que ela e Asher eram recém-casados felizes. Will

e Finn estavam em lua de mel, e Mac e Hudson estavam em sua casa em Havenbrook Lake.

Então foi assim que ela se viu batendo na porta da frente de Rory, com as malas a tiracolo. A última pessoa que ela queria vê-la chorando como uma idiota era sua irmã mais velha, mas ela não tinha muita escolha porque, aparentemente, essas lágrimas não parariam tão cedo, mesmo que ela não soubesse por quê. Sua partida sempre foi o plano. Era o que ela queria. Não ser presa por uma pessoa ou lugar, então ela com certeza escapou por pouco.

— Quem é? — Rory chamou de dentro.

— Apenas me deixe entrar, — Nat disse, sua voz quase um coaxar.

— Nat? O que você… — Rory abriu a porta e congelou enquanto avaliava Nat, seus olhos se arregalando enquanto ela observava todos os pés dela. —O que está errado? Achei que vocês iam conversar?

— Nós conversamos, — disse Nat, forçando seu caminho para dentro da casa. —Está tudo bem. Ótimo, mesmo! Estas são lágrimas de felicidade, obviamente. Porque agora posso ir para a cama às quatro da manhã e dormir até a tarde seguinte, se quiser. Não preciso me preocupar com horários de soneca e brincadeiras e ter certeza de que há barras de granola suficientes para durar mais de três dias para June. Posso comer batatas fritas no jantar e nada além de uma garrafa de vinho no café da manhã. Eu não vou cheirar constantemente a talco de bebê ou ter que lavar roupa todos os dias apenas para acompanhar. E eu posso finalmente comer panquecas

normais de novo em vez de agonizar por criar panquecas em forma de animal, e está tudo *bem*.

— Ok, — Rory disse lentamente. —Você claramente não está bem. Você está à beira de um colapso histérico.

— Eu estou *bem*, — Nat reiterou, enxugando sua bochecha em seu ombro para secar suas lágrimas.

— Aquela era Nat? — Nash caminhou em direção a eles do corredor e parou quando ele registrou o rosto dela. —Qual é o problema?

— Bem, — Rory disse, — minha irmã e seu melhor amigo estão *bem*. Está tudo bem. Ela não perdeu a cabeça, e ela não parece que sua alma foi arrancada de seu corpo. Por que você sugeriria uma coisa dessas?

— Ok… — Nash disse, arrastando a palavra enquanto pegava as malas de Nat dela.

— Tinha que ser Rory, não é? — Nat prendeu Nash com um olhar. —Sem dúvida, — disse ele sem pausa.

Rory revirou os olhos. —Eu posso ver que você está sendo tão teimosa como sempre, e eu estou muito exausta para tentar arrancar isso de você esta noite. Tenho que estar na casa dos Wheelers às seis da manhã amanhã, então vou para a cama. As meninas estão na casa do papai, então você pode ficar no quarto da Ava.

— Estarei aí em um minuto, princesa, — Nash murmurou e deu um tapa na bunda de Rory enquanto ela passava.

Nat nunca teve toques brincalhões e íntimos como aqueles com ninguém. Não até Asher, de qualquer maneira. Ela fechou os olhos com força, lembrando-se de quando ele a puxou por cima do ombro e deu um tapa em sua bunda assim. Tinha dado sua aventura ali mesmo em Havenbrook porque ele sabia que ela precisava.

Ela abriu os olhos para encontrar Nash olhando para ela, os braços cruzados e o rosto em branco.

Ele esperou até que uma porta se fechasse no corredor, e então ele levantou uma sobrancelha. —Você não acha que enganou alguém com isso, não é?

— Enganou alguém com o quê?

— Eu posso contar em uma mão o número de vezes que eu vi você chorar, Nat. Na minha vida inteira. Então você quer tentar isso de novo?

— Como eu estava dizendo a Rory, essas são lágrimas de *felicidade*. Obviamente. Estou emocionada com isso! Tão emocionada, na verdade, que pensei em ir para a Irlanda um pouco mais cedo para minhas filmagens.

— Certo, — ele disse, balançando a cabeça, seus olhos examinando de uma forma que a fez se mexer desconfortavelmente em seus pés. —Você pode ser capaz de passar isso para Rory porque vocês apenas começaram a se aproximar, mas você não está conseguindo por mim. Eu conheço você, e eu conheço ele. E vocês dois são idiotas.

— E você é o idiota que é amigo de nós dois.

— Você pode desviar o quanto quiser, mas eu tenho vocês dois descobertos.

— Ah, por favor, me esclareça.

— Você adora negar, e ele encontraria uma maneira de lhe dar a lua se é isso que você disse que queria. Então, eu só tenho que saber, até onde vocês vão aguentar essa mentira que vocês dois estão dizendo a si mesmos?

A única mentira que ela disse a si mesma foi que ela realmente podia fazer isso. Que havia um lugar para ela aqui nesta cidade com Asher. Pensando que de alguma forma ela poderia deixar de ser a garota que nunca poderia se comprometer com ninguém ou nada, para ser a sortuda o suficiente para ter aquele amor retribuído quando ela finalmente encontrasse a pessoa certa.

— Olha, cara, eu não tenho ideia do que você está falando. Mas você se importa de me levar ao aeroporto de manhã?

Ele a encarou, mas ela se recusou a piscar. Recusou-se a respirar, por medo de que um movimento súbito fizesse suas lágrimas caírem novamente. —Para o voo que eu aposto que não foi alterado?

— Você não me conhece.

— Nattie, a única pessoa que te conhece melhor é aquela de quem você está fugindo.

Ela ergueu as mãos em exasperação. —Ele disse que eu estava livre para ir, Nash, então é isso que estou fazendo. Agora, você pode

me levar para o aeroporto para que eu possa sair deste lugar esquecido mais cedo ou não?

Ele a puxou em seu peito, pressionando um beijo no topo de sua cabeça. Alguém poderia pensar que seria o mesmo, considerando que ele e Asher eram seus melhores amigos e tinham sido quase a mesma quantidade de tempo. Mas isso não aconteceu. Não havia eletricidade aqui, nenhum calor penetrando em seus ossos onde ele a abraçou forte. Conforto, sim, mas não necessidade. —Para que conste, acho que esta é a sua ideia mais idiota. E nós dois sabemos exatamente quão longa essa lista é.

— Você vai me levar ou não?

Ele soltou um longo suspiro de sofrimento. —Sim, Nattie. Te levo.

— Ótimo, obrigada.

Perfeito, na verdade. Embora não gostasse de estar partindo, não podia dizer que não estava ansiosa para embarcar em seu primeiro avião em um mês. Viajar pelo mundo sempre foi um remédio para ela. Foi como ela escapou de sua vida... sua história... toda a bagagem que ela trouxe.

Esperava que fosse como, também, ela escapasse dessa dor.

chapter twenty-eight



Ele nunca pensou que ele sentiria falta de dividir a cama com alguém. Especialmente quando esse alguém era Nat, que monopolizou a cama *e* as cobertas, e usou as pernas como estação de aquecimento pessoal dos dedos dos pés. Mas ele não podia negar que era verdade.

Por mais de uma hora, ele ficou ali, na cama que eles compartilharam, no travesseiro que ainda cheirava a ela, sua mente revirando tudo o que ela disse. Sua linguagem corporal estava errada, suas palavras não estavam certas... Ele nunca a tinha visto fingir um sorriso para ele, mas ele tinha certeza que ela tinha feito isso esta noite.

Seu telefone tocou com uma chamada recebida, e ele o pegou, esperando que fosse Nat. Em vez disso, o rosto de Nash olhou para ele da tela. Ele soltou um suspiro e fechou os olhos, sabendo exatamente como isso iria acontecer. Ele gostaria de saber se Asher tinha resistido e falado com Nat, contado a ela como ele estava se sentindo.

Não. Não, ele absolutamente não tinha. Ele poderia, quando ela perguntou sobre a música que ele estava tocando, com letras que ele escreveu sobre ela. Ou quando começaram a falar sobre o que iam fazer agora que a audiência havia terminado. Mas não. Ele não conseguia se controlar quando já sabia onde ela estava.

A chamada caiu no correio de voz e, quinze segundos depois, tocou com uma mensagem de texto.

Pega, idiota.

Ele ainda não tinha terminado de ler a mensagem quando o telefone tocou novamente. Por experiência, ele sabia que Nash continuaria assim por horas se precisasse. O que significava que Asher deveria pular em frente, evitar muita irritação e responder agora.

— O que?

— É verdade que você disse a ela que era hora de ela ir?

Ele soltou um suspiro pesado. Pelo menos ela não o levou a sugerir o divórcio. —Não foi exatamente o que eu disse, mas não muda que *é* hora.

A linha ficou em silêncio por longos momentos antes de Nash dizer: —E foi isso?

— O que mais eu deveria dizer?

— Ah, eu não sei. Talvez, Nat, eu te amo? Por favor, fica?

— Por que diabos eu pediria para ela fazer isso quando ela *quer* sair? Ela ama seu trabalho e adora não ficar presa em um lugar e ama...

— *Você*, seu idiota.

— Você leu errado, Nash.

Ele soltou uma risada incrédula. —Certo. Você não a viu quando ela veio aqui, mas de alguma forma *eu* entendi errado. Olha, eu vou te dar um pouco mais de liberdade do que qualquer outro cara que partiu o coração dela…

— O coração dela não...

— *Cala a boca*. Eu lhe disse anteriormente que você precisava descobrir como isso poderia funcionar, e eu quis dizer isso. Eu tenho a chance de ter meus dois melhores amigos aqui novamente, pelo menos algumas vezes, e eu apreciaria se vocês idiotas não estragassem tudo para mim.

— O que diabos eu deveria descobrir, Nash? Ela não pertence aqui.

— Então talvez você também não.

— Você sabe que não é mais só sobre mim.

— Eu sei, mas não tente me dizer que essas crianças não a amam também. — Ele ficou quieto por longos momentos e então finalmente disse: —Achei que você deveria saber que eu vou levar sua esposa para o aeroporto amanhã. Descubra essa merda, Asher.

E então o bastardo desligou na cara dele.

Descobrir. Certo. Como se fosse tão fácil. Se fosse apenas ele e Nat, *seria*. Eles poderiam pular de cidade em todo o mundo, nunca ficando em um lugar por mais de dois dias por tudo que ele se importava se isso significasse que ele estaria com ela. Mas não eram mais apenas os dois, e eles nunca teriam se tornado um deles se não fosse pelas crianças que agora eram dele.

Ele perdeu a noção do tempo enquanto estava deitado ali, se revirando e tentando dormir. Mas toda vez que ele fechava os olhos, ele via aquele lampejo de mágoa que jurava ter visto nos olhos dela quando disse que ela poderia sair quando quisesse. Ele viu aquele maldito sorriso falso. Mesmo quando June migrou durante a noite para um aconchego, não foi o suficiente para manter sua mente ocupada.

June nem sempre aparecia durante a noite, mas tinha acontecido o suficiente para que ele odiasse quanto espaço havia na cama. Odiava que seus dedos não estivessem ligados aos de Nat. Odiava que seus olhos não estivessem se encontrando por cima das cabeças das crianças. Odiava que ela não estivesse lá para falar sobre absolutamente nada com ele até que ele finalmente adormecesse.

Ele não tinha ideia de como fazer isso sem ela. Pior, ele não queria. A única maneira pela qual ele conseguiu lidar com isso foi porque ela esteve ao seu lado. Não porque ela tinha feito coisas para ele – se alguma coisa, eles tinham estragado tudo um ao lado do outro – mas sim porque ela nunca duvidou dele por um segundo. Nunca duvidou de que ele era o melhor lugar para June e Owen, embora tivesse duvidado o suficiente para ambos.

Ele nem teve tempo de lidar com isso, realmente. Ele assumiu que eles teriam pelo menos até o voo original que ela havia programado, mas em vez disso, ela fez as malas, escreveu um bilhete para June e saiu pela porta quinze minutos depois.

Se isso não era resposta suficiente sobre se ela estava ou não ansiosa para fugir, ele não sabia o que era. Ela não poderia ter dito isso mais alto do que se ela tivesse fretado um helicóptero para pousar em seu quintal e levá-la para o aeroporto ainda mais rápido.

Ele deve ter cochilado em algum momento porque acordou com os balbucios de Owen na babá eletrônica e June pulando na cama.

— Tio Asher, Nat nos prometeu panquecas de animal, lembra? — June disse, seu rosto a um centímetro do dele. —Onde ela está?

Ótimo, então ele nem seria capaz de fazer suas sinapses dispararem com uma xícara de café antes de ter essa conversa.

— Olá para você também, Junebug. Nat teve que sair um pouco mais cedo para uma sessão de fotos, então vou fazer suas panquecas esta manhã.

— Ela te ensinou como? — Ela perguntou com os olhos semicerrados e desconfiados. —Porque ela os faz como eu gosto.

Não, ela não tinha. Panquecas em forma de animais eram a última coisa em sua mente, mas pelo menos eram algo que ele conseguia descobrir. Muito mais fácil do que o que esteve se agitando em sua mente a noite toda.

— Por que você não vai se vestir, e vamos ver como eu me saio.

Depois de pegar Owen de seu berço - e tirar uma carga de roupa molhada pela manhã graças a outro vazamento de fralda - ele fez o seu melhor fazendo as formas de animais que Nat fazia sem qualquer tipo de mofo. Ele conseguiu lesmas e uma cobra de aparência triste, nenhuma das quais June ficou muito impressionada, quando a campainha tocou.

Seu coração disparou por meio segundo antes de ele se sacudir. Se Nat tivesse voltado, ela com certeza não tocaria a campainha.

Embora ele soubesse que era um tiro no escuro que ela estaria lá, suas esperanças ainda afundavam quando não era ela do outro lado da porta. Em vez disso, Misty, a fotógrafa que Rory havia contratado para o casamento dele e de Nat, sorriu para ele do degrau da frente.

— Oi, Asher. Desculpe vir tão cedo, mas queria deixar isso para você e Nat. Fiz um pouco antes do esperado. — Ela lhe entregou uma caixa branca plana. —É o seu álbum de casamento.

***

Ele tinha certeza que a última coisa que ele precisava fazer agora era olhar fotos de um casamento que não era real, não deveria ter acontecido, e seria anulado em breve. Especialmente quando aquele casamento foi entre ele e a mulher que ele amava, que sem dúvida já estava a caminho do aeroporto em um esforço para fugir o mais rápido possível.

Mas ainda assim, quando Owen estava dormindo para tirar uma soneca matinal e June estava ocupada com um episódio de *Backyardigans*, ele não se conteve.

O dia do casamento parecia muito distante agora, quando ele não sabia todos os segredos íntimos sobre ela. Antes de ele realmente se apaixonar completamente por ela. Mas mesmo naquela época, eles tinham uma química que não podia ser falsificada porque aparecia até nas fotos.

Ele olhou através de todas as fotos, mas continuou voltando para uma. Seus braços estavam em volta dela por trás, e seus rostos estavam virados um para o outro. Parecia que eles estavam compartilhando um segredo apenas entre os dois, ele tinha certeza que tinha sido uma das cem vezes que ela tinha falado mal da fotógrafa.

Ele adorava saber todos os seus segredos antes de se apaixonar por ela, assim como ela conhecia os dele. Nunca houve um estágio estranho, um estágio de conhecer você, um estágio que ela gostasse de mim. Eles mergulharam neste casamento do jeito que fizeram tudo em suas vidas – de cabeça, sem se preocupar com as consequências.

Pode ter começado como um meio para um fim, mas terminou em um lugar totalmente novo. E naquele novo lugar, ele estava apaixonado por ela.

Isso ainda não mudava o fato de que ela estava partindo e ele não podia.

Com um gemido quieto, ele fechou os olhos, vendo aquela imagem dele e de Nat enquanto repetia as palavras de Nash da noite passada. Ele não queria nada mais do que descobrir como fazer isso funcionar. Para encontrar uma maneira de ele e Nat ficarem juntos para que não a afastasse do que ela amava.

Saltando na posição vertical, ele estalou os olhos abertos quando memórias de sua conversa com vovó de repente surgiram em sua mente. Não precisava ser tudo ou nada com eles. Eles conseguiram fazer todo o resto funcionar – conseguiram manter uma amizade que durou não apenas décadas, mas milhares de quilômetros, os dois raramente, ou nunca, no mesmo local por mais de um dia ou dois de cada vez.

Por que diabos ele achava que eles não seriam capazes de fazer isso também?

Ele pegou seu telefone e digitou uma mensagem rápida para Nash, esperando que ele já não a tivesse deixado no aeroporto.

Ela se foi?

A resposta de Nash veio momentos depois. *Ainda não, mas ela está ficando chateada comigo por protelar. Coloque sua bunda em marcha.*

Uma respiração aliviada o deixou em um assobio. Ele a deixaria entrar naquele avião contanto que ela fizesse isso depois que ela soubesse onde eles estavam. Depois que ele colocasse tudo na linha. Depois que ela soube que ele estava apaixonado por ela.

chapter twenty-nine



Nash estava matando o tempo, e isso a irritava muito. Nat voou o suficiente para que ela não conseguisse mais ficar nervosa, mas não havia como negar o fato de que ela estava enjoada. O que significava que ela com certeza não queria nada para comer antes de seu voo, mas Nash ainda continuava tentando forçá-la com comida.

— Que tal alguns ovos?

— *Nash*! — Ela estalou. Ok, então, ela gritou. —Eu juro, se você não parar de tentar me encher de comida, eu vou te matar.

— Se você me matar, como você vai chegar ao aeroporto?

— Roubo suas chaves e passo por cima de você no meu caminho.

— Difícil, — disse ele. —Vou preparar um pouco. Tem certeza de que não quer nenhum?

Ela cruzou os braços em cima da mesa e descansou a cabeça neles. Nat não chorava — como Nash havia apontado com tanta eloquência na noite anterior, então ela não sabia que passar horas

chorando no travesseiro significava que ela acordaria com uma dor de cabeça que rivalizava com qualquer ressaca que ela já teve.

— Estou te ignorando agora.

— E eu estou sentindo falta do trabalho para você, então me mostre um pouco de amor.

— Não finja que isso é um grande problema para você. Você é o dono da empresa.

— Correção, — disse ele, apontando um garfo em sua direção. —Sou coproprietário da empresa. Com sua irmã, devo acrescentar. Pare um minuto para pensar sobre o quanto ela ama que eu estou pulando quando já estamos com uma agenda apertada.

— Então, o que você está dizendo em que ela usa o capacete nesse relacionamento?

Nash deu-lhe um sorriso e despejou os ovos em uma frigideira. —Que tal, em vez de falar sobre meu relacionamento, falarmos sobre o seu?

— Você sabe tudo sobre meu relacionamento por ela porque com *certeza* ela o informa sobre cada pequeno detalhe.

— Lindo, — ele disse sem rodeios, claramente não achando nada fofo. —Você sabe muito bem que estou falando sobre seu *casamento*.

Ela se sentou ereta e deixou cair as mãos no colo, girando o anel ao redor do dedo. Ela não queria deixar para Asher quando ela se foi. Não tinha sido capaz de fazê-lo. Na verdade, foi um pouco mais

profundo do que isso. O pensamento de removê-lo, para nunca mais usá-lo, a encheu de tanto medo que seu estômago revirou por causa disso.

— O casamento era falso, Nash. Vocês já falaram sobre isso, certo?

— Ele me disse o que deveria ser, mas posso garantir que não foi o que aconteceu. — Ele pegou o telefone pela centésima vez nos últimos dez minutos.

— Por que você continua checando seu telefone? — Ela estalou. —Se você estivesse preocupado com o meu atraso, já estaríamos na estrada.

Não importava que ela não precisasse estar no aeroporto por trinta e seis horas, e ele já tinha ligado para ela sobre isso. Só a deixou ansiosa por estar em Havenbrook quando não estava com Asher, e esse foi um pensamento chocante. Talvez esse tenha sido o problema todas as outras vezes que ela o visitou sem ele – que ela não o tinha para acalmá-la. Para acalmar sua tempestade e deixá-la se estabelecer em sua pele.

Nash se aproximou carregando dois pratos cheios de ovos e os colocou na mesa. —Tem certeza que quer fazer isso?

— Comer esses ovos? Não, eu já te disse isso.

— Puta merda, Natalie. Você é a maior dor na minha bunda.

Sua boca caiu aberta em um huff incrédulo. —Você acabou *de me chamar Natalie*?

— Porra, certo, eu fiz. Pare de ser tão obtusa. Você sabe que estou falando sobre você e Asher e que erro vocês estão cometendo.

Ela soltou um suspiro, seus ombros cedendo enquanto ela esfregava as palmas das mãos contra os olhos. —Rory já tentou isso esta manhã, você sabe.

— Oh, esta manhã quando ela estava fora e correndo antes das seis?

— Sim…?

— Você não tem problema em dormir na noite anterior a um voo e odeia acordar antes do meio-dia.

— Eu odeio ovos mexidos, e ainda assim você insiste em me alimentar com eles. Onde você quer chegar?

— Alguma razão para você não conseguir dormir?

— Dormi muito bem. — Se chorar em seu travesseiro pudesse ser contado como sono. —Finalmente estou indo para a Irlanda. Por que eu não ficaria emocionada?

— Eu não sei, mas você claramente não está, então você provavelmente deveria se fazer essa pergunta.

Ela estava apenas enferrujada, só isso. Porque fazia tanto tempo desde que ela viajou, ela precisava voltar ao ritmo das coisas. Não tinha nada a ver com o gigantesco buraco em forma de Asher em seu coração que ela teria que andar pelo resto de sua vida. Ela precisava se acostumar com isso, então ela poderia muito bem começar agora.

— Nash, por favor. Podemos simplesmente ir?

Ele olhou para o telefone mais uma vez, seus olhos se iluminando brevemente antes de bloqueá-lo, e então assentiu. — Bem. Deixe-me comer os dois, — ele disse, raspando o conteúdo do prato de Nat no seu. —E então nós vamos.

Quinze minutos depois – ela nunca tinha visto um homem adulto comer tão devagar em toda a sua vida – ele agarrou suas malas e segurou a porta de tela aberta para ela. Ela desceu os degraus da varanda e foi até a entrada de cascalho onde a velha caminhonete de Nash estava estacionada. Parecia que ela estava andando na areia movediça, cada passo um pouco mais difícil do que o anterior. Mas ela pretendia manter isso para si mesma. Nash não precisava saber o quanto ela não queria ir.

Não, isso não era bem verdade. Embora tivesse aprendido a gostar de Havenbrook muito mais do que jamais imaginara ser possível, não era a cidade em que ela estava desesperada para ficar, ou Miami ou Atlanta.

Nash levou as malas dela para a caminhonete, depois as colocou no cascalho em vez de jogá-las na parte de trás. Ele pegou seu telefone mais uma vez.

— Sério, Nash, estou cansada disso. *O* que você está enrolando?

Ele olhou para ela, e então seu olhar caiu em algo logo acima de seu ombro direito, um sorriso varrendo seu rosto. —Isso, — ele disse, inclinando a cabeça para o que quer que estivesse atrás dela.

Nat se virou, levantando a mão para proteger os olhos do sol, e olhou na direção que Nash havia apontado. Ela encheu sua vida com o tipo de busca de adrenalina que significava que ela experimentou quase todos os tipos de alta que havia – algumas variedades ilegais incluídas – mas nenhuma delas comparada com como ela se sentiu naquele momento quando seus olhos se conectaram com os de Asher.

Ele saiu do carro e caminhou em direção a ela, carregando algo na mão. Seus olhos dispararam sobre o rosto dela, sua testa franzindo em tudo o que viu. Ele varreu seu olhar sobre o resto dela e para as malas a seus pés que Nash ainda não tinha colocado na caminhonete.

— Voo atrasado? — Ele perguntou.

Bem, ela com certeza não ia dizer a ele que seu grande plano era ficar sentada no aeroporto por meio dia até que ela se qualificasse para voar de reserva em seu voo original apenas para sair de lá mais cedo. Então, em vez disso, ela apenas assentiu.

— O que você está fazendo aqui? — Ela olhou para o livro que ele carregava - era bem grande, talvez doze por doze, um álbum de algum tipo.

— Se você for, eu queria ter certeza de que você viu isso antes de você ir.

Ela pegou o álbum com as mãos trêmulas e o abriu, seus olhos marejando na primeira foto dentro dela - ela e Asher no dia do casamento, os dois rindo, suas cabeças juntas, seus olhos brilhando enquanto eles se olhavam. Como se já soubessem da louca jornada que estavam prestes a embarcar — os risos e as lágrimas, as

madrugadas e as madrugadas. Limpando vômito e lendo aproximadamente mil e duzentas histórias de ninar e criando memórias apenas vivendo.

Ela olhou para a imagem até não poder mais vê-la através das lágrimas. Ela conseguiu não chorar mais do que um punhado de vezes em sua idade adulta, e ainda assim ela não conseguia parar agora. Talvez fosse porque ela nunca teve algo como Asher na linha. Ela passou a vida fugindo de um lugar para outro, escapando de tudo antes que ficasse muito difícil. Antes que ela se apegasse demais. Antes de se apaixonar. Todo o tempo, fingir assim era uma ótima vida.

Mas ela já estava ligada a Asher. Já estivera meio apaixonada por ele antes de voltar a Havenbrook. Ela só precisava de um empurrãozinho.

Talvez ela tivesse entendido tudo errado. Quem disse que ela tinha que voar por todo o mundo para experimentar o que a vida tinha a oferecer? Que regra dizia que ela não podia fazer isso ali mesmo em sua cidade natal? Ou Mênfis? Nashville, Nova York, Portland ou qualquer outra dúzia de outras cidades? Enquanto ele e as crianças estivessem lá com ela, ela se sentiria como se estivesse na aventura de uma vida.

Ela engasgou quando algo foi registrado, sua cabeça se erguendo para vasculhar freneticamente o quintal, então o carro, que estava vazio. —Oh meu Deus, você esqueceu as crianças em casa?

Ele soltou uma risada como se estivesse prendendo a respiração e balançou a cabeça. —Em primeiro lugar, as crianças

estão seguras. Eu as deixei com vovó no meu caminho para cá. Em segundo lugar, estou muito feliz por ouvir você chamar nosso lugar de lar.

— Você está?

— Sim. — Ele se aproximou dela, tão perto que ela sentiu o calor do corpo dele se infiltrando no dela, e afastou o cabelo do rosto. —Porque eu não quero que você vá embora, Nat.

Ela gaguejou, piscando para ele no sol escaldante. —Bem, eu não posso simplesmente...

Ele pressionou o polegar sobre os lábios dela para parar suas palavras distorcidas. —Isso saiu errado. Eu quero que você vá embora, para continuar fazendo o que você faz. Mas só se você prometer voltar para mim e as crianças e esta vida que fingimos que tínhamos. Não precisa ser fingimento, no entanto. Não era – não para mim. E eu também não penso por você. — Ele segurou seu rosto, seus dedos mergulhando em seu cabelo enquanto ele passava os polegares ao longo de sua mandíbula. —Eu deixei você ir porque eu pensei que era isso que você queria. Você mal podia esperar para escapar de Havenbrook - sempre foi pequeno demais para mantê-la, e eu não queria detê-la.

— Você não. Você não faria.

— Eu sei disso agora. Se você pudesse ter conseguido isso através da minha cabeça dura ontem, eu poderia ter nos poupado um monte de angústia desnecessária, — ele disse ironicamente enquanto ela soltava uma risada. —Nossos empregos vão nos tirar daqui, mas isso não significa que não podemos fazer isso funcionar – que não

podemos *nos* fazer funcionar. Quero que nossa casa seja sua base. *Eu* quero ser sua base.

Ela prendeu a respiração, e as lágrimas que brotaram de seus olhos finalmente se derramaram quando ele disse a ela tudo o que ela queria ouvir, tudo o que ela secretamente esperava que ele dissesse.

Ele queria que ela ficasse.

— Como fazemos isso funcionar? — Ela perguntou, com o coração na garganta e a esperança agarrada pela preciosa vida.

— Não conheço a logística, mas ainda não precisamos. Temos um ano até June começar a escola, e há um trecho inteiro de estrada que tenho certeza que você está querendo capturar. —Ele sorriu e traçou o contorno de seu lábio inferior com o polegar. —Eu posso escrever músicas em qualquer lugar. Tudo o que sei é que podemos descobrir... podemos fazer qualquer coisa funcionar se você for minha.

Ela era basicamente uma fonte agora, suas lágrimas fluindo livremente enquanto Asher lhe entregava tudo o que ela nunca soube que queria. Mas ela o queria. E ela queria aquelas crianças. E ela queria esta vida que eles tiveram juntos. Eles poderiam descobrir tudo ao longo do caminho.

— E você será meu?

— Eu já sou, esposa.

Ele se inclinou para a frente como se fosse beijá-la, mas antes que seus lábios pudessem se conectar, a porta de um carro bateu,

afastando-os. Os dois olharam para o som e encontraram Nash voltando do carro de Asher.

Com um sorriso, Nash acenou. —Achei que economizaria algum tempo para vocês e joguei as malas de Nat no banco de trás. Eu convidaria vocês para entrar em casa, mas Rory perderia a cabeça se vocês dois transassem no sofá, e eu posso ver onde isso vai dar. Ligue para mim quando você voltar de onde quer que diabos, e nós vamos sair.

A porta de tela se fechou atrás de Nash quando ele desapareceu na casa, e Asher soltou uma risada contra os lábios sorridentes de Nat.

— Acho que ele nos disse, — disse ela.

— Acho que sim. Provavelmente é melhor que ele tenha desaparecido. Seria insuportável estar por perto, já que provavelmente está se sentindo muito convencido por estar certo.

Olhando para ele, ela apertou o álbum de casamento contra o peito com uma mão e enfiou os dedos da outra no bolso de sua calça jeans. —Oh sim? Sobre o que ele estava certo?

Asher cantarolou e afastou uma mecha de cabelo soprado pelo vento para longe de seu rosto. —Ele pode ter insinuado que tínhamos nossa cabeça nossas bundas e não percebemos que estávamos apaixonados um pelo outro.

— Nós estamos, hein? — Ela perguntou, com a cabeça inclinada para o lado. —Tem certeza que não é apenas para disfarçar?

— Pode ter começado assim, mas posso prometer que não é assim que está terminando.

Fechando a distância entre eles, ele pressionou seus lábios nos dela. A princípio hesitante, até que ela alcançou cegamente atrás dela e colocou o álbum na caçamba da caminhonete e então envolveu seus braços ao redor dele e o agarrou a ela como se estivesse com medo de que ele escorregasse por entre seus dedos novamente. Mas ela estaria condenada se deixasse isso acontecer.

Como ela teve a sorte de encontrar esse amor? Um amor que não era sufocante ou confinante. Não era exigente, apenas aceitação. Estar com ele nunca pareceu como se ela estivesse trancada, presa sem saída.

Os dois juntos - os *quatro* fazendo uma vida — sentindo como nada além de possibilidades.

epilogue



Nat tinha visto Asher ser um monte de coisas nos anos que eles gastaram junto na cabana: tinha visto ele ser um rebelde, um encrenqueiro, um parceiro no crime. Um viciado em adrenalina, um músico, um amigo leal, o motorista de fuga e a pessoa que pagou sua fiança mais vezes do que qualquer outra pessoa. E agora, seus dias estavam cheios de vê-lo ser um marido amoroso - para ela, de todas as pessoas - e um pai amoroso para dois filhos que ele não tinha planejado, mas amava do mesmo jeito.

Os primeiros dois meses depois que Asher pediu que ela ficasse foram complicados. As coisas já estavam em andamento e as filmagens agendadas anteriormente, então ela foi para a Irlanda e depois para Barcelona e Liechtenstein. Mas depois de cada sessão, em vez de ir para Portland ou algum outro destino aleatório que ela escolheu por capricho, ela foi para casa.

Para ele. Para *eles*. E amanhã, os quatro estavam prestes a partir na Rota 66 sem itinerário, exceto para eles pararem sempre que ela se inspirasse. Ela poderia dizer que, em todas as suas aventuras, nunca houve uma que fosse tão aventureira quanto essa

– viajar pelos Estados Unidos em uma van convertida com um filho de quatorze meses e uma de quatro anos. E ela mal podia esperar.

Com os braços cheios de roupa lavada, ela caminhou pelo corredor e deixou cair as roupas em uma pilha em sua cama, seus ouvidos se animando ao dedilhar de um violão. Ela caminhou na ponta dos pés pelo corredor até o quarto de Owen e espiou a cabeça para dentro. O bebê estava em seu berço, segurando as grades laterais, sorrindo para Asher e June.

Asher estava sentado na cadeira de balanço com June empoleirada em seu colo, uma guitarra na frente deles. —Você tem que segurar firme, bug. Pode machucar seus dedos um pouco até que você tenha calos como eu.

— O que são calos? — June perguntou.

Asher estendeu a mão, palma para cima, para que ela pudesse ver as manchas ásperas nas pontas dos dedos. Uns Nat conhecia intimamente o delicioso arranhão. —Esses. Os dedos precisam endurecer para tocar.

— Eles estão aí para sempre?

— Eles estarão enquanto eu estiver tocando guitarra. Então, sim, eles estarão aí para sempre. — Ele deu um beijo em sua têmpora. —Você quer tentar de novo?

— Sim!

— E talvez Nat queira entrar e ouvir em vez de espiar na porta.

Ela bufou uma risada e entrou na porta, encostada no batente. —Não entendo. Eu andei na *ponta dos pés* aqui.

— Blocos de cimento, esposa. Tenho medo de que você nunca seja capaz de se aproximar de mim.

— Isso foi um desafio? Porque parecia um desafio.

Ele riu baixo e balançou a cabeça antes de colocar os dedos de June de volta nas cordas. —Tudo bem, vamos tocar isso, e então é hora de dormir.

— Mas não estou cansada. — Os ombros de June caíram enquanto ela os avaliava com um beicinho.

— Você vai estar muito cansada de manhã quando sairmos se você não tiver dormido nada.

— Oh! Esqueci de te mostrar! — June empurrou a guitarra para longe e pulou do colo de Asher antes de voar para fora da sala.

— Você quer falar sobre blocos de cimento? Essa garota corre como um elefante, — disse Nat, apontando por cima do ombro para onde June desapareceu.

Asher riu e colocou o violão ao lado dele. — Ela deve estar aprendendo com você.

Ao mesmo tempo, um comentário como esse provavelmente a faria correr para as colinas. A ideia de que ela estava influenciando crianças impressionáveis com a forma como ela vivia sua vida era assustadora, para dizer o mínimo. Não convencional, mas tudo

bem. E embora ela só tivesse sido um grampo em suas vidas por alguns meses, ela não conseguia imaginar sua vida sem eles.

— Olha o que Mimi e Papa me deram! — June entrou correndo na sala, um pedaço de papel balançando sobre sua cabeça.

— O que você tem aí? — Nat pegou o papel de June e o estendeu na frente dela.

— As tias me deram cores, marcadores e tintas também, para que possamos colorir onde estivemos.

O mapa dos Estados Unidos estava delineado com uma linha preta grossa e quase todo em branco, exceto por um pequeno coração na parte norte do Mississippi. No topo estavam as palavras: *Não importa onde você vá, você sempre pode voltar para casa*.

Para todos os outros, isso provavelmente era apenas um mapa. Apenas uma série de linhas pretas em um pedaço de papel branco. Algo que poderia ser rasgado, amassado ou jogado fora. Descartado sem pensar duas vezes. Mas para Nat, era um encorajamento. Era a aceitação de quem ela era. Quem *eles* eram como uma família. Tornou-se ainda mais significativo porque veio de seus pais.

Ela engoliu o nó na garganta e encontrou o sorriso de June com outro. —Eu amo isso. — Ela se agachou e passou um braço em volta da cintura de June. —E eu *te* amo, Junie B, mas é hora de dormir.

— Também te amo, Nattie. — June apertou Nat pelo pescoço e a acertou com os olhos tristes de cachorrinho. —Mas ainda podemos ler uma história, certo?

Nat nunca pensou que veria o dia em que estivesse enrolada nos dedos de duas pessoas minúsculas, e ainda assim lá estava ela. — Sim, nós podemos. Enquanto o tio Asher coloca seu irmão para dormir, vamos sair em uma aventura com Junie B antes da *nossa* aventura que começa amanhã.

***

June deve ter puxado Nat em mais de um capítulo porque ela não saiu do quarto até trinta minutos depois. Asher estava sentado no sofá, guitarra no colo, enquanto rabiscava notas na música que estava escrevendo.

Trabalhar como parte de um grupo de compositores foi incrível. Ele sempre amou essa parte do trabalho – a criação, as possibilidades. Aquele sentimento de alegria quando apenas o verso certo saía dele e ele encontrava as notas perfeitas para acompanhá-lo. E considerando como era sua vida agora, ele estava achando muito fácil escrever músicas. Ele conheceu dor e desgosto, tristeza. Mas ele também conheceu o riso e a excitação, novas possibilidades e amor sem fim. E o amor que ele tinha agora, por Nat e aquelas crianças, era diferente de qualquer outro que ele já conhecera antes.

— No que você está trabalhando? — Ela perguntou.

— Algo novo. — Ele rabiscou uma última nota em seu diário antes de fechar o livro.

— Como vai?

— Bem, — disse ele, olhando para cima enquanto ela caminhava em direção a ele vestindo nada além de uma regata e um

minúsculo par de shorts de dormir. —Especialmente quando minha musa está por perto.

— Você vai ficar perto dessa sua musa vinte e quatro horas, sete dias por semana no próximo mês. — Ela pegou o violão do colo dele e o apoiou ao lado dele no sofá antes de montar em seu colo. — Mas durante o próximo mês, teremos que ser incrivelmente criativos sobre nosso tempo de adulto.

Ele sorriu. —Prevejo muitas atividades ao ar livre em nosso futuro.

— Sem dúvida. Mas enquanto ainda temos uma grande cama, eu estava pensando que provavelmente deveríamos tirar vantagem disso.

Ele deslizou as mãos pela parte externa de suas coxas, enfiando os dedos sob o material de seu short. Apalpando sua bunda, ele a puxou para mais perto até que seus lábios estavam separados por uma respiração. —Oh sim? O que você tem em mente?

— Que tal você me levar lá, e eu vou te mostrar?

Nos cinco meses desde que ele pediu a ela para ficar, ela mostrou muito a ele. Paciência e aventura. Amor e compreensão. Aceitação e alegria. Ele e as crianças se juntaram a ela em Nevada para uma sessão de fotos em Valley of Fire. Em seguida, os quatro viajaram para Portland para arrumar o apartamento dela, depois para Nashville para fazer o mesmo pelo dele. Eles estavam alimentando pequenos viajantes naquelas duas crianças.

Mas mesmo em todas as viagens que os quatro fizeram, ele e Nat também se certificaram de que June e Owen soubessem que Havenbrook era em casa.

— Acho que essa pode ser a melhor ideia que você teve o dia todo. — Ele se levantou, espalmando sua bunda com ela ainda em volta dele, e caminhou em direção ao quarto deles. O que eles compartilharam desde o início.

Alguns meses atrás, eles limparam o quarto de Aubrey e Nathan, vasculhando suas coisas e doando o que podiam para o abrigo, enquanto mantinham qualquer coisa a que estivessem ligados. Agora, era uma sala de jogos, um lugar onde as crianças podiam ir se sentissem falta de seus pais. Um lugar onde todos eles pudessem estar juntos, cercados pelo que começou tudo. Imagens de Aubrey e Nathan, de June e Owen, e os quatro juntos, foram intercaladas com fotos mais recentes. Instantâneas dele e Nat e as crianças e essa vida incrível e inesperada que eles tiveram juntos.

Ele parou na porta e encontrou seu olhar com uma sobrancelha levantada. — Não pensou nisso, não é?

— O que? — Ela perguntou antes de virar a cabeça para a pilha de roupas empilhadas na cama. —Hum... sexo na parede? Sexo no chuveiro? Sexo no chão?

Ele soltou uma risada. —Pensei que o objetivo era aproveitar essa grande cama.

Ela soltou as pernas ao redor dele e deslizou para o chão. Deslizando as mãos sob a camisa dele, ela a puxou para cima e

para fora dele antes de ficar na ponta dos pés e beliscar seu lábio inferior. —Eu enganei você. O importante é ter você dentro de mim.

Com um gemido, ele a agarrou pela cintura, puxando-a para cima e contra ele enquanto descia os dois para a cama, bem sobre a roupa limpa. Ele se encaixou entre suas coxas e pressionou com força contra seu calor, sabendo pelo arco de suas costas, pela velocidade de sua respiração, por quão forte ela agarrou seu cabelo, que ela queria isso agora.

Nos meses que estiveram juntos, ele aprendeu cada faceta dela. Cada sombra, cada segredo era agora para ele, e ele amava cada centímetro complicado, único e incomparável.

Ele empurrou com força e roçou os lábios em seu pescoço, provocando um gemido alto dela. —Nós vamos ter que controlar esses sons.

Ela bateu a mão esquerda sobre a boca e pegou seu próximo gemido com a palma da mão. Mas isso não ia funcionar. Para o próximo mês, eles poderiam ter que ficar quietos, mas ele com certeza iria ouvir seus sons agora.

Ele agarrou seu pulso, levou a mão dela à boca e deu um beijo em seu anel de casamento antes de prender seu braço acima da cabeça. —Esta noite, esses ruídos são meus.

Depois de despi-la, ele adorou cada centímetro de seu corpo com seus lábios, língua e mãos. A fez chamar seu nome antes de puxá-la para a beirada da cama e olhar para esta linda criatura. Essa coisa selvagem que de alguma forma se acomodou com ele. A esposa dele. Seu anel brilhou para ele quando ela segurou seu seio, correndo

o polegar para frente e para trás sobre seu mamilo, um sorriso malicioso curvando seus lábios.

Ele nunca poderia ter imaginado que este seria o lugar onde ele terminaria. Onde *eles iriam* parar. Nunca poderia ter previsto que usar a chuva pela primeira vez significaria que ela estaria naquele bote salva-vidas com ele pelo resto de suas vidas.

Pode ter começado como nada mais do que uma mentira para pegar as crianças, mas quando ele deslizou dentro dela, enquanto acariciava os dois em direção a seus picos, ele sabia que nunca sentiu nada mais real do que o amor de Nat.

bonus epilogue



Se alguém tivesse dito a Nat um ano atrás que ela passaria as noites de sábado no The Willow Tree com suas irmãs e seus maridos - tudo bem, e um não-bem-marido-mas-pode-ser depois que acabasse de deixar os dois filhos pelos quais ela agora era responsável na casa dos pais, ela pensaria que eles estavam chapados. Mas sua vida mudou de maneiras inexplicáveis ao longo no ano passado — maneiras que ela não mudaria para o mundo.

Isso tinha se tornado sua rotina, por mais esporádica que fosse, o que ela achava que era uma rotina para ela mesmo assim. Se eles estavam na cidade quando Asher terminava de escrever uma música, eles passavam pelo The Willow Tree para que ele pudesse testá-la na multidão. O bar local de Havenbrook não era exatamente território do Bluebird, mas o ajudou a ter uma ideia de como as pessoas reagiriam a ele. Finn, Drew e Nola estavam muito felizes em permitir que ele cantasse quando quisesse, já que geralmente trazia uma casa cheia.

Ela, Asher e as crianças voltaram de sua aventura pela Rota 66 alguns meses atrás e, embora a viagem tenha sido desafiadora de maneiras totalmente novas para ela, também foi a mais divertida

que ela teve como desde que ela pudesse se lembrar. Tanto assim, eles já tinham sua próxima viagem planejada – desta vez para a Colúmbia Britânica em alguns meses.

Apesar do quanto Nat amava Asher, June e Owen, ela não podia negar que havia uma parte dela que estava preocupada em ficar presa a eles – e a Havenbrook. Mas ela deveria saber melhor. Ela esteve ligada a Asher quase toda a sua vida - se eles estavam na mesma cidade ou não - e isso não mudou. A única diferença agora era que ela usava o anel dele, e ele usava o dela.

Aquele calor encorpado que ela tinha enquanto ele tocava não tinha diminuído no tempo que eles estavam juntos. Não importa quantas vezes ela tenha testemunhado, ela ainda era apanhada por seu olhar todas as vezes. E, assim como no casamento de Will e Finn, parecia que ele estava cantando apenas para ela. Graças a Deus seus pais tinham levado as crianças para a noite porque Nat tinha certeza de que ela e Asher não dariam dois passos na porta da frente antes que ela colocasse a mão nas calças dele.

Ela se mexeu em seu assento, forçando-se a reprimir esses pensamentos enquanto se inclinava para o lado de Asher. Não fazia sentido ficar excitada com suas irmãs ao seu redor e ainda uma hora ou mais antes que ela e Asher pudessem ficar sozinhos.

— Você está nervoso? — Ela perguntou.

Ele virou o rosto para ela, inclinando a cabeça para baixo, e roçou os lábios sorridentes em sua têmpora, seu polegar sussurrando sobre a curva de seu ombro enquanto descansava o braço contra o encosto de sua cadeira. —Não.

— Não vai vomitar nos bastidores?

— Primeiro de tudo, você está olhando para os bastidores. — Ele deu um tapinha no estojo do violão que estava encostado na mesa. —E segundo, toda vez que eu toco aqui, é como brincar no casamento de Will e Finn.

— O que você quer dizer?

Ele levantou um ombro, seu olhar prendendo-a no lugar e disparando calor para todas as suas partes boas. —Eu só canto para você.

Nat não desmaiaria. Ela não jorrava. Essa era a área de Will – sua irmã provou a noite toda enquanto observava, com um sorriso idiota no rosto, seu marido segurando sua filha de cinco meses, Lily, aconchegada contra seu peito. Mas ainda assim, Nat não podia negar que Asher tinha um jeito de trazer os olhos do coração dela. Olhos de coração que ela nunca soube que existiam até que ele apareceu.

— Você só está dizendo isso na esperança de ter sorte esta noite, — disse ela.

— Correção… — Ele se inclinou para frente e beliscou seu lábio inferior antes de sugá-lo em sua boca. —Estou dizendo que mesmo embora eu *saiba* que terei sorte esta noite.

Ela teve que se forçar a não se inclinar para ele. Para jogar um braço em volta dele e puxá-lo ainda mais perto para que ela pudesse se perder em seu gosto e seus sons. — Muito seguro de si mesmo, não é? — Ela disse em uma respiração. —Talvez eu não tenha vontade.

Sem restrição, ele jogou a cabeça para trás e riu, cortando sua conexão, e ela teve que lutar contra seus próprios lábios para não puxar os cantos em resposta. Quando ele encontrou seu olhar novamente, seus olhos estavam dançando com diversão. — Literalmente, todas as outras vezes que toquei publicamente dizem o contrário.

— Pare de fazer seu ritual de provocação-brincadeira-pré-sexo, — Mac disse com um revirar de olhos, tirando Nat de sua névoa induzida por Asher. Sua irmã estava sentada do outro lado da mesa ao lado de Hudson, suas posições refletindo as de Nat e Asher.

— Foda-se. Nós não fazemos isso, — Nat disse, tentando colocar tanta força em seu tom quanto possível, porque... sim. Ela não estava preocupada em mostrar muito disso em torno de suas irmãs?

Rory soltou uma risada e balançou a cabeça. —Não faça xixi nas minhas roseiras e me diga que está chovendo, Nat.

Com a testa franzida, Nat balançou a cabeça enquanto olhava para sua irmã mais velha. —O que diabos isso significa?

— Isso significa que vocês têm uma rotina de sexo, — disse Nash, seu *ex-* melhor amigo.

— Desculpe?

Nash levantou um ombro, um sorriso curvando seus lábios. — Achei meio óbvio. Vocês não estão exatamente escondendo isso.

— Ah, então, por favor, me esclareça. — Ela fez um gesto *para continuar.*

— Eu não acho que é uma boa ideia, — disse Asher em sua cerveja antes de tomar um gole.

— Não, não. Eu quero saber como eles pensam que nós estamos... o quê? Envolvendo-se em preliminares aqui?

— Agora você está entendendo, — Nash disse com uma piscadela.

— Isso não *é* verdade!

— Você está se iludindo se acha que não passa todo o tempo que Asher brinca olhando para ele como se estivesse pronta para arrancar suas roupas,— Mac disse.

— Eu olho para ele assim o tempo todo. *Olá*? Você o viu? — Ela estendeu a mão e gesticulou para a gostosura de seu marido. Como ela passou duas décadas antes de eles ficarem sem a necessidade desesperada de subir e levá-la para um passeio, ela não tinha ideia. Porque Deus sabia que o desejo estava lá todos os dias agora.

Asher bufou uma risada e esfregou a mão pelo rosto. —Você só está piorando isso, esposa.

— Ouça seu marido, — disse Mac. —Ele é claramente o cérebro em sua pequena operação.

— Foda-se, — disse Nat, mas sua risada diluiu qualquer calor que as palavras conjuraram.

— Por que você acha que eu só deixei Ava e Ella aqui uma vez para ouvir Asher tocar?— Perguntou Rory.

— Eu não sei... porque você é uma mãe má?

Rory lançou-lhe um olhar. — *Não*. Porque eu não quero assustá-las ao ver os olhos sensuais de sua tia. Ava já é uma bola de hormônios. Eu não preciso que você a encoraje.

— Vocês são um bando de mentirosos, só tentando me irritar porque adoram ver o quanto vocês podem me irritar.

— Não acredita em nós? Pergunte a Will, — Rory disse, inclinando o queixo para onde Will estava voltando para a mesa deles, tendo deixado Finn atrás do bar com Lily.

— Perguntar a Will o quê? — Ela perguntou sem olhar para cima enquanto arrumava a bolsa de fraldas.

— Dizem que faço olhos sensuais para Asher enquanto ele está cantando.

Will deu de ombros, ainda distraída enquanto ela procurava na mesa sabe-se lá o quê. —Você faz. Isso estava em questão?

Todos os outros na mesa nem tentaram esconder o riso, sorrindo em suas cervejas enquanto Nat se recostava e obstinadamente cruzou os braços sobre o peito. —Eu odeio vocês.

— Ei, eu nem disse nada, — disse Hudson, levantando as mãos.

— Se você quiser alguma ação esta noite, você vai ficar do meu lado bem rápido, — disse Mac.

Hudson baixou as mãos imediatamente. —Sua irmã está certa. Você faz olhos de sexo para Asher.

— Para constar, não estou reclamando, — disse Asher. — Como... em tudo. Eu só quero ter certeza de que está claro.

— Tenho certeza que nenhum de nossos homens reclamaria de nós fazendo isso, — Will disse enquanto ela olhava por cima do ombro para onde Finn estava atrás do bar ao lado de seu gêmeo, Drew, Lily embalada nos braços de Finn.

Os dois homens altos, musculosos e tatuados estavam olhando para ela, com sorrisos em seus rostos enquanto ignoravam tudo ao seu redor, ambos claramente enrolados em seus dedinhos minúsculos. E pelos olhares que Drew estava recebendo das clientes femininas que se aproximavam do bar, sua sobrinha estava provando ser um ímã de garotas. Nat apostaria dinheiro para ele faturar o dobro se aparecesse para trabalhar usando um carrinho de bebê.

— Eu juro… — Will continuou com um suspiro, —Eu poderia ter tido Lily há alguns meses, mas vê-la com ela me deixa pronta para ter outro.

Mac levantou um ombro. —Eu me sinto da mesma maneira toda vez que vejo Hudson voar em um helicóptero ou liderar uma excursão em grupo, todos competentes e responsáveis …

— O mesmo vale, — Hudson murmurou, seus olhos focados em sua esposa – e, sim, eles eram definitivamente os olhos sensuais que todos a acusavam de ter.

— Sim. — Nash se recostou na cadeira, apoiando-a em duas pernas. —Toda vez que um cliente fica tagarela e Rory os coloca em seu lugar sem que eles tenham ideia do que está acontecendo… Bem, vamos apenas dizer que a hora de parar geralmente é um pouco mais cedo naqueles dias.

— Não se naqueles dias você está construindo ou demonstrando, — Rory diz, claramente já tendo terminado duas taças de vinho, seus lábios um pouco mais soltos do que ela normalmente permitiria.

— Eu acho muito estranho vocês me dizerem o que faz vocês quererem transar com seus parceiros,— Nat disse.

O grupo riu, e Mac balançou a cabeça. —Nós estávamos apenas tentando fazer você se sentir menos pervertida.

Nat abriu a boca em um acesso de raiva. —Você está brincando comigo? Vocês são os que estão catalogando meus olhos sensuais. Se alguém é um pervertido aqui, com certeza não sou eu.

Antes que alguém pudesse responder, Finn caminhou até a mesa com Lily, e toda a atenção de repente estava na mais nova adição à família Haven – outra mulher para continuar a sequência. Pela graça de Deus, o pai deles conseguiu manter a boca fechada quando descobriu que teria outra neta, mas Nat estava sentado bem ao lado dele e testemunhou a bagunça vermelha e manchada de seu rosto. Ela adivinhou que dizia algo sobre como ele cresceu como pessoa que ele conseguiu morder a língua e manter as palavras que sem dúvida estavam gritando em sua mente sob controle. Apesar de Lily não ser o menino que Richard Haven claramente esperava, ela foi banhada com uma infinidade de amor desde o dia em que nasceu. Ela ainda era um botão minúsculo de uma coisa, doce como uma torta com uma cabeça cheia de cabelo castanho escuro que era desproporcional ao resto dela.

— Me dê ela, — Rory disse, estendendo os braços para Finn e batendo as mãos como se não pudesse esperar mais um segundo para aconchegar sua sobrinha.

Mas Finn apenas se virou, embalando Lily contra seu peito, e estreitou os olhos em sua cunhada. —Boa tentativa, bêbada. Se você quer segurar sua sobrinha, fique sóbria da próxima vez.

— Ah, por favor, estou perfeitamente bem! — Rory disse, exceto quando ela gesticulou para mostrar o quão bem ela estava, ela derrubou um canudo de um dos copos de água, fazendo com que todos gargalhassem.

Finn simplesmente levantou uma sobrancelha. —Como eu disse.

— Estou com meu marido nessa, Rory, — Will disse sem remorso.

— Veja se eu me ofereço para tomar conta da próxima vez que vocês quiserem sair à noite. — Rory fungou, sua boca em uma linha firme, mas derreteu meros segundos depois. —Eu só estou brincando. Eu ainda recebo os primeiros direitos.

— Contanto que você deixe de lado o molho… — Finn disse. — Mas você não pode ter prioridade. Entre você e suas irmãs, seus pais, meu irmão e minha mãe, Lily tem pessoas lutando por ela a torto e a direito.

— Como deveriam, — Will disse em uma voz de bebê antes de dar um beijo na testa de Lily.

Eles eram ótimos pais — os dois atenciosos e carinhosos sem serem sufocantes. Nat tinha antecipado isso de sua irmã, mas não tanto de seu cunhado, o ex-bad boy. Mas ele caiu sem esforço na paternidade como Asher. Como Nash também, para todos os efeitos. Era estranho ver esses homens grandiosos cair sob o feitiço das crianças que amavam. Estranho, mas totalmente caídos.

— Você está pronta, Willowtree? — Finn perguntou, acomodando Lily em seu assento de carro antes de colocá-la no cinto.

— Sim. — Will sorriu e fechou a bolsa de fraldas cheia demais. —É quase hora de dormir para ela. Além disso, devemos tirá-la daqui antes que Asher comece.

Embora Asher só tocasse acústico para que a música não ficasse muito alta, a multidão podia ficar um pouco detestável nessas noites. Especialmente quando parecia que todos de Havenbrook apareceram para o show.

— Vocês estão saindo? — Nola, a amiga íntima de Finn e a terceira parceira do bar, caminhou até a mesa deles, descansando as mãos nas costas da cadeira de Mac.

— Contanto que vocês estejam bem para a noite? — Finn olhou ao redor no espaço lotado, seu olhar se prendendo em Drew, que correu atrás do bar, preenchendo pedidos enquanto ria e conversava com os clientes.

Nola revirou os olhos e apontou para a porta. —Deixa. Drew e eu podemos lidar com isso. Além disso, sempre podemos subornar Mac para pular atrás do bar novamente, pelo amor dos velhos tempos.

Mac deu de ombros. —Se houver bebidas grátis para mim, sou toda sua.

— Tudo bem então. — Finn levantou o assento do carro da mesa antes de pegar a bolsa de fraldas das mãos de Will e colocá-la no ombro com facilidade. Então ele estalou os dedos e se virou para Nola. —Oh, ei, aquele cara encontrou você esta noite?

— Que cara? — Nola perguntou com uma sobrancelha franzida.

Finn deu de ombros. —Ninguém daqui. Veio vestindo um terno. Não deixou um nome, mas ele sabia o seu.

— Todo mundo sabe meu nome.

— É, mas os que moram por aqui sabem que não devem usar isto.

Ah, ele deve estar se referindo ao nome completo dela e não ao apelido que ela usava durante todo o tempo que Nat a conhecia. Nola era muito parecida com ela nesse aspecto - se alguém usava algo diferente do apelido dela, é melhor que tenha uma boa razão para isso.

Nola franziu a testa e balançou a cabeça. —Eu não estou esperando ninguém. Se for importante, eles voltarão. E não usarão meu nome completo se eles souberem o que é bom para eles.

Os lábios de Finn se curvaram nos cantos. —Se ele voltar, eu com certeza espero estar aqui para assistir você dar a ele a bunda dele por usá-lo. Espero que não esta noite, porque estamos fora daqui. — Ele colocou a mão nas costas de Will e os guiou para a saída.

— Vejo vocês mais tarde, — Will disse com um aceno por cima do ombro antes de focar sua atenção apenas em seu marido e sua filha enquanto eles saíam.

— Bem, agora que o bebê se foi, acho que isso significa que estou de pé, — disse Asher, tirando o braço da cadeira de Nat e pegando seu violão. Ele se inclinou para ela, seus lábios a um fôlego dos dela. —Acha que pode aguentar até chegarmos em casa, pervertida?

Nat estreitou os olhos, lutando contra a guerra travada dentro dela por querer desesperadamente diminuir a distância entre eles só para sentir o gosto e querer ensinar-lhe uma lição sobre provocá-la. —Veja-me, aguento até a próxima semana. — Nat cruzou os braços sobre o peito e tentou valentemente não se derreter no beijo que Asher pressionou contra seus lábios. O sorriso que ela sentiu curvando a boca dele disse que ela falhou.

— Vamos ver sobre isso… — ele murmurou. —Eu aposto as fraldas sujas da próxima semana que você estará implorando por isso dentro de cinco minutos de nós estarmos em casa.

Sem hesitar, ela disse: —De acordo.

Agora, não importava o quanto ela o queria ou o quão quente ele a deixava enquanto cantava. Provar um ponto - para não mencionar ficar fora do dever de fraldas por uma semana inteira - valia mais do que apenas uma noite de sexo.

Ok, então nunca foi *apenas sexo* com Asher – nunca tinha sido, e ela duvidava que fosse – mas ela ainda podia se manter forte. Certo?

***

Asher soube quando ele fez a aposta com Nat que ele seria o vencedor. O que significava que sua noite estava praticamente feita. Não só ele estaria fora do dever de fraldas na próxima semana, mas ele ia transar esta noite. E enquanto qualquer noite que ele passava entre as pernas de sua esposa era nada menos que incrível, as noites que o seguiam jogando levavam as coisas a um nível totalmente novo.

Após o show, ela estava sempre faminta por ele. Não havia outra palavra que ele pudesse usar para descrevê-lo. Eles geralmente mal entravam na porta da frente antes que ela estivesse em cima dele. Inferno, metade do tempo, eles nem conseguiram sair do carro. E era por isso que era tão divertido vê-la tentar resistir a esse puxão que ela sentia muito claramente.

Ele não a havia provocado intencionalmente enquanto cantava, mas também não havia se esforçado muito para parar sua inclinação habitual de procurá-la no meio da multidão e travar os olhos com ela enquanto ele derramava seu coração em letras que geralmente eram escritas sobre ela. Ele não sabia se era isso que a deixava tão excitada - o fato de que ela sabia que as músicas que ele cantava eram sobre ela - ou se algo mais tinha clicado em seu cérebro quando eles se casaram. Porque Deus sabia que ela tinha visto o suficiente de seus shows nos anos anteriores a isso, e ela certamente não respondeu como ela se acostumou ao longo do ano passado.

Ele atirou-lhe um olhar com o canto do olho enquanto os levava para casa, um sorriso brincando em seus lábios. Ela se sentou em seu assento, ereta, seu joelho saltando em um ritmo muito rápido para a música que estava tocando no rádio. Suas bochechas estavam coradas, seus lábios entreabertos, o peito subindo e descendo rapidamente com suas duras inalações de ar. E seus mamilos... Bem, ele com certeza não sentiu falta deles cumprimentá-lo assim que ele voltou para sua mesa no The Willow Tree. E os dois pequenos pontos não pararam de gritar olá para ele nem por um momento desde então.

Estendendo a mão, ele descansou a mão em seu joelho saltitante, e ela se assustou, virando a cabeça em direção a ele. — Você está bem, esposa?

— Bem! — ela disse em uma voz que era muito alta e muito escandalosa para o espaço confinado.

Ao passarem sob um poste de luz, ele pôde perceber que o olhar dela não estava focado na estrada, ou em sua mão, ou mesmo em seus olhos. Ela estava olhando diretamente para a boca dele... fantasiando sobre o que ele poderia fazer com ela se ela cedesse? Ou, talvez, lembrando exatamente o que ele tinha feito naquela manhã antes de as crianças exigirem sua atenção.

Apenas para cagar e rir, ele lambeu os lábios e viu a respiração dela ficar mais rasa. Ele não conseguiu evitar que um sorriso surgisse enquanto voltava sua atenção para a estrada. —Fico feliz em ouvir isso, — disse ele. —O que você achou da nova música?

Uma nova música onde ele cantava sobre se perder nos mergulhos e curvas de uma mulher. Sobre engolir seus gemidos e não encontrar nada além do céu em todos os seus lugares secretos e escondidos. Então, sim, talvez ele não tenha jogado limpo com essa aposta, sabendo muito bem qual música ele planejava estrear hoje à noite. Mas ele não podia dizer que se arrependeu. Ele só esperava que isso não fosse mordê-lo na bunda. Porque por mais que Nat ficasse excitada durante essas noites, ele não tinha certeza se sua necessidade por ele poderia rivalizar com sua teimosia.

Ele parou em sua garagem, e Nat abriu a porta e saiu antes mesmo que ele conseguisse estacionar o carro. Ele riu baixinho enquanto a observava apressar-se pela calçada da frente, como se ela entrar na casa antes dele de alguma forma a tornasse imune a essa carga elétrica entre eles.

Depois de pegar seu violão no banco de trás, ele caminhou em direção à porta da frente, balançando a cabeça quando entrou em uma casa completamente silenciosa. Ela nem acendeu a luz antes de entrar em algum lugar. E ele colocaria dinheiro no fato de que ela estava correndo com sua rotina de dormir para que ela pudesse mergulhar na cama deles e fingir dormir apenas para ganhar por padrão.

Ele colocou seu violão dentro da porta e trancou antes de fazer seu caminho para dentro da casa. A porta do banheiro estava entreaberta, a luz se derramando no corredor, e os lábios de Asher se curvaram nos cantos. Essa pequena abertura foi o suficiente para lhe dizer tudo o que ele precisava saber. Ele caminhou em direção ao

banheiro e se encostou no batente da porta, lentamente empurrando a porta aberta com dois dedos.

Nat tinha acabado de escovar os dentes, e ela imediatamente ergueu os olhos, seus olhares se conectando automaticamente no espelho.

Ele deu um passo atrás dela e deslizou um braço ao redor de sua cintura, sua mão apalpando seu estômago enquanto as pontas de seus dedos deslizavam no cós de sua calça jeans. —Achei que você já tinha tirado isso, — ele disse, seu rosto dobrado em seu pescoço enquanto ele inalava profundamente e tomava seu cheiro nele.

Ela bufou uma risada forçada e balançou a cabeça. —Boa tentativa. Por que eu tiraria minhas calças?

Ele encolheu um único ombro. —Eu assumi que elas devem estar pegando fogo com a forma como você puxou o traseiro para fora do carro. A menos que você esteja fugindo de algo…

Asher teve que reprimir uma risada enquanto observava a guerra acontecer dentro dela. Nat não fugia de nada, e ela odiava ser desafiada. Ela também odiava perder. O que significava que ela agora estava presa entre uma pedra e um lugar duro – literalmente enquanto seu pau endurecido estava dobrado contra sua bunda, pressionando-a na penteadeira em sua frente. Mas pelo menos uma dessas opções a fez chegar antes do final da noite, provavelmente mais de uma vez.

Ele soube o momento em que ela chegou à mesma conclusão que ele, porque ela apertou a mandíbula, bateu a escova de dentes no balcão e se virou para encará-lo.

— Eu te odeio, — ela disse sem qualquer calor.

Ele a agarrou pelos quadris e a levantou no balcão antes de pisar entre suas pernas abertas, guiando as mãos ao longo de suas coxas. —Eu não acredito nisso.

— Bem, você deveria. É a verdade.

— Desculpe, esposa. Não estou comprando. Especialmente quando esta manhã, você cantou repetidamente o quanto você me ama.

— Isso não conta. Você tinha seu pau em mim quando eu fiz isso. Direi praticamente qualquer coisa quando esse apêndice em particular estiver envolvido.

— Isso está certo? — Ele se aproximou ainda mais do berço de suas coxas, até que não havia espaço entre elas, e pressionou sua ereção dolorida contra a costura de seu jeans. —E agora? Prometo que o apêndice em questão estará envolvido. Então o que você diz?

Uma batida de silêncio se passou. Então duas... três. E, finalmente, ela agarrou sua camiseta em seus punhos e o puxou para ela até que seus lábios se tocaram. — *Tudo bem*. Sim. Foda-me já.

Ela não o deixou responder antes de fundir suas bocas, sua língua varrendo para dentro para deslizar contra a dele. Ele gemeu no beijo enquanto apalpava sua bunda, puxando-a mais forte contra seu pênis, desesperado para sentir cada centímetro dela, embora tivesse sido apenas algumas horas desde a última vez. Isso não importava quando se tratava de Nat. Desde a primeira vez que dormiram juntos, ele se tornou insaciável por ela.

Ela enrolou as pernas ao redor de seus quadris e enganchou os tornozelos na parte inferior de suas costas, usando a alavanca para balançar contra ele e levá-lo para fora de sua maldita mente. Ele podia sentir o calor de sua boceta mesmo através de seu jeans, e de alguma forma ele ficou incrivelmente mais duro com o conhecimento de como ela estava excitada. Ele cantando pode excitar Nat, mas a reação dela a isso, vê-la assim – completa e totalmente faminta por ele — absolutamente o virou do avesso.

Enquanto o desejo sexual de Nat era sempre muito alto, ela ficava louca de desejo em noites como esta. Ele estava muito feliz em ajudar de qualquer maneira que pudesse. Além disso, saber que não havia necessidade de qualquer tipo de discrição, já que as crianças estavam hospedadas na casa dos pais dela esta noite, só o deixou ainda mais excitado.

Nat deslizou as mãos sob sua camiseta, suas unhas raspando os músculos cerrados de seu abdômen, e empurrou-a sobre seu peito. Ela se afastou apenas o suficiente para dizer: — *Fora*.

Ele riu baixinho, mas estendeu a mão para trás e agarrou a gola de sua camisa para removê-la e jogá-la de lado. Ele fez o mesmo com o dela, imediatamente desabotoando seu sutiã assim que a barreira de seu top não estava mais no caminho. E então ele desceu sobre aqueles pequenos botões apertados que o provocaram a noite toda, sugando um profundamente em sua boca e se deliciando com a reação dela.

Nat enfiou os dedos pelo cabelo dele enquanto ela jogava a cabeça para trás com um gemido. —Deus, Asher, — disse ela,

balançando sua boceta contra o cume de seu pênis e fazendo-o perder a cabeça. —Eu preciso de você dentro de mim.

Ele gemeu ao redor de sua carne, apertando o botão de sua calça jeans enquanto se concentrava em deixá-la o mais quente possível com apenas a boca em seus seios. —Ainda não. Tenho que ter certeza de que você está pronta, para que eu possa deslizar bem e fundo.

Ela soltou uma risada e o empurrou para longe o suficiente para que ela pudesse deslizar para fora do balcão e tirar o jeans. Não foi nem dois segundos depois que ela pulou de volta, suas pernas abertas enquanto todo aquele rosa brilhava para ele. —Estou pronta.

Com fervor, ela se atrapalhou com a braguilha de sua calça jeans quando ele deslizou os dedos ao longo da parte interna de sua coxa, gemendo quando sua carne encontrou sua umidade. —Foda-me, sua boceta está encharcada.

— Te disse.

— Eu cantando te deixou tão quente? Ouvindo e sabendo que cada palavra é sobre você?

— Você sabe que sim. — Ela empurrou a frente de sua cueca boxer para baixo até que seu pênis saltou livre, e ela envolveu seus dedos ao redor dele, segurando firmemente. —Você não jogou limpo, sabendo muito bem o que essa música ia fazer comigo.

Seus lábios se ergueram de um lado. —Eu diria que sinto muito, mas quando este for o resultado, não posso dizer que tenho muito remorso.

Seus gemidos se misturaram no espaço entre eles quando Nat segurou seu pênis em sua palma e passou a cabeça por sua fenda, sacudindo-o para frente e para trás contra seu clitóris inchado.

— Foda-se, — ele respirou, olhando para o espaço entre eles quando ela deslizou seu comprimento para baixo e inclinou seus quadris o suficiente para tomar uma polegada dele dentro. Um grunhido retumbou de algum lugar profundo no peito de Asher enquanto ele lutava contra o desejo de avançar. Empurrar para ela sem restrição e fodê-la até que ele gozasse profundamente. Mas ele precisava se controlar. Ela já o tinha tão excitado que se ele não colocasse uma coleira em seu controle, isso acabaria antes mesmo de começar.

Com um gemido e mais força de vontade do que ele pensava possuir, ele puxou seus quadris para trás, deslizou para fora de dentro dela e caiu de joelhos, levando seu rosto ao nível de sua boceta.

— *Não*, — ela disse, a única sílaba estendida em mais como três. —Eu quero você dentro de mim *agora*.

— Cale a boca e deixe-me desfrutar da minha refeição favorita. — Ele virou a cabeça para a perna dela, afundando os dentes na carne macia de sua coxa e sorrindo quando ela gritou em resposta.

Então ela gemeu quando ele passou a língua por sua fenda, sua hesitação e desejo de tê-lo dirigindo profundamente desapareceu em um piscar de olhos. Ela agarrou seu cabelo, seus quadris levantando do balcão para balançar contra seu rosto enquanto ela buscava sua liberação. Ele sugou sua boca sobre ela, deleitando-se com seu gosto

e a evidência de sua excitação por ele. A prova de que ela estava tão desesperada por ele como ele sempre esteve por ela.

Ele passou um braço ao redor de seus quadris, puxando-a tão perto da borda do balcão como podia, enquanto ele trabalhava dois dedos de sua outra mão em sua boceta e gemia com a facilidade com que deslizavam para dentro. Ele sacudiu a língua rapidamente contra seu clitóris, sabendo que não demoraria muito até que ela gozasse — não quando ela estava tão excitada.

Cristo. Talvez isso não tenha sido uma boa ideia. Porque quando ela apertou as coxas contra as orelhas dele, suas costas se curvaram, os mamilos apertados apontaram para o teto enquanto ela respirava, — *Oh porra*, eu já estou gozando, — isso só o empurrou muito mais perto da borda, também. Tudo em seu corpo foi ensinado antes que ela quebrasse, sua boceta espasmos em torno de seus dedos enquanto ela cavalgava seu orgasmo contra sua boca.

Ela ainda não tinha recuperado o fôlego antes que ele se levantasse, a puxasse do balcão e a girasse. Ele curvou o peito ao longo das costas dela enquanto a inclinava sobre o balcão, seus olhos conectados no espelho. —Amo quando você goza na minha boca, — ele disse contra sua orelha, arrastando a cabeça de sua ereção através de sua fenda. —Quase tanto quanto eu amo sentir você gozar no meu pau. Que tal você me dar os dois hoje à noite?

E então ele a penetrou com uma estocada fluida, afundando profundamente até a raiz. A boca de Nat se abriu em um grito silencioso, seus olhos ficando nebulosos quando ela alcançou atrás dela, agarrando qualquer parte dele que podia enquanto ele os deixava loucos.

— *Ash*, — ela respirou, seus lábios entreabertos em respirações ofegantes.

Ele não sabia onde procurar. Não conseguia decidir o que ele mais amava - sua bunda arrebitada, lábios rosados esticando ao redor de seu pau enquanto ele desaparecia dentro dela uma e outra vez, novamente, seus seios saltando com cada impulso, ou seus olhos ferozes quando ela o reivindicou com um olhar que gritava *meu*.

No final, foi seu gemido sussurrado: —Te amo. Deus, eu te amo, — isso o fez. Com uma mão em volta de sua frente, ele agarrou um de seus seios e deslizou a outra mão para baixo entre suas coxas, dedilhando os dedos calejados sobre o botão apertado de seu clitóris. Ele cobriu o corpo dela com o dele enquanto bombeava dentro dela, segurando-a de volta à sua frente enquanto seus olhos permaneciam fixos no espelho.

— Me dê sua boca, — ele ordenou, desesperado para estar conectado a ela tanto quanto possível.

Sem hesitação, ela virou a cabeça para ele, seus lábios se encontrando em um choque de dentes e línguas, de gemidos ofegantes e suspiros e súplicas por mais. Seus músculos estavam tensos, sua bunda apertada enquanto tentava evitar o orgasmo que estava respirando em seu pescoço, sabendo que ela estava perto de detonar. Ele dobrou seus esforços contra seu clitóris, dedilhando ainda mais rápido enquanto beliscava seu mamilo entre o polegar e o indicador e puxava com força suficiente para doer.

Um soluço sufocado caiu de seus lábios ao mesmo tempo em que sua boceta se apertou em torno de seu pênis, e ele finalmente se

permitiu soltá-lo. Ele empurrou nela na velocidade da luz até que ele se acomodou profundamente, agarrando-a tão perto dele quanto possível enquanto ele se derramava dentro dela.

Ele não sabia quanto tempo eles ficaram ali assim, curvados sobre a pia do banheiro, suas respirações irregulares e corpos pegajosos de suor, antes de Nat soltar uma risada e deixar cair a testa para descansar contra seu pulso no balcão.

— Eu sei, tecnicamente, eu perdi essa aposta, mas com certeza não parecia assim.

Ele sorriu e roçou os lábios sobre o ombro dela. —Não sei. Eu meio que me sinto o vencedor aqui. Minha esposa me deixou transar com ela no balcão do banheiro na frente de um espelho.

— Bem, para que conste, você tem luz verde a qualquer hora. Adicione-o à lista de rédeas livres.

— Anotado. — Ele afastou o cabelo dela, notando os fios úmidos na base de seu pescoço enquanto dava um beijo ali. —Você nos deixou todos suados.

— Oh, *eu deixei* todos nós suados, hein? — Ela disse em uma risada.

Ele levantou um único ombro. —Não importa quem, apenas que somos.

— E o que você propõe que façamos sobre isso? — ela perguntou.

Ele deslizou para fora do corpo dela, ambos gemendo com a perda, e tirou a calça jeans o resto do caminho. —Que tal um banho?

Ela se virou para encará-lo e se recostou na penteadeira, uma sobrancelha levantada. —Você está apenas tentando me foder na banheira de novo?

— Eu? — Ele balançou a cabeça enquanto abria a torneira, deixou a temperatura fervendo como ela preferia e começou a enchê-la. —Nunca.

Mas o olhar que ela lançou para ele, toda diversão e amor, disse que ela queria e sabia exatamente o que estava passando pela cabeça dele.

Nunca foi uma palavra que eles usavam quando se tratavam um do outro. Hoje. Amanhã. Sempre. Aquelas que se adequavam melhor a eles.